

COLEÇÃO

ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
e LITERÁRIOS
em INGLÊS

Débora Reis Tavares

COORDENAÇÃO

Mayumi Ilari
Daniel Ferraz



A ESCRITA POLÍTICA DE GEORGE ORWELL



COLEÇÃO

ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
e LITERÁRIOS
em INGLÊS

Débora Reis Tavares

COORDENAÇÃO

Mayumi Ilari
Daniel Ferraz



A ESCRITA POLÍTICA DE GEORGE ORWELL



| São Paulo | 2023 |



O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T231a

Tavares, Débora Reis.

A escrita política de George Orwell/ Débora Reis Tavares.
Coordenação: Mayumi Ilari, Daniel Ferraz. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-717-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.97174

1. Literatura. 2. George Orwell (1903-1950). 3. História. 4. Inglaterra.
I. Tavares, Débora Reis. II. Ilari, Mayumi (Coordenadora). III. Ferraz,
Daniel (Coordenador). IV. Título.

CCDD 820

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura.

Jéssica Oliveira – Bibliotecária – CRB-034/2023

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 a autora.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegung Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegung
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Channarongsds, Zevana, Kues, Lifeforstock, Drobotdean, Rawpixel.com, Art.balitskiy, Vladayoung, Mrsiraphol - Freepik.com
Tipografias	Swiss 72, Gobold Thin, Sofia Pro
Revisão	Débora Reis Tavares
Autora	Débora Reis Tavares

PIMENTA CULTURAL
São Paulo · SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fábrica Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jônata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Jacqueline de Castro Rimá <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Lucimar Romeu Fernandes <i>Instituto Politécnico de Bragança, Brasil</i>
Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Marcos de Souza Machado <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michele de Oliveira Sampaio <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>
Catarina Prestes de Carvalho <i>Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil</i>	Pedro Augusto Paula do Carmo <i>Universidade Paulista, Brasil</i>
Elisiene Borges Leal <i>Universidade Federal do Piauí, Brasil</i>	Samara Castro da Silva <i>Universidade de Caxias do Sul, Brasil</i>
Elizabete de Paula Pacheco <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Thais Karina Souza do Nascimento <i>Instituto de Ciências das Artes, Brasil</i>
Elton Simomukay <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>	Viviane Gil da Silva Oliveira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Francisco Geová Goveia Silva Júnior <i>Universidade Potiguar, Brasil</i>	Weyber Rodrigues de Souza <i>Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil</i>
Indiamaris Pereira <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>	William Roslindo Paranhos <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Desigualdade e desejo de ruptura..... 11

A flor da Inglaterra 17

Capítulo 1

O mundo da cultura..... 22

1.2 *Gordon e os intelectuais* 30

1.3 *Na margem do sistema* 41

Capítulo 2

O mundo social 46

2.1 *Egoísmo e privilégios* 47

2.2 *Embates familiares* 54

2.3 *Mercadorias, melancolias* 63

Capítulo 3

O mundo político 72

3.1 *A flor da Inglaterra*..... 73

3.2 *Un bon socialiste*..... 77

3.3 *A convivência com o sistema* 91

O caminho para Wigan Pier 101

Capítulo 4

O mundo social 104

4.1 *O caminho para a ficção* 105

4.2 *Decifrar o real* 110

4.3 *Submergir rumo aos oprimidos*..... 116

Capítulo 5

O mundo do trabalho	124
5.1 <i>O combustível universal</i>	125
5.2 <i>A morte do lado de cima da sepultura</i>	139
5.3 <i>O cheiro da luta de classes</i>	147

Capítulo 6

O mundo político	165
6.1 <i>O abismo da teoria</i>	166
6.2 <i>Debaixo dos nossos narizes</i>	179
6.3 <i>Nada a perder</i>	190

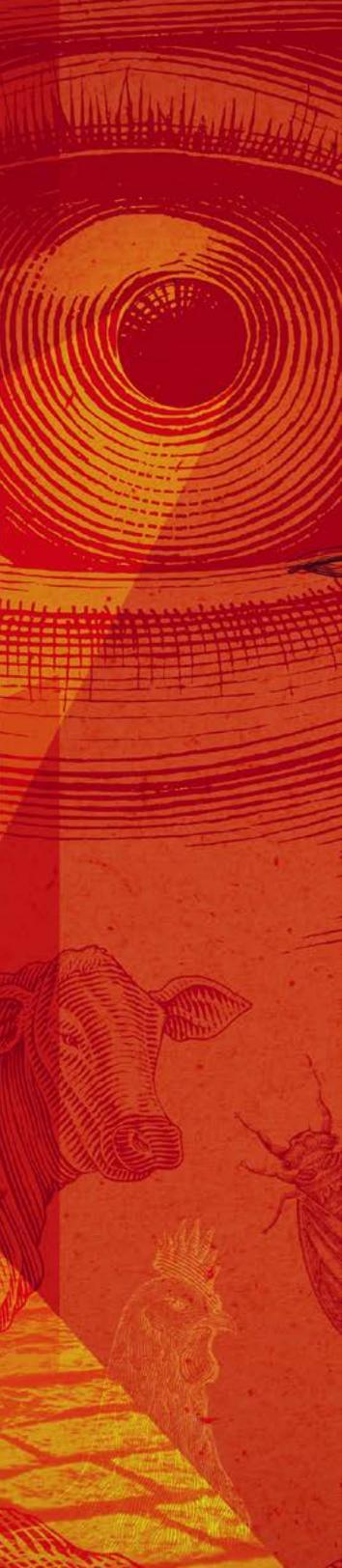
Um horizonte para além do desespero.....	198
---	------------

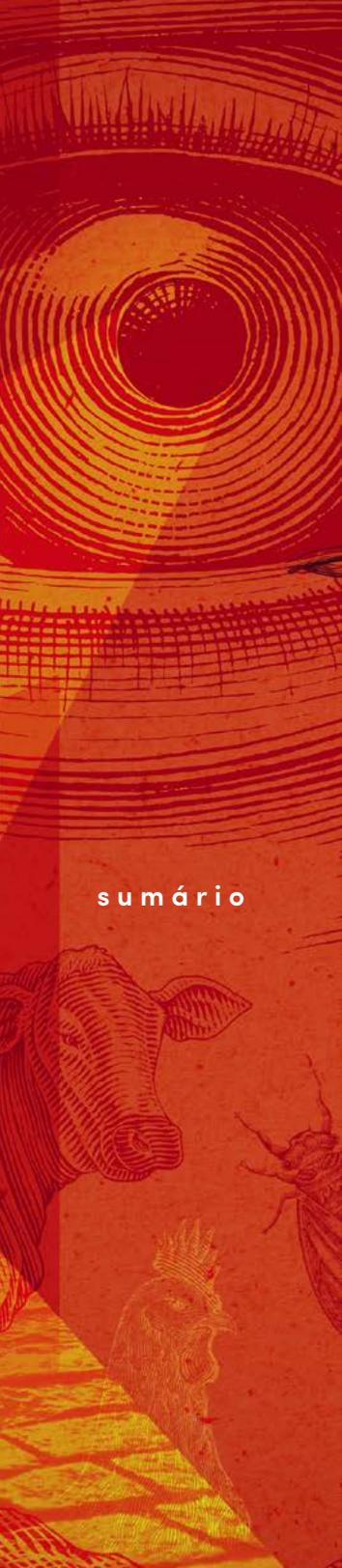
Referências bibliográficas.....	205
Obras de George Orwell.....	205
Originais	205
Obras críticas sobre George Orwell	207
Obras teóricas.....	209

Sobre a Autora.....	219
----------------------------	------------

‘Notas de fim’	220
-----------------------------	------------

Índice remissivo.....	248
------------------------------	------------





sumário

Que la injusticia no te entristezca. Que te radicalice.

Partido Comunista Mexicano

sumário

DESIGUALDADE E DESEJO DE RUPTURA

"(...) of course the invasion of literature by politics was bound to happen (...) because we have developed a sort of compunction which our grandfathers did not have, an awareness of the enormous injustice and misery of the world. And a guilt-stricken feeling that one ought to be doing something about it, which makes a purely aesthetic attitude towards life impossible."

George Orwell – Writers and Leviathan

A literatura de George Orwell possui uma força renovadora, arejada pelos detalhes da vida comum, da materialidade das relações. Seu olhar coberto de lirismo se mistura à sombra da desigualdade de um sistema, que opera apenas para alguns. Sua mensagem é direta e objetiva, com um propósito de alcançar a todos: *"One should never write anything that a working man could not understand"*, afirmara ele num jantar com amigos e familiares, em meados de 1945¹. Sua prosa acessível muitas vezes é confundida com uma técnica simples, menor,

seca e desprovida de requinte, por não fazer uso de um vocabulário repleto de frases adornadas. Todavia, o que aparentemente parece desprezencioso na forma, revela-se um procedimento complexo, que disseca as normas sociais ao seu redor, com um olhar analítico feroz. O requinte de Orwell está em se fazer entender.

A todo momento é possível deparar com passagens de sua obra que, em um primeiro olhar apenas buscam descrever um ambiente, mas o fazem criticando a lógica operante: “*It is a kind of duty to see and smell such places [industrial cities] now and again, especially smell them, lest you should forget that they exist; though perhaps it is better not to stay there too long*”². Ao mesmo tempo em que consegue construir imagens em detalhe, a forma orwelliana o faz com um destino final certo: a crítica social por meio da arte.

Existe uma proximidade entre os acontecimentos históricos e seus desdobramentos na literatura. A escrita de Orwell tem, acima de tudo, a preocupação com o comentário da forma e seu contexto: “*no book is genuinely free from political bias. The opinion that art should have nothing to do with politics is itself a political attitude*”³. Nenhuma obra está livre de um posicionamento político – principalmente os que se dizem afastados dessa perspectiva. Assim, o olhar atento por entre as linhas orwellianas contribui, acima de tudo, para aprimorar a visão atenta sobre a sociedade.

Tendo isso em mente, estamos diante de um redemoinho que assola os ventos da vida cotidiana: a crise do capitalismo, o desmoronamento do império inglês, após séculos de exploração. Esses momentos de abalos sociais, em que *A Flor da Inglaterra* e *O Caminho para Wigan Pier* foram escritos, deixaram frutos – ou, melhor, espinhos – no terreno das relações sociais. O sistema econômico se renova às custas do modo de vida dos trabalhadores e, parece que por conta disso, além de outros aspectos sociais e políticos, o olhar que tivemos sobre esse texto bebe das mesmas águas contaminadas pela desigualdade e, ao mesmo tempo, pelo desejo de ruptura.

sumário

Sendo assim, o fio argumentativo dessa tese perpassa algumas esferas da sociedade, para revelar o que poderia estar por trás de passagens cruciais dos objetos de pesquisa: os livros *A Flor da Inglaterra* e *O Caminho para Wigan Pier*. A estrutura argumentativa dessa tese permeia três mundos: cultural, social e político. Dentro dos dois objetos, procuramos tecer uma rede de hipóteses e argumentos que pairam por algumas estruturas que consideramos imprescindíveis para aprofundarmos o entendimento do texto de Orwell.

Começando pelo romance *A Flor da Inglaterra*, publicado em 1936, tecemos uma rede que se inicia no mundo da cultura, abarcando o ressentimento de um escritor frustrado com os círculos intelectuais. Mais tarde, nos aprofundamos no mundo social, nas consequências do descontentamento de nosso protagonista, principalmente no que envolve as relações familiares e amorosas. A parada final circunda o mundo político e as contradições de um artista conivente com o sistema para manter seus privilégios.

O questionamento principal no qual procuramos nos ater na leitura do romance envolve as insatisfações, que surgem de uma camada intelectualizada, procurando romper com o sistema. Temos um escritor que trava uma batalha na qual é o único combatente: Gordon Cosmtock deseja estabelecer uma guerra ao dinheiro e o faz mudando para um emprego de um salário menor e indo morar numa pensão. Ele parece entender como o mundo à sua volta funciona, uma minoria desfruta do esforço feito pela maioria, porém seu descontentamento parece abarcar somente a si mesmo. Assim, diante desse problema construímos um fio argumentativo que se atém aos pormenores das escolhas de um membro da classe média intelectual que, no final das contas, opta por concordar com as normas hegemônicas para garantir alguns pequenos confortos – que lhe são muito caros.

Depois de observar o caminho tortuoso traçado pelo protagonista do romance, nos debruçamos sobre o livro lançado por Orwell logo em seguida. Trata-se de um ensaio documental que procura observar

sumário

a rotina de algumas cidades mineiradoras do norte da Inglaterra, traçando alguns paralelos com a lógica dominante proveniente do sul, de Londres. Estamos diante da observação do funcionamento do mundo do trabalhador braçal e os paralelos delineados com a esfera da cultura intelectual. Assim, o ensaio de Orwell procura levantar algumas hipóteses de quais poderiam ser os percursos a serem atravessados por uma Inglaterra pautada na desigualdade e na crise econômica.

Procuramos manter uma uniformidade no que concerne às balizas interpretativas desse segundo objeto, o ensaio documental *O Caminho para Wigan Pier*, de 1937. Nosso olhar analítico paira por três mundos: social, do trabalho e político. Partindo do mundo social, estamos diante de um comentário atento às descrições das cidades mineiradoras e o modo de vida dos trabalhadores braçais para, em seguida, refletir sobre algumas questões que envolvem o mundo do trabalho e da produção social de mercadorias, desde a extração do carvão até a escrita de um romance. Finalmente, caminhamos para uma interpretação do mundo político, traçando paralelos entre algumas questões levantadas acerca do papel da classe média e da classe trabalhadora diante de uma transformação social efetiva.

O tema principal abordado ao longo dessa tese é o da insatisfação com a ordem hegemônica e algumas das soluções buscadas pela voz narrativa para tentar romper com essa lógica desigual. De antemão, cabe ressaltar que essas contestações não são resolvidas, uma vez que a solução para os problemas do tecido social não resultaram em um sistema emancipado. Todavia, nem tudo são cinzas. A potência do texto orwelliano contém acima de tudo esperança, como a flor de Drummond que brota da aridez do asfalto.

Essa esperança surge por meio da literatura, como uma ferramenta que possui implicações práticas. Trata-se de um tipo de literatura que faz o esforço constante de ser entendida pela maioria, uma escrita clara e objetiva que, ao mesmo tempo, não é esvaziada e simplificada. Sua finalidade de ser entendida por muitos tem como produto final

sumário

o poder de expandir a compreensão crítica da sociedade, principalmente no que concerne a uma conscientização das desigualdades.

Estamos diante de um dos poucos autores que se sujeitou a olhar ao seu redor e perceber o funcionamento da máquina imperial, ainda que bastante decadente, que era a Inglaterra nos anos 1930. Por conta disso, o olhar de Orwell sempre estará voltado para o elo mais fraco, aqueles que são explorados. E, portanto, sua literatura atua como um instrumento, cuja potência é capaz de trazer à tona toda a cadeia que sustenta o sistema onipresente do capital. O primeiro passo para a ruptura está na tomada de consciência, de forma que a mensagem artística alinhada com seu contexto histórico é capaz de mover aqueles enclausurados nas masmorras do proletariado.

Sendo assim, podemos observar o caminho traçado pelo olhar orwelliano como uma rota em que a literatura passa a operar como transformadora da sociedade. Seu início se dá na escolha de um ponto de vista, geralmente em defesa daqueles colocados à margem do sistema. Em seguida, o fio narrativo adentra profundamente nos aspectos mais mundanos da classe trabalhadora: os alimentos consumidos – o pão ressecado com a margarina gordurosa –, a configuração das habitações – as pensões úmidas e com odor de urina –, os caminhos feitos para o trabalho, o ritmo de vida lento daqueles que aguardam o apoio financeiro do governo, a saúde comprometida dos trabalhadores que respiram poeira de carvão mineral durante 16 horas diárias, a maneira como conversam, seus traços de linguagem, seu olhar perante à vida.

Com todos esses aspectos como pano de fundo, o fio narrativo descreve tudo o que observa à sua volta, revelando contradições. Ao tirar do lugar algumas peças-chave no quebra-cabeça montado com afincos por um sistema que opera em torno da exploração, o narrador orwelliano mostra seu profundo conhecimento da matéria social que investiga.

Assim, após observar atentamente, estamos diante da potência da escrita política como obra de arte: a crítica social constante.

sumário

O narrador traz à tona a manutenção do privilégio daqueles que se encondem sob mantos institucionais e de opulência. Ao escancarar as rachaduras de um sistema que desmorona, nos deparamos com um feixe de luz. Mesmo em meio ao odor, à sujeira e à podridão daqueles que exploram e buscam desesperadamente o lucro para si, surge no horizonte a possibilidade de traçar um caminho diferente. O olhar orwelliano caminha em direção a uma sociedade emancipada, capaz de deixar para trás as velhas normas, empoeiradas nas prateleiras emboloradas da burguesia.

Dentro do centro hegemônico do capital, o foco narrativo se concentra no que ocorre às margens. Parece que a saída está mais perto das beiradas do que do núcleo fumegante, onde parece impossível se desvencilhar dos fragmentos de privilégios, tão caros para um sistema enraizado em torno da norma burguesa. Justamente nas bordas é que se encontra a maior parte da sociedade, sedenta por um meio de vida mais justo, decente: *“All that is needed is to hammer two facts home into the public consciousness. One, that the interests of all exploited people are the same; the other, that Socialism is compatible with common decency”*⁴. Pode ser um horizonte sugerido: trazer à tona os interesses em comum por todos aqueles que são explorados e, quem sabe, traçar uma rota alternativa – uma nova maneira de viver em sociedade.

sumário

sumário

A FLOR DA INGLATERRA

Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar: como ela se situa dentro dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época. Em outras palavras, ela visa de modo imediato a técnica literária das obras.

Walter Benjamin – O autor como produtor

O segundo romance de George Orwell, *A Flor da Inglaterra*, foi publicado em 1936 e possui uma premissa que ilumina processos históricos, mais especificamente o período de crise econômica na Inglaterra durante a década de 1930. O protagonista, o aspirante a escritor Gordon Comstock, leva uma vida amargurada em Londres e seu maior desejo é romper com o sistema vigente, porém atuando de maneira isolada e solitária. Resolve travar uma guerra em que é o único combatente, escolhendo abdicar do “deus do dinheiro”. Deseja que a divindade monetária não seja a mediadora de suas relações, sejam elas materiais ou físicas. Troca o emprego de redator publicitário para ser vendedor em um sebo. Muda para uma habitação humilde. Além disso,

cultiva a ideia obsessiva de que sua namorada, Rosemary, recusa um envolvimento mais íntimo por conta da opção dele pela pobreza. A partir dessa escolha, todas suas relações sociais são contaminadas por uma vida pautada pela escassez de recursos e, principalmente, pelas contradições oriundas no modo como Gordon encara isso.

Marginalizado em sua escolha de marchar solitariamente numa trincheira criada por ele mesmo, Gordon alimenta cada vez mais sua obsessão pelo dinheiro. Seu comportamento, ironicamente, faz com que ele seja um exemplo nítido de suas teorias mal-ajambradas, em que ridiculariza os valores das classes altas. Quanto mais obcecado pelo onipresente espírito pecuniário, mais sua própria inutilidade fica escancarada: é um trabalhador intelectual que fica no meio de vários caminhos, num espaço indeterminado. Não desenvolve um nível de consciência que o situe dentro das relações de produção, sendo uma presa fácil para as armadilhas ideológicas gestadas pela elite. Em sua jornada individual, de aparente inconformismo e rebeldia, Gordon compactua com o sistema que o oprime, com a intenção de manter algumas migalhas de privilégio. Tais migalhas serão sementes para as plantas da conformidade, as flores da submissão.

Um dos elementos constantes ao longo do romance está na pungente insatisfação com as condições de vida e isso se manifesta simbolicamente no dinheiro:

Though I speak with the tongues of men of angels, and have not money, I am become as a sounding brass, or a tinkling cymbal. And though I have the gift of prophecy, and understand and understand all mysteries, and all knowledge; and though I have all faith, so that I could remove mountains, and have not money, I am nothing. And though I bestow all my goods to feed the poor, and though I give my body to be burned, and have not money, it profiteth me nothing. Money suffereth long, and is kind; money envieth not; money vaunteth not itself, is not puffed up, doth not behave unseemly, seeketh not her own, is not easily provoked, thinketh no evil; rejoiceth not in iniquity, but rejoiceth in the truth; beareth all things, believeth all things, hopeth all things, endureth all things. And now abideth faith, hope, money, these three; but the greatest of these is money. Corinthians xiii (adapted)⁵.

sumário

O trecho acima é a epígrafe do romance, na qual podemos perceber que se trata de uma adaptação de um trecho bíblico, que substitui o termo amor (em outras versões da tradução bíblica, caridade) pelo termo dinheiro. Com isso, o sentido dos versos é colocado ao avesso, em que sobressai uma requintada e ácida ironia, antecipando a postura do narrador na obra. Todos os atributos nobres do amor – sofredor, benigno, que não é interesseiro – passam a ser atribuídos ao dinheiro. A elevação da empatia e do afeto é deslocada para o símbolo maior do capitalismo, os valores de dignidade são assolados pelo reino do deus do dinheiro.

A forma do texto religioso nos remete à adoração, ou seja, a crença sem contestação, a fé em dizeres tidos como sagrados. Ao colocar o dinheiro no lugar do amor, a epígrafe adaptada nos traz o comentário satírico de que há na sociedade uma nova divindade. Não se idolatra mais o amor, e sim o dinheiro; é ele quem passa a reger todas as normas sociais, de forma que “essa dissolução da vida diante da lógica absoluta do dinheiro, dinheiro este que nos olha com olhos vermelhos cheios de sangue como um deus monstruoso e implacável”⁶.

Essa simbologia em torno do dinheiro que faz as vezes do amor sintetiza na forma uma crítica afiada em torno das relações elaboradas ao longo do romance. E a construção da epígrafe constrói de maneira metafórica alguns dos desdobramentos desenvolvidos ao longo da obra, tais como o antagonismo entre classes sociais, a estrutura de exploração do capital, a desigualdade social, entre outros. O dinheiro personifica algumas qualidades contidas nas relações sociais: “*Sou mau, desonesto, inescrupuloso, estúpido; mas o dinheiro é honrado, assim como seu possuidor. Não tenho nada na cabeça, mas o dinheiro é o verdadeiro cérebro de todas as coisas (...) Todo esse meu dinheiro, portanto, não transforma toda essa minha incapacidade em seu contrário?*”⁷.

Em uma sociedade em que o dinheiro atua como entidade digna de idolatria, em que a produção de mercadorias, as relações e a estratificação social se encontram aos seus pés, alguns problemas

sumário

com raízes profundas no terreno social e político se tornam inevitáveis. O feitiço do dinheiro envolve toda a estrutura desenvolvida às custas do suor e sangue dos trabalhadores, constantemente em torno da extração do mais valor para os detentores da produção: *“And though I have all and have not money, I am nothing”*. Os donos do sistema possuem tudo, mas se não tiverem consigo o produto final da exploração, o dinheiro, nada seriam.

Como consequência, toda uma classe social se encontra estranhada de sua capacidade de transformar a realidade. Assim se encontram os trabalhadores – braçais e intelectuais – a serviço da classe proprietária, ambos ajoelhados diante do mesmo deus: *“money-worship has been elevated into a religion. Perhaps it is the only real religion – the only really FELT religion – that is left to us. Money is what God used to be. Good and evil have no meaning any longer except failure and success”*⁸.

As engrenagens do capital estão todas alinhadas para a acumulação. Obter dinheiro a qualquer custo passa a ter a mesma importância dos valores morais judaico-cristãos: *“O deus da necessidade prática e do interesse próprio é o dinheiro (...) O dinheiro é o valor universal de todas as coisas, constituído em função de si mesmo”*⁹. Como consequência *“ele despojou o mundo inteiro, tanto o mundo humano quanto a natureza, de seu valor singular e próprio. O dinheiro é a essência do trabalho e da existência humanos, alienada do homem; essa essência estranha a ele o domina e ele a cultua”*¹⁰. Como deus abosluto e onipresente, o dinheiro se alastra e domina todos aqueles ajoelhados em seu altar.

Assim, temos as cartas na mesa logo no início do romance: *“though I have the gift of prophecy, and understand and understand all mysteries, and all knowledge; (...) and have not money, it profiteth me nothing”*. No reino do capital o poder da sabedoria, da ciência e da compreensão não possui valor algum, a não ser quando subjugado às normas do dinheiro. E esse deus do dinheiro, o qual nosso protagonista desenvolve uma obsessão, por ser o centro de todas as relações

sumário

possui um aspecto de benevolência às avessas: *“money suffereth long, and is kind; money envieth not; money vaunteth not itself, is not puffed up, doth not behave unseemly, seeketh not her own, is not easily provoked, thinketh no evil; rejoiceth not in iniquity, but rejoiceth in the truth”*.

A partir dessa descrição ácida podemos perceber a explicitação de *“adapted”*, ao final do trecho. O uso formal dessa ironia desafia a sobreposição do texto religioso com a crítica social, pois de fato o dinheiro se mostra como tudo aquilo que a epígrafe afirma não ser. Podemos tomar como raciocínio que amor e dinheiro são, de fato, antônimos. Ou seja, o dinheiro não é nada senão invejoso, soberbo, inconveniente, interesseiro, que se irrita, suspeita mal, regozija com a injustiça. A coexistência desses antônimos¹¹ contribui para a elaboração de uma contradição: o amor e o dinheiro atuam como forças antagônicas, e essas forças não se cancelam mutuamente, mas, na verdade, definem a existência uma da outra.

Com esse jogo de palavras, a epígrafe situa a obsessão do protagonista pelo dinheiro. Mais onipresente do que a voz narrativa, está o deus do dinheiro, pois *“have not money, it profiteth me nothing”*. O protagonismo do dinheiro nos leva a pensar no caráter de tese da epígrafe, que introduz grande parte do tema principal do romance¹². Ou seja, a adaptação irônica do texto bíblico antecipa o elemento principal do enredo, ditando o tom predominante ao longo da narrativa.

Com isso, adentramos na história, imersos na constante presença e influência do dinheiro, com frequência e afincos que perduram até os últimos capítulos. Ao longo da narrativa parece ficar sugerida a ideia de que tal onipresença é o resultado lógico de uma sociedade organizada em torno da acumulação de recursos: *“o capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta”*¹³.

sumário



1

O MUNDO
DA CULTURA

1.1 O RESSENTIMENTO DE GORDON

Art is not a mirror held up to reality but a hammer with which to shape it.

Bertolt Brecht

O narrador de *A Flor da Inglaterra* nos conduz pela vida de Gordon Comstock, um escritor de 29 anos, amargurado com a rotina que leva em Londres. Desde sua infância o protagonista viveu em “*one of those depressing families, so common among the middle-middle classes, in which nothing ever happens*”¹⁴. O mote principal do romance gira em torno da recusa de Gordon a qualquer tentativa que o levasse ao sucesso financeiro, uma “*war on money*”¹⁵.

Ainda em plena juventude o protagonista se encontra em um estado miserável: “*(...) small frail figure, with delicate bones and fretful movements. His coat was out at elbow in the right sleeve and its middle button was missing; his ready-made flannel trousers were stained and shapeless. Even from above you could see that his shoes needed re-soling.*”¹⁶ A condição deplorável de suas vestes reflete a situação de penúria financeira em que Gordon se encontra, justamente por conta de sua escolha em abrir mão do uso do dinheiro. E, aqui, cabe salientar o valor simbólico de distinção econômica e social por meio das vestimentas, posicionando com precisão cada camada social em seu devido lugar. Ou seja, as roupas são um dos fatores que corroboram a construção simbólica da classe social a que ele pertence.

Essa categorização com base nas aparências possui um interessante formato em meados dos anos 1930 nas ruas inglesas, em que “os anos 1930 estão simbolizados em chapéus. Políticos rechonchudos em chapéus de feltro; financistas incompetentes usando cartolas; operários de tom austero em chapéus de coco; e infinitas hordas de desempregados com suas boinas.”¹⁷ Parece que a hierarquização social se manifesta no tipo de traje usado pelas pessoas, o que vai desde o requinte das

sumário

cartolas dos banqueiros endinheirados às boinas puídas dos desempregados. A partir das primeiras descrições de nosso protagonista já é possível notar o lugar que ele ocupa nessa pirâmide social.

A figura de Gordon, com suas roupas maltrapilhas, nos mostra um personagem em ruínas. Ele se distingue simbolicamente dos outros à sua volta, de forma que esse processo “atesta o valor social reconhecido a determinada pessoa (...) resultando da relação entre bens e práticas desigualmente distintos (...) cuja existência só é possível ao se distinguir entre os outros”¹⁸. Logo de início deparamos com nosso protagonista trabalhando como vendedor em uma livraria, atendendo fregueses das mais diversas classes sociais. Isso significa que o contraste, a distinção da figura de Gordon com relação aos frequentadores da loja, contribui para a construção de uma imagem crítica a respeito daqueles que se encontram nas margens do meio artístico, pois Gordon “*was nearly thirty and had accomplished nothing; only his miserable book of poems that had fallen flatter than any pancake*”¹⁹.

Gordon escolhe renunciar ao dinheiro e também abandona qualquer intenção de obter algum acúmulo financeiro e ascender socialmente. Com isso, no início da narrativa, ele se encontra em um estado “*already moth-eaten*”²⁰, pois esse abandono do dinheiro “*but secretly, of course*”²¹ tem origem nas frustrações que vivenciou desde a juventude. A princípio, esse processo surge do rancor que permeava o seu cotidiano na escola, quando todos eram de uma classe social superior à sua. Posteriormente, já na vida adulta, o mesmo desconforto ocorre com relação aos seus pares de opiniões radicais e contundentes: “*England was so full of revolutionary opinion*”²². Um adolescente que declara uma guerra de cunho privado com relação a uma injustiça pública é normal, porém aos 29 anos, a batalha solitária de Gordon passa a ser uma petulância infantil, ineficaz e humilhante²³: “*there is nothing but a frightful emptiness, a secret despair*”²⁴. Dessa forma, as atitudes de Gordon vão formando o caráter de um personagem complexo e, principalmente, contraditório.

sumário

A batalha travada contra o sistema tem início efetivo quando, em meio ao cotidiano laboral na agência publicitária New Albion, Gordon constata que seu salário aumenta consideravelmente ao “*Writing lies to tickle the money out of fools’ pockets!*”²⁵. A partir daí percebe as engrenagens da sociedade organizada em torno do dinheiro e da obtenção do lucro.

Com a urgente sensação de que precisava escapar “*get out of it – out of the moneyworld, irrevocably*”²⁶, Gordon recorre a Philip Ravelston, seu “*his charming, rich friend, editor of Antichrist, of whom he was extravagantly fond*”²⁷ para que o ajudasse a encontrar um emprego mais modesto, que lhe permitisse “*keep his body without wholly buying his soul*”²⁸. Ravelston o indica para trabalhar em uma livraria decadente de livros usados:

The devil of it is that the glow of renunciation never lasts. Life on two quid a week ceases to be a heroic gesture and becomes a dingy habit. Failure is as great a swindle as success. (...) But it was no use pretending that because his poverty was self-imposed he had escaped the ills that poverty drags in its train. It was not a question of hardship. You don't suffer real physical hardship on two quid a week, and if you did it wouldn't matter. It is in the brain and the soul that lack of money damages you. Mental deadness, spiritual squalor—they seem to descend upon you inescapably when your income drops below a certain point. Faith, hope, money—only a saint could have the first two without having the third.²⁹

A rejeição de Gordon em relação ao dinheiro desperta no brilho da renúncia, como um ato heroico. Ou seja, a gênese desse repúdio está em um gesto vaidoso para se vangloriar, afinal são poucos os que se sujeitam a viver miseravelmente por iniciativa própria. No fim do trecho, o narrador ironiza que somente um santo seria capaz de fazer tamanha abdicação sem sofrer punições terrenas. Essa comparação sutil em que Gordon é colocado como inferior a uma entidade santa escancara o peso de sua humanidade falha, começando a abarcar sua complexidade.

sumário

Desde o começo fica evidente a potencialidade de fiasco na empreitada de Gordon. Esse fracasso pode ser contemplado em duas etapas: o sentido literal de perseguir a derrota e, em segundo lugar, ao malograr nessa escolha, afinal nem isso é alcançado. Gordon não consegue nem mesmo fracassar. Afinal ele não era um santo e, por conta disso, estava destinado ao fracasso desde o princípio.

Aqui, o fracasso se coloca no mesmo patamar do sucesso no uso do termo *swindle* (*Failure is as great a swindle as success*), de forma que este substantivo denota a prática de fraude para obter algo. Tanto o sucesso quanto o fracasso ocorrem da mesma forma: burlando normas para conseguir resultados. Gordon se propõe a modificar seu modo de vida quando se vê mergulhado nas artimanhas da cobiça da indústria publicitária. Dessa forma, buscará uma via alternativa de inserção na organização econômica da sociedade. E, mesmo assim, ele opta por algo que ainda possa trazer alguma remuneração, ou seja, a abdicação ao dinheiro não ocorre por completo.

Para que seja travada essa guerra ao dinheiro, cabe ao nosso protagonista fazer uma escolha no que concerne à maneira em que “deve vender a sua capacidade de trabalhar, comprometendo-se a exercer o trabalho (...) em troca de uma soma de dinheiro, ou seja, do salário”³⁰. Ele então troca de emprego e passa a receber um salário menor – afinal Gordon pertencia à parcela da sociedade que necessitava da venda de sua capacidade de trabalhar para sobreviver. Não existe a opção de simplesmente abandonar todo e qualquer tipo de trabalho, uma vez que está profundamente submerso no sistema de classes, mesmo que se recuse a perceber como tal.

Gordon passa a vender sua capacidade de trabalhar no ramo literário, em vez do mercado publicitário, já que Ravelston conhece o dono de um sebo que “*He did not want a trained assistant who would expect full wages; he wanted somebody who looked like a gentleman and could talk about books – somebody to impress the more bookish customers*”³¹.

sumário

Assim, a estreia de Gordon no mundo literário ocorre em uma “rather dilapidated second-hand bookseller”³², e não como escritor.

De início sua empreitada pareceu lograr: “*For a little while – a very little while – he had the illusion of being really out of the money-world*”³³. Todavia, em seguida veio o choque de realidade: “*when he was down to two quid a week and had practically cut himself off from the prospect of earning more, that he grasped the real nature of the battle he was fighting.*”³⁴ Ele percebe que a pobreza a qual pretende submergir não se trata de algo abstrato, uma Pobreza com letra maiúscula. Aqui, a pobreza como escolha se difere daquela imposta a algumas partes da sociedade – a estas sim parece inescapável.

Existem algumas diferenças nesses dois tipos de pobreza: a de Gordon, e a dos pobres de fato. Por se tratar de uma escolha, pressupõe-se que há determinado conforto, uma vez que com duas libras semanais ele ainda pode contar com alguns recursos, o que não ocorre com aqueles que vivem num patamar inferior. Ele escolheu estar nessa situação.

Em segundo lugar, a pobreza mesmo não sendo abstrata, produz efeito somente na mente de Gordon, ao afetar alguns aspectos de seu cotidiano. Ela causa a morte de seu estado mental, contamina o seu espírito, o que ressalta a condição de privilégio que ele se impõe. Afinal, Gordon não opta por ser um miserável por completo, em que a pobreza toma conta do corpo e de toda sua vida material. Podemos começar a entender como Gordon propõe a si mesmo, portanto, uma empreitada em que será o único a sofrer as consequências. Nosso protagonista impõe a si mesmo a pobreza e o exílio social sem fazer uma rebelião significativa. Ele não altera nada a seu redor, apenas faz com que sua existência se resuma à solidão e desespero³⁵.

Em nenhum momento ele afirma que seu caminho foi traçado com algum propósito mais profundo. Gordon resolve se afastar do “deus do dinheiro”, pois aquilo estava corrompendo seu caráter, ao

sumário

se ver enganando outras pessoas com as propagandas que escrevia. Nosso protagonista atribui a um fator externo um incômodo propriamente seu. Ele queria ter o renome e a fama de um escritor e tudo que lhe restava era *“his sole success in writing ads for deodorants. However, that was less unusual than he imagined. Most copywriters, they say, are novelists manqués; or is it the other way about?”*³⁶

Seu caráter se compromete por conta da irrefutável obtenção de lucro às custas da ignorância alheia. Essa linha de pensamento do nosso protagonista não passa de uma distorção de seu papel de classe – afinal ele praticamente se coloca como o detentor da produção do mercado publicitário, o que está longe de ser o caso. Seu orgulho é tanto que ele se compreende – em um aspecto quase rousseauiano – como um homem que nasce bom e a sociedade o corrompe. O narrador nos deixa claro ao ironizar essa incapacidade de percepção na expressão *“or is it the other way about?”*. Tudo isso serve para que Gordon evite a tomada de consciência de seu trabalho permanentemente alienado, seja fazendo propagandas ou vendendo livros de segunda mão. Existe alienação onde há venda de força de trabalho. Ele se sente superior aos “incautos” pois se vê manipulando informações³⁷, mas é tão explorado quanto eles. A hierarquização das classes sociais o impede de perceber esse processo.

Ainda, não existe por parte do nosso herói uma proposta de abdicação do dinheiro em conjunto com outras pessoas, como uma estratégia de resistência política, ou até mesmo algo como uma greve, por exemplo. Ela surge de um incômodo subjetivo, particular a ele.

No começo da narrativa acompanhamos o cotidiano dessa livraria: os frequentadores curiosos, os clientes fiéis, as senhoras idosas endinheiradas, os aspirantes a escritores afeminados. E na rotina dos afazeres de Gordon, a passagem do tempo se desenvolve na marcação das horas que faltam para o fim da jornada de trabalho e, ao mesmo tempo, com o tintilar de moedas em seu bolso: *“Ding Dong! A quarter past three. Light up at half past. Four and three-quarter*

sumário

*hours till closing time. Five and a quarter hours till supper. Twopence halfpenny in pocket. No tobacco tomorrow*³⁸.

Existe um ritmo na marcação das tarefas: o soar do sino manifesto na onomatopeia, que sinaliza entrada de algum freguês na livraria; as horas marcadas no relógio – três e quinze da tarde, sendo que o romance tem início com a menção de um horário específico: “*The clock struck half past two*”³⁹; a contagem regressiva do tempo para fechar a loja, assim como a hora do jantar. Após essa contagem rítmica do tempo e das tarefas, temos a contagem do ritmo de vida do protagonista ordenado pelo dinheiro, de maneira que as moedas são contadas da mesma maneira que as horas. E assim, Gordon conclui que não tem dinheiro o suficiente para comprar cigarros no dia seguinte.

Tanto o tempo do relógio, quanto a quantidade de dinheiro em seu bolso possuem o mesmo valor regulador da passagem das horas e são determinantes das ações do nosso protagonista. Ao associar diretamente o tempo passado exaustivamente na jornada de trabalho com o resultado final deste processo – o dinheiro em seu bolso proveniente do salário – temos acesso a um comentário sobre a relação entre tempo e capital. Essa relação intrínseca pode ser observada de tal forma que “sociedades industriais maduras de todos os tipos são marcadas pela administração do tempo e por uma clara demarcação entre o ‘trabalho’ e a ‘vida’”⁴⁰.

O sistema organizado em torno da venda da força de trabalho é reforçado por conta de um alicerce fundamental, o controle do tempo: “A sociedade passa a lidar com o tempo da mesma forma como lida com o dinheiro, atribuindo a ele também qualidades objetivas e impessoais, como, por exemplo, a escassez. Como consequência, o tempo pode ser utilizado, pode ser gasto ou rentabilizado”⁴¹. Portando podemos observar um paralelo entre a passagem do tempo e a medida monetária: uma reforça a outra, fazendo com que o uso do dinheiro seja um marcador da quantidade de vida roubada.

sumário

1.2 GORDON E OS INTELLECTUAIS

Esse tempo transformado em moeda e o dinheiro em horas nos ajudam a pensar a posição do protagonista na sociedade de classes. Ele faz parte da parcela da sociedade que precisa vender a sua capacidade de trabalhar a fim de obter um salário, para enfim poder se sustentar economicamente. Além disso, apesar de ter publicado um livro de poemas, Gordon se encontra apartado do círculo artístico:

His own wretched book was there — skied, of course, high up among the unsaleable. *Mice*, by Gordon Comstock; a sneaky little foolscap octavo, price three and sixpence but now reduced to a bob (...) Below them, exactly at eye-level, were the squibs of the passing minute. Eliot, Pound, Auden, Campbell, Day Lewis, Spender. Very damp squibs, that lot. Dead stars above, damp squibs below."⁴²

Gordon almeja ser um escritor – “*For here was he, supposedly a ‘writer’*”⁴³ – e talvez ver seus livros nas prateleiras junto dos mais vendidos. Na atual situação, o livro de Gordon está na prateleira mais alta, entre os que vendem menos, enquanto os mais renomados se encontram à altura dos olhos, para o desfrute dos passantes. Nesse caso estar no alto não significa aceitação, inserção ou sucesso. Pelo contrário, temos uma inversão de valores: quem está acima se encontra distante do olhar do consumidor, da lógica do mercado e, por sua vez, os livros da moda, considerados melhores, estão abaixo, na altura do olhar e das mãos de quem irá comprá-los.

O ressentimento contínuo de Gordon pode ser observado na forma, pois estamos diante de uma inversão irônica da pirâmide social. A elite artística – econômica e socialmente dispostos acima de Gordon – é colocada à vista de todos que passam, pois representam os valores do mercado. Por sua vez, nosso protagonista está o mais distante o possível dessa classe. Metamorfoseado em sua obra *Mice* nas prateleiras altas, inacessíveis para a lógica financeira, justamente por

sumário

ocupar socialmente um lugar inferior. Ele continua isolado, só que aqui representado de maneira invertida. Está cada vez mais invisível para a sociedade artística: condenado ao esquecimento, no exílio do alto das prateleiras. A posição do seu livro materializa seu degredo social.

E essa inversão da pirâmide é construída sutilmente diante de nossos olhos. Ao mesmo tempo em que ocupa o topo econômico, a elite artística é a responsável em ditar as regras do que deve ser considerado objeto de desejo e de consumo, principalmente no ramo artístico. Por isso temos “a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante.”⁴⁴ Ou seja, a elite, no topo, passa a ditar os valores mercadológicos e, para que esses valores estejam acessíveis à massa, eles precisam estar presentes no lugar de maior acesso: o meio da prateleira, ao alcance da classe média e baixa. A alta sociedade desce rumo ao foco de atenção do consumidor, justamente para movimentar o ciclo de produção, consumo e domínio das ideias.

Por isso, estar entre os mais vendidos não significa ser uma obra literária de qualidade estética superior, e sim a mais valorizada pela elite dominante, que hegemoniza os meios econômicos e espirituais. Quanto mais Gordon se percebe distante dos artistas endinheirados, mais se ressentido da posição central que eles ocupam nas prateleiras. Esse constante rancor se manifesta em desdém, mas de forma pouco crítica. Nem a elite intelectual nem o sistema artístico são criticados como instituições, que foram criadas e são mantidas de acordo com interesses específicos, para “manutenção e reprodução do poder social”⁴⁵.

Nosso protagonista não é um escritor de renome por não pertencer a essa camada social da elite artística e, ao mesmo tempo, por ter escolhido não fazer parte de um sistema que gira em torno do dinheiro. E quanto mais Gordon perambula pela livraria contemplando as inúmeras prateleiras cobertas de livros, mais cresce sua aversão pela literatura dos renomados:

sumário

(...) The small dark room, smelling of dust and decayed paper, that gave on the office, was filled to the brim with books, mostly aged and unsaleable. On the top shelves near the ceiling the quarto volumes of extinct encyclopedias slumbered on their sides in piles like the tiered coffins in common graves. Gordon pushed aside the blue, dust-sodden curtains that served as a doorway to the next room. This, better lighted than the other, contained the lending library. It was one of those 'twopenny no-deposit' libraries beloved of book-pinchers. No books in it except novels, of course. And WHAT novels! But that too was a matter of course. (...) They were arranged alphabetically. Arlen, Burroughs, Deeping, Dell, Frankau Galsworthy, Gibbs, Priestley, Sapper, Walpole. Gordon eyed them with inert hatred. At this moment he hated all books, and novels most of all. Horrible to think of all that soggy, half-baked trash massed together in one place. Pudding, suet pudding. Eight hundred slabs of pudding, walling him in—a vault of puddingstone. The thought was oppressive.⁴⁶

O ambiente escuro e coberto de poeira da livraria reflete o aspecto decadente dos livros que não são vendidos facilmente. Afinal a mercantilização da literatura impõe uma regra do que passa a ser atraente para os olhos do mercado, e tudo aquilo que escapar de tal escopo cai no esquecimento. Nas prateleiras superiores estão as enciclopédias, dispostas em pilhas “*like the tiered coffins in common graves*”, esquecidos como indigentes, cujo único destino é o descarte, por pertencer a uma origem desconhecida.

Em contraste com a poeira dos livros de pouco valor de mercado, estão os romances, organizados em ordem alfabética por autor, em uma saleta mais bem iluminada. E não são quaisquer romances – “*and WHAT novels*” – estamos diante dos mais vendidos da literatura inglesa, alguns escritores contemporâneos a Gordon que fizeram sucesso. Tudo que consegue sentir ao contemplar esses romances no meio da prateleira é indignação. Talvez despreze aquilo que almeja ser. Parece detestar todo e qualquer tipo de livro, principalmente os romances. O peso do renome, da fama e do reconhecimento cultural dos autores ali dispostos nas prateleiras surte um efeito de sufocamento em nosso protagonista: como se uma massa disforme o apertasse – “*walling him in*” –, gerando uma sensação de claustrofobia,

sumário

com paredes que se aproximam lentamente. Como se as prateleiras dos livros mais famosos e queridos pelo público o asfixiassem, revelando o sufocamento de um mundo ao qual não pertence.

A mera reflexão sobre esses livros e autores consagrados era algo opressivo para Gordon: *“the thought was oppressive”*. O contraste evidente de duas categorias distintas – de um lado, a de artistas que não precisam vender sua força de trabalho e, de outro, Gordon como o escritor artesanal, forçado buscar um sustento – resultam na sensação de sufocamento do nosso protagonista. O simples ato de pensar sobre sua condição social, e brevemente tomar consciência de sua desvantagem perante aos grandes profissionais da Arte, culmina em um sentimento de inveja rancoroso.

A partir do momento em que Gordon se impõe – solitariamente – a tarefa de abandonar a lógica financeira da sociedade, ele acaba excluindo as possibilidades de ter algum êxito pessoal. Por outro lado, isso não necessariamente significa que ele irá amadurecer sua postura crítica. Não critica o sistema em sua totalidade, suas causas e consequências mais profundas. Seu incômodo fica restrito à limitada esfera pessoal. Conforme ele perambula pela livraria, seu desprezo pelos livros na prateleira cresce ainda mais:

“Dull-eyed, he gazed at the wall of books. He hated the whole lot of them, old and new, highbrow and lowbrow, snooty and chirpy. The mere sight of them brought home to him his own sterility. For here was he, supposedly a ‘writer’, and he couldn’t even ‘write’! It wasn’t merely a question of not getting published; it was that he produced nothing, or next to nothing. And all that tripe cluttering the shelves—well, at any rate it existed; it was an achievement of sorts. Even the Dells and Deepings do at least turn out their yearly acre of print. But it was the snooty ‘cultured’ kind of books that he hated the worst. Books of criticism and belles-lettres. The kind of thing that those moneyed young beasts from Cambridge write almost in their sleep—and that Gordon himself might have written if he had had a little more money. Money and culture! In a country like England you can no more be cultured without money than you can join the

sumário

Cavalry Club. With the same instinct that makes a child waggle a loose tooth, he took out a snooty-looking volume— *Some Aspects of the Italian Baroque*—opened it, read a paragraph, and shoved it back with mingled loathing and envy. That devastating omniscience! That noxious, hornspectacled refinement! And the money that such refinement means! For after all, what is there behind it, except money? Money for the right kind of education, money for influential friends, money for leisure and peace of mind, money for trips to Italy. Money writes books, money sells them. Give me not righteousness, O Lord, give me money, only money. (...) It was the lack of money, simply the lack of money, that robbed him of the power to 'write'. He clung to that as to an article of faith. Money, money, all is money! Could you write even a penny novelette without money to put heart in you? Invention, energy, wit, style, charm—they've all got to be paid for in hard cash."⁴⁷

Os olhos sem vida de Gordon contemplam os livros que foram a parede, aumentando o seu ódio por todos os tipos de livros ali presentes, de alta ou baixa cultura, – *highbrow* e *lowbrow*⁴⁸ – dos mais sofisticados aos mais simples. A mera visão desses livros o faz refletir sobre a sua própria esterilidade, afinal era um escritor que não produzia, pois ter publicado um livro não o insere no olimpo literário. E mesmo aqueles que produzem com certa frequência, não conseguem alcançar o patamar dos livros com sucesso de público e crítica. Estes sim são alvo do rancor profundo de Gordon. Ele cultivava uma ojeriza por tudo aquilo produzido com facilidade pelos jovens de Cambridge, como se o fizessem sem nenhum esforço, enquanto dormem. Se ao menos nosso protagonista tivesse a mesma quantia de dinheiro e oportunidades que tais jovens, ele também produziria centenas de livros e seria considerado um escritor culto, digno de estar no meio das prateleiras de uma livraria de livros de segunda mão em Londres.

Além do ódio, Gordon sente inveja e aversão do estilo refinado daqueles autores, e tudo que eles representam: dinheiro para custear o tipo certo de educação, para bancar amigos influentes, para ter lazer e paz de espírito, para viajar pela Europa. O dinheiro, materializado pelos privilégios que traz consigo, passa a ser o sujeito, aquele que realmente

sumário

escreve os livros, assim como aquele que regula os que serão um sucesso de vendas – “*Money writes books, money sells them*”. O dinheiro produz e comercializa livros, tomando características próprias e saindo de uma categoria abstrata e de convenção social. Dita todas as regras. Tem a aparência de ser um meio, mas é o verdadeiro poder e o único fim⁴⁹.

O fluxo de pensamento de Gordon, manifesto no discurso indireto livre, faz um paralelo da importância do dinheiro como algo divino: “*Give me not righteousness, O Lord, give me money, only Money*” – um fiel que clama fervorosamente por dinheiro e não por integridade. Além de ser regulador do tempo, o dinheiro acumula as funções de interventor das categorias artísticas relevantes para o mercado e, finalmente, se apropria do aspecto religioso e onipresente de uma divindade. Dinheiro é tempo, é espaço na prateleira, é paz de espírito, é o deus com o qual Gordon trava sua batalha. Com isso, “o dinheiro é, em si, um tipo de reducionismo. Ele armazena universos inteiros em um punhado de cobre”⁵⁰.

Gordon prossegue com o pensamento obsessivo de que a única solução para sua vida seria ter recursos financeiros para alcançar o poder de escrever – por que então ele se afasta rumo às margens da sociedade e recusa o dinheiro? Em uma reprodução de valores e lugares-comuns baseados na ideia de inspiração, do gênio criador que não se esforça e apenas produz de maneira imanente, nosso protagonista constrói a ilusão de que, se estivesse adequado a essas normas, faria parte da exclusiva elite literária. Esses valores talvez possam remeter ao ideário do Romantismo sedimentados até a Londres do século XX de Gordon. Para além disso, nosso personagem é vítima de uma armadilha. Tem pouca clareza sobre os mecanismos de escolha que determinam quais obras são aceitas no cânone, pois muitas vezes os escritos que encerram “os valores e ‘gostos’ de uma determinada classe social”⁵¹ são os que acabam sendo considerados literatura.

Nosso protagonista persiste nessa linha de pensamento de que basta ter dinheiro para ser um escritor de renome. Faz isso de maneira fervorosa e com uma convicção e crença firme e incondicional, alheia

sumário

a argumentos da razão. A obsessão de Gordon em negar o dinheiro se torna um tipo de veneração⁵². A rejeição do dinheiro se torna a religião de nosso protagonista: "*It was his religion, you might say, to keep out of that filthy money-world*"⁵³. O dinheiro é o compromisso derradeiro de nosso protagonista. Ele quer escapar de suas amarras, mas só conseguiria fazê-lo se possuísse dinheiro em abundância⁵⁴. Isso gera consequências contraditórias: faz com que, por um lado, esteja até certo ponto fora da lógica econômica, mas por outro, não resulta em uma adoção de postura mais conscientemente mais bem formada, atenta a aspectos mais amplos e gerais, que saia da perspectiva meramente individual.

Essa incapacidade de Gordon em avançar no combate ao "deus do dinheiro" está enraizada na maneira como a sua vida, e a de tantos outros trabalhadores como ele, se organiza. Existe uma necessidade prescrita de vender sua força de trabalho, afinal "os operários vendem aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro. (...) O produtor que não pode vender o seu produto de trabalho deve vender a sua capacidade de trabalhar"⁵⁵. Como aquilo que Gordon produz não é uma mercadoria final, ele precisa produzir algo para alguém, de forma que isso gere mais valor. Isso o coloca em um lugar específico dentro da pirâmide social de classes, pois "a venda da força de trabalho aliena o trabalhador da sua capacidade criativa de produção, que é, por força dessa venda, entregue ao capitalista, e de qualquer controle sobre o produto do seu trabalho."⁵⁶

Gordon parece estar automaticamente incapaz de perceber sua própria insignificância diante do colossal sistema que se alimenta da produção de mais valor. Desde o princípio ele não possui o controle final daquilo que produz diariamente. Para conseguir renda que o sustentasse e permitisse comprar outras mercadorias, ele precisa despende uma grande quantia de tempo: "*It was mainly a question of being in the shop ten hours a day*"⁵⁷. Sua função e a consciência da totalidade de seu próprio trabalho tem sido apartada dele desde o princípio. Justamente por conta deste processo, esse estranhamento é a condição básica que sustenta o alicerce econômico da ordem a qual Gordon tanto deseja se excluir.

sumário

Não basta romper com uma parte do sistema de venda de mercadorias, o dinheiro, e sim com o princípio, a exploração da força de trabalho em busca de acúmulo de capital. Ou seja, o arranjo que gira em torno da venda de mercadorias feitas por muitos, em que o mais valor se concentra nas mãos de poucos. Essa ruptura se mostra praticamente impossível na lógica do trabalhador alienado, justamente pelo fato de que todos “supusemos a propriedade privada, a separação de trabalho, capital e terra, igualmente do salário, lucro de capital e renda da terra, da mesma forma que a divisão do trabalho, a concorrência, o conceito de valor de troca, etc.”⁵⁸ Questionar as estruturas que se mostram como aparentemente invisíveis e indissolúveis é um dos passos que Gordon é incapaz de tomar, pois escolhe romper com aquilo que somente o afeta: “quando as pessoas se encontram mais alienadas e isoladas, elas começam a desenvolver atitudes altamente irracionais e muito autodestrutivas”⁵⁹, o que nos ajuda a compreender melhor o fracasso do nosso herói.

Não seria sozinho que Gordon poderia propor algum tipo de mudança efetiva, uma vez que está diante de uma estrutura multifacetada, que envolveria uma tomada de decisão que só seria possível “através de uma transformação prática do respectivo modo de produção e de toda a condição social baseada nele”⁶⁰. E essa transformação parece ser mais palpável quando a maior parte da população está engajada no aprimoramento democrático, com decisões que venham de baixo para cima.

A própria iniciativa individual de Gordon é uma reprodução do ideário que perpassa o sistema de classes. A lógica do rebelde autossuficiente reproduz e reforça uma dinâmica de todos contra todos. Isolado e ilhado, tem suas ações tolhidas. Seus reclamos abarcam apenas na esfera do desconforto pessoal. Mudanças efetivas precisam ir além disso. A fragmentação pode apenas ser rompida por meio do estabelecimento de alianças conscientes. Sem tais alianças os trabalhadores permanecem pulverizados: “incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome”⁶¹. Ou seja, aquele que é explorado por meio do trabalho dificilmente conseguirá romper com

sumário

tal situação sozinho. Assim, “o processo de formação da consciência de classe coincide com a ascensão de uma organização de classe abrangente. Esses dois aspectos apoiam-se mutuamente”⁶².

Ao mesmo tempo, o fato desse incômodo surgir em Gordon denuncia ao menos insinuações de uma visão crítica do nosso protagonista. Afinal, caso não se mostrasse farto da condição de exploração de uns por outros, seria impossível constatar que haveria uma leve consciência a respeito da organização social. Gordon percebe seu potencial de transformação, ele é capaz de notar algo de errado com a prevalência do capital, mas o problema está no fato de que sua tentativa é realizada solitariamente.

A percepção de mundo de nosso protagonista se manifesta a partir de sua obsessão com o dinheiro, que se transforma em um ressentimento persistente. Esse ressentimento se alastra e contamina todas as esferas de sua vida, principalmente na sua relação com os intelectuais. O olhar rancoroso e amargurado desvenda comportamentos dirigidos incessantemente à elite intelectual, submersa na comodidade do meio artístico. A compulsão de Gordon com o dinheiro se desdobra em rancor direcionado à classe dos intelectuais e artistas.

Da mesma maneira em que se preocupa sobre a quantidade de moedas tilintando no bolso, Gordon está constantemente obcecado com as impressões que pode causar quando existe a possibilidade de interagir com esses intelectuais: “*social life is so complicated when your income is two quid a week*”⁶³. No início da narrativa, em um episódio em que é convidado para um jantar na casa de um crítico literário, que promovia “*literary tea-parties*”⁶⁴, podemos observar essa obsessão se desenvolver:

(...) That was just for the look of the thing. You can't, of course, go to other people's houses with NO cigarettes. But if you have even one it's all right, because when people see one cigarette in a packet they assume that the packet has been full. It is fairly easy to pass the thing off as an accident.

sumário

'Have a cigarette?' you say casually to someone.

'Oh—thanks.'

You push the packet open and then register surprise. 'Hell! I'm down to my last. And I could have sworn I had a full packet.'

'Oh, I won't take your last. Have one of MINE,' says the other.

'Oh—thanks.'

And after that, of course, your host and hostess press cigarettes upon you. But you must have ONE cigarette, just for honour's sake.

(...) Those wonderful, witty, erudite conversations that he imagined beforehand—they never happened or began to happen.
(...) For the most part Gordon found himself hanging about on the edges of conversations.⁶⁵

Caminhando pelas ruas de Londres em direção à casa do crítico literário, Gordon mergulha em uma linha de pensamento obsessivo-compulsivo sobre a manutenção das aparências, "*That was just for the look of the thing*", metonimizada na escassa quantidade de cigarros que possui. Sua preocupação recai no cigarro, símbolo socialmente construído para mediar interações sociais, ícone cultural de sofisticação em forma de *commodity*, popularizado graças à distribuição gratuita de tabaco às tropas durante a Primeira Guerra Mundial, nas *reserved rations*⁶⁶. Todo intelectual dito como de respeito sempre estava munido de um bom livro e um maço de cigarro, pois "objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente"⁶⁷.

Gordon considera indispensável ter ao menos um cigarro guardado, para sustentar a imagem de que se trata do último dentre muitos. Com isso, cabe ao interlocutor inferir a situação social de nosso protagonista, alguém capaz de comprar uma quantidade indeterminada de maços de cigarros, oferecidos casualmente em um evento social. Ao assumir que o maço estava cheio ao se deparar com o último cigarro, sobrevivente graças à contagem rigorosa da semana, Gordon se sente salvaguardado pela esfera das aparências. Para conseguir,

sumário

e portanto manter, a estima dos outros não é suficiente apenas possuir riquezas ou poder. Riqueza e poder devem ser colocados em evidência, uma vez que a estima alheia só é concedida por meio de evidências⁶⁸.

A lógica do consumo leva Gordon à obsessão em manter a aparência de um suposto membro da elite intelectual, alguém que ostenta cigarros, distribuindo-os pelos encontros sociais. Esse movimento está inserido no consumo conspícuo⁶⁹, em que a classe média desprovida do conforto da burguesia aplica todo o seu escasso dinheiro em mercadorias e recursos que aparentam um status social mais elevado. Isso pode se desdobrar no lazer conspícuo, em que são somados esforços em dedicar tempo a afazeres da classe alta que, por sua vez, criam a ilusão de determinado status elevado, tal como a prática de esportes de luxo e o consumo das Belas Artes.

A manutenção das aparências se sedimenta na forma literária com a elaboração de um diálogo que existe somente na mente de Gordon. Um artifício que justificaria o único cigarro que tem no bolso como algo nobre, ocultando a plena miséria de ser seu único cigarro – e não último de muitos. A maneira como Gordon manipula os fatos para que se encaixem na lógica da elite intelectual desvela seu ressentimento de classe, a todo momento enrustido.

Na elaboração desse diálogo fictício – uma ficção dentro da ficção – existe uma simetria posta na forma do discurso direto, no que concerne o tipo de resposta automática: “*Oh – thanks*”. Aqui temos o enunciado sendo proferido em dois momentos: primeiro o agradecimento de quem Gordon ofereceria o cigarro, de modo que o hífen parece representar uma pausa recorrente do discurso oral. Em um segundo momento o agradecimento é feito por Gordon, que recebe um cigarro de seu interlocutor imaginário, em vez de desperdiçar o seu último, solitário no maço, de forma que o hífen também atesta uma pausa, indicando a surpresa falsa. Essa pausa mantém a aparência de banalidade da interação, mascarando o desespero de se manter a integridade, uma questão de honra – “*just for honour’s sake*”.

sumário

Só é possível constatar o absurdo da obsessão de Gordon em simular interações quando o narrador elucida a inexistência de tais conversas, algo formalmente apresentado por meio do hífen: “– *they never happened or began to happen*”. Somos colocados em um patamar afastado do ponto de vista de Gordon para perceber o tamanho do esforço mental que ele constrói, a fim de se manter como uma figura semelhante aos demais, mesmo que hipoteticamente. Essa distância crítica da instância narrativa também pode ser observada no contraste entre os adjetivos que Gordon parece elaborar para si mesmo “*witty, erudite conversations*” e o comentário do narrador logo em seguida, sobre a inexistência de tais conversas, por sua vez ironizando o uso dos adjetivos escolhidos pelo nosso protagonista. Estamos diante do ridículo, do ego apequenado, que precisa a todo custo simular alguma equivalência em relação à classe alta, a fim de colher os mesmos frutos.

Além do ridículo da elaboração do diálogo para justificar seus atos, a voz narrativa posiciona nosso protagonista no exato lugar a que ele pertence na sociedade de classes: “*Gordon found himself hanging about on the edges of conversations.*” Ele está à margem, apartado do deleite da elite artística. Parece não ter – na maioria das ocasiões – consciência dessa marginalidade, ao contrário do narrador.

sumário

1.3 NA MARGEM DO SISTEMA

Por estar à margem, nosso protagonista vivencia um ciclo: entre o constante desejo de pertencer e a sensação real de exílio, um exílio dos que não desfrutam das benesses do dinheiro, aspecto visível do constante embate de classes. Muitas vezes essas questões aparecem em acessos de fúria, que funcionam como lampejos de tomada de consciência. Em alguns momentos percebe o abismo que existe entre ele e os intelectuais endinheirados:

sumário

Gordon gazed at the thing with wordless hatred. Perhaps no snub in the world is so deadly as this, because none is so unanswerable. Suddenly he loathed his own poem and was acutely ashamed of it. He felt it the weakest, silliest poem ever written. Without looking at it again he tore it into small bits and flung them into the wastepaper basket. He would put that poem out of his mind for ever. The rejection slip, however, he did not tear up yet. He fingered it, feeling its loathly sleekness. Such an elegant little thing, printed in admirable type. You could tell at a glance that it came from a 'good' magazine—a snooty highbrow magazine with the money of a publishing house behind it. Money, money! Money and culture! It was a stupid thing that he had done. Fancy sending a poem to a paper like the *Primrose*! As though they'd accept poems from people like HIM. The mere fact that the poem wasn't typed would tell them what kind of person he was. He might as well have dropped a card on Buckingham Palace. He thought of the people who wrote for the *Primrose*; a coterie of moneyed highbrows—those sleek, refined young animals who suck in money and culture with their mother's milk. The idea of trying to horn in among that pansy crowd! But he cursed them all the same. The sods! The bloody sods! 'The Editor regrets!' Why be so bloody mealy-mouthed about it? Why not say outright, 'We don't want your bloody poems. We only take poems from chaps we were at Cambridge with. You proletarians keep your distance'? The bloody, hypocritical sods.⁷⁰

Gordon manuseia colericamente uma carta de rejeição de publicação de seus escritos, acrescido do sentimento de fraqueza, vergonha de si e da sua própria poesia. Ele manuseia a carta que possui aspectos requintados, cuja fineza contrasta com seu poema escrito à mão e com seus sentimentos de fúria e ressentimento.

Tal inferioridade aparece de maneira clara no manejo da linguagem nessa passagem, principalmente quando Gordon é colocado em letras maiúsculas, *HIM*, em contraposição com *they*, os intelectuais encarregados da revista. A lógica permanente de coexistência de opostos ocupa um lugar evidente na forma: aquele que está sendo inferiorizado é grafado em letras maiúsculas, enquanto os superiores são grafados em minúscula.

O embate entre a elite intelectual e Gordon, um escritor visto por eles como menor, pode ser entendida a partir da importância de se manter um status nos círculos literários. Os editores possuem o poder de escolha dos textos publicados, pois lhes foi conferido o status de intelectuais da elite londrina. Tal status provém de uma estratificação social, o que muito se relaciona com o papel desse seletivo grupo, inseridos no topo da lógica de produção econômica. O que vemos no fluxo de furor do nosso protagonista nada mais é do que o embate entre duas classes sociais: o intelectual de elite, que por sua vez defende valores hegemônicos e não precisa vender sua capacidade de trabalhar, e o trabalhador cerebral, cujo trabalho envolve ideias e a escrita, mas que, de toda forma, tem de vender sua força de trabalho.

Esse ideário sancionado pela elite se mantém no embate decorrente da estratificação social, reforçando uma “escala de valores em que assenta a avaliação de inferioridade-superioridade dos papéis sociais”⁷¹. Por conta disso, a prioridade é a manutenção das aparências: para garantir a sobrevivência de um panorama desigual, de forma que poucos ocupam posições elevadas, enquanto a vasta maioria perece e se desdobra para simular o mesmo padrão de vida da alta sociedade. Tendo isso em mente, podemos notar como nosso protagonista se percebe como inferior aos intelectuais de elite, justamente por conta do enfrentamento existente nas sociedades baseadas no antagonismo entre diferentes grupos. Gordon materializa essa dinâmica de disputa por favorecimento, privilégio e prestígio.

A fúria de nosso protagonista pode ser vista como um reflexo do seu desejo intenso de pertencer a este círculo de intelectuais. Constatar que não faz parte deste seletivo grupo – a tal tomada de consciência – lhe faz desprezar a sua própria produção artística: “*Suddenly he loathed his own poem and was acutely ashamed of it*”. A existência do comitê da revista *Primrose*⁷² e seu confronto com aqueles em um patamar superior, pode ser vista como uma manifestação diluída do embate entre classes sociais. O que está em jogo é a distinção social, valores que “atestam o valor social reconhecido à determinada pessoa”⁷³.

sumário

A reação raivosa de Gordon se manifesta pelo narrador, em uma mistura de fluxo de consciência e discurso indireto livre. Dessa forma nosso protagonista, excluído de um grupo que produz cultura elevada sustentada pelo capital, categoriza a si mesmo como proletário. Temos acesso direto à voz de Gordon ao conjecturar uma resposta sincera da editora: “*We don’t want your bloody poems. We only take poems from chaps we were at Cambridge with. You proletarians keep your distance*”, fica clara a distinção entre nós – os editores *highbrows* que frequentaram Cambridge – e vocês – o proletariado em que Gordon se enquadra, apesar de constantemente tentar escapar “*just for the look of the thing*.”⁷⁴. Esse contraste sistematizado na forma evidencia o lugar periférico de Gordon perante o círculo erudito.

Os intelectuais são tão inatingíveis para Gordon quanto a monarquia, metonimizada no Palácio de Buckingham: “*He might as well have dropped a card on Buckingham Palace*”. E o divisor comum sempre recai sobre o altar do dinheiro, inscrito na cultura, por ser afinal um dos principais “elementos simbólicos da vida social”⁷⁵. Com isso, observamos o acúmulo de funções do dinheiro ao longo da narrativa, adentrando agora na esfera cultural e da solidificação das instituições que o mantém. Assim o dinheiro vai se tornando um dos principais símbolos do romance, ganhando complexidade. Temos uma classe abaixo da elite intelectual, iludida em compartilhar dos mesmos benefícios, assentindo com as normas do sistema em conviência absoluta a tais instituições.

Por sua vez, tais instituições são animalizadas e infantilizadas em jovens que têm o acesso inato a determinado capital cultural, da mesma forma como são amamentados pela mãe: “*refined young animals who suck in money and culture with their mother’s milk*”. A elite intelectual herda do berço propriedades materiais e títulos e, conseqüentemente, “herdam de suas famílias um patrimônio cultural diversificado composto de estruturas mentais, maneiras de pensar o mundo (...) os quais transformam em vantagens”⁷⁶. A herança desta casta nobre se dissipa em dois patamares: patrimônios físicos, que perpassam o mundo concreto; e patrimônios culturais, que atingem a esfera abstrata, competências

sumário

de interpretação e compreensão do mundo, metamorfoseadas em distinção social e intelectual. Esse patrimônio herdado confere à “divisão da sociedade em classes, ou estratos sociais”⁷⁷, afinal a maneira como a vida material é produzida impõe um limite ao tipo de instituição cultural, política, legal e social construída por eles⁷⁸.

Essa diferenciação entre Gordon – agora já inserido conscientemente no proletariado – e os editores, pode ser lida como um reflexo da produção cultural e sua relação com a estrutura da sociedade. A cultura faz parte de um grande conglomerado, a superestrutura, dentro da categoria de instituições que “desempenham essa tarefa em grande parte por meio da produção de ideias que legitimam o sistema”⁷⁹. Essas instituições reafirmam, na maioria das vezes, os valores da infraestrutura⁸⁰, ou seja, as relações econômicas. O comitê editorial da *Primrose* possui um papel muito claro com relação a Gordon e, por consequência, a todos aqueles que coabitam as masmorras da prole, afinal quem “controla a produção material costuma controlar, também, a produção mental”⁸¹.

Excluído do mundo da cultura, Gordon alimenta cada vez mais sua obsessão com o dinheiro. O seu comportamento, ironicamente, faz com que ele seja um exemplo nítido de suas teorias infundadas, em que ridiculariza os valores da classe alta. Nosso protagonista é a prova da brutalidade da lógica do dinheiro⁸². Sua fixação monetária se traduz na preocupação em finalizar o seu novo poema, *London Pleasures*, uma vez que é excluído do círculo intelectual da revista *Primrose*.

Quanto mais nosso protagonista se afunda em sua obsessão pelo deus do dinheiro, mais parece escancarada a sua inutilidade no tecido social, como produtor de objetos culturais. Ele não se afilia à elite, uma vez que não pertence a essa camada e é veementemente excluído dela pelos editores aristocratas e, ao mesmo tempo, não assume seu papel como trabalhador da inteligência. Assim, Gordon compactua com o sistema que o oprime, com a intenção de manter algumas migalhas de privilégio: o acesso aos ciclos literários, mesmo que de forma marginal e o exercício de uma atividade em que não é explorado fisicamente e, sim, mentalmente.

sumário



2

O MUNDO
SOCIAL

2.1 EGOÍSMO E PRIVILÉGIOS

Privilege is not in and of itself bad; what matters is what we do with privilege. Privilege does not have to be negative, but we have to share our resources and take direction about how to use our privilege in ways that empower those who lack it.

bell hooks, Homegrown: Engaged Cultural Criticism

Gordon possui um ressentimento que perpassa todos os aspectos de seu cotidiano. Na tentativa de entender esse procedimento, podemos nos voltar à história de sua família, conforme apresentada pelo narrador. Assim, temos alguns elementos chave que revelam um personagem insatisfeito, sempre de maneira superficial, interessado constantemente em fazer um juízo de valores delimitado pelas aparências.

The Comstocks belonged to the most dismal of all classes, the middle-middle class, the landless gentry. In their miserable poverty they had not even the snobbish consolation of regarding themselves as an 'old' family fallen on evil days, for they were not an 'old' family at all, merely one of those families which rose on the wave of Victorian prosperity and then sank again faster than the wave itself.⁸³

A família Comstock é situada no setor intermediário da classe média, uma parcela da sociedade que detinha pequenos privilégios, mas ao mesmo tempo sem muitas posses. Estamos diante daqueles que contam com a sensação de pertencimento aos círculos restritos e afortunados, mas que não possuem o pré-requisito principal para usufruir dos confortos da classe alta: a propriedade privada. “Embora essa esperança pudesse ser suficiente para alguns que tivessem conseguido subir e sair da classe operária (...) era perfeitamente evidente que a maioria dos trabalhadores permaneceria trabalhadora por toda a vida, e de fato o sistema econômico requeria deles exatamente isso”⁸⁴.

Esse setor intermediário da classe média não desfruta nem ao menos do consolo de pertencer à categoria de uma família tradicional

sumário

que foi à falência, uma vez que sequer obedece aos padrões de antiguidade e respeitabilidade que forjam os preceitos do tradicionalismo. Seu lugar é instável, precário. Essa situação cria a vulnerabilidade permeável às concepções mantenedoras da ordem social, terreno fértil para o turbilhão de contradições em que “nos países do Velho Mundo a classe média acreditava que os trabalhadores deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado da inferioridade de classe.”⁸⁵

Os Comstock são um caso comum daqueles que ascenderam levemente na transição do século XIX para o XX, com a prosperidade propiciada pela era Vitoriana⁸⁶. O crescimento econômico forneceu recursos aos grandes aristocratas e fez com que todos aqueles a seus pés se contentassem com algumas moedas, no conhecido estratagemma para evitar reformas mais profundas. Esse aumento do poder aquisitivo teve consequências. A recente possibilidade de compra de produtos básicos fez com que alguns setores intermediários da população não mais percebessem sua real condição de trabalhadores. Contudo, esse súbito crescimento proveniente das migalhas da segunda fase da Revolução Industrial e da urbanização de Londres⁸⁷ foi um fenômeno efêmero. Os Comstock passam a levar um tipo de vida “*peculiarly dull, shabby, dead-alive, ineffectual*”⁸⁸, entorpecidos no cotidiano, na mediocridade da classe média empobrecida pauperizada, cuja vida gira em torno de jornadas repetitivas e enfadonhas. Só lhes resta serem levados por uma maré de conformidade, que arrasta e amortece: “*they just drifted along in an atmosphere of semi-genteel failure*”⁸⁹.

São gerações e mais gerações de pessoas que – nos padrões hegemônicos – não produzem nada relevante, apenas existem. Gordon destaca que sua família não tem nada e não produz nada: “*any sort of mark in the world, or creating anything, or destroying anything, or being happy, or vividly unhappy, or fully alive, or even earning a decent income*”⁹⁰. Isso restringe seu ponto de vista sobre si mesmo e sobre os outros à sua volta. Embora esteja certo sobre alguns aspectos, o que incomoda nosso protagonista a respeito de sua origem apenas faz

sumário

com que ele se concentre nos resultados, no que está aparente, e não nos motivos fundamentais que organizaram a sociedade dessa forma.

Ao concentrar sua atenção na falta de posses, na ausência de qualquer distinção intelectual, Gordon não reflete sobre o fato de que essa classe, em sua visão tão medíocre, é também ela um dos sustentáculos da sociedade: “*He blamed his parents for their poverty as though they had been poor on purpose*”⁹¹. Os Comstock lhe parecem ser pobres de propósito. Escapa da análise de nosso protagonista o fato de que sua família faz parte daquele grupo de pessoas que têm de vender sua força de trabalho. A forma como vivem não é um problema de índole moral.

A impressão acerca de sua família talvez nos faça perceber como Gordon mantém algumas ilusões, dentre elas a de pertencer à elite. Mentalmente habita um mundo que não é o seu. Seu preconceito parece vir de outro setor. Seu desprezo é dirigido aos seus semelhantes. E tais posturas acabam por extrapolar o universo familiar. Com um ressentimento generalizado, que se estende a todos ao seu redor, percebemos a névoa de seus enganos: aquilo que o faz avaliar a sociedade de maneira superficial. Imerso nas aparências, sem discernimento crítico, Gordon cultiva um contínuo ressentimento. Nosso protagonista cria seu próprio mundo, de maneira escapista, em que manipula a lógica para inventar uma noção distorcida da realidade, em que é possível minimizar sua participação e responsabilidade⁹². Entretanto, isso acarreta uma contrapartida, um efeito colateral nefasto: a miragem que permite a autocondescendência é a mesma que prejudica a percepção sobre o funcionamento das estruturas sociais mais profundas.

A hierarquização de classes sociais, “*middle-middle class, the landless gentry*” reforça a ideia de “uma estratificação monetária, mas também é interpenetrado por uma espécie de sistema de castas que atua nas sombras; mais ou menos como um bangalô moderno meio desconjuntado, assombrado por fantasmas medievais”⁹³. Gordon percebe a estratificação social, porém não identifica suas raízes. Distingue setores dentro da classe média, mas não tira consequências a partir

sumário

disso. A aparência se torna uma obsessão. Nosso protagonista não estabelece esta correlação: o inferno familiar é também um inferno social.

Na conjuntura familiar enfadonha, em que *"nothing ever happens"*⁹⁴, Gordon desenvolve um rancor pela herança que carrega: *"Every one of them seemed doomed, as though by a curse, to a dismal, shabby, hole-and-corner existence"*⁹⁵. Parece ser uma maldição da classe média que, geração após geração, transmite o legado de sua miséria. No entanto, são esses mesmos familiares "amaldiçoados" que dispensam os poucos recursos restantes na educação do único filho homem. Gordon representava um potencial de ascensão social, afinal *"it had early been decided in the family that Gordon was 'clever'"*⁹⁶. E essa decisão tem um custo para as mulheres de sua família, principalmente sua irmã Julia, que trabalhavam horas a fio na esperança de custear estudos do caçula: *"it seemed natural to everyone that 'the girl' should be sacrificed to 'the boy'."*⁹⁷ Quanto mais ela se desdobrava em jornadas de trabalhado infinitas, mais crescia o rancor de Gordon com relação à condição precária de sua família:

He had declared war on money but that did not prevent him from being damnably selfish. Of course he dreaded this business of going to work. What boy wouldn't dread it? (...) They seemed to want to see every young man in England nailed down in the coffin of a 'good' job. (...) He [the doctor] had told her [Gordon's mother] to take care of herself, keep warm, eat nourishing food, and, above all, avoid fatigue. (...) Gordon knew nothing of this. Julia knew, however. It was a secret between the two women, carefully kept from Gordon. (...) Julia, already, at one-and-twenty, a dutiful, resigned drudge who worked twelve hours a day and never had a decent frock. But he grasped now what was the matter with them. It was not MERELY the lack of money. It was rather that, having no money, they still lived mentally in the money-world — the world in which money is virtue and poverty is crime. It was not poverty but the downdragging of RESPECTABLE poverty that had done for them. They had accepted the money-code, and by that code they were failures. They had never had the sense to lash out and just LIVE, money or no money, as the lower classes do. How right the lower classes are! Hats off to

sumário

the factory lad who with fourpence in the world puts his girl in the family way! At least he's got blood and not money in his veins.⁹⁸

A naturalização do sacrifício feminino em prol do sucesso masculino revela o espaço de privilégio ocupado pelo nosso protagonista. Enquanto Julia passava doze horas em uma jornada de trabalho desgastante, Gordon “*dreaded this business of going to work. What boy wouldn't dread it?*” Desde jovem ele é poupado, pois devido à divisão sexual do trabalho⁹⁹ tem acesso à educação graças ao sacrifício da irmã. Uma herança da distribuição do trabalho na revolução industrial, em que grande parte das tarefas era destinada a mulheres e crianças, em que a “mão de obra barata (de mulheres e adolescentes) permitia uma elevada transferência dos rendimentos do trabalho para o capital”¹⁰⁰.

As atitudes egoístas de Gordon ficam plasmadas na forma literária. O narrador atua quase como um personagem¹⁰¹, tecendo juízos sobre as atitudes do protagonista. Podemos constatar o comentário ácido, no emprego do advérbio e do adjetivo ao final da frase: “*He had declared war on money but that did not prevent him from being damnably selfish*”. Gordon se comporta de maneira individualista, ao recusar buscar um trabalho e ser sustentado pela irmã. Além de classificar a atitude cômoda de Gordon, o narrador apresenta as justificativas: “*Of course he dreaded this business of going to work. What boy wouldn't dread it?*” Com isso, a narração feita a partir de determinado ponto de vista permite acesso à consciência do protagonista, cuja perspectiva conduz grande parte do romance¹⁰².

Somos levados pela lógica apequenada de Gordon, “*What boy wouldn't dread it?*”, mas em alguns momentos a instância narrativa se afasta dele com a intenção de criticá-lo: “*being damnably selfish*”. Isso faz com que ora pareça estar de acordo com Gordon, ora pareça tomar distância para arbitrar e julgar. Essa transição, entre a avaliação do narrador e a aparente concordância com a linha de pensamento do protagonista, é primorosamente construída por meio do discurso indireto livre.

sumário

O uso desse recurso discursivo faz com que, nos momentos em que o narrador parece concordar com Gordon, os pensamentos do protagonista estejam substituindo a voz do narrador onisciente seletivo¹⁰³. Isso pode ser visto em detalhe, nos momentos em que a narração altera discretamente sua perspectiva e adota uma marcação linguística que alerta para a mudança de focalização interna. Estamos perante à oscilação de opinião, manifesto no uso da construção “*damvably selfish*” e no emprego do verbo na frase “*he dreaded this business*”.

Essa ironia narrativa constrói o retrato de um Gordon imaturo, que não refletiu minuciosamente sobre todas as implicações de seu sistema de crenças¹⁰⁴. Ao recusar viver sob o domínio do dinheiro, busca um emprego sem contemplar as consequências práticas, que recaem sobre a irmã, obrigada a se sacrificar pelo irmão, tido como o mais inteligente da família. Porém, trata-se de um fardo para ambos: por um lado, ocorre a imposição de um suposto potencial intelectual de Gordon, potencial este que, uma vez concretizado, poderia significar dias melhores para a família; por outro lado, existe a imposição da responsabilidade pelo sustento financeiro que recai sobre Julia, considerada inferior, e vista como objeto e não como um sujeito¹⁰⁵. Ela sofre a pressão advinda das demandas práticas, enquanto ele sofre outro tipo de tensionamento – aquele que incide sobre suas habilidades intelectuais, a outra face do privilégio por estar fora do mercado de trabalho.

Gordon é poupado dos sacrifícios assumidos pela irmã e, com isso, desconhece o adoecimento da mãe, algo que permanece em segredo entre as duas mulheres. Quando ele se dá conta dessa questão, sua reação é a de equiparar o comportamento das duas com relação à ausência de dinheiro: “*It was rather that, having no money they still lived mentally in the money-world — the world in which money is virtue and poverty is crime*”. Mesmo não tendo condições financeiras, a família persiste mentalmente na lógica do dinheiro. E essa lógica parece se aplicar ao protagonista, mesmo sem que ele perceba. Ele exclui a si mesmo da condição dos que concordam com a lógica do dinheiro: “*they still lived*”, por isso o uso do pronome da terceira pessoal do plural.

sumário

Dessa forma, a penúria, mesmo não sendo abstrata, surte efeito somente na mente de Gordon, justamente por afetar apenas alguns aspectos de sua vida. Ao refletir sobre a condição precária da mãe e da irmã, ele acaba revelando alguns aspectos de si mesmo. Após o sacrifício de Julia, Gordon consegue um emprego numa agência de publicidade, local que catalisa seu rompimento com o sistema regido pelas trocas monetárias. Em virtude disso, pede demissão e embarca na sua jornada contra o dinheiro, indo trabalhar no sebo de venda de livros. Devido à abnegação de Julia, Gordon tem uma gama de escolhas indisponíveis para sua irmã e sua mãe. Provido de possibilidades, sem tomar para si nenhuma das responsabilidades, nosso protagonista inicia sua tentativa de isolamento em relação ao dinheiro, procurando viver à margem da sociedade. Ele escolhe não ser um miserável por completo, em que a pobreza toma conta do corpo e de toda sua vida material. Podemos começar a entender como ele se propõe uma empreitada em que será o único a sofrer as consequências.

No “código do dinheiro” a pobreza é um crime. Na lógica do capital aqueles que não o possuem são justamente aqueles que o sustentam. E nesse limiar Gordon se coloca no limbo que o permite escapar da penúria absoluta. Mas existe uma distinção entre dois tipos de pobreza, uma generalizada e uma tida como respeitável: *“It was not poverty but the downdragging of RESPECTABLE poverty that had done for them”*. Deparamos com um juízo de valor, uma idealização da condição dos que de fato vivem na pobreza, algo visto como algo respeitável, digno.

A família de Gordon havia aceitado as normas do dinheiro, “e nos termos desse código eles¹⁰⁶ eram fracassados”, ou seja, não podiam ser vistos como pobres que obedeciam aos critérios da penúria idealizada. *“How right the lower classes are!”*: talvez num detalhe da frase possamos constatar a construção fantasiosa a respeito das classes baixas, principalmente na pontuação, com o emprego da exclamação. O argumento de Gordon permanece enfatizado, transposto na narração por intermédio do discurso indireto livre novamente.

sumário

Nosso protagonista fetichiza a pobreza para esconder sua própria condição. Segundo ele, sua família não tem “*the sense to lash out and just LIVE*”, como as classes baixas. Mas essa linha de raciocínio possui equívocos. Gordon constantemente evita refletir sobre seu papel no jogo de relações que consubstanciam a matéria social. Na sua lógica, muito próxima de estereótipos hegemônicos, as classes baixas parecem desprendidas e repletas de bom senso por não terem “*money in his veins*”. Mas isso nada tem a ver com desprendimento. Constitui antes a realidade feita de necessidade, escassez e privação. Resultado de um processo histórico em que um gigantesco contingente da população tem sido tolhido de qualquer possibilidade emancipadora: seu trabalho sustenta a produção de excedentes que são apropriados por uma minoria. O discurso sobre “desprendimento” é um instrumento de dominação ideológica, uma falácia atrativa para Gordon e todo um setor de trabalhadores intelectuais que, por ignorância ou interesse, não admitem que as “classes constituem (...) um sistema de relações em que cada classe pressupõe a existência de outra, ou de outras; não pode haver burguesia sem proletariado, e vice-versa”¹⁰⁷. Ou seja, esse tal “desprendimento” não passa da exclusão disfarçada pelos véus de exploração.

sumário

2.2 EMBATES FAMILIARES

Gordon lamenta o fato de sua família não ter dinheiro e, ao mesmo tempo, não parecer digna, tal qual os pobres no imaginário criado por alguns padrões dominantes. Essa insatisfação interminável impede reflexões mais consistentes. Seu mal-estar gera conclusões parciais, permanecendo na esfera artificial dos sintomas, sem chegar de fato ao cerne da questão. Pairando em abstrações, pisando em nuvens, Gordon busca se apartar do código do dinheiro por meio da escrita:

“(...) But still, it was not the desire to ‘write’ that was his real motive. To get out of the money-world—that was what he wanted. Vaguely he looked forward to some kind of moneyless, ancho-rite existence. He had a feeling that if you genuinely despise

money you can keep going somehow, like the birds of the air. He forgot that the birds of the air don't pay room-rent. The poet starving in a garret—but starving, somehow, not uncomfortably—that was his vision of himself.”¹⁰⁸

O narrador revela o verdadeiro desejo do protagonista: sair da lógica do dinheiro. Sua pretensão era se afastar do convívio humano, buscar o completo isolamento que permitisse estar “livre do dinheiro”, como um monge recluso em retiro. Essa imagem do anacoreta, que alcança um estado de graça por meio da contemplação solitária, situa o devaneio artístico de Gordon. Além de fetichizar os mais pobres, ele romantiza a imagem do artista que se isola, em penúria, sem aparentar sofrimento: “*but starving, somehow, not uncomfortably*”. Observamos de certa forma atônitos – nós e o narrador – a imagem por meio da qual Gordon salienta seu rompimento com a lógica do dinheiro: como um pássaro que vive do ar.

Gordon permanece descolado da realidade, imerso em divagações românticas. Convencido de que era preciso estar apartado da sociedade, a fim de produzir algo relevante e ser reconhecido. “A confiante crença burguesa de que o sujeito individual isolado era a fonte e a origem de todo o significado”¹⁰⁹ faz com que Gordon resista ao fato de que seu meio de fuga, a escrita, pode também ser uma mercadoria, como qualquer outra¹¹⁰. Está tão imerso na lógica do trabalho quanto sua irmã, porém sob a ilusão do isolamento da produção intelectual vista como algo superior. Entretanto, para além das abstrações do personagem, o sistema fundado na exploração da força de trabalho não desaparece, está onipresente. Mesmo como escritor desconhecido, Gordon “deve vender a sua capacidade de trabalhar, comprometendo-se a exercer o trabalho (...) em troca de uma soma de dinheiro, ou seja, do salário”¹¹¹. Seja no seu ofício na livraria, seja nas tentativas de publicar seu poema, Gordon não pode abandonar todo e qualquer tipo de trabalho: está envolto num sistema de classes, mesmo que se recuse a perceber isso.

sumário

Em consequência, seu ressentimento, que tem início na condição financeira de sua família, passa a tomar conta de suas escolhas. Tem a sensação de que, se desprezasse o dinheiro, seria possível continuar vivendo – como pássaros que vivem do ar. O descolamento da visão narrativa realça o labirinto do personagem: “*He forgot that the birds of the air don’t pay room-rent*”. O narrador se afasta da linha de pensamento de Gordon, revelando a incoerência da comparação, uma vez que os pássaros não precisam pagar aluguel.

Por meio do antagonismo de pontos de vista construído pela instância narrativa, são desveladas todas as contradições sociais as quais Gordon recusa perceber. Temos acesso a um narrador crítico, de uma consciência aparentemente superior à do protagonista. Nos primeiros capítulos do romance estamos imersos na visão restrita e autoabsorvida do protagonista, de forma que a maior parte das ações estão entrelaçadas pela rede de pensamentos de Gordon, muitas vezes beirando o cinismo¹¹². O narrador revela comicamente esse ponto de vista reducionista, construindo uma ironia que expõe o quanto Gordon não percebe claramente o conteúdo de suas próprias opiniões. Isso também dificulta a percepção em relação a outras perspectivas¹¹³.

A perspicácia do narrador fica evidente quando comenta as condições materiais que impedem a idealização da reclusão artística tão almejada pelo protagonista. Mesmo com a recusa ao dinheiro e uma visão aparentemente anticapitalista, Gordon não tem em mente questões de ordem material, como o pagamento de aluguel. Ele deseja ser o tipo de escritor que passa fome sem sofrer nenhum desconforto – como se fosse possível uma existência de um Werther goethiano, pautada no sofrimento: “*he only wanted to be left alone – alone to sulk in despair*”¹¹⁴. Gordon pretende ser o poeta isolado no sótão, pois para ele esse retiro seria resultado de prestígio e reconhecimento do ideal artístico. Porém lhe escapa, por exemplo, a percepção de que “a concentração exclusiva do talento artístico em alguns indivíduos e, com isso, a sua permanente asfixia em meio às grandes massas é consequência da divisão do trabalho”¹¹⁵.

sumário

sumário

O narrador constrói cautelosamente a imagem de um personagem incoerente. Uma imagem pautada pelo ressentimento, que atravessa o romance e se desdobra na maior parte das relações sociais de Gordon. Sua postura é ambivalente, com mais tons de mágoa do que de crítica genuína. A pobreza da família e a suposta dignidade das classes baixas, os intelectuais e a literatura, assim como os livros mais vendidos diante de seus olhos no cotidiano da livraria: tudo isso gera frustrações pautadas pelo ressentimento. Parece motivado mais por interesses pessoais do que por ímpeto altruísta, que reconheça a injustiça inerente ao sistema de compra e venda da força de trabalho. Essa dificuldade em tomar consciência da capacidade transformadora da classe trabalhadora se traduz no sentimento de inércia. O desencanto de Gordon surge como uma sensação de fragmentação: “(...) [the] *sense of disintegration, of decay, that is endemic in our time, was strong upon him.*”¹¹⁶. Talvez seja justamente em meio a essa desintegração que, no século XX, uma grande parcela dos britânicos tenha se percebido como membros de um setor populacional maior e mais abrangente, um coletivo que teria de ser visto e reconhecido pelos políticos e pela imprensa¹¹⁷. Uma classe média depauperada, que reconhece traços comuns de incômodo, mas impotente para a ação conjunta.

As insatisfações dessa classe média são transpostas em termos formais pelo olhar crítico do narrador, uma vez que as contradições de Gordon são delineadas por meio do crivo da instância narrativa. Temos, assim, a coexistência de duas vozes dissonantes, o que permite contemplar as limitações da classe média, pressionada pela própria fragilidade de sua situação, mas conivente com a lógica dominante a fim de resguardar alguns privilégios. Temos de um lado, o ressentimento infantil de Gordon – fruto da alienação oriunda, dentre outras razões, da incapacidade de perceber seu lugar nas relações de produção – e, de outro, o narrador distanciado dessa linha de pensamento, revelando constantemente o horizonte ideológico do protagonista. No contraste entre estranhamento social e comentário irônico, é possível perceber uma visão dupla¹¹⁸, potencialmente sensível ao

paradoxo, enriquecida pelas contradições e limitações de Gordon. É no embate entre a voz do narrador e a do protagonista que se torna possível desvelar aspectos latentes da matéria social, aqui concretizados na elaboração estética do romance.

Gordon mantém um comportamento egoísta, apequenado e imaturo ao longo do romance. O único fator que faz com que mude de ideia está no desfecho da obra. Rosemary, sua namorada, engravida e nosso protagonista se vê obrigado a abandonar a livraria e voltar a trabalhar na agência de publicidade, para poder sustentar a nova família. A relação do casal gira em torno da ideia de que prazer e afeto são regidos pelo dinheiro, ao menos na concepção de Gordon: “*for, moneyless, you are unlovable*”¹¹⁹. Ele encara os relacionamentos afetivos e, principalmente, as mulheres, de maneira muito grosseira: “*For without money, you can't pick and choose, you've got to take what women you can get; and then, necessarily, you've got to break free of them*”¹²⁰.

Ao monetizar os afetos, o protagonista acaba percebendo as mulheres como mercadorias, afinal para ele “*in the last resort, what holds a woman to any man, except money?*”¹²¹. Essa postura reafirma a posição autocentrada de Gordon. Afinal, se as mulheres são vistas como mercadorias e ele renuncia ao dinheiro, elas passam a ser inacessíveis a ele. Sem recursos financeiros não há como adquirir o amor feminino.

Em consequência de tal estrutura de valores, jamais existe a possibilidade de que nosso protagonista veja as mulheres como iguais. Não são indivíduos e sim meros objetos¹²². Mas vale lembrar que, em todo caso, nenhum outro personagem é visto como seu igual, nem em termos de classe, muito menos em termos de gênero. Quanto a esse último parâmetro, a misoginia do protagonista pode ser entendida como um índice que salienta seus dilemas e contradições. Assim, o ressentimento latente de Gordon em relação às mulheres acaba por reforçar os limites da suposta decência em que ele se coloca¹²³.

sumário

Gordon incorpora a si mesmo no universo das mercadorias. Em uma passagem em que perambula por uma rua cheia de lojas, fascinado pelas comidas nas vitrines, ele passa a observar as mulheres na rua: *"None had eyes for Gordon. He walked among them as though invisible, save that their bodies avoided him when he passed them."*¹²⁴ Ele se vê como uma mercadoria exposta para venda, como as vitrines de roupa e dos armazéns, presumindo que as mulheres podem ser compradas e comprá-lo de volta. Noutros termos, para Gordon as relações funcionam como veículo de troca para o intercuro sexual, em que as interações são em sua maioria sórdidas: *"Tarts, also. (...) And even when they were not tarts it had been squalid, always squalid"*¹²⁵.

A formação das contradições de nosso protagonista tem início no primeiro núcleo institucional encontrado na sociedade: a família. Conforme se torna adulto, as relações pautadas no sacrifício da mãe e da irmã contribuem para formar uma imagem estereotipada que Gordon tem das mulheres e do seu papel no convívio social. Assim, reproduzindo valores dos padrões oficiais, nosso protagonista desenvolve um vínculo problemático no que diz respeito aos afetos. A grande baliza de leitura continua sendo o dinheiro. Além da angústia, do desapontamento gerado por obstáculos e barreiras monetárias, Gordon parece obcecado por uma ideia: a escassez financeira é equiparada à falta de vida amorosa. Mais uma vez ele é tomado pelo ressentimento:

This woman business! What a bore it is! What a pity we can't cut it right out, or at least be like the animals—minutes of ferocious lust and months of icy chastity. Take a cock pheasant, for example. He jumps up on the hens' backs without so much as a with your leave or by your leave. And no sooner it is over than the whole subject is out of his mind. He hardly even notices his hens any longer; he ignores them, or simply pecks them if they come too near his food. He is not called upon to support his offspring, either. Lucky pheasant! How different from the lord of creation, always on the hop between his memory and his conscience! (...) He thought of Rosemary, of women in general, and of Rosemary again. All afternoon he had been thinking of her. It was with a kind of resentment that he thought of her small, strong body, which he

sumário

had never yet seen naked. (...) This woman business! Perhaps you'd feel differently about it if you were married? But he had taken an oath against marriage long ago. Marriage is only a trap set for you by the money-god. (...) And what a life! Licit sexual intercourse in the shade of the aspidistra. (...) Nevertheless he perceived that in a way it is necessary to marry. If marriage is bad, the alternative is worse. (...) That, too, was money. Without money, you can't be straightforward in your dealings with women. For without money, you can't pick and choose, you've got to take what women you can get; and then, necessarily, you've got to break free of them. Constancy, like all other virtues, has got to be paid for in money. And the mere fact that he had rebelled against the money code and wouldn't settle down in the prison of a 'good' job—a thing no woman will ever understand—had brought a quality of impermanence, of deception, into all his affairs with women. Abjuring money, he ought to have abjured women to. Serve the money-god, or do without women—those are the only alternatives. And both were equally impossible.¹²⁶

Gordon encara o envolvimento com as mulheres como algo fastidioso. O cenário ideal seria o comportamento animalizado, em que a luxúria se resume a minutos ferozes contrapostos a meses de castidade. A figura do faisão surge como uma metáfora do afortunado, que atua como predador e não se encarrega da prole. A ideia do desencargo das responsabilidades reforça o papel estereotipado que Gordon tem da relação amorosa, em que o homem desfruta dos prazeres carnis e à mulher cabe o cuidado com os filhos. Essa disparidade de papéis, entre homem predador e mulher submissa, reforça a internalização dos valores burgueses na mente de Gordon, conivente com uma ordem construída a partir de uma “desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores” e que “não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher”¹²⁷. Uma ordem que acirra discrepâncias, solidifica iniquidades – e ainda assim estabelece algumas obrigações aos predadores, uma espécie de ônus derivado do exercício do poder. A postura do personagem em relação a isso é reveladora.

Bastante significativo, nesse sentido, é o uso da metáfora do faisão, um ser livre para voar e abandonar a sua prole. O faisão parece representar tudo aquilo que Gordon gostaria de ser e não consegue. Além

sumário

disso, nosso protagonista se incomoda com a perturbação mental que os prazeres carnavais trazem, num tom demasiadamente moralista: o faisão que copula para tirar isso de sua mente está em contraposição com a limitação que a consciência, para Gordon, traz para os instintos humanos, sempre atrelados ao conceito de afeto e reprodução. O faisão é irracional, o homem é o ser pensante, racional. Gordon parece se colocar como uma essência elevada, aprisionada a um corpo regido por prazeres, organizados em uma intrínseca rede de normas sociais. Ele mistura a ideia de materialidade humana com a idealização de uma essência.

A menção ao faisão é algo valorizado por Gordon, uma vez que o animal não está atrelado à responsabilidade da criação da ninhada. Isso afeta diretamente a leitura do desfecho do romance, em que ele engravida Rosemary e os dois se veem fadados ao casamento, de maneira que ele *"surrendered to it, he was at peace"*¹²⁸. Dessa forma, Rosemary parece ser um exemplo por meio do qual o narrador enuncia as falhas existentes na classe média: a mulher que sempre deseja estabilidade financeira, a quem lhe cabe somente a esfera privada e reguladora dos ímpetos da figura idealizada do homem. Esse, por sua vez, pertence ao mundo das ideias e das possibilidades público-sociais. Algo que lembra o valor sancionado socialmente, do "homem que tem que ganhar os meios de vida, alimentar a família, pelo menos nas classes possuidoras; e isso lhe dá uma posição dominadora"¹²⁹.

Essa construção feita ao longo de centenas de anos pautados pelo patriarcado molda a maneira como nosso protagonista pensa sobre Rosemary e as mulheres em geral. Gordon sente um ressentimento de tipo especial em relação à namorada: *"It was with a kind of resentment that he thought of her"*. Quando ele se recorda do corpo pequeno e, ao mesmo tempo, forte da namorada, parece nutrir uma mágoa por nunca a ter visto nua. Sua frustração parece advir do fato de não conseguir exercer o papel de faisão predador. O valor afetivo de Gordon com uma das únicas personagens femininas se restringe aos aspectos físicos dela. O sentido de posse carnal realça a postura protagonista,

sumário

uma postura afeita a padrões de dominação hegemônica. Isso fica patente na sequência do texto. Gordon reflete como seria sua vida caso tivesse sucumbido à instituição do casamento: “*Perhaps you’d feel differently about it if you were married?*”. Assim como acontecera com o dinheiro, o casamento era uma instituição da qual havia prometido escapar: “*But he had taken an oath against marriage long ago*”.

Nosso protagonista se coloca em uma empreitada em que recusa o alicerce material e uma das estruturas provenientes dele, o matrimônio. As correlações entre dinheiro, casamento e ordem social são de certa forma percebidas. Assim como o dinheiro está na base da organização capitalista, o casamento é uma das instituições que se desenvolve através da composição em torno de núcleos familiares e que postula “a existência de um direito materno que teria sido substituído pelo direito paterno, explicitamente chamado (...) de patriarcado”¹³⁰. Mas Gordon intui tais nexos de maneira superficial, pouco consequente.

O casamento e o dinheiro são dois pilares da sociedade burguesa dos quais Gordon deseja escapar. E ambos estão igualmente relacionados, pois, conforme alerta nosso protagonista, o dinheiro funciona como uma armadilha que pode levar à vida matrimonial. Essa relação entre sociedade e casamento possui um paralelo direto no papel exercido por Gordon no que tange a sua namorada. Ele ainda está imerso nas convenções de uma sociedade em que cabe às mulheres a organização do lar, ao passo que aos homens é designada a busca por recursos financeiros. Essa dinâmica familiar passa a ser concentrada em torno dos homens. E, assim, a lógica externa da sociedade se reproduz no ambiente doméstico, de modo similar à linha de pensamento de nosso protagonista, uma vez que “o governo do lar se transformou em serviço privado; a mulher converteu-se em primeira criada, sem mais tomar parte na produção social”¹³¹. Gordon reproduz automaticamente essa visão do que deve ser a convivência a dois, estipulada ao longo dos séculos de ascensão burguesa¹³².

sumário

Essa noção de armadilha reforça os valores mantidos pelo ditame patriarcal segundo o qual o homem está atrelado a uma mulher, e cabe a ele o sustento material: *“Marriage is only a trap set for you by the money-god”*. Gordon se incomoda com esse processo. Tenta escapar das amarras ditadas por tal diretriz e evita a todo custo formar uma família. Rosemary, por sua vez, e devido ao fato de ser mulher, surge aos olhos de Gordon como incapaz de abarcar o conflito intelectual ao qual ele se propõe: *“a ‘good’ job — a thing no woman will ever understand”*. Afinal trata-se de algo incompreensível para uma mulher, visto que tal abstração supostamente não faria parte do processo de socialização feminina, alheia aos afazeres abstratos dos homens, legítimos senhores do mundo e da vida.

2.3 MERCADORIAS, MELANCOLIAS

Tendo em vista o ponto de vista limitado de nosso protagonista, na maioria das passagens ao longo do romance o relacionamento dele com Rosemary é incompleto, ao menos para Gordon. Eles se encontram eventualmente, trocam cartas, passeiam por Londres, mas nunca desfrutam de um momento de intimidade. O convívio deles ocorre sempre em espaços públicos: *“The only place where they could ever be private was the streets”*¹³³. Assim como Gordon se sentia à vontade com Ravelston nas ruas e nunca no apartamento suntuoso do amigo, essa mesma insegurança se manifesta em seu envolvimento com Rosemary. E, assim como os dois, havia muitos casais na mesma situação por toda cidade: *“There are so many pairs of lovers in London with ‘nowhere to go’; only the streets and the parks, where there is no privacy and it is always cold.”*¹³⁴

Em uma única passagem em todo o livro, o casal sai de Londres e passeia por uma área campestre. Estamos diante de uma das poucas demonstrações de felicidade genuína e lirismo¹³⁵: *“They were*

sumário

extravagantly happy. As they walked on they fell into absurd enthusiasms over everything they saw."¹³⁶ Ao estarem afastados de Londres, Gordon e Rosemary entram em um estado contemplativo:

The day was very still and warm. Gordon's prayer had come true. It was one of those windless days which you can hardly tell from summer. You could feel the sun behind the mist; it would break through presently, with any luck. Gordon and Rosemary were profoundly and rather absurdly happy. There was a sense of wild adventure in getting out of London, with the long day in 'the country' stretching out ahead of them.

(...)

The beech woods were beyond. Not a bough or a blade was stirring. The trees stood like ghosts in the still, misty air. Both Rosemary and Gordon exclaimed at the loveliness of everything. The dew, the stillness, the satiny stems of the birches, the softness of the turf under your feet! Nevertheless, at first they felt shrunken and out of place, as Londoners do when they get outside London. Gordon felt as though he had been living underground for a long time past. He felt etiolated and unkempt. (...) They plunged into the woods and started westward, with not much idea of where they were making for—anywhere, so long as it was away from London.¹³⁷

O desejo de se afastarem de Londres parece fazer com que Gordon e Rosemary observem o seu entorno com mais detalhes. A narração nos mostra na forma o uso de adjetivos e substantivos de denotação positiva (*warm, wild, happy, adventure*) assim como a presença de muitos elementos da natureza (*windless days, summer, sun, mist, beech woods, bough, blade, trees, birches, turf, woods*) até então inéditos no enredo. A alegria do casal vem do senso de aventura, de explorar o desconhecido, do deslocamento do cotidiano urbano. O imprevisível faz com que o dia pareça longo e se desdobre diante dos dois: "*the long day in 'the country' stretching out ahead of them*".

A disparidade entre o espaço urbano londrino e o campo parecem refletir algumas contradições internalizadas pelo protagonista. Quanto mais distantes ficam de Londres e a paisagem muda "*the*

sumário

*mean wilderness of London was opening out and giving way to narrow sooty fields*¹³⁸, mais feliz e aliviado o casal parece estar. A felicidade da aventura longe do centro urbano parece advir de uma ideia que se construiu historicamente acerca do contraste entre campo e cidade em que “cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. (...) a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição”¹³⁹.

Imersos no mundo bucólico Gordon e Rosemary observam atentamente a paisagem. A narração parece refletir o estado de espírito dos dois: sentem a maciez da relva com os pés, percebem o silêncio das ruas de pequenas casas, atentos aos elementos da natureza, contemplando a beleza de tudo. Por estarem em um ambiente distinto dos pavimentos londrinos, de início se sentem deslocados, “*they felt shrunk and out of place, as Londoners do when they get outside London*”, o que constrói a ideia de que no meio urbano público, o único acessível para a realização dos afetos de Gordon, ele estaria debilitado. Na cidade Gordon se vê minado de suas possibilidades, estéril na criatividade e nos afetos. Já no campo ele se vê feliz e contemplativo. E assim eles partem rumo a qualquer lugar, conquanto estivessem distantes de Londres, segundo a lógica do protagonista.

Todavia, um desejo mais elementar do que o sensual toma conta dos dois: a fome¹⁴⁰. Após caminharem muito, estão famintos e o único lugar nos arredores era o restaurante de um hotel requintado: “*It did look expensive. It was a vulgar pretentious place, all gilt and white paint—one of those hotels which have overcharging and bad service written on every brick.*”¹⁴¹ Diante da porta do hotel todas as qualidades negativas que Gordon possui enquanto está na cidade voltam, subitamente. Como se retomasse uma memória antiga, a da existência do dinheiro, Gordon se retrai: “*The money in his pocket seemed to shrink to nothing, this was the very opposite to the cosy pub they had been looking for.*”¹⁴² A propósito, os dois ficam desconfortáveis por terem

sumário

como única opção de refeição um lugar suntuoso e que os trataria mal por serem de uma classe inferior “*In such places you are insulted and overcharged almost as a matter of course.*”¹⁴³

Durante toda a cena em que estão no restaurante, Gordon faz questão de esbanjar o pouco que possui, impede que Rosemary divida a conta com ele e, depois de alimentados, param no campo e resolvem se sentar:

As they went down the passage, Gordon felt dismayed, helpless— dazed, almost. All his money gone at a single swoop! (...) All the warm intimacy of a moment ago was gone. (...) It was strange that that beastly business of the hotel bill could have upset him so completely. The easy carefree mood of the morning was shattered; in its place there had come back the hateful, harassing, familiar thing — worry about money. In a minute he would have to own up that he had only eightpence left; he would have to borrow money off her to get them home; it would be squalid and shameful.

(...)

He held the wire up for her and she slipped nimbly under it. His heart leapt again. How supple and strong she was! But as he climbed over the wire to follow her, the eightpence — a sixpence and two pennies — clinked in his pocket, daunting him anew. (...) She did not resist when his hand sought her breasts. But in her heart she was still frightened. She would do it—oh, yes! she would keep her implied promise, she would not draw back; but all the same she was frightened. (...) She looked much younger naked than with her clothes on. Her face, thrown back, with eyes shut, looked almost childish. He moved closer to her. Once again the coins clinked in his pocket. Only eightpence left! Trouble coming presently.¹⁴⁴

Fica evidente a mistura de sensações para Gordon, oscilando entre profunda decepção e a incapacidade de pensar com clareza o fato de ter gastado quase todo seu dinheiro no almoço. Isso atua como um mecanismo que mina o desejo sexual: “*All the warm intimacy of a moment ago was gone*”, mesmo que para ele essa frustração proveniente

sumário

da preocupação financeira já lhe fosse algo familiar. A obsessão em ficar contando as moedas tilintando no bolso o amedronta cada vez mais, quando se deitam na relva e Rosemary não resiste ao toque de Gordon.

A narração mais uma vez oscila entre os pensamentos de Gordon, “*She would do it—oh, yes! she would keep her implied promise*” e os de Rosemary “*but all the same she was frightened*”. Momentos antes da consumação do ato sexual, as moedas tilintam novamente no bolso de Gordon, mas ele repele a distração. Aqui a sua obsessão com o dinheiro atinge o ápice, pois é capaz de influenciar o afeto. O dinheiro contamina a maneira como Gordon vê o sexo¹⁴⁵.

No mais, o uso dos adjetivos na primeira parte do trecho segue uma lógica semântica, assim como os verbos usados na segunda parte. Os adjetivos que denotam sentimentos positivos como *familiar*, *easy* e *warm* são varridos de cena com a conscientização dos gastos da refeição, fazendo com que a imagem bela da manhã seja destruída (*shattered*). Com isso, o fluxo narrativo dá lugar ao uso de termos como *hateful*, *harassing*, *squalid* e *shameful*. Já na segunda parte do trecho, a preponderância de verbos como *daunting*, *resist* e *frightened* é desencadeada com o tilintar das moedas (*clinked*) que, na mesma lógica dos adjetivos, mudam o campo semântico para verbos que denotam ações negativas, antes ocupadas por verbos como *held*, *slipped*, *leapt*, *follow*.

Mais uma vez, a sutileza de escolhas formais nos vocábulos contribui para a criação de uma cena que transita na oposição de situações. Com isso podemos detectar o uso de oxímoros, mesmo não estando literalmente lado a lado, e sim na composição da passagem como um todo. Na elaboração da cena, podemos perceber a coexistência de sentidos opostos, que se unem para formar um retrato de forças antagônicas.

A partir da contradição exposta pela forma podemos refletir sobre como habitam em nosso personagem dois lados da mesma moeda. Ele sente carinho pela namorada, se permite tocá-la e demonstrar

sumário

ternura por ela – mesmo quando distante das ruas de Londres – e, ao mesmo tempo, o dinheiro o controla de maneira inevitável. O tilintar das moedas no bolso determina toda e qualquer ação de Gordon. Enquanto Rosemary aparenta um ar infantil em seu corpo despido, de olhos fechados, “*Her face, thrown back, with eyes shut looked almost childish*”, Gordon por sua vez também aparenta infantilidade, manifesta em sua reação constante acerca da falta de dinheiro¹⁴⁶.

Esta cena nos sugere o poder efetivo do dinheiro¹⁴⁷. A impotência de Gordon é, acima de tudo, financeira. E mais uma vez somos lembrados da imaturidade do nosso protagonista. Com isso, a sobreposição de cenas que envolvem o enlace amoroso e o conflito sobre a quantidade de dinheiro nos bolsos de Gordon nos revelam a ligação que o protagonista parece fazer entre dinheiro e masculinidade¹⁴⁸. Para ele, quanto mais dinheiro nos bolsos, mais seguro fica quanto a sua representação masculina. Ao pagar a conta do restaurante a masculinidade de nosso protagonista está ameaçada: “*It was strange that that beastly business of the hotel bill could have upset him so completely*”. Este questionamento de sua própria masculinidade parece surgir de tensões de classe¹⁴⁹. Isso ocorre pois a constante lembrança dos oito *pence* em seu bolso faz com que ele enfrente as implicações de viver em um mundo em que a classe determina a masculinidade¹⁵⁰. E justamente por ser incapaz de conceber questões como gênero e classe como distintos – à maneira de Rosemary, por exemplo – faz com que Gordon tenha perdido sua masculinidade antes mesmo de adentrar no restaurante.

A masculinidade de Gordon é posta em jogo, pois ter dinheiro significa deter algum tipo de poder. Como nosso protagonista está apartado da lógica do dinheiro, a sua ausência contamina o que aparentemente nada tem a ver com trabalho, capital ou classe: a relação afetiva. A paranoia monetária de Gordon não passa de um sentimento perverso em que ele está sempre exposto ao ridículo por conta da falta de recursos¹⁵¹.

Em contrapartida à fragilidade masculina de Gordon, podemos perceber o papel de Rosemary como uma personagem que

sumário



sumário

atua de maneira mais madura e razoável, um comportamento inacessível ao protagonista. Gordon seria o lado infantilizado da relação amorosa¹⁵², sempre com uma visão estreita que tende ao radicalismo reacionário, enquanto Rosemary seria o lado adulto, trazendo os dados da realidade contraposta ao devaneio fantasioso. E, de fato, com o desfecho – a gravidez de Rosemary e o casamento apressado – toda a infantilidade de Gordon tem de ser forçosamente interrompida justamente devido à existência de uma criança.

Rosemary, tida como uma das melhores personagens femininas de Orwell¹⁵³, parece personificar as necessidades corriqueiras impostas pelo patriarcado capitalista, em que uma mulher precisa que o homem a sustente. No final das contas esses valores são invertidos: ela é quem supostamente salva Gordon por meio do casamento, fazendo com que ele retorne ao antigo emprego. Mas evidentemente essa salvação deve ser vista entre aspas e dentro dos limites ideológicos impostos aos personagens. É por conta de Rosemary que Gordon encontra uma desculpa palpável, dentro de sua lógica deturpada pela obsessão monetária. Ele pode se render aos sistemas de poder e opressão. Faz isso admitindo para si mesmo que essa entrega era o seu último desejo.

Existe uma ironia na concepção de que uma criança ponha fim às atitudes infantis de Gordon¹⁵⁴. Isso funciona como a completude de sua transformação, iniciada na figura de Rosemary. No fim das contas, a aventura de Gordon fracassa, pois, ironicamente, sua tentativa de ruptura com os sistemas de poder gerou uma cadeia de eventos: ensaios de suposta negação e resistência mas que culminam no envolvimento sexual com Rosemary, levam à gravidez e, por fim, ao retorno para o antigo emprego. Tudo isso coroado em um novo lar com uma aspidistra na janela, uma planta que simbolizaria um quadro, uma cena de adequação, de resignação adaptada.

Talvez o cerne do desfecho da relação entre Gordon e Rosemary gire em torno da conformidade de ambos com os poderes constituídos.

A trajetória dos dois personagens indica uma reflexão que parece alegorizar os conflitos de toda uma classe social. Gordon se percebe tão culpado por sua condição de miséria quanto a miséria que se alastra como um todo na sociedade. Sua condição de pobreza também é fruto de uma escassez social. Os conflitos internos de nosso protagonista parecem emanar de seu meio, quase de maneira naturalista. Porém quando ele se reconcilia consigo mesmo – e com Rosemary – rumo a um futuro próspero à sombra da aspidistra, ele resolve problemas que existem apenas para si, em vez daqueles que derivam de seu meio social¹⁵⁵.

O rumo autocentrado de nosso protagonista pode ser entendido de diversas maneiras. Existe a leitura recorrente que vê o romance possuindo um enredo “inferior”¹⁵⁶, no qual existe uma falta de imaginação¹⁵⁷ – quando comparada à norma das produções de vanguarda modernistas em voga nos anos 1930 – ou até mesmo com relação à produção ensaística de Orwell no período¹⁵⁸. Leituras nessa vertente merecem ser relativizadas. Podemos, por exemplo, ter como baliza interpretativa a relação que as escolhas dos personagens e, por consequência do narrador, têm com a ideia da “mercantilização das relações sociais”¹⁵⁹. Isso traz uma nova complexidade para o romance.

Vale lembrar que, nas sociedades capitalistas, “os bens materiais, coletivos e culturais se transformam em mercadoria, o que significa que são portadores de valores de troca que só se concretizam com sua troca por dinheiro”¹⁶⁰. Em outras palavras, a relação de Gordon e Rosemary, por exemplo, aparentemente não é um objeto a ser vendido e comprado no mercado. Porém, o significado de seu envolvimento sob as normas burguesas demonstra a abrangência de forças avassaladoras.

A partir da mercantilização dessa relação podemos observar a maneira como o capital rege algo “abstrato” como o amor. Gordon passa a ser valorizado – pelo mercado e por Rosemary – quando abre mão de sua guerra ao dinheiro e retorna ao emprego na agência de publicidade. Isso ocorre pois ele volta a vender força de trabalho dentro de uma lógica que obedece aos regramentos do mercado. Nosso

sumário

protagonista volta a escrever *"lies to tickle the money out of fools' pockets!"*¹⁶¹ e, por consequência, abre mão do seu sistema de crenças em que tentaria se isolar de todo convívio social: *"their affection were only an encumbrance. (...) He would not be free (...) till he had cut his links with all of them, even with Rosemary"*¹⁶².

Quando nosso protagonista se encontra na penúria, está apartado de tudo e todos – ao menos em sua lógica deturpada. Ao retornar para o mundo do dinheiro, Gordon afirma estar repetindo o destino de todo ser humano: *"It occurred to him that he was merely repeating the destiny of every human being. Everyone rebels against the money-code, and everyone sooner or later surrenders"*¹⁶³. Ele tem o respaldo da lógica burguesa como justificativa de seus atos. A entrega ao sistema, que ocorreria mais cedo ou mais tarde para todos, parece comprovar o conformismo final, em busca da manutenção de um tipo de vida mais confortável. Além de conduzir os meios de vida de nosso protagonista, a estrutura de poder também infiltra a instância subjetiva. A entrega de Gordon ao sistema hegemônico possui dois desdobramentos: o primeiro deles é o retorno à rotina da agência de publicidade, voltando a vender sua força de trabalho, visto que *"to refuse a 'good' job can never be right"*¹⁶⁴; o segundo, a conciliação com as normas sancionadas, que regem os afetos: *"He would get married, settle down, prosper moderately, push a pram, have a villa and a radio and an aspidistra"*¹⁶⁵.

No final das contas, esse parece ser o desejo de Gordon desde o início. Sua conformidade com a lógica burguesa havia lhe trazido alívio: *"It was what he had secretly pined for; now that he had acknowledged his desire and surrendered to it, he was at peace"*¹⁶⁶. Toda a raiva, a vergonha e a privação sofridas ao longo de sua extensa guerra ao dinheiro agora se transforma na paz da entrega, na resignação frente aos sistemas de poder e de opressão: *"Vicisti, O Aspidistra."*¹⁶⁷. A aceitação da ordem vigente pode representar certa tranquilidade, como numa cena doméstica que deveria celebrar a vida. Mas a ironia deve ser destacada: a vitória final coube a um sistema que pode fazer da rebeldia uma derrota conivente – e de uma planta, o signo da aridez.

sumário



3

O MUNDO
POLÍTICO

3.1 A FLOR DA INGLATERRA

It is in collectivities that we find reservoirs of hope and optimism

Angela Y. Davis - Freedom Is a Constant Struggle:
 Ferguson, Palestine, and the Foundations of a Movement

Gordon vive em uma pensão, destinada para homens solteiros, com regras estritas: “*This tea-making was the major household offence, next to bringing a woman in*”¹⁶⁸. Ele vive de maneira fútil e improdutiva¹⁶⁹. Em meio ao quarto gélido, com uma cama de solteiro e uma escrivaninha, havia um vaso com uma aspidistra – a flor que dá nome ao romance, *Keep the Aspidistra Flying*.

Uma das características peculiares desta planta é sua tolerância à negligência, pois requer poucos cuidados, sendo resistente à luz do sol e às mudanças bruscas de temperatura. A aspidistra aparece principalmente como um elemento que representa a vida comum da classe média baixa: “(...) *Apartments’ cards in half the windows, aspidistras in nearly all. A typical lower-middle-class street*”¹⁷⁰, como se a presença da planta nos parapeitos das janelas simbolizasse “*a kind of mingy, lower-middle-class decency*”¹⁷¹. Gordon, por sua vez, cultivava uma relação de ódio com a sua aspidistra:

As Gordon threw away the match his eye fell upon the aspidistra in its grass green pot. It was a peculiarly mangy specimen. It had only seven leaves and never seemed to put forth any new ones. Gordon had a sort of secret feud with the aspidistra. Many a time he had furtively attempted to kill it— starving it of water, grinding hot cigarette-ends against its stem, even mixing salt with its earth. But the beastly things are practically immortal. In almost any circumstances they can preserve a wilting, diseased existence. (...) The aspidistra became a sort of symbol for Gordon after that. The aspidistra, flower of England! (...) To settle down, to Make Good, to sell your soul for a villa and an aspidistra! To turn into the typical little bowler-hatted sneak— Strube’s ‘little man’—the little docile cit who slips home by the six-fifteen to a supper of cottage pie and stewed tinned pears.¹⁷²

sumário

Gordon contempla a aspidistra murcha, asquerosa, de apenas sete folhas incapaz de fazer brotar uma nova. Ele cria uma desavença constante com a planta, tentando matá-la em diversas ocasiões, seja restringindo água, seja tentando colocar sal na terra ou até mesmo furando-a com o cigarro ainda aceso. Porém, após as tentativas de pôr um fim na planta, Gordon falha. A insistência teimosa da aspidistra persiste, continuando em seu vaso verde, onipresente, imortal, preservando sua existência doentia.

A planta atua como um símbolo para Gordon. Ela remete à conformidade, a vender a alma por uma casa e uma aspidistra. Ter uma aspidistra significa ser o cidadão que obedece as normas, que trabalha o dia todo e chega em casa no final do dia à espera de uma mesa posta pela esposa, com comida enlatada.

Gordon atribui à aspidistra uma importância central em sua vida. Recorrente ao longo do romance, a planta está sempre associada com a imagem do tipo de vida estereotipada de um determinado tipo de trabalhador, que ocupa um espaço mediano na sociedade: “*The lower-middle-class people, (...) they lived by the money-code, (...) They ‘kept themselves respectable’— kept the aspidistra flying.*”¹⁷³

Como metáfora principal do romance, a aspidistra está fortemente ligada ao onipresente símbolo do dinheiro. A planta continua a voar¹⁷⁴ – menção direta ao título no original *Keep the Aspidistra Flying* – devido ao fato de Gordon aquietar-se junto de sua namorada Rosemary, devolvendo a lógica da manutenção dos meios de subsistência por meio do capital condensado na aspidistra, uma “*tree of life*”¹⁷⁵.

Esse ódio cultivado pela aspidistra – “*Gordon had a sort of secret feud with the aspidistra*” – pode revelar a repulsa que ele sente pela condição de vida da classe média baixa, que depende constantemente do dinheiro para manter-se viva¹⁷⁶. Se, no início do romance, o dinheiro cumpre o papel de contador tempo, aquele que permite o espaço nas prateleiras dos mais vendidos, que escreve e vende

sumário

livros, agora passa a acumular um paralelo direto com o símbolo da aspidistra, justamente por ser tão vital para a sobrevivência da sociedade quanto a água é para a planta.

O fato de Gordon cultivar dentro de seu quarto um dos símbolos que o identifica como alguém da classe média baixa, que se mantém por meio de um trabalho assalariado submetido à lógica dominante, nos revela as limitações de sua condição de romper com essa lógica. Pelo simples fato de ter essa planta em seu quarto de pensão, Gordon demarca a sua personalidade no ambiente: *“the sole mark Gordon’s personality had left on the room”*¹⁷⁷, como se estivesse de acordo com os valores que ela representa. Essa é a única intervenção que ele faz no cômodo úmido. Ele parece desprezar o significado que a planta representa, mas ao mesmo tempo permanece atrelado a essa condição.

Quanto mais a aspidistra sobrevive a todas as tentativas de Gordon em exterminá-la, parece que mais sucesso tem o sistema: *“He would get married, settle down, prosper moderately, push a pram, have a villa and a radio and an aspidistra”*¹⁷⁸, considerando o desfecho do romance ele se casa com Rosemary, que engravida subitamente. Assim, nosso protagonista se coloca de acordo com o tipo de vida que gira em torno do dinheiro, da primazia do trabalho perante qualquer subversão. A aspidistra persiste como “um símbolo da burguesia”¹⁷⁹.

A planta aos pedaços, *“a peculiarly mangy specimen”*¹⁸⁰, parece se aproximar da imagem do sistema financeiro em ruínas o qual Gordon tenta enfrentar, e até mesmo escapar. Sua imortalidade diante de todas as tentativas de lhe pôr um fim pode representar a constante renovação do sistema de classes. “Tudo que nasce sempre pode morrer, razão pela qual os sistemas sociais gostam de se apresentar como imortais”¹⁸¹.

A aspidistra se renova a cada adversidade, assim como o capitalismo se ergue a cada colapso e se molda em um novo formato em “diferentes formas históricas de capital: mercantil, agrário, industrial, monopolista, financeiro, imperial e daí por diante”. Assim como uma

sumário

planta ressecada e em mau estado, a organização econômica capitalista aparenta “ter mudado sua forma nas últimas décadas (...) [e evidencia] a mudança como a própria essência desse sistema”¹⁸².

A planta, que se mantém firme a cada tentativa de aniquilação de Gordon, pode funcionar como uma metáfora da constante renovação cíclica desses valores hegemônicos. Nosso protagonista pode ser visto como um trabalhador que, por ter publicado um livro de poesias, possui a ilusão de pertencimento ao restrito e privilegiado grupo de artistas que, por sua vez, regulam as grandes revistas inglesas. Ele cultiva um rancor aos “*moneyed highbrows*”¹⁸³, incorporados em críticos literários e editores de revista, que se recusam a publicar seus poemas à mesma maneira que cultiva uma ojeriza à aspidistra e toda a conformidade que ela pode representar. A sua repulsa oscila entre aqueles que mantêm mais privilégios e concretizaram os desejos artísticos, o que ele almeja um dia alcançar.

Por conta do processo de alienação de nosso protagonista, ele vive em constante conflito e acaba encurralando a si próprio dentro de suas insatisfações. Ele deseja ser um membro da elite artística, mas sua renúncia ao dinheiro o impede, assim como as frequentes rejeições da própria elite intelectual com relação aos seus poemas. Ele se propõe um impedimento e, ao mesmo tempo, é impedido de pertencer a esta classe elitizada.

Quando Gordon se vê diante da decisão de se casar com a namorada e forçado a se conformar em manter o sistema¹⁸⁴, uma de suas primeiras atitudes como homem casado é a de adquirir uma aspidistra. Ele finalmente sucumbe ao abominável da vida doméstica. A entrega de Gordon à aspidistra pode nos dizer muito a respeito da impossibilidade de combater o sistema de classes. Dessa forma, estamos diante de um elemento doméstico popular das residências inglesas, reforçando a onipresença de valores burgueses. Tentar derrotar a aspidistra isoladamente não é algo que culminará no sucesso. E essa denúncia da prevalência do individual perante o coletivo evidencia o quão sedimentada está a lógica do sistema de classes.

sumário

Na janela de cada residência persiste o desejo secreto de romper com tudo e todos, à procura da própria salvação. Nos subúrbios londrinos existem inúmeros Gordons, rendidos à elite de um tanto de Ravelstons, todos sob a sombra alastrada da aspidistra. E a aspidistra só irá prevalecer enquanto esses indivíduos permanecerem isolados, alienados de suas condições transformadoras. “*Vincisti, O aspidistra!*”¹⁸⁵.

3.2 UN BON SOCIALISTE

A conformidade com os valores burgueses, à sombra da aspidistra, retoma constantemente a influência da esfera da cultura nas escolhas de nosso protagonista. Sua relação com a elite intelectual, detentora do poder de escolha da relevância dos produtores culturais, aparece representada no personagem de Philip Ravelston. Ele é o intelectual rico, que “*could always see another person’s point of view*”¹⁸⁶, afinal tinha dinheiro e “*for the rich can afford to be intelligent*”¹⁸⁷. Ravelston é um socialista abastado, que evita o contato com as classes baixas, que se restringe a publicar artigos de escritores falidos. Sua revista aparenta um teor de radicalidade, porém a placa na porta da sua residência explicita a ironia¹⁸⁸: “*On the street door there was a brass plate inscribed: P. W. H. RAVELSTON - ANTI-CHRIST*”¹⁸⁹. O narrador deixa implícito que Ravelston aparenta ser o oposto de um benfeitor, a nome da revista simboliza essa ironia.

Na posição de editor, esse personagem secundário escolhe aspirantes a escritores para acolher em sua residência. No final do romance Gordon é um desses “escolhidos”: “*Another of Ravelston’s pet scroungers*”¹⁹⁰. Enquanto convivem diariamente, em caráter de caridade, Ravelston se incomoda com a presença de Gordon em seu apartamento sofisticado: “*But of course, in his inmost heart, he didn’t really like having Gordon there. How should he? It was an impossible situation. There was a tension between them all the time*”¹⁹¹. A tensão

sumário

mencionada pelo narrador, que reflete o incômodo do personagem, aparenta ser o contraste entre o superior e o inferior que Gordon e Ravelston parecem representar em termos sociais.

Gordon, por não ser um intelectual endinheirado, não possuiria as qualidades de seu amigo. Todavia, quando lhe era conveniente ele “permitia” com que Ravelston o ajudasse financeiramente: “*he even allowed Ravelston to ‘lend’ him a further two pounds for current expenses*”¹⁹². Mesmo consentindo a ajuda financeira, é o narrador quem nos revela o verdadeiro desejo do nosso protagonista: “*Besides, in his heart he didn’t want to be helped. He only wanted to be left alone. He was headed for the gutter; better to reach the gutter quickly and get it over. Yet for the time being he stayed, simply because he lacked the courage to do otherwise.*”¹⁹³ A todo momento Gordon escolhe manter-se dentro da redoma dos privilégios da classe média. Faltava-lhe coragem para enfrentar aquilo que o padrão oficial o impunha: uma vida de miséria, caso não trabalhasse. Então nosso protagonista opta pela conveniência de ser auxiliado constantemente por Ravelston, afinal “*The prospect of warmth and shelter had tugged him back*”¹⁹⁴.

Com isso, a amizade entre os dois se desenvolve em torno de conversas sobre os pontos de vista de cada um sobre a sociedade. Gordon sempre que pode expõe para o adorado amigo sua insatisfação com a lógica do dinheiro. Ravelston, por sua vez, entende o ponto de vista do nosso protagonista e sua renúncia financeira. Porém, o editor discorda do ponto de vista de Gordon, pois considerava ser algo insensato: “*the folly of what he was doing*”¹⁹⁵, colocando-se sempre disponível para ajudá-lo:

He [Gordon] never, if he could help it, set foot inside Ravelston’s flat. There was something in the atmosphere of the flat that upset him and made him feel mean, dirty, and out of place. It was so overwhelmingly, though unconsciously, upper-class. Only in the street or in a pub could he feel himself approximately Ravelston’s equal. It would have astonished Ravelston to learn that his four-roomed flat, which he thought of as a poky little place, had this

sumário

effect upon Gordon. To Ravelston, living in the wilds of Regent's Park was practically the same thing as living in the slums; he had chosen to live there, *en bon socialiste*, precisely as your social snob will live in a mews in Mayfair for the sake of the 'WI' on his notepaper. It was part of a lifelong attempt to escape from his own class and become, as it were, an honorary member of the proletariat. Like all such attempts, it was foredoomed to failure. No rich man ever succeeds in disguising himself as a poor man; for money, like murder, will out.¹⁹⁶

A tensão entre os dois se desenvolve. O desconforto de Gordon com relação ao fino apartamento de Ravelston fica escancarado. Ele se sente deslocado, sujo, malvado. Essas sensações contribuem para que a distinção de classes dilacere nosso protagonista. O único lugar em que Gordon se via como igual a Ravelston era na rua ou no bar, em locais públicos, nunca privados. Essa repulsa é evidenciada pelo narrador, de forma que o aspecto do apartamento de classe alta de Ravelston parecem ser um procedimento inconsciente. Ou seja, somente alguém de fora da classe alta conseguiria identificar tais elementos, imperceptíveis para o editor elitizado. Por ser algo insignificante para Ravelston, esse mecanismo fere o ego de Gordon.

O narrador ainda nos revela que Ravelston ficaria surpreso se soubesse dessa repulsa de Gordon. Enquanto nosso protagonista considera o apartamento requintado demais, Ravelston pensava o inverso. A onisciência seletiva, que ora predomina nos sentimentos do protagonista, ora alcança alguns personagens próximos a ele, nos permite conceber o contraste entre esses dois personagens. Conseguimos compreender o pensamento isolado socialmente da classe alta com relação à classe baixa. O narrador nos revela o abismo entre o editor elitizado e o escritor frustrado com dificuldades financeiras, por meio do ponto de vista de cada um que é possível repararmos a interferência de suas respectivas classes sociais no comportamento de cada um.

O ponto de vista de classe de um complementa o do outro, por serem opostos. O editor elitizado só é capaz de se compadecer com o escritor precário, pois existe uma hierarquização das funções sociais

sumário

de cada um deles no sistema de produção. Temos um panorama amplo, mas não totalizante. Somos apresentados aos conflitos de dois membros da classe média e nunca do trabalhador braçal, nos termos tradicionais. O narrador nos insere num espectro de tensão de classes, em um recorte que situa o papel de intervenção do romance em direção às camadas média e alta.

E para além disso, podemos notar um contraste entre o ponto de vista de Gordon e o do narrador¹⁹⁷. O narrador é irônico e não cai nas armadilhas das generalizações, ao contrário do protagonista. Essa posição é fundamental para entender as contradições entre Gordon e Ravelston, pois o narrador apesar de se ater na maior parte do romance ao ponto de vista do protagonista, o faz de maneira crítica, o que nos permite ver o enredo com uma distância ponderada acerca dos personagens principais.

Tanto Ravelston quanto Gordon fazem escolhas supostamente altruístas: Gordon abdica do dinheiro, enquanto Ravelston se recusa a morar em um lugar que correspondesse a sua classe: “*To Ravelston, living in the wilds of Regent’s Park was practically the same thing as living in the slums*”. E, ainda, se predispõe a mover mundos e fundos pelo amigo que passa por dificuldades. Devido ao ponto de vista apartado aos devaneios de Gordon, o narrador nos aponta sutilezas que compõem esses dois personagens, que tentam escapar de suas condições sociais, e ambos falham.

Podemos observar a ironia narrativa sobre a escolha de Ravelston em morar em um bairro inferior para o considerado padrão para sua classe, o qual ele considerava “*as a poky little place*”. Isso fica escancarado com a expressão “*un bon socialiste*”. Ou seja, a premissa – imprópria – de que no socialismo deve-se abrir mão da “propriedade privada constituída por meio do trabalho próprio”¹⁹⁸. Em outras palavras a propriedade de uso pessoal, e não aquela dos meios de produção. Ravelston se comporta como o socialista de elite, cumprindo uma suposta cartilha, para que seja identificado como engajado. Ele acredita que abrir mão de

sumário

uma propriedade de uso pessoal manteria as aparências de seu suposto posicionamento político. Para tal, convenções sociais como moradia e vestimentas exercem uma função essencial na distinção social: “(...) *he wore the uniform of the moneyed intelligentsia; He made a point of going everywhere, (...) in these clothes, just to show his contempt for upper-class conventions*”¹⁹⁹. Ravelston se identifica como socialista, porém, ao se privar de certas benesses, fica evidente que sua compreensão de socialismo não passa de uma interpretação equivocada.

Para o editor morar nos arredores do *Regent's Park*, que na época não passava de uma região longínqua de Londres com um zoológico recém construído, significava estar em meio a cortiços, quando comparado ao luxo ostensivo das imediações de Mayfair: “*as your social snob will live in a mews in Mayfair for the sake of the 'WI' on his notepaper*”. O sacrifício que ele faz para estar abaixo de seu status social lhe conferiria, supostamente, o posto de socialista exemplar. Esse falso sacrifício se sustenta na interpretação equivocada de alguns pressupostos teóricos, que mantém o estereótipo do socialismo como algo que impõe uma “falta de bens materiais”²⁰⁰.

Consequentemente podemos conceber as escolhas de Ravelston sendo tão incoerentes quanto as de Gordon. Afinal, por não ser um capitalista e sim um intelectual, Ravelston também está rendido às amarras do capital. Os dois personagens precisam vender sua capacidade de trabalhar para manter uma situação de classe. Dessa forma, por meio do comentário ácido do narrador sobre os dois personagens podemos rever a suposta desigualdade entre dois patamares sociais. Estamos diante da falha na empreitada tanto do intelectual elitizado, quanto do escritor frustrado: “*Like all such attempts, it was foredoomed to failure*”. Ambos se equiparam nas escolhas egoístas que fazem, pressupondo tratar-se de algum tipo de alteração nas normas sociais, o que por sua vez apenas afeta o entorno imediato de cada um deles. Ravelston pressupõe-se como rebelde por ser um intelectual que, supostamente, ajuda os menos favorecidos, enquanto Gordon se impõe uma guerra ao dinheiro.

sumário

O foco narrativo coloca Ravelston como um esnobe, que faz determinadas escolhas para manter as aparências de politização, engajamento: *"Theoretically he got up at the proletarian hour of seven. Actually he seldom stirred until Mrs Beaver, the charwoman, arrived at eight"*²⁰¹. A ironia narrativa escancara a hipocrisia das escolhas que visam manter regalias. O narrador vai mais adiante, afirmando que, para Ravelston, trata-se de um escape da própria classe social para se tornar um membro honorário do proletariado *"an honorary member of the proletariat"*, um "socialista burguês"²⁰². Ravelston parece se conformar com o vislumbre do socialismo como uma teoria, que eventualmente iria acontecer: *"he had the naive belief that in a little while Socialism is going to put things right. Gordon always seemed to him to exaggerate"*²⁰³.

Tanto Gordon quanto Ravelston tentam escapar de suas classes. E um precisa do outro para manter sua posição social. Gordon depende da ajuda financeira de Ravelston, e este depende do status de benfeitor para preservar sua posição de aparente engajamento social. O editor quer ter o crédito de ser socialista sem a responsabilidade com as consequências da eventual redistribuição de riqueza, sem abrir mão do seu privilégio de classe²⁰⁴. Assim, ele e Gordon traçam um caminho parecido, ambos mantêm regalias, de maneira conivente com o sistema.

Esses dois pontos de vista a respeito do socialismo parecem refletir um padrão encontrado no capitalismo. A concentração de riqueza leva naturalmente à concentração de poder, como podemos observar os confortos da vida de Ravelston e sua revista literária. Essa detenção de privilégio provém de "um ciclo vicioso em progresso constante. O Estado existe para oferecer segurança e apoio aos interesses dos setores privilegiados e poderosos da sociedade, enquanto o resto da população é deixada para experimentar a realidade brutal do capitalismo. Socialismo para os ricos, capitalismo para os pobres"²⁰⁵. A Ravelston, o intelectual elitizado lhe é permitido contemplar o socialismo como alternativa sistêmica. Enquanto isso, Gordon, permeado pelas privações de ordem financeira, se conserva na lógica do capital e reproduz suas contradições.

sumário

Além desses pontos em comum nas escolhas de Gordon e Ravelston, podemos constatar alguns embates entre os dois, fruto da tensão constante: “*There was a tension between them all the time*”. Essa tensão pode atuar como um reflexo do papel de classe de cada um, por meio de pequenas insatisfações de um com outro. É constante a oposição das duas camadas sociais: a elite intelectual, concretizada em Ravelston, e a do trabalhador intelectual distante de funções braçais, que vive precariamente, manifestada em Gordon. Portanto, precisamos ter sempre em mente o limite fluido estabelecido pelas situações sociais de ambos os personagens, pois trata-se do recorte social que o narrador enfatiza constantemente:

‘Oh, Socialism! Don’t talk to me about Socialism.’

‘You ought to read Marx, Gordon, you really ought. Then you’d realize that this is only a phase.’

(...)

‘Of course, I’m with you up to a point. After all, it’s only what Marx said. Every ideology is a reflection of economic circumstances.’

‘Ah, but you only understand it out of Marx! You don’t know what it means to have to crawl along on two quid a week. It isn’t a question of hardship — it’s nothing so decent as hardship. It’s the bloody, sneaking, squalid meanness of it. Living alone for weeks on end because when you’ve no money you’ve no friends. Calling yourself a writer and never even producing anything because you’re always too washed out to write. It’s a sort of filthy sub-world one lives in. A sort of spiritual sewer.’

(...)

‘I tell you I can’t be bothered with Socialism. The very thought of it makes me yawn.’

‘But what’s your objection to Socialism, anyway?’

‘There’s only one objection to Socialism, and that is that nobody wants it.’

‘Oh, surely it’s rather absurd to say that!’

sumário

'That's to say, nobody who could see what Socialism would really mean.

'But what WOULD Socialism mean, according to your idea of it?'

'Oh! Some kind of Aldous Huxley *Brave New World*: only not so amusing. Four hours a day in a model factory, tightening up bolt number 6003. Rations served out in greaseproof paper at the communal kitchen. Community-hikes from Marx Hostel to Lenin Hostel and back. Free abortion-clinics on all the corners. All very well in its way, of course. Only we don't want it.' ²⁰⁶

Como *un bon socialiste*, Ravelston de imediato faz uso de um argumento teórico para mostrar sua suposta empatia com nosso protagonista. Fica claro o abismo social que aparta os dois: no conforto do seu intelectualismo, Ravelston enfatiza constantemente a necessidade de se aplicar a teoria de Marx. E Gordon, mergulhado em privações de todo tipo, não consegue ter forças para escrever e, assim, se encontra incapaz de exercer suas pretensões literárias. Fica evidente a distância social e econômica entre eles. Ravelston é o típico intelectual com poses. Já Gordon é o trabalhador que se vê como intelectual, mas que vive as condições materiais de um trabalhador braçal, com reservas em relação às divagações teóricas, pressionado pelas necessidades impostas pela vida prática. Ao mesmo tempo, nosso protagonista parece ser um tipo de trabalhador cerebral que procura sempre manter o seu benefício próprio, disfarçado de insatisfação e ressentimento constantes.

Assim podemos considerar, num certo sentido, Gordon e Ravelston como dois tipos diferentes de intelectuais. O editor usufrui de privilégios sem ter, aparentemente, sua mão de obra alienada. O escritor, por seu turno, oscila entre a linha de produção e a criação abstrata, vendendo sua capacidade intelectual como serviço²⁰⁷, à margem dos privilégios da *intelligentsia* e aliado dos meios de vida burgueses.

Para o intelectual provido de estabilidade financeira, parece intrínseco contemplar a teoria marxista como um horizonte plausível, que oferece respostas. Isso pode ser entendido através do fato de os intelectuais colocarem "a si mesmos como autônomos e independentes do

sumário

grupo social dominante”²⁰⁸. Essa posição de classe apartada confere privilégio por conta do seu status, produzindo oportunidades que defendem, muitas vezes, os valores hegemônicos. Em meio a essa situação, os intelectuais parecem ter oportunidades que lhes conferem responsabilidades, o que por sua vez, impõem escolhas muitas vezes difíceis²⁰⁹.

Isso significa que Ravelston rejeita sua parcela de responsabilidade social. No máximo, ajuda escritores à beira da falência e mora em algum bairro não luxuoso o suficiente para sua condição, afinal ele era *“softerhearted than an editor ought to be, and consequently was at the mercy of his contributors”*²¹⁰.

Por sua vez, Gordon se ressentia dessa posição de conforto de Ravelston. O embate entre os dois prolifera no desgosto do protagonista gerado por todos os confortos materiais e abstratos que o editor usufrui e ele não. E quanto mais o amigo endinheirado fala de socialismo como se tivesse *“transferred his allegiance from God to Marx”*²¹¹, mais Gordon concebe esse sistema de ideias de maneira estereotipada. Nosso protagonista repete uma lógica que se mostra recorrente nas interpretações equivocadas sobre as ideias de Marx: “o marxismo pode ser ótimo na teoria. Sempre que foi posto em prática, porém, resultou em terror, tirania e assassinato em massa numa escala inconcebível”²¹², na formulação irônica de Terry Eagleton.

Gordon não quer ser incomodado com o conceito de socialismo, pois isso lhe causa tédio: *“I can't be bothered with Socialism. The very thought of it makes me yawn”*. Para ele ninguém deseja a execução dessa teoria, justamente pelo fato de nunca terem o explicado o que ela significa: *“nobody who could see what Socialism would really mean”*. Esse descontentamento do nosso protagonista parece representar seu distanciamento com as abstrações teóricas. Isso parece acontecer por conta do tipo de vida de Gordon, pois para que pudesse contemplar o socialismo como possibilidade seria necessário que tivesse tempo para refletir, ler e ter acesso aos mais variados tipos de teoria, não somente a socialista.

sumário

Para que isso se tornasse uma realidade, seria preciso “(...) um encurtamento da jornada de trabalho — em parte para permitir aos homens e às mulheres lazer para a realização pessoal, em parte para gerar tempo para a atividade do autogoverno político e econômico”²¹³. Nosso protagonista não consegue participar efetivamente da organização da sociedade, pois precisa vender sua capacidade de trabalhar. Ravelston também não o faz por se recolher nas miríades de afazeres elitizados, disfarçados de responsabilidade intelectual, resumida a recomendar a leitura de Marx aos quatro ventos.

A classe trabalhadora, representada de certa forma na figura de Gordon, é indispensável para a realização do projeto socialista, porém isso não faz com que esses indivíduos estejam a favor do socialismo²¹⁴: “*Only we don't want it*”. Esse paradoxo serve para explicar o motivo do tédio de Gordon, podendo ser visto como um reflexo da alienação proveniente da exploração contínua de sua capacidade de trabalhar. Para aqueles que se beneficiam do sistema, a sociedade parece ser livre e justa, enquanto para todos os outros ela é sentida na pele como desigual. Especialmente para esta última parcela da população parece não haver alternativas possíveis²¹⁵.

Dessa forma, parece impossível esperar que o trabalhador braçal torne-se um pensador crítico e comprometido meramente em virtude de sua posição econômica: “*We can't afford principles, people like us*”²¹⁶. O que torna possível essa ponte entre nosso protagonista e uma eventual transformação parece estar, ainda, isolada no plano das ideias. Isso faz com que a maior parte das pessoas à margem do sistema perceba apenas que existe uma desigualdade, assim como Gordon percebe sua condição social e econômica como inferior quando em contraste com Ravelston.

Com isso, a ojeriza de Gordon com relação ao socialismo existe pelo fato de que uma atitude mais prática se encontra apartada do seu cotidiano. E tudo o que precisa para que a teoria se concretize é a prática: a “resolução das oposições teóricas só é possível de um

sumário

modo prático (...) uma efetiva tarefa que a filosofia não pôde resolver, precisamente porque a tomou apenas como tarefa teórica”²¹⁷. Ou seja, Ravelston não se dá ao trabalho de concretizar suas indagações abstratas que, por sua vez, não alcançam e cativam Gordon, que só consegue sentir ojeriza pela maneira como a teoria lhe é apresentada: enfadonha, pouco palpável, distante.

Esse distanciamento de Gordon em relação ao socialismo que soa apenas como uma reflexão abstrata pode ser observado como um mecanismo recorrente nos anos 1920 e 1930. A maioria dos ingleses adquiriam o contato com as ideias acerca do socialismo por meio de partidos políticos: o *Labour Party*, partido de centro-esquerda considerado amplo e que reúne a perspectiva social democrática, a socialista democrática e a sindicalista²¹⁸; o *Socialist Labour Party*, que se concentrava na Escócia e tinha como principal meio de comunicação o jornal *The Socialist*²¹⁹; e o *British Socialist Party*, um partido que se afirma marxista, que surge como uma organização socialista revolucionária após a Revolução Russa e a Primeira Guerra Mundial²²⁰, de forma que sua negociação com outras organizações comunistas culminou no estabelecimento do *Communist Party of Great Britain* em 1920. E mesmo assim, o contato dos trabalhadores ingleses com as organizações partidárias de esquerda não era amplo o suficiente. As organizações partidárias não exerciam uma influência massiva do ideário crítico progressista²²¹ nos trabalhadores como um todo. Geralmente o auge do alcance socialista se dava nas greves²²².

Essa predominância das demandas trabalhistas, na esfera dos partidos e dos sindicatos, parece impedir que nosso protagonista se aproximasse dessas organizações políticas. Ele se encontra constantemente isolado, na típica rotina que permeia os afazeres do trabalho e o retorno para casa. Sua única reflexão sobre incômodos e percepções da sociedade envolvem seus encontros esporádicos com Ravelston. Gordon parece ser o típico trabalhador apartado de seu potencial de percepção crítica, coberto por certa incapacidade

sumário

de se orientar politicamente. Ele não possui o acúmulo das discussões e indagações estipuladas coletivamente nos partidos. Deve ser por conta desse fator que sua única saída se dá na esfera individual, isolada, apartada da prática e da experiência coletiva.

Esse isolamento de Gordon é um mecanismo frequente no cotidiano inglês, principalmente no que tange ao período entre as guerras em que “a economia mundial capitalista pareceu desmoronar”²²³. O panorama político e econômico norteia a maneira como a sociedade se estrutura. Enquanto o governo era liderado pelo conservadorismo do *Liberal Party*, cabia à esquerda organizar alguns movimentos de resistência. E, no caso inglês, sempre houve espaço na arte como mediadora desses diálogos, como uma “maneira de intervir na vida cultural britânica”²²⁴.

Tendo em vista os problemas da época, as concepções de socialismo e comunismo tentavam alcançar as massas por meio da arte: “as ideias comunistas entravam no cotidiano britânico e também pela qual o Partido [Comunista] era capaz de se identificar como defensor daquilo que era nativo, das tradições populares e portador do novo, e por consequência, do futuro”²²⁵. Porém, novamente, cabia apenas à atuação do Partido Comunista britânico fazer o paralelo entre a sociedade e a arte, o que estava distante da rotina do nosso protagonista.

O período do entreguerras, época em que se desenvolve o romance, “*in this year of blight 1934*”²²⁶, foi um tempo de crise e, ao mesmo tempo, transformação não apenas na sociedade que estava sendo representada, como também no status e na situação daqueles que elaboravam tais representações, os artistas. Isso pode ser observado no caso da elite intelectual, representada por Ravelston, que se mantinha soberana desde a era vitoriana. Essa parcela da sociedade formou um grupo compacto e fortemente ligado, com conexões familiares e sociais; elementos chave da alta burguesia e aristocracia²²⁷.

sumário

Quando a aristocracia se depara com a crise na virada do século XIX para o XX – que afeta suas propriedades e heranças familiares, sua base econômica e garantia de status social – o prestígio dessa elite começa a se desfazer em grande velocidade, ruindo antigas estruturas de poder. No final do século XIX se consolida a ruptura da solidez de toda uma elite intelectual vitoriana, que deixou de ser a porta-voz principal de questões artísticas, sobrando apenas alguns poucos afortunados, como os de Cambridge, isolados em seus grupos de crítica literária, aqui representados na figura de Ravelston e dos críticos literários que rejeitam Gordon.

Porém, nos anos seguintes, a Inglaterra de Gordon e Ravelston se depara com uma desestruturação bélica, permeada pela fome, pela crise econômica: “*Besides, he would never find another job. There are no jobs to be had nowadays*”²²⁸. Esse estado de crises econômicas “jamais são suaves, e flutuações variadas, muitas vezes severas, fazem parte integral dessa forma de reger os assuntos do mundo.”²²⁹ Depois da crise do poder aristocrático no fim do século XIX, a sociedade inglesa enfrenta um novo revés no início dos anos 1920 e 1930.

O distanciamento de Gordon em relação aos temas socialistas também pode ser fruto, nesse sentido, de um conflito geracional “excepcionalmente acrimonioso no fim da Primeira Guerra Mundial; isso em parte por causa da própria guerra e em parte como resultado indireto da Revolução Russa, mas em todo caso se esperava uma luta intelectual naquela época”²³⁰. Ou seja, a entrada do século XX trouxe desenvolvimento e expansão econômica, frutos de uma segunda revolução industrial, e que posteriormente se desfizeram nos embates internacionais. Isso parece afetar o modo de vida da sociedade inglesa, talvez representados nas descrições naturalistas²³¹ da narração: “*A desolate day; the whitey-grey sky looked as if it could never be blue again*”²³².

Em meio a um cotidiano tolhido de possibilidades econômicas, Gordon sente tédio pela possibilidade que uma teoria como o socialismo pode oferecer. O distanciamento de uma perspectiva

sumário

prática parece tomar conta mais de Gordon do que de Ravelston, afinal este possui as condições básicas de sobrevivência, enquanto seu amigo não. E isso parece impedir a capacidade de nosso protagonista contemplar o socialismo como possibilidade de mudança sistêmica: “I [Ravelston] think you’re perfectly right in principle. (...) The mistake you make, don’t you see, is in thinking one can live in a corrupt society without being corrupt oneself. After all, what do you achieve by refusing to make money?”²³³

Ravelston considera a sociedade corrupta e todos que tentam viver nela devem cumprir o mesmo princípio. E seu lugar de conforto na sociedade lhe permite bradejar ao nosso protagonista de que a mudança verdadeira está no sistema em si: “One’s got to change the system, or one changes nothing”²³⁴. Porém nenhum deles percebe essa mudança, e Ravelston parece se conformar em apenas discernir o teórico do prático, sem jamais alcançar a tal transformação sistêmica que tanto defende.

Podemos observar que o romance se concentra em apresentar as inquietações e frustrações de apenas uma parte da camada trabalhadora, isto é, a média baixa e a média alta, representados em Gordon e Ravelston, respectivamente. E no constante diálogo entre os dois sobre o panorama social em que vivem a questão do socialismo parece ser recorrente. Porém a interpretação dos dois é distinta quanto a esse conceito. A distância proveniente do conforto econômico de Ravelston o faz um *bon socialiste*, que parece cumprir uma cartilha estereotipada e que apenas alcança os aportes teóricos e as frases de efeito. Já Gordon possui uma relação diferente com essa questão, pautada pela privação de condições materiais, que o impedem de contemplar o socialismo como possibilidade, tudo que lhe resta é o sentimento de que se trata de algo enfadonho.

sumário

3.3 A CONVÊNÇÃO COM O SISTEMA

Gordon considera o socialismo como uma teoria pouco efetiva, distante de sua realidade social. À mesma maneira, nosso protagonista se mostra entediado na busca de um emprego, quando se vê demitido do sebo por embriaguez: “*The prospect of searching for another job bored him even more than the prospect of poverty*”²³⁵. A jornada de Gordon, que se coloca à margem do sistema, parece traçar um paralelo com a escassez financeira dos anos 1930.

Neste período, o Reino Unido estava imerso em uma das maiores depressões econômicas, com grandes níveis de desemprego, o *Great Slump*²³⁶: “há 2 milhões de desempregados registrados, (...) o número de subnutridos na Inglaterra (...) chegaria no máximo a 5 milhões”²³⁷. Proveniente de uma reverberação da crise de 1929 e dos empréstimos feitos durante a Primeira Guerra Mundial, os problemas econômicos britânicos se espalharam em todas as instâncias da sociedade²³⁸. A falta de empregos mencionada pelo protagonista parece dialogar com esse cenário histórico: “*There are no jobs to be had nowadays*”.

Pensar a questão do desemprego em um período de crise econômica significa refletir sobre seus desdobramentos sociais. As condições de trabalho afetavam significativamente a qualidade de vida da população²³⁹. Diante das poucas moedas no bolso de Gordon podemos perceber a sua inserção na sociedade. Por meio do trabalho, seja na agência de publicidade, seja na livraria, é possível perceber como o tipo de trabalho realizado confere a ele uma posição específica na sociedade. É por meio desse panorama que podemos refletir sobre algumas características de nosso protagonista.

Em meio à recessão, os empregos foram redistribuídos em toda Inglaterra: ao norte se concentrava o trabalho braçal, das mineradoras de carvão e a indústria de algodão; ao sul, nas cercanias de Londres, estavam as novas indústrias²⁴⁰. Essa redistribuição dos

sumário

tipos de mão de obra diminuiu os postos de trabalho braçal e aumentou os de colarinho branco, ou trabalhadores não manuais que, ao final dos anos 1930, constituíam em um quarto da força de trabalho britânica²⁴¹. Esta última categoria condiz com a situação de nosso protagonista, que se encaixa no tipo de mão de obra especializada, principalmente no que concerne ao âmbito da cultura.

A oferta de empregos entre as guerras se concentrou principalmente em funções burocráticas, por conta da expansão da indústria especializada e mais desenvolvida²⁴². A rede de efeitos dessas alterações ocupacionais teve a função de manter a oferta de empregos para a vasta maioria daqueles que procuravam um ofício em meio à crise. Com isso, fica cada vez mais distante para a classe trabalhadora o prospecto de uma carreira literária, artística, que abrange o campo abstrato e reflexivo. Estas funções estavam destinadas cada vez mais à elite. Gordon passa a ter como opção de emprego uma função mecanizada, na agência de publicidade: “*Gordon [was promoted] to a special post as secretary (...) It was an unmistakable chance to Make Good.*”²⁴³

Com este panorama em mente podemos refletir melhor sobre a jornada de nosso protagonista com relação à esfera do trabalho. Com início na agência de publicidade, Gordon toma consciência de que sua função consiste na manipulação de informações em troca de lucro, e em seguida culmina na sua batalha com o dinheiro: a escolha de um trabalho inferior, que lhe oferecesse o mínimo para sobreviver. O mote do romance se dá nessa premissa, desencadeia as ações ao longo do enredo, em torno das escolhas do protagonista sob o filtro da obsessão financeira. Todavia, seu ilustre amigo Ravelston parece concordar com a decisão de Gordon em meio ao conturbado panorama social, por ser uma questão “de princípios”:

‘But you don’t think he was right to leave them [the agency]?’ she [Rosemary] said, promptly divining that Ravelston DID think Gordon right.

sumário

'Well—I grant you it wasn't very wise. But there's a certain amount of truth in what he says. Capitalism's corrupt and we ought to keep outside it—that's his idea. It's not practicable, but in a way it's sound.'

'Oh, I dare say it's all right as a theory! But when he's out of work and when he could get this job if he chose to ask for it — SURELY you don't think he's right to refuse?'

'Not from a common-sense point of view. But in principle—well, yes.'

'Oh, in principle! We can't afford principles, people like us. THAT'S what Gordon doesn't seem to understand.'²⁴⁴

Em um diálogo entre Rosemary e Ravelston, durante a estadia de Gordon no apartamento do amigo – apartamento este no qual ele não suportava estar, mas que agora o abriga por conta de seu despejo da pensão e sua demissão – podemos perceber que o editor concorda com a guerra ao dinheiro de Gordon. Rosemary percebe a concordância mútua entre os dois e discorda com os atos de Gordon em deixar a empresa de publicidade e se isolar financeiramente da sociedade.

Ravelston admite que não se trata de uma decisão sábia, mas que parece ser algo que deveria ser feito para combater os males do capitalismo. A retórica intelectual do personagem toma conta para justificar uma tomada de decisão que possui resultados distintos de acordo com a classe social. Se Ravelston tivesse decidido travar uma guerra ao dinheiro – o que ele não faz – não sofreria as mesmas consequências de nosso protagonista. Ele justifica seu apoio a Gordon pelo fato do capitalismo ser corrupto e que é preciso se manter fora dele: “*we ought to keep outside it*”, afinal essa é a ideia de uma certa resistência ao capital. E as consequências são anunciadas pelo próprio editor endinheirado, “*It's not practicable*”.

Gordon, por sua vez, no desfecho do romance sente alívio ao se conformar e voltar a uma vida de acordo com as normas burguesas: “*Now that the thing was done he felt nothing but relief; relief that now at last he had finished with dirt, cold, hunger, and loneliness and could get back*

sumário

to decent, fully human life"²⁴⁵. Finalmente temos a revelação de que toda a batalha travada contra o dinheiro havia sido um fardo, uma abdicação de sua condição humana para manter um status. E ainda, a afirmação determinista de que Gordon estaria cumprindo o destino de sua classe, daquilo que lhe era esperado, nos remete à pequenez de suas atitudes sempre autocentradas, que não trouxeram nenhum tipo de mudança social, apenas lhe custaram a integridade. Em nenhum momento ele tenta fazer com que seu "destino" seja o de apagar da face da terra a existência do dinheiro. Ele continua mantendo o sistema que o destrói.

Essa posição de conformidade, tanto de Gordon quanto de Ravelston, parece refletir um padrão das atitudes dos intelectuais no período entre as guerras: "no todo, a história literária da década de 1930 parece justificar a opinião de que um escritor faz bem em ficar fora da política. (...) sem essa liberdade "burguesa" a capacidade criativa seca"²⁴⁶. Esse afastamento da política por parte dos intelectuais parece trazer problemas sociais de ordem mais profunda:

With all its injustices, England is still the land of habeas corpus, and the overwhelming majority of English people have no experience of violence or illegality. If you have grown up in that sort of atmosphere it is not at all easy to imagine what a despotic régime is like. Nearly all dominant writers of the 'thirties belonged to the soft-boiled emancipated middle class and were too young to have effective memories of the Great War. (...) They can swallow totalitarianism *because* they have no experience of anything except liberalism. (...) So much of left-wing thought is a kind of playing with fire by people who don't even know that fire is hot.²⁴⁷

Em uma circunstância como a inglesa, as possibilidades estão repletas de alentos para a camada intelectual, uma vez que não vivenciam a injustiça violenta do império, uma instituição "longe de constituir um benigno processo civilizador, foi 'um processo sangrento de enorme força'"²⁴⁸. Os anseios de alguns trabalhadores cerebrais aparentam passar longe da mudança do sistema: "não muitos intelectuais europeus de classe média clamavam pela derrubada do império ou pela emancipação dos trabalhadores das fábricas"²⁴⁹.

sumário

Em meio às regalias do mundo intelectualizado, a classe média artista desfruta do luxo que envolve o entusiasmo estético, uma “percepção da beleza no mundo exterior ou, por outro lado, nas palavras e no seu arranjo correto”²⁵⁰. A grande maioria dos intelectuais dos anos 1930, assim como Gordon e, principalmente Ravelston, a tal “*soft-boiled emancipated middle class*”, não tinha o contato prático com questões sociais. Seus reclames mimados se restringem ao círculo próximo, daqueles que os favorecem. Os pequenos clubes literários e revistas acadêmicas parecem se preocupar apenas com as próprias publicações e ascensão literária: “a frase na boca de todo mundo era *quand je serai lancé*”²⁵¹.

A ala do trabalho produtivo de inteligência de esquerda manipula formulações estéticas como quem brinca com fogo, sem saber da capacidade deste em causar danos. Podemos compreender mais a fundo essa lógica quando fica evidente o posicionamento dos intelectuais: “em geral, escritores que não desejam se identificar com o processo histórico do momento ou o ignoram, ou lutam contra ele”²⁵². Os produtores de cultura que se colocam no espectro progressista têm o seu horizonte de criação limitado pelas relações de produção. O que nos importa de fato é encontrar aqueles providos da capacidade rara de conseguir “identificar sua posição *dentro* dessas relações”²⁵³. E isso é algo que Gordon não se propõe a fazer.

Podemos entender as limitações de nosso protagonista, e sua revolta pautada pelo individualismo, quando analisamos a atuação do tipo intelectual artista que se diz comprometido com uma indignação de ordem social, todavia operando na ordem de uma “inteligência burguesa de esquerda”²⁵⁴. Estamos diante do intelectual progressista, consciente de alguns aspectos do funcionamento contraditório da sociedade e que, todavia, opera na lógica burguesa, em favor próprio.

Porém, vale ressaltar que não são todos os intelectuais progressistas que se enquadram nessa categoria, afinal foram diversos os que na primeira metade do “‘breve século XX’ de revoluções e guerras de religião ideológica” fazendo com que houvesse um “engajamento

sumário

político dos intelectuais”. Com isso, os intelectuais “não só defendiam suas próprias causas na época do antifascismo e depois do socialismo de Estado, mas também eram vistos dos dois lados como reconhecidos pesos pesados do intelecto”²⁵⁵.

Nosso protagonista se enquadra na categoria de trabalhador intelectual consoante com os fundamentos dominantes. Com isso, a guerra ao dinheiro travada por Gordon afeta apenas ele mesmo e, consequentemente, acomete sua escassa produção literária. Produção esta que parece ser fruto de seu rancor com outros escritores que cumprem a ordem vigente escancaradamente, principalmente as leis do mercado editorial. Isso faz com que sua suposta revolta, que parece romper com alguns padrões oficiais esteja “condenada a funcionar de modo contrarrevolucionário enquanto o escritor permanecer solidário (...) somente no nível de suas convicções e não na qualidade de produtor”²⁵⁶.

Isso significa que “*Gordon Comstock, author of Mice. ‘Of exceptional promise’*”²⁵⁷, apesar de apresentar um potencial transformador, quando o faz – se o faz de fato – produz resultados que surtem efeito apenas em sua vida. O poema que ele não possui o desejo de “*push the world in a certain direction, to alter other people’s idea of the kind of society that they should strive after*”²⁵⁸. Ele permanece na condição de escritor frustrado, abastecendo o “aparelho produtivo sem ao menos modificá-lo”²⁵⁹. Seus ressentimentos surgem de um “aparelho burguês de produção e publicação [que] pode assimilar uma surpreendente quantidade de temas revolucionários (...) sem colocar em risco sua própria existência e a existência das classes que o controlam”²⁶⁰.

Por conta disso, Gordon renova seu conjunto de ideias ao longo do romance alimentando frequentemente a insatisfação. Quando nosso protagonista se encontra à margem, em uma condição de vida miserável, tudo o que lhe resta é ficar obcecado pela maneira como o dinheiro permeia e possibilita todas as ações em sociedade: “*Down here you had no contact with money or with culture. No highbrow customers to whom you had to act the highbrow*”²⁶¹.

sumário

É na margem que ele busca o que fomenta o centro. Operando dentro da lógica de publicações literárias ele busca se sustentar como autor, produtor de sua própria literatura. Todavia, sua obra transborda no turbilhão de escritos que apenas comentam sobre problemas sociais sem de fato tentar alterá-los ou, até mesmo, “refletir sobre sua posição no processo produtivo”²⁶². E, mesmo reproduzindo a lógica dominante, nosso protagonista é rejeitado pela tropa de intelectuais endinheirados.

Nosso protagonista faz parte da parcela da sociedade que precisa vender sua capacidade de trabalhar – seja na escrita, seja no atendimento na livraria, ou na agência de publicidade – para conseguir se manter economicamente. A todo momento essa condição parece lhe escapar, por conta de seu propósito “maior”: a guerra ao dinheiro. E com isso, ignora o fato de que “mesmo a proletarização do intelectual quase nunca faz dele um proletário (...) porque a classe burguesa pôs à sua disposição (...) um meio de produção que o torna solidário com essa classe”²⁶³.

Ou seja, Gordon não é um proletário no sentido “tradicional” do termo, o trabalhador braçal. E também não desfruta dos privilégios da elite endinheirada, como Ravelston. Seu trabalho intelectual é proletarizado. Ele transita na margem entre trabalho intelectual e braçal, como se seu papel dentro das relações sociais servisse como válvula de escape para o sistema. Isso pode ser observado em dois patamares: primeiro na sua relação com a elite de fato, ou seja, na maneira como Ravelston o acolhe, mantendo o status de *bon socialiste*, por se compadecer com a condição de Gordon. Em um segundo momento a posição mediana de nosso protagonista parece revalidar os valores dominantes, pois despreza os pobres: “*He never felt any pity for the genuine poor. It is the black-coated poor, the middle-middle class, who need pitying*”²⁶⁴.

Esse limbo o qual nosso protagonista ocupa parece reafirmar os valores dos detentores da força material dominante. Ele mantém uma tensão e incômodo com aqueles mais abastados e, ao mesmo tempo, reproduz o asco por aqueles mais próximos de sua condição. Mais perto do que ele realmente gostaria de admitir, os genuinamente

sumário

pobres. Afinal de contas, a sua batalha com o dinheiro fez com que se aproximasse do calabouço da penúria, sem jamais perder a sua suposta decência: *"all he wanted was to sink, sink, effortless, down into the mud. (...) Under ground, under ground! Down in the safe soft womb of earth, where there is no getting of jobs or losing of jobs, no relatives or friends to plague you, no hope, fear, ambition, honour, duty"*²⁶⁵.

Tendo isso em mente, vale interpelar sobre a gênese dessa postura tomada por Gordon: a manutenção de seus privilégios. Temos o desfecho de um personagem que busca maximizar "seus benefícios através de um mercado que opera racionalmente e tem uma tendência natural (...) a alcançar um equilíbrio duradouro"²⁶⁶. Ou seja Gordon, o escritor supostamente promissor, se vê retornando para o cerne da lógica capitalista ao vender sua capacidade de trabalhar em uma agência de publicidade, cujo maior intuito é a venda de mercadorias.

Além do seu retorno à lógica formal de trabalho, o que realmente resgata nosso protagonista no mundo sórdido e miserável tem a ver com a gravidez de Rosemary:

'Oh, YOU know. A girl at the studio gave me [Rosemary] an address. A friend of hers had it done for only five pounds.' (...) He knew then that it was a dreadful thing they were contemplating—a blasphemy, if that word had any meaning. Yet if it had been put otherwise he might not have recoiled from it. It was the squalid detail of the five pounds that brought it home.²⁶⁷

Quando ela lhe anuncia o fato, ambos contemplam duas opções: terminar a gravidez ou se casarem: *"If that's the alternative I'll marry you. I'd sooner cut my right hand off than do a thing like that"*²⁶⁸. E como o dinheiro é o regente das escolhas de Gordon, ele mascara por meio do argumento apequenado de que o aborto seria algo nefasto. Nosso protagonista jamais admite para Rosemary que o grande motivo para o matrimônio fora o valor cobrado para terminar a gravidez. O aspecto mesquinho prevalece: Gordon prefere casar, viver sobre a sombra da aspidistra e retornar à vida de classe média

sumário

conformada – isso é melhor do que gastar cinco libras²⁶⁹ com o aborto e manter sua batalha contra o capital.

Ao se manter conivente com a lógica do sistema, Gordon sente alívio e passa a integrar o patamar médio de uma classe acomodada, que prefere abrir mão de seu potencial transformador para garantir seu lugar sob os auspícios da aspidistra. Junto de Rosemary, seu papel no ordenamento social é o de vender sua capacidade de trabalhar para em troca produzir uma prole – prole essa que, por sua vez, também irá integrar o ciclo do sistema.

Gordon se recusa a se ver como um membro da classe trabalhadora, mesmo que suas ações afirmem o contrário. Ao colocar um fim em sua batalha com o dinheiro, cumpre sua missão inicial, a de se submergir no sistema: *“He wanted to go down, deep down, into some world where decency no longer mattered; to cut the strings of his self-respect, to submerge himself—to sink”*²⁷⁰.

O que Gordon não sabia – ou ao menos se recusava a perceber – era que nas profundezas da terra, na margem do sistema habitam centenas de milhões de trabalhadores: *“Under ground, under ground! Down in the safe soft womb of earth, where there is no getting of jobs or losing of jobs, no relatives or friends to plague you, no hope, fear, ambition, honour, duty— no DUNS of any kind”*²⁷¹. No subsolo ferve toda a engrenagem que sustenta o sistema do qual Gordon tenta solitariamente escapar. Se o seu mergulho rumo ao subterrâneo fosse ao encontro dos outros trabalhadores braçais, pode ser que sua guerra ao capital desse frutos, desapontando os intelectuais embebidos no chá das cinco de suas torres de marfim.

O personagem de Gordon parece simbolizar o conforto muitas vezes buscado pelos intelectuais. Ele não contempla o ponto de vista da imensa maioria dos trabalhadores submetidos ao sistema de exploração capitalista. Todavia, dentro da potência da escrita orwelliana, Gordon representa apenas uma parcela da possibilidade de representação desse

sumário

tipo de intelectuais. Existe o outro lado da moeda, disposto a fazer o caminho em direção aos subterrâneos do núcleo fumegante do sistema: *"I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants"*²⁷².

O caminho efetivo rumo ao subsolo ocorre na obra publicada logo após *A Flor da Inglaterra*, um ensaio documental intitulado *O Caminho para Wigan Pier*. Gordon não se concilia com seus pares da classe trabalhadora, porém o narrador orwelliano continua essa busca: vai para o norte da Inglaterra, junto aos mineradores de carvão. Esse propósito faz com que avance no campo das reivindicações sociais: *"Every suspicion of self-advancement, even to 'succeed' in life to the extent of making a few hundreds a year, seemed to me spiritually ugly, a species of bullying"*²⁷³. Veremos em seguida, portanto, o caminho em direção aos oprimidos.

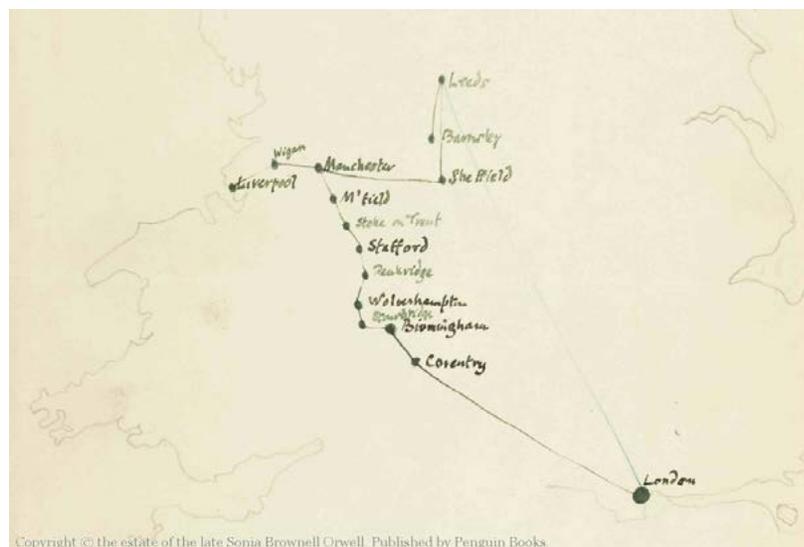
sumário

O CAMINHO PARA WIGAN PIER

one should never write anything that a working man could not understand.

George Orwell – fala proferida em um jantar por volta de 1945-47

Figura 1 – Mapa feito à mão por Orwell, detalhando o percurso de sua jornada ao norte da Inglaterra.



(Fonte: ORWELL, George. *Orwell Diaries*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 2012, p. 23.)

sumário

Da janela do trem rumo ao norte a paisagem avança, as ruas barulhentas de paralelepípedo da metrópole dão lugar ao campo e ar puro, o que causa estranhamento: *"the train drew away into open country, and that seemed strange, almost unnatural, as though the open country had been a kind of park"*. Cada vez mais distante da capital do mundo desenvolvido, nosso narrador contempla os telhados cobertos pela fumaça saindo pelas chaminés, as ruelas úmidas abaixo dos varais de roupas.

Em meio aos vilarejos cobertos de pedra e neve, nosso narrador encontra esperança: *"The whole of the industrial districts are really one enormous town, of about the same population as Greater London but, fortunately, of much larger area; so that even in the middle of them there is still room for patches of cleanness and decency"*²⁷⁴. Em meio ao cenário industrial fervilhante havia espaço para a decência florescer: *"that is an encouraging thought. In spite of hard trying, man has not yet succeeded in doing his dirt everywhere"*²⁷⁵.

Nesse ambiente em que a calma do campo se mistura à produção intensa das fábricas, temos um olhar narrativo que nos conduz pelos vilarejos, cortiços, filas de desempregados à espera do auxílio do governo, minas repletas de carvão. Londres pode ser o centro do império, mas parte do que a sustenta está a muitos quilômetros de distância, nas profundezas da terra. A voz narrativa desse ensaio documental organiza acontecimentos, descreve os entornos e, principalmente, apresenta seu ponto de vista. Ele se desdobra nas duas partes do livro, cumprindo papéis distintos: primeiro agindo como narrador personagem, que caminha em meio ao cotidiano dos mineiros e comenta tudo o que vê, para mais tarde refletir sobre tudo o que presenciou, elaborando algumas hipóteses políticas.

Esse narrador tece um fio condutor que transita pelas cidades inglesas, pernoita em pensões precárias e desce nas minas de carvão ao lado dos trabalhadores. Preserva inicialmente certa distância do objeto que observa, o que se mostra crucial para entender os posicionamentos políticos contidos na segunda parte da obra, em

sumário

que predomina a argumentação com base nas descrições feitas anteriormente, na primeira parte.

Para compreender a pobreza é preciso estar em meio aos oprimidos²⁷⁶. O narrador vai ao encontro dos mineradores, responsáveis pela extração de uma matéria-prima fundamental para o funcionamento do maquinário industrial. Ele aborda um setor essencial para a economia, algo que impacta todas as instâncias do modo de produção: *“practically everything we do, from eating an ice to crossing the Atlantic, and from baking a loaf to writing a novel, involves the use of coal, directly or indirectly”*²⁷⁷.

Pensar a forma dessa obra é imprescindível na compreensão do papel desse narrador como um crítico do contexto político. Existe um marcado procedimento realista ao discorrer sobre a conjuntura da época, detalhando as graves tensões sociais e políticas. Isso assinala uma diferença em relação ao registro vanguardista predominante no modernismo, o que implica uma escolha tanto estética, quanto política por parte de Orwell.

O protagonista dessa obra é a classe trabalhadora. Ela vai ser colocada em foco para pensar questões de consciência de classe, do papel do trabalho e de suas diversas manifestações, resultando em uma reflexão sobre a relação entre teoria e prática. Para o argumento narrativo, entender a importância dos trabalhadores dentro da produção capitalista significa, ao mesmo tempo, considerar caminhos capazes de transformar essa realidade de exploração.

sumário



4

O MUNDO
SOCIAL

4.1 O CAMINHO PARA A FICÇÃO

Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela sobre as razões que as sustentam como tal.

Antonio Candido – De Cortiço a Cortiço

Frequentemente conseguimos identificar uma história por trás de um texto, seja por meio de observações discursivas, seja por elementos ideológicos, afinal “todos os textos são narrativas. Mesmo os que não são, são”²⁷⁸. E uma história pode ser tanto de personagens fictícios, quanto de ideias e conceitos. Em narrativas e em textos, o fio condutor está atrelado a uma voz que nos guia e nos apresenta esses elementos. Estamos próximos à narração, pois ela é a única ponte com o conteúdo vinculado formalmente.

No caso de *O Caminho para Wigan Pier*, a voz narrativa que nos conduz é complexa, pois existe uma linha tênue entre ficção e realidade. Para além disso, a publicação dessa obra também traz uma trajetória peculiar no seu pano de fundo, pois sua elaboração não pode ser vista como espontânea. O livro foi comissionado como uma viagem ao norte da Inglaterra, para que fossem abordadas as condições sociais e o desemprego da região mineradora de Wigan, Barnsley e Sheffield. Portanto, foi uma escolha do editor de Orwell, Victor Gollancz, e não do próprio autor²⁷⁹.

Todos esses fatores vão influenciar o modo como o foco narrativo organiza e apresenta os fatos ao longo do livro. *Wigan Pier* possui aspectos inéditos na obra de Orwell: primeiro por ser comissionado e, segundo, por romper com algumas escolhas formais que faziam com que obras como *Na pior em Paris e Londres* e *Lutando na Espanha* tivessem vários aspectos autobiográficos e jornalísticos predominantes. Aqui ainda existem resquícios de um comentário biográfico, principalmente por conta da narração em primeira pessoa. Porém, observamos uma voz narrativa mais elaborada, que desbrava sua jornada em terras desconhecidas.

sumário

Publicado em 1937, o livro inicia em meio a descrições atentas dos afazeres e do cotidiano dos trabalhadores nas cidades rurais, com foco nos mineradores de carvão. Essa é a primeira narrativa sendo retratada. Temos um enredo que gira em torno de uma categoria de trabalhadores, sob o ponto de vista do observador oriundo de uma camada social privilegiada, que constantemente faz comparações com a própria experiência: “(...) *the place is like hell, or at any rate like my own mental picture of hell*”²⁸⁰.

Não se trata do narrar personagens fictícios, e sim do descrever operários ingleses, suas rotinas e, principalmente, suas dificuldades. Mesmo assim, observamos que existe uma história a ser contada: a de um setor da classe trabalhadora na década de 1930 ao norte da Inglaterra. Da mesma forma que no romance como gênero existem categorias como espaço, tempo e personagens determinados, também observamos essas categorias sendo reveladas. Porém, em vez de serem organizadas sob o manto ficcional, observamos os desdobramentos de suas vidas sob o ponto de vista do ensaio documental.

A escolha por uma forma literária que busque abarcar a qualidade narrativa unida à matéria social nos leva a pensar no panorama em que surgiu essa forma. Em meados dos anos 1930 existe no mundo artístico a tentativa de confrontar as experimentações da década anterior. Trata-se da “distinção convencional entre ‘conteúdo’ e ‘forma’ em seu sentido moderno efetivo”²⁸¹. Esse movimento de antagonismo entre as décadas aparenta separar as produções artísticas e, principalmente, desassociar ainda mais a elite das massas.

Tendo isso em mente, é possível perceber como poucos escritores tomaram para si a tarefa de conceber o andamento dos fatos em um período situado entre as duas maiores guerras do século XX. A produção literária da década de 1930 possui peculiaridades que repercutem as incertezas de sua época. Trata-se do momento que surge após o auge da abstração formal modernista da década de 1920 e, ao mesmo tempo, anterior à guerra dos anos 1940. As formulações desse

sumário

período derivam de alguns processos ainda ocorridos no século XIX, a respeito da elite intelectual e sua influência na sociedade. Muitos dos que produziram arte nos anos 1930 vinham da classe média e não eram dos setores aristocráticos vitorianos.

Dessa forma, pensar as diversas leituras sobre a década em que *O Caminho para Wigan Pier* foi escrito e, principalmente, conceber os agentes produtores de obras literárias, é estar diante de uma clara separação nas interpretações desse momento histórico. De um lado, temos os escritores ligados ao movimento modernista, vinculados às experimentações formais. De outro, há um grupo de escritores que não chegou a ser visto como um movimento literário, cujo grande foco estava na representação da realidade por meio de obras críticas.

Esse segundo grupo se dividiu em quatro movimentos: a reafirmação das normas vigentes; o academicismo de Oxford e Cambridge; os romancistas tidos como menores, chamados de *middlebrow*; e aqueles de orientação política mais voltados para a esquerda, desenvolvendo o chamado ímpeto documental.

No primeiro grupo, temos aqueles que buscaram no mecanismo estatal um fortalecimento do antigo paternalismo cultural, buscando defender os “padrões”. Esses elementos podem ser observados no projeto quase-Arnoldiano de John Reith²⁸² na BBC, assim como as tentativas da censura do *British Board of Film*, que baniu conteúdos de “mau gosto” ou “subversivos” nas exposições públicas.

O segundo grupo de artistas se organizou em torno de um pessimismo cultural, “a tônica dos escritores do pós-[primeira] guerra seria o ‘sentido trágico da vida’ (...) não é trágico, simplesmente queixoso; é o do hedonismo desiludido. (...)”, sustentando um derrotismo em que “todos são impetuosamente hostis à noção de ‘progresso’; sente-se que o progresso não só não acontece como também não deveria acontecer”²⁸³. Esse grupo de artistas integrava a “revolta dos intelectuais de Oxford dos anos 1930” nas palavras do próprio Orwell, um tipo de juventude socialista “tão segura quanto as birras de uma criança mimada”²⁸⁴.

sumário

Essa aura de pessimismo se concentrou naqueles que contribuíam na publicação da revista *Scrutiny* em Cambridge, e seu grande representante era F. R. Leavis, cujo conceito de cultura consistia em uma “esfera autônoma, o âmbito da doçura e da luz, dos bens espirituais a salvo dos interesses reais das relações entre pessoas”²⁸⁵. Era sua também a concepção de cultura como um “espaço de atuação de uma minoria, capaz de compreender e promulgar os mais altos valores da humanidade enfeixados nas obras dos grandes autores”²⁸⁶.

De certa forma, tratava-se do desenvolvimento da especialização dos intelectuais tradicionais. A especialização acadêmica, assim como o modernismo literário rendiam muito mais um discurso intelectual inacessível ao público geral, cujos predecessores consumiram avidamente Dickens, Tennyson e Macaulay. Com isso, houve um abismo entre a suposta civilização de Cambridge e Oxford e a cultura popular.

Esse abismo cultural foi preenchido, entre outras coisas, pelo terceiro grupo de escritores, predominantemente jornalistas da classe média, que criavam os romances tidos como *middlebrow*²⁸⁷. Isso significa dizer que o público geral permaneceu leal às formas realistas vitorianas, considerando as experimentações estéticas de Joyce, Woolf e Lawrence como difíceis de serem entendidas. E, com isso, os escritores *middlebrow* produzem uma literatura que retoma e continua o realismo do século XIX.

O quarto grupo de escritores que pensavam o contexto inglês se organizou em torno de uma publicação e um grupo de leitura, o *Left Book Club*, fundado por Stafford Cripps, Victor Gollancz e John Strachey. É justamente nesse espaço que foi comissionado e publicado *O Caminho Para Wigan Pier*. O grupo tinha a intenção de “revitalizar e educar a esquerda britânica”²⁸⁸. É nesse meio editorial que vem ao conhecimento do público obras como *Forward with Liberalism*, de Stephen Spender que versa sobre o comunismo como uma alternativa ao liberalismo, *Red Star Over China*, de Edgar Snow sobre o partido comunista chinês, *The Theory And Practice Of Socialism*, de John Strachey e *Spanish Testament* de Arthur Koestler, sobre a Guerra Civil Espanhola.

sumário

Ao longo da década de 1930 existe, nesse último grupo de artistas, uma preocupação em retomar o realismo como método. Dentro dessa tendência, a produção literária orwelliana pode ser incluída e dividida do seguinte modo: de um lado, o trabalho documental e factual²⁸⁹, com os exemplos de *Na Pior em Paris e Londres* de 1933, *O Caminho Para Wigan Pier* de 1937 e *Lutando na Espanha* de 1938. De outro, temos o trabalho imaginativo e ficcional, como no caso de romances como *Dias na Birmânia* de 1934, *A Clergyman's Daughter* de 1935, *Flor da Inglaterra*, de 1936 e *Coming Up for Air* de 1939. Com isso, o realismo parece ser o procedimento utilizado para discorrer sobre a conjuntura da época. Isso significava voltar-se para as graves tensões sociais, como uma preocupação tanto política quanto artística. Na maioria das vezes, estamos diante de um estilo que evita algumas das vertentes vanguardistas.

Essa escolha formal posiciona a obra orwelliana da década de 1930 no patamar de um aperfeiçoamento paulatino. Trata-se do período de experimentação de vários tipos textuais que possuem determinado caráter realista²⁹⁰, e isso pode ser observado em algumas passagens de *Wigan Pier*. Seja por meio da reprodução de fragmentos de jornais, esboço de tabelas, apresentação de fotografias, formando algo que mescla materiais diversos. Na possibilidade de serem vistos como uma década de experimentação, os anos 1930 orwellianos podem atuar como um prelúdio para a escrita que surge na década seguinte, que o consolidou como autor com as obras de fantasia satírica: *A Revolução dos Bichos*, de 1945, e *1984*, de 1949.

De toda forma, fazer essa divisão entre obras imaginativas e documentais seria algo secundário, uma vez que o cerne da questão gira em torno da relação entre fato e ficção, uma “relação que é parte de toda a crise de ‘ser um escritor’”²⁹¹. A divisão entre documental e imaginativo pode ser vista como um produto do século XIX, distribuído ao longo do século seguinte. O dualismo convencional da teoria literária ortodoxa mal foi notado e, muito menos, transformado.

sumário

Assim, pensar em termos como “ficção”, “não ficção”, “documentário” e “imaginativo” continuam a obscurecer os muitos problemas da escrita. Mesmo havendo alguns problemas de método nas questões da escrita documental²⁹², Orwell aparenta ultrapassar as divisões convencionais, no que concerne à prática literária. Sua escrita dos anos 1930 é um misto de experiência vivida com aquela retirada da literatura, indo ao encontro do que haveria de humano, mesmo nas condições mais desafiadoras impostas pelo capitalismo.

E essa combinação feita entre observação da realidade e o comentário crítico sobre ela parece predominar no ensaio documental de 1937, criando uma tentativa formal de desenvolver um novo realismo dos anos 1930²⁹³. No caso específico de *Wigan Pier*, temos uma forma literária em que predomina uma escrita sociológica, que critica o mundo por meio da prosa. Isso é alcançado por meio de diálogos, descrições e algumas vezes comentários autorais²⁹⁴.

4.2 DECIFRAR O REAL

A ideia da divisão de *Wigan Pier* em duas partes parece oferecer um paralelo que nos permite elencar algumas categorias. A primeira parte tem um aspecto mais documental, que descreve o que ocorre à volta do narrador. Trata-se de uma seção do livro coberta de passagens belas, que se assemelham ao procedimento descritivo de um romance. De certa forma, as impressões aparentam cumprir o papel de alicerce para os levantamentos teóricos que surgem na segunda parte, de caráter mais abstrato e que movimentam conceitos.

Nesse primeiro momento do livro, o que nos chama mais atenção é o predomínio das descrições, que se aproximam do estilo naturalista, pois focam em aspectos desagradáveis e negativos. Essa escolha narrativa dita o tom da obra, que parece conter um esforço interpretativo da realidade, dando continuidade à tradição de uma

sumário

“literatura realista, na qual a crítica assume o cunho de verdadeira investigação orientada da sociedade”²⁹⁵.

Um desses primeiros detalhamentos narrativos gira em torno do casal dono da pensão em que o narrador fica hospedado, em Wigan: “*The meals at the Brookers’ house were uniformly disgusting (...) the smell of the kitchen was dreadful*”²⁹⁶. Ao descrever os hábitos do cotidiano da pensão, a voz narrativa comenta o aspecto das refeições oferecidas pelo casal Brooker. O uso dos adjetivos situa o leitor de maneira precisa no aspecto repugnante da casa: “*For breakfast you got two rashers of bacon and a pale fried egg, and bread-and-butter which had often been cut overnight and always had thumb-marks on it (...) For supper there was the pale flabby Lancashire cheese and biscuits*”²⁹⁷.

Essa condição repulsiva da pensão parece contaminar tudo que ela abarca, principalmente a comida: *pale fried egg, pale flabby Lancashire cheese*. Corajosos eram aqueles que ousavam desbravar o pote de geléia coberto de uma “*unspeakable mass of stickiness and dust*”²⁹⁸. Além disso Mrs Brooker, a dona da pensão, tinha o hábito de limpar a boca em pedaços de jornal deixados pelo chão, criando uma ambientação elaborada pelo asco, que contamina a impressão do leitor sobre o local.

Em seguida da descrição minuciosa, que evoca imagens negativas, o narrador afirma que trata-se de uma condição comum nas áreas industriais da Inglaterra: “*It struck me that this place must be fairly normal as lodging-houses in the industrial areas go, for on the whole the lodgers did not complain*”²⁹⁹. Quem se hospedava por ali não parecia reclamar, ou ao menos se incomodar assim como o narrador. As imagens que beiram o escatológico estão associadas às acomodações de classe baixa: “*really low-class lodgings*”³⁰⁰, condição precária à qual os viajantes precisam se sujeitar para se abrigar ao fim de uma jornada de trabalho. Apesar desta situação repugnante, o narrador continua hospedado na pensão dos Brooker. O fator

sumário

determinante que o faz deixar o local de vez ocorre quando se depara com um “*full chamber-pot under the breakfast table*”³⁰¹.

O que poderia explicar o uso de uma descrição impactante logo no começo do ensaio documental? Uma resposta parece estar no fato de o narrador preferir frustrar as expectativas do leitor, para assim oferecer um relato mais próximo da realidade, baseado de fato na vida da classe trabalhadora³⁰². Outra resposta³⁰³ para essa indagação parece estar na resenha de Orwell sobre o livro *Trópico de Câncer*, de Henry Miller, em que admira Miller por sua insistência brutal nos fatos³⁰⁴ e parece se inspirar por esse procedimento. O que chama atenção do narrador é a tentativa de evitar o ponto de vista idealizado sobre a classe trabalhadora, distanciando-se de uma representação higienista, que tenta filtrar os aspectos repulsivos da vida proletária³⁰⁵. Isso parece fazer com que o relato de *Wigan Pier* humanize, em vez de insultar e desumanizar, sua matéria de observação.

Mesmo não sendo um romance, o livro possui um fio narrativo que organiza os acontecimentos, descreve seu entorno e, principalmente, apresenta seu ponto de vista. Aqui temos um problema formal complexo, pois existe uma sutileza na construção dessa voz discursiva, que muitas vezes apresenta o olhar do próprio autor: “*I was immediately reminded of the filthy kennels in which I have seen Indian coolies living in Burma*”³⁰⁶. Sobremaneira também atua como um narrador mais próximo do literário:

On the day when there was a full chamber-pot under the breakfast table I decided to leave. The place was beginning to depress me. It was not only the dirt, the smells, and the vile food, but the feeling of stagnant meaningless decay, of having got down into some subterranean place where people go creeping round and round, just like blackbeetles, in an endless muddle of slovened jobs and mean grievances. (...) But it is no use saying that people like the Brookers are just disgusting and trying to put them out of mind. For they exist in tens and hundreds of thousands; they are one of the characteristic by-products of the modern world. You cannot disregard them if you accept the civilization that produced

sumário

them. For this is part at least of what industrialism has done for us. (...) It is a kind of duty to see and smell such places now and again, especially smell them, lest you should forget that they exist; though perhaps it is better not to stay there too long.³⁰⁷

O narrador vai embora da pensão no dia em que presenciara um penico cheio até as bordas, debaixo da mesa do café da manhã. Ele começa a se sentir deprimido pelo local, uma sensação – e aqui a sensação do narrador é fundamental para a construção do aspecto naturalista dessa parte documental – que surge não apenas dos cheiros³⁰⁸, como também da comida péssima, como se fossem uma representação da constante decadência em que se encontravam os Brookers, assim como todos os outros moradores das regiões mineradoras.

A decadência que tanto o incomoda parece estar associada com a estagnação de uma massa de pessoas, vivendo em condições miseráveis. Logo de início conseguimos perceber o incômodo do narrador, que observa toda aquela gente sufocada se arrastando em círculos, animalizados como “*blackbeetles, in an endless muddle of slovened jobs and mean grievances*”.

Além do retrato carregado de imagens nauseantes, essa voz descritiva interfere constantemente, comentando o mundo que vê, rompendo com o paradigma formal do ensaio documental tradicional, em que predomina uma observação objetiva. Essa observação tradicional geralmente se desenvolve em terceira pessoa: “como o herói de Defoe em *A Journal of the Plague Year*, fisicamente móvel, mas psicologicamente um personagem passivo, cuja mente conhecemos bem, mas que não impõe sua opinião enfaticamente”³⁰⁹. Logo de súbito conseguimos perceber que nosso narrador é tudo, menos omissivo e passivo quanto a sua opinião.

A escrita documental mais convencional se preocupa com o mundo exterior, com a intenção de ordenar um aparente caos³¹⁰. Porém, no caso de *Wigan Pier*, a insistência em fazer do escritor um mero observador científico se mostra intolerável. Após elaborar esse

sumário

retrato minucioso, o narrador tece comentários sobre aspectos mais gerais sobre a situação que observa. Quase como se fizesse um movimento analítico, que parte de algo grotesco rumo à crítica social. A partir da particularidade, os Brookers, ele passa a comentar o papel social que essa família representa: “*But it is no use saying that people like the Brookers are just disgusting and trying to put them out of mind.*” Ao fazer esse movimento o narrador continua, destrinchando criticamente o local ocupado socialmente pelos donos da pensão: “*For they exist in tens and hundreds of thousands; they are one of the characteristic by-products of the modern world*”.

A partir dessa exposição crítica inicial, fica claro sobre quem o narrador irá debruçar seu olhar: os trabalhadores. Afinal, estamos diante da classe social que “não apenas se multiplica; comprime-se em massas cada vez maiores, sua força cresce”³¹¹. Isso significa que logo na abertura do ensaio documental podemos perceber que os sujeitos sendo observados aparentam ser poucos, mas representam milhões de pessoas.

Isso pode ser constatado na maneira como o narrador nos apresenta Mrs. Brooker, carregada de reclames vazios, constantemente balbuciando sobre as mesmas coisas, gerando revolta na em seu hóspede que tudo observa, culminando ao ápice com a constatação de seu hábito repugnante de limpar a boca com pedaços de jornal. De início temos o recorte em torno de uma personagem e, depois, passamos a um patamar mais amplo, que categoriza Mrs. Brooker como integrante de uma classe, um produto do mundo moderno. O narrador focaliza a singularidade da dona da pensão, destacando qualidades negativas que o incomodam, para depois justificar sua repugnância ao localizá-la em uma classe social, e ao compreender que se trata de uma camada sujeita às intempéries da modernidade. Seus reclames e hábitos são, na verdade, uma constante entre as centenas de milhões de residências operárias, sufocadas nas vilas inglesas.

sumário

Além disso, a linguagem possui um papel fundamental, principalmente na frequência de termos tidos como extremos, sendo utilizados como tática estilística³¹². Isso ocorre nos adjetivos no trecho acima: *self-pitying, tremulous, disgusting, sticky, labyrinthine*; no advérbio *especially*; e nos substantivos *blackbeetles, slums, complaints, by-products, civilization, industrialism*. Essa escolha formal se desdobra no emprego preciso dos pronomes: o narrador não se coloca como um igual a Mrs. Brooker e todos os outros integrantes de sua classe (*they exist in tens and hundreds of thousands*).

A partir dessa sutileza, a voz narrativa parece chamar atenção do leitor com uma frase retórica, que também não o inclui na mesma classe dos moradores do subúrbio pobre (*You cannot disregard them if you accept the civilization that produced them*). O narrador só se inclui usando o pronome *us* quando afirma que a classe operária é algo que o industrialismo fez para nós (*what industrialism has done for us*), ou seja, como alguém que precisa tolerar os resultados da industrialização.

Com isso, existe uma contradição do narrador que se coloca a favor da classe baixa, porém, ao ter contato direto com ela, expressa imediata repulsa. Esse procedimento é constante ao longo da obra: a compaixão pelos marginalizados e, ao mesmo tempo, um incômodo quando entra em contato direto com eles. Existe um movimento de ir ao encontro às classes baixas da sociedade, de forma muito fraterna, porém essencialmente solitário³¹³.

Essa contradição está em quem aceita a lógica do mundo moderno e, principalmente, desfruta dela, mas se sente incomodado com a presença de pessoas como Mrs. Brooker, que não precisam manter aparências, desenvolver papéis sociais dúbios para sobreviver socialmente. No momento em que o narrador se coloca em meio aos que aceitam esse tipo de sociedade usando o pronome *us*, ele critica as camadas média e alta, que se recusam a olhar para a camada baixa, manifestos no seu próprio impulso de repelir a senhora que limpa a boca com pedaços de jornal e reclama das mesmas coisas todos os dias.

sumário

Em seguida, o foco narrativo sintetiza essa contradição em um símbolo constante ao longo da obra: o olfato: “*It is a kind of duty to see and smell such places now and again, especially smell them*”. Sentir o odor dos lugares significa mergulhar em sua realidade, entender profundamente seu funcionamento e sentir incômodo com o fedor que emana dos cortiços, das minas de carvão, das ruas sem saneamento básico. Porém, esse ato de ir até à margem da sociedade significa demonstrar a importância que ela possui, visando entender como se organiza, para exercer compaixão pelos desvalidos, vítimas da lógica que permite acesso a poucos.

Para o narrador é um dever fazer esse movimento, sentir o cheiro de tal existência para que não seja apagada da memória coletiva. Ir ao encontro da classe trabalhadora é um ato de consciência de classe, que somente um membro da classe média, ou alta, poderia fazer.

4.3 SUBMERGIR RUMO AOS OPRIMIDOS

Como em um turbilhão o narrador nos conduz pelas ruas de Wigan, em direção aos trabalhadores. Sabemos que de fato Orwell fez a jornada até o norte da Inglaterra, e que não foi preciso criar um mundo ficcional para contar essa história. Porém, o fio condutor desse ensaio documental é uma construção, assim como o narrador de um romance. Observamos *Wigan Pier* sob o olhar minucioso, muito próximo do naturalismo, que “timbrou em tomar como personagens centrais o operário, o camponês o pequeno artesão, o desvalido, a prostituta, o discriminado em geral (...) retratando as conseqüências da miséria, da promiscuidade, da espoliação econômica”³¹⁴.

Essa percepção narrativa se volta para os mineradores que passavam 14 horas diárias no subsolo, desprovidos de tempo ou fôlego para se lavar ao chegar em casa, que mal conseguiam pagar o aluguel e prover pela família. Temos uma legião de trabalhadores rendidos às

sumário

condições materiais precárias, alimentando uma cadeia que sustenta a ideia de ser algo imutável: *“for in the industrial areas one always feels that the smoke and filth must go on for ever and that no part of the earth’s surface can escape them. In a crowded, dirty little country like ours one takes defilement almost for granted”*³¹⁵. A ganância sufoca as cidades industriais, cobrindo-as de sujeira e fumaça em uma névoa que não parece dissipar, como se simbolizasse uma degradação indestrutível.

Ao se voltar para os desprovidos, nosso narrador salienta o que há de mais primordial nos trabalhadores sufocados por essa névoa: *“Napoleon’s maxim ‘An army marches on its stomach’ (...) a human being is primarily a bag for putting food into; the other functions and faculties may be more godlike, but in point of time they come afterwards”*³¹⁶. Antes de exercer qualquer pretensão reflexiva, é preciso estar alimentado. E quanto mais os trabalhadores são explorados, mais distante se encontram do horizonte das reflexões, impossibilitados de olhar atentamente o que acontece à sua volta.

Em meio a dias frios e cinzentos, o narrador vaga pelas vilas operárias, repletas de casas germinadas, com os vidros embaçados e repletos de poeira. Após partir da pousada dos Brookers, ele observa da janela do trem uma jovem:

The train bore me away, through the monstrous scenery of slag-heaps, chimneys, piled scrap-iron, foul canals, paths of cindery mud criss-crossed by the prints of clogs. This was March, but the weather had been horribly cold and everywhere there were mounds of blackened snow. As we moved slowly through the outskirts of the town we passed row after row of little grey slum houses running at right angles to the embankment. At the back of one of the houses a young woman was kneeling on the stones, poking a stick up the leaden waste-pipe which ran from the sink inside and which I suppose was blocked. I had time to see everything about her – her sacking apron, her clumsy clogs, her arms reddened by the cold. She looked up as the train passed, and I was almost near enough to catch her eye. She had a round pale face, the usual exhausted face of the slum girl who is twenty-five and looks forty, thanks to miscarriages and drudgery; and

sumário

it wore, for the second in which I saw it, the most desolate, hopeless expression I have ever seen. It struck me then that we are mistaken when we say that 'It isn't the same for them as it would be for us,' and that people bred in the slums can imagine nothing but the slums. For what I saw in her face was not the ignorant suffering of an animal. She knew well enough what was happening to her – understood as well as I did how dreadful a destiny it was to be kneeling there in the bitter cold, on the slimy stones of a slum backyard, poking a stick up a foul drain-pipe.³¹⁷

No movimento entediante do trem, transitando pela paisagem coberta de chaminés e pilhas de ferro velho, a ambientação parece afetar o esforço interpretativo: “*monstrous scenery, clogs, paths of cinder mud, haorribly cold*”. Na construção que toma a forma, o relato é inundado por adjetivos, contaminados pelo aspecto grotesco dos vilarejos industriais, gélidos e cobertos da neve enegrecida pela lama.

Dessa forma, parece que monstrosidade da cidade reflete aqueles que a desenvolveram: “se a cidade é o mundo que o homem criou, é também o mundo onde ele está condenado a viver daqui por diante. Assim, (...) ao fazer a cidade o homem refez a si mesmo”³¹⁸. A feiúra das cidades industriais aparece como metáfora do horror do desenvolvimento capitalista, acelerado e desigual: “o capital nasce a pingar dos pés à cabeça, por todos os poros, com sangue e sujeira”³¹⁹.

Em meio a este cenário esquálido há uma moça ajoelhada no frio, tentando desentupir um cano. O olhar do narrador sobre a jovem se desenvolve por meio de adjetivos que remetem à imundice, à precariedade, nos conduzindo para um tipo descrição que se assemelha da prosa vitoriana urbana, de uma Londres coberta de dejetos – “o odor sufocante de fezes humanas exalava das fossas nos porões onde os londrinos jogavam seu ‘solo noturno’. Em áreas muito populosas (...) alguns porões chegavam a ter um metro de altura de excremento”³²⁰.

A onda desenvolvimentista da Revolução Industrial que havia alcançado primeiro as metrópoles, agora assola os vilarejos operários nos anos 1930. A mulher ajoelhada tentando desentupir o cano

sumário

de esgoto vive como em outrora, congelada no tempo, junto à sujeira da calçada de pedras. A região de Wigan, assim como as outras vilas industriais, foram as responsáveis pelo motor do desenvolvimento imperialista e, ao mesmo tempo, paga o preço por sustentar este fardo: “na medida em que a indústria e o comércio se desenvolvem nas grandes cidades do modo mais completo (...) emergem, de forma mais nítida e clara, as consequências de um tal desenvolvimento sobre o proletariado”³²¹. Os trabalhadores, acima de tudo, arcam com as consequências da aceleração econômica e tecnológica.

E essa jovem contemplada pelo narrador – de feição cansada, com a juventude de 25 anos e o aspecto de 40, de uma vida inteira nos *slums* – faz parte da classe trabalhadora, que carrega do labor diário as sustentações da sociedade de classes. Ao percebê-la, com a expressão mais desolada que havia presenciado, nosso narrador está diante da exploração e da desigualdade. A face da jovem parece representar todo o sistema a qual está submetida.

Desigualdade esta estampada no rosto dos milhões de trabalhadores, que perecem diante da penúria, geração após geração. Ao se deparar com essa condição, o narrador está diante da verdadeira face do império inglês, despido de todos os véus da distinção e opulência: “se quisermos conhecer (...) os sofrimentos desses infelizes, ao examinar sua parca alimentação e ao vê-los submetidos às doenças e ao desemprego, descobriremos um abandono e uma miséria tais que uma nação como a nossa deveria envergonhar-se de sua existência”³²².

Enquanto fita a jovem, ela retriui o olhar. Ao notar a expressão de sofrimento dela, o narrador percebe como a classe média comete o equívoco de pensar que seria diferente caso os seres sensíveis da sociedade fossem acometidos por uma pobreza desoladora: “*It struck me then that we are mistaken*”. Nós estamos equivocados. Toda uma classe pensante erra ao se ver distante dos trabalhadores braçais: “*It isn't the same for them as it would be for us*”.

sumário

Se fosse um intelectual acometido pela pobreza, ajoelhado na gélida calçada na manhã de março, o seu olhar de desespero seria o mesmo, afinal “é o sistema mercantilista (...) o grande nivelador. Ao mercantilismo não interessa que escola seu consumidor frequentou ou que tipo de sotaque adota, mas, sim, impor de forma precisa o tipo de uniformidade”³²³. Quando se trata de quem deve ser explorado, o capital não poupa forças.

Na tentativa de se descolar da inevitabilidade da venda da força de trabalho, a classe média se disfarça sob a máscara do mérito e do esforço pessoal. O que diferencia aquele que labuta sobre a pena, daquele que está ajoelhado no frio em uma viela, é muito menor do que se pode conceber. Todavia, a força do ideário hegemônico consegue desassociar essa percepção.

Os padrões oficiais reforçam a condição estática dos trabalhadores, “*people bred in the slums can imagine nothing but the slums*”, em um determinismo que limita a realidade da maior parte da sociedade. Indo contra essa lógica apequenada, a jovem ali ajoelhada possui tanta consciência de sua condição precarizada quanto aquele que a observa: “*she knew well enough what was happening to her – understood as well as I did*”. Nenhum ser humano consideraria agradável desentupir uma vala de dejetos, apenas uma lógica distorcida e internalizada pelo capital é capaz de normalizar essa condição desumana: “Aqueles que vivem nessas casas em ruínas (...) numa atmosfera que parece intencionalmente produzida para asfixiar - quem aí vive deve realmente situar-se no mais baixo escalão da humanidade. Essa é a impressão e a conclusão que se impõem ao observador que vê o aspecto exterior”³²⁴.

Com isso, após percorrer a superfície e observar atentamente a organização social das cidades industriais, nosso narrador se atenta ao cotidiano dos mineradores e, principalmente, às minas de carvão. Enquanto na superfície predomina o mundo das mulheres e das crianças, cuidando dos cortiços e das casas germinadas, é no subterrâneo que se apresenta um mundo em que predomina a força masculina dos trabalhadores.

sumário

Em meio ao subsolo rígido das pedras carvonizadas e sufocantes pela poeira, nosso narrador submerge profundamente, tanto literalmente no subterrâneo da terra, quanto metaforicamente na estratificação social: *“Down there where coal is dug is a sort of world apart which one can quite easily go through life without ever hearing about”*³²⁵. Ele descende para um mundo paralelo, responsável por sustentar todo o arcabouço contido na superfície.

Conforme prossegue nas profundezas da terra para conhecer o funcionamento da mina de carvão, a forma do ensaio documental revela com precisão os arredores: *“a mine (...) is like hell, or at any rate like my own mental picture of hell. Most of the things one imagines in hell are there— heat, noise, confusion, darkness, foul air, and, above all, unbearably cramped space”*³²⁶. Constantemente o narrador faz uso da comparação de seu próprio universo e suas referências para elaborar metáforas e símbolos. No primeiro contato com a mina de carvão a imagem que ele constrói é a do inferno.

Essa escolha simbólica coloca a mina de carvão no mesmo patamar de um local de tormenta e punição. Assim como aqueles que agonizam nos círculos do submundo dantesco, os mineradores parecem condenados à exploração capitalista, respirando o ar impuro de carvão, a rastejarem em túneis apertados, envolvidos pela escuridão e calor insuportáveis, pois tudo o que têm a oferecer ao dono da mine-radora é a própria força: *“o proletário (...) só possui de seu os próprios braços, que consome à noite o que ganhou durante o dia, que está inteiramente sujeito ao acaso, (...) está reduzido à condição mais revoltante, mais desumana que se pode imaginar”*³²⁷.

A concepção do narrador sobre o inferno como recurso simbólico parece perpassar o universo cultural originário de uma tradição ocidental. Ao colocar a mina de carvão no mesmo patamar da concepção do inferno religioso judaico-cristão, o narrador faz um comentário sobre a estrutura material da sociedade. Hordas de trabalhadores permanecem horas a fio em um local coberto pela escuridão, um calor fumacento e

sumário

abafado. Tanto os mineradores quanto os pecadores se encontram sufocados no subterrâneo, aqueles sendo explorados e estes sendo punidos. A representação do sofrimento e da punição do além-vida se desdobra como metáfora, para entender a condição dos trabalhadores ingleses.

A voz narrativa descende cada vez mais, rumo às profundezas das minas e do sistema de classes: *"I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants"*³²⁸. Esse movimento de submersão, de adentrar no subterrâneo, parece simbolizar a saída do centro rumo à margem do sistema de classes. O narrador percorre o mesmo caminho que o minerador fazia diariamente. Todavia para ele, que exercia o trabalho produtivo da inteligência, a descida ao encontro dos trabalhadores faz com que as suas amarras sociais sejam desfeitas, que outrora o impediam de analisar a realidade em sua totalidade, mascarada pelo manto ideológico. A escolha de ir ao encontro dos marginalizados permite com que o retorno à superfície traga um novo olhar em torno de si e dos seus, afinal *"precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima"*³²⁹.

E esse retorno à superfície permite com que o narrador observe seu cotidiano com outra perspectiva, enriquecida pela consciência de classe: *"I am not a manual labourer and please God I never shall be one (...) by no conceivable amount of effort or training could I become a coal-miner, the work would kill me in a few weeks"*³³⁰. Temos a afirmação precisa de que para os mineradores, narrador se trata de alguém que não é um trabalhador braçal como eles. E, por consequência, por desfrutar dos privilégios do mundo da cultura, nosso narrador revela as concepções que essa classe tem sobre os trabalhadores.

Afinal por que seria aceitável para uma classe estar sujeita a essas condições de trabalho, enquanto para o intelectual isso implicaria em uma morte breve? Quanto mais o intelectual se encontra distante da realidade social, mais aumenta sua noção equivocada a respeito da exploração laboral, deixando-o apartado do horizonte das camadas

sumário

baixas. Afinal, os mineradores pereciam ao realizar esse ofício, assim como o intelectual pereceria caso precisasse carregar a picareta: *“the fact that in any large industrial town the death rate and infant mortality of the poorest quarters are always about double those of the well-to-do residential quarters”*³³¹. Parece que quanto mais o trabalhador for explorado fisicamente, pior a sua condição de vida. O capital consome cada partícula de sanidade e força de seus escravos.

Assim, submergir rumo aos oprimidos é, acima de tudo, uma escolha narrativa que reflete um patamar ideológico. À mesma maneira com que Marx e Engels abordaram a matéria social, o fio condutor da narrativa se encontra diante de uma situação que “exigia levantar o véu da teoria e que a verdade material fosse exposta”³³². E por trás dessa exploração parece não haver uma justificativa racional, a não ser uma acumulação de mais valor, uma vez que “o percurso da história passa por cima do luto e do sofrimento dos indivíduos. Existe uma série de conexões explanatórias entre esses dois fatos, mas nenhuma justificativa genuína”³³³.

sumário



5

O MUNDO
DO TRABALHO

5.1 O COMBUSTÍVEL UNIVERSAL

Labour was the first price, the original purchase-money that was paid for all things. It was not by gold or by silver, but by labour, that all the wealth of the world was originally purchased; and its value, to those who possess it, and who want to exchange it for some new productions, is precisely equal to the quantity of labour which it can enable them to purchase or command.

Adam Smith – The Wealth of Nations

O conteúdo principal de *O Caminho para Wigan Pier* gira em torno do carvão. Constantemente nos deparamos com um mapeamento, que vai desde sua extração até a reflexão sobre as implicações econômicas e sociais desta matéria-prima nas áreas industriais. Assim como a poeira do carvão adere como cola nas narinas dos trabalhadores: “*the coal dust that stuffs up your throat and nostrils and collects along your eyelids*”³³⁴, ela parece esparramar-se ao longo do livro, atuando ora como protagonista, ora como pano de fundo.

A partir da observação do detalhe é que podemos refletir sobre a maneira em que a extração de carvão atua como estrutura basilar para um império como a Inglaterra: “*Our civilization, (...) is founded on coal, more completely than one realizes until one stops to think about it. The machines that keep us alive, and the machines that make machines, are all directly or indirectly dependent upon coal*”. Todo o fundamento material da civilização se sustenta nas grandes rochas de carvão mineral. Com a industrialização, a sociedade entra em um ciclo em que o carvão atua como combustível para as máquinas do desenvolvimento da Revolução Industrial e, ao mesmo tempo, move o maquinário que realiza sua extração. Assim, toda a cadeia produtiva está sujeita ao carvão como principal fonte de energia.

A importância desta matéria-prima é proporcional à crueldade que opera seu método de extração. Parece que quanto mais valioso o material para a industrialização, mais desumano é o labor de extraí-lo das entranhas da terra:

sumário

When you crawl out at the bottom you are perhaps four hundred yards underground. That is to say you have a tolerable-sized mountain on top of you; hundreds of yards of solid rock, bones of extinct beasts, subsoil, flints, roots of growing things, green grass and cows grazing on it – all this suspended over your head and held back only by wooden props as thick as the calf of your leg. But because of the speed at which the cage has brought you down, and the complete blackness through which you have travelled, you hardly feel yourself deeper down than you would at the bottom of the Piccadilly tube. What is surprising, on the other hand, is the immense horizontal distances that have to be travelled underground. Before I had been down a mine I had vaguely imagined the miner stepping out of the cage and getting to work on a ledge of coal a few yards away. I had not realized that before he even gets to work he may have had to creep along passages as long as from London Bridge to Oxford Circus. (...) But these distances bear no relation to distances above ground. For in all that mile or three miles as it may be, there is hardly anywhere outside the main road, and not many places even there, where a man can stand upright.³³⁵

Para se locomover no subterrâneo é preciso rastejar. A situação precária dos mineradores, que literalmente se arrastam em longas jornadas de trabalho, nos traz à mente a imagem da evolução humana, dos primatas que andavam em quatro apoios rumo ao aperfeiçoamento do homem bípede. Todavia, a 360 metros abaixo da terra, os mineradores são obrigados a abrir mão de sua dignidade em detrimento da extração de um dos bens mais valiosos à sociedade da época. Após milhares de anos de avanço como espécie, os mineradores estão entre aqueles que enfrentam uma condição de trabalho em que precisam curvar as costas e se locomover como se ainda fossem uma espécie inferior ao homem civilizado, no epicentro do império. Esse rebaixamento parece traçar um paralelo no lugar de exclusão que são colocados na matéria social. Acima deles está uma montanha que revela a jornada da humanidade: *“hundreds of yards of solid rock, bones of extinct beasts, subsoil, flints, roots of growing things, green grass and cows grazing on it”*.

sumário

Toda essa estrutura colossal se sustenta por esteios de madeira, da largura de uma panturrilha: *“all this suspended over your head and held back only by wooden props as thick as the calf of your leg”*. Sob os tuneis sufocantes das minas, nosso narrador se depara com a fragilidade do sistema industrial, que se revela como opulento, mas na verdade é tão quebradiço quanto um casebre de madeira.

E rumo às profundezas da paredes repletas de carvão, os mineiros fazem sua descida em um elevador que se assemelha a uma gaiola: *“You get into the cage, which is a steel box about as wide as a telephone box and two or three times as long”*³³⁶. Podemos perceber como essas imagens de aprisionamento e sufocamento parecem refletir a organização de toda uma estrutura econômica que gira em torno da extração do carvão, que aparenta ser sólida e robusta, mas que se sustenta em estruturas frágeis e quebradiças.

E nas centenas de metros abaixo da superfície o narrador traça um paralelo com suas referências urbanas, para tentar entender o mundo do rural ao norte da Inglaterra. A distância percorrida nos tuneis das minas é comparada com o deslocamento de pontos chave em Londres: *“I had not realized that before he even gets to work he may have had to creep along passages as long as from London Bridge to Oxford Circus”*. Além da descida equivalente a 60 andares rumo ao subterrâneo, os mineradores precisam se locomover horizontalmente, em uma distância que só faz sentido para o narrador – e, por consequência, ao leitor – quando comparada à caminhada de cinco quilômetros entre a London Bridge e Oxford Circus.

Isso parece revelar ainda mais o abismo do narrador observador com relação aos mineradores, afinal *“these distances bear no relation to distances above ground”*. A distância, tanto física de deslocamento quanto de lugar social, existente entre o narrador e os mineradores revela que não há um equivalente entre si. As normas vigentes da superfície não se aplicam ao mundo subterrâneo das minas. Estamos diante de duas realidades diferentes e que, ao mesmo

sumário

tempo são dependentes, principalmente a superfície com relação ao subterrâneo, repleto de carvão.

O que acontece nas minas não possui um equivalente cognoscível com a superfície, as normas são outras. Caminhar pela cidade por alguns quilômetros não significa o mesmo que rastejar por quilômetros abaixo da terra: *"Here is this frightful business of crawling to and fro (...) it is not part of the miner's work at all, it is merely an extra, like the City man's daily ride in the Tube"*³³⁷. Essa ruptura com o que acontece abaixo e acima da terra parece evidenciar o abismo entre a classe dos mineradores e a do narrador observador, tão intruso no cotidiano dos mineradores quanto um etnólogo nas profundezas das tribos amazônicas³³⁸.

Em meio ao cotidiano das minas mais algumas disparidades sociais são reveladas: *"You call a halt, ignominiously, and say that you would like to rest for a minute or two. Your guide (a miner) is sympathetic. He knows that your muscles are not the same as his"*³³⁹. Ao visitar as minas, como um membro da superfície, o narrador precisa da ajuda de um guia, que se simpatiza com o cansaço do visitante, estranho ao labor físico da rotina mineradora.

Com isso, em uma leitura preliminar dessa passagem, podemos constatar como o uso do *you* causa dois efeitos: primeiro, em defesa de uma voz comum. Ao usar o pronome da segunda pessoa, a realidade daquilo descrito torna-se mais próxima, especialmente no caso da língua inglesa. O oposto disso, seria o uso mais formal de *one*, em que a sentença *you call a halt* ficaria *one calls a halt*. Essa escolha formal parece implicar que qualquer um se identificaria com as ações tomadas pelo narrador. Esse uso do pronome pessoal adiciona camadas às vozes narrativas, trazendo um efeito mais realista, típico de uma literatura proletária³⁴⁰.

O segundo efeito gerado pelo uso do *you* tem a ver com a escolha sintática em deixar as frases na voz ativa, em vez da passiva caso fosse usado o *one*. Assim, a inserção ativa de um sujeito permite que a narração tenha um papel mais complexo, no que concerne

sumário

ao ponto de vista e sua presença³⁴¹. Assim, em *Wigan Pier* temos um narrador mais próximo do seu objeto de observação, que se manifesta de maneira incisiva e ativa, indo de encontro a instâncias narrativas mais voltadas à indulgência subjetiva, o que parece demonstrar o seu controle de uma estética política³⁴².

Além disso, podemos verificar o antagonismo de pontos de vista entre o narrador, exausto, e seu guia, um minerador. Ao pedir para que se faça uma pausa, ignominiosamente, o narrador se envergonha, como se estivesse causando uma desonra à rotina exaustiva dos trabalhadores em demandar uma pausa de alguns minutos. O minerador, habituado por obrigação à rotina fatigante, se mostra simpático ao pedido, ciente de que não são iguais: “*he knows that your muscles are not the same as his*”, ele sabe que os seus músculos não são os mesmos que os *dele*.

Novamente o uso do *you* equipara a deficiência dos músculos, tanto do narrador quanto do leitor, com o vigor dos mineradores. Aqui o uso dos pronomes parece revelar um contraste: o que está no singular – *he knows* – se refere a uma classe toda, os trabalhadores; e o que está no plural se direciona a uma única pessoa – *your muscles*, o narrador –, todavia colocado como “representante” dos outros, que ocupam seu mesmo lugar social. Essa inversão parece evidenciar um paralelo com o antagonismo da solidão do narrador e a coletividade do trabalhador braçal. O sujeito solitário é representado na linguagem no plural, que abrange tanto o singular quanto o plural. E o sujeito coletivo é encurralado na solidão do pronome pessoal no singular.

É por meio da forma que temos acesso ao abismo social, que aparta narrador e mineradores. O primeiro parece se dar conta de sua própria realidade ao notar as condições precárias em que outras pessoas se encontram, passando a refletir de forma crítica sua própria existência. Diante do choque de realidade entre os dois, surge uma consciência empenhada de ambos os lados, que parece ser “o resultado de uma interação entre [a sociedade] e nosso contexto material. Ela é em si um produto histórico”³⁴³.

sumário

Em uma atitude que parece simples, a de se mostrar simpático pelo pedido do narrador, podemos observar a constatação da diferenciação de tipos de trabalho. Temos de um lado o minerador, e de outro o narrador, um intelectuaç. E, com isso, surge uma reflexão inicial sobre como a venda da mão de obra é capaz de alterar fisicamente o estado físico de quem a vende, causando resistência a um ambiente insalubre e desumano – resistência esta que servirá de sustentáculo para o tipo de vida levada pelos trabalhadores intelectuais. O mine-rador parece não perceber mais o esforço despendido pelo narrador, seus músculos foram transformados pelo labor. E essa constatação da diferença de mundos passa a ficar cada vez mais palpável:

Watching coal-miners at work, you realize momentarily what different universes people inhabit. (...) Probably majority of people would even prefer not to hear about it. Yet it is the absolutely necessary counterpart of our world above. (...) Practically everything we do, from eating an ice to crossing the Atlantic, and from baking a loaf to writing a novel, involves the use of coal, directly or indirectly (...) It is only very rarely, when I make a definite mental effort, that I connect this coal with that far off labour in the mines. It is just 'coal' – something that I have got to have; black stuff that arrives mysteriously from nowhere in particular, like manna except that you have to pay for it. (...) Their lamp-lit world down there is as necessary to the daylight world above as the root is to the flower. (...) And even now, if coal could not be produced without pregnant women dragging it to and fro, I fancy we should let them do it rather than deprive ourselves of coal. But most of the time, of course, we should prefer to forget that they were doing it. It is so with all types of manual work; it keeps us alive, and we are oblivious of its existence. More than anyone else, perhaps, the miner can stand as the type of the manual worker, not only because his work is so exaggeratedly awful, but also because it is so vitally necessary and yet so remote from our experience, so invisible, as it were, that we are capable of forgetting it as we forget the blood in our veins. In a way it is even humiliating to watch coal-miners working. It raises in you a momentary doubt about your own status as an 'intellectual' and a superior person generally. (...) it is only because miners sweat their guts out that superior persons can remain superior.³⁴⁴

sumário

Ao observar a rotina de trabalho dos mineradores, o narrador se dá conta da diferença de lugares que ocupam. E essa tomada de consciência surge da observação da extração de uma matéria-prima, o que, por sua vez, envolve uma percepção que nem todos estão dispostos a ter. Todavia, fazer esse esforço é uma das principais obrigações daqueles que trabalham na superfície: “*the absolutely necessary counterpart of our world above*”. Perceber a lógica de exploração da força de trabalho, em que existe “uma divisão entre o trabalho material e o espiritual”³⁴⁵ significa, no mínimo, ter consciência do funcionamento de toda a cadeia de produção.

Entretanto, dentro da lógica mercantilizada, vender a força de trabalho significa estar alheio a este processo, quase de maneira intrínseca. Pode ser que por conta disso é que poucos estejam dispostos a fazer essa conscientização: “*probably majority of people would even prefer not to hear about it*”. De certa maneira, nosso narrador atenta ao fato de que exista, ainda dentro do capitalismo, alguns intelectuais que, por estarem livres do trabalho manual, se dispõem a refletir sobre aqueles que ainda fazem parte do proletariado: “*It is only very rarely, when I make a definite mental effort, that I connect this coal with that far off labour in the mines*”. O esforço *mental* sobre a existência de uma mão de obra *braçal* anuncia um empenho em direção à consciência da divisão social de classes. O contraste entre *mental* e *braçal* nos oferece uma baliza de interpretação sobre os tipos de trabalho presentes na obra.

Estamos diante de uma discrepância: aqueles que atuam no trabalho produtivo da inteligência, com a ilusão de olhar a totalidade das relações, mas que na verdade se encontram afastados da vida prática; e aqueles que de fato possuem contato com a “esfera da esfolação, propriamente dita, que é o processo produtivo, onde a fachada civilizada e igualitária sofre um rude desmentido”³⁴⁶ o tempo todo, sabendo muitas vezes o que está em jogo. Assim, o narrador expõe o propósito primário da ideologia burguesa: a de naturalizar e manter invisíveis as contradições sociais, que formam a base das sociedades capitalistas³⁴⁷.

sumário

Esse abismo dentro do ambiente produtivo se desenvolve no livro por meio da produção do carvão, uma das principais necessidades para o funcionamento do mundo, uma vez que praticamente tudo produzido *“involves the use of coal, directly or indirectly”*. O carvão torna-se uma mercadoria primordial para a sobrevivência da sociedade. E a sua extração gira em torno da força de trabalho, que *“torna-se uma mercadoria, ainda que especial, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. Converte-se em meio, e não primeira necessidade de realização humana”*³⁴⁸. Isso significa dizer que a força de trabalho dos mineradores é o que existe de mais valioso na lógica industrial, mais do que o próprio carvão. Apesar de uma mercadoria ser tão utilizada na sociedade, tal como o carvão, a madeira, o algodão, ocupando a base de produção, é a partir dela que as engrenagens do processo produtivo giram.

Por isso, o verdadeiro combustível da produção, aquilo que realmente produz tudo, é a força de trabalho. O dono da mina de carvão paga pela força de trabalho dos mineradores com o salário, após a realização do trabalho atuando como mercadoria. Em seguida ele é capaz de gerar mais valor por meio dos trabalhadores. O que a princípio se desvela por meio da mercadoria, o carvão, nos conduz à gênese da disparidade social: a dependência na produção de excedente por meio da exploração da capacidade de trabalhar. E assim se ramificam as mais diversas possibilidades de produzir excedente por meio da força de trabalho, do braçal ao cerebral.

Isso nos ajuda a pensar a disparidade de realidades entre o minerador, visto como o tipo de trabalhador braçal tradicional, e o narrador, que permeia o mundo da cultura. O que muitas vezes foge à mente daqueles que não fazem o esforço para pensar de onde veio o carvão parece ter uma relação com a divisão social do trabalho: *“os que trabalham em centros de atendimento são tão explorados quanto os que labutam nas minas de carvão”*³⁴⁹. E assim, ao ter realmente em mente a gênese do processo produtivo, o narrador nos alerta à necessidade

sumário

de fazer um esforço mental, “*when I make a definite mental effort*”, para perceber como o carvão chega nas residências como algo que surge misteriosamente, “*mysteriously from nowhere in particular*”. O narrador exerce uma tarefa de escavação ideológica que, assim como o ofício dos mineradores, consiste em desenterrar as camadas mais profundas de repressão, que se encontram nas raízes na divisão de classes³⁵⁰.

Na maioria das vezes esse processo é esquecido de maneira consciente, alienada, pois aquilo que nos mantém vivos é justamente aquilo que escolhemos esquecer que existe: “*is so with all types of manual work; it keeps us alive, and we are oblivious of its existence*”. O que *nos* mantém vivos, nós e o narrador, a classe que não necessariamente se inclui como trabalhadora braçal, é o esquecimento da existência da exploração em prol do capital. Ao esquecer deliberadamente essa estrutura, o intelectual “permanece distante e indiferente em relação à vida e às lutas das massas trabalhadoras”³⁵¹. Em *Wigan Pier*, o antagonismo de classes aparece novamente na linguagem e em sua mensagem, atuando como forma de conhecimento³⁵², que salienta a necessidade vital dessa tomada de consciência.

Assim como ficara envergonhado em fazer uma pausa nos tuneis, o narrador fica constrangido ao observar a rotina de trabalho dos mineradores: “*It raises in you a momentary doubt about your own status as an ‘intellectual’ and a superior person generally*”. Afinal, o que faria com que o trabalho intelectual fosse tido como superior ao braçal? Embora haja denominações e classificações, os dois tipos de trabalhador, braçal e intelectual, estão inseridos no processo de produção, que alimenta o sistema de classes. Seguindo a lógica de que a classe dominante detém a produção material e, portanto, a produção intelectual³⁵³, podemos dizer que no capitalismo, os intelectuais só desfrutam de uma rotina de trabalho confortável, pois existe uma tropa de homens exaustos inalando carvão nas entranhas das minas. A classe intelectual se mostra inútil sem a existência dos trabalhadores braçais: “*It is only because miners sweat their guts out that superior persons can remain superior*”.

sumário

Para que poucos consigam manter seu status superior, exercendo um papel distinto no mundo da cultura na superfície, existe uma horda de homens no subterrâneo. O nosso narrador só é capaz de exercer uma função intelectualizada e refletir sobre a importância social dos mineradores justamente pelo fato de estes estarem submetidos à exploração braçal. O contraste entre classe intelectual e trabalhadora se divide literalmente em duas camadas: a superfície, em que predomina o privilégio, e o subterrâneo, em que reina o desgaste laboral e físico. Com isso, o intelectual só consegue usufruir dos privilégios da superfície, "*remain superior*", graças ao suor daqueles que permanecem inferiores, física e socialmente. Sem a jornada diária de quem precisa vender sua mão de obra braçal, os intelectuais não conseguiriam obter algumas regalias, uma vez que "são uma casta de certa forma alijada do mundo material"³⁵⁴.

Com esse contraste entre superfície e subterrâneo, trabalho intelectual e braçal, o narrador nos revela algumas reflexões muito próximas da ordem prática, fazendo com que a consciência dessa desigualdade fique cada vez mais irrefutável:

Meanwhile, how much coal is the average miner producing? (...) In 1914 every mine-worker produced, on average, 253 tons of coal; in 1934 he produced 280 tons. (...) But taking 280 tons as a representative figure, it is worth noticing what a vast achievement this is. One gets the best idea of it by comparing a miner's life with somebody else's. If I live to be sixty I shall probably have produced thirty novels, or enough to fill two medium sized library shelves. In the same period the average miner produces 8400 tons of coal; enough coal to pave Trafalgar Square nearly two feet deep or to supply seven large families with fuel for over a hundred years.³⁵⁵

Nosso narrador parece ter um olhar atento no que concerne à realidade dos mineradores e a sua própria, em comparação. Esses alertas nos permitem interpretar a argumentação como um ponto de vista que vem da classe média, sendo direcionado para leitor também de classe média, e não o operário³⁵⁶. Ou seja, a voz condutora do relato

sumário

documental parece constantemente chamar a atenção da camada intelectual – que não sofria das privações encontradas no norte – com o uso de descrições e fatos para incitar algum tipo de reação, ao menos reflexiva, sobre as desigualdades na Inglaterra.

Por meio de uma investigação minuciosa, uma das primeiras questões levantadas no livro gira em torno da comparação prática entre as mercadorias produzidas pelos mineradores e os intelectuais: “*Meanwhile, how much coal is the average miner producing?*”. O narrador traça um fio condutor que parte da mercadoria produzida pela força de trabalho dos mineradores, para poder pensar em uma escala mais ampla: a produção de cultura. A escolha dessa premissa concretiza e evidencia para o leitor, também intelectualizado, o que está em jogo.

Ao se debruçar sobre a produção de determinada mercadoria, fica escancarado como se organiza o mundo social em que “reina o modo de produção capitalista” e ele “aparece como uma enorme ‘coleção de mercadorias’”³⁵⁷. Assim como Marx, nosso narrador começa sua análise com uma mercadoria, algo muito comum “porque qualquer pessoa tem contato e experiências diárias com ela”³⁵⁸. Isso parece ocorrer pois “estamos constantemente cercados de mercadorias, gastamos tempo comprando, olhando, desejando ou recusando mercadorias. A forma-mercadoria é uma presença universal no interior do modo de produção capitalista.”³⁵⁹

Ao comparar a quantidade extraída de carvão com a contrapartida na superfície, o número de livros que um escritor produz, fica evidente a disparidade social: “*But taking 280 tons as a representative figure, it is worth noticing what a vast achievement this is. One gets the best idea of it by comparing a miner’s life with somebody else’s*”. Nosso narrador coloca em perspectiva o que significa extrair 280 toneladas de minério bruto, e isso é feito no mundo da cultura: “*If I live to be sixty I shall probably have produced thirty novels (...) In the same period the average miner produces 8400 tons of coal*”. Enquanto o minerador produz 8.400 toneladas de carvão, um escritor produziria provavelmente 30 romances.

sumário

Em um primeiro olhar sobre essa afirmação, destacamos que não se trata de balancear numericamente centenas de toneladas de carvão com algumas dezenas de livros. O que está sendo exposto é a discrepância entre a quantidade de trabalho exercido em dois mundos distintos. Esse paralelo é traçado no patamar da produção. O narrador equipara o trabalhador braçal com o intelectual por meio de um denominador comum entre os dois: ambos precisam produzir algo para o capital, ambos são trabalhadores. E esse nivelamento é primordial para recuperar o que é esquecido deliberadamente pelos “sacerdotes da cultura”³⁶⁰: sua produção material também serve ao sistema produtivo.

Por meio do nosso narrador fica evidente como o capitalismo engendra um mecanismo, que procura confundir “distinções, desmontar hierarquias e misturar, da forma mais promíscua possível, diversas formas de vida”³⁶¹. Isso parece ocorrer, pois “nenhuma forma de vida é mais híbrida e pluralista. Quando se trata de quem deve ser explorado, o sistema é admiravelmente igualitário”³⁶². Onde houver lucro a ser extraído, todos estarão sujeitos ao mesmo tratamento. Trabalho braçal e intelectual se misturam na mesma baía, apesar do constante esforço da lógica burguesa em criar uma suposta distinção, produto de uma falsa consciência.

Tal falseamento parece manter os poucos privilégios restantes no mundo intelectual, porém isso nada mais é do que o resultado prático da ideologia em operação constante. Em meio a pequenos privilégios e acessos, os intelectuais se transformam em tolos diante dos olhos do capital, em um baile de máscaras mesquinho e apequenado, nutrindo fingimento e superioridade. Nada mais são do que uma categoria com uma mão de obra altamente capacitada, mas que possui pouca autonomia sobre sua própria atividade. Além disso, sem a existência dos trabalhadores braçais, não passam de improfícuos.

No subterrâneo, onde ferve o combustível para a sociedade industrial, é preciso produzir uma quantidade de excedente muito maior do que a dos trabalhadores da cultura, na superfície. Parece

sumário



sumário

que a produção se equipara com a condição social de cada uma dessas camadas e reflete o privilégio dos que estão acima. Temos, portanto, centenas de trabalhadores exauridos produzindo uma quantidade colossal de matéria-prima, em contraponto a seletos membros da classe média, que desfrutam do exercer um trabalho em uma escala muito menor e, portanto, mais confortável. Por conta dessa disparidade, constantemente é tomado dos trabalhadores braçais a possibilidade de refletir de maneira autônoma, pois ao serem impedidos de exercer suas faculdades racionais, o capital lhes extrai o que há de mais humano. Quando somos impedidos de pensar nossa humanidade é reduzida.

Tendo isso como pano de fundo, o narrador se compara com os mineradores, revelando seu olhar crítico e sua incumbência dentro da ordem social. Ele sabe o lugar que ocupa na superfície e resolve se posicionar, se responsabilizando pelo privilégio que possui. Essa consciência se torna possível por ser fruto da sua interação com a matéria social. Sua contribuição responsável surge ao levantar questionamentos voltados para a ordem prática, que procuram refletir de maneira orientada a organização social: *“it is worth noticing what a vast achievement this is”*. A consciência de pertencimento na sociedade pode ser vista, portanto, como o produto de um processo em que predomina o privilégio. Nosso narrador está do lado de cima, desfrutando do conforto dos sacerdotes da cultura.

Essa responsabilidade crítica do narrador representa a vantagem que os intelectuais possuem na superfície. Por terem um modo de vida que explora de maneira menos explícita a sua capacidade de trabalhar, possuem o conforto de refletir de maneira crítica. No caso, temos uma minoria empenhada em fazê-lo, geralmente no espectro mais à esquerda. Isso parece ocorrer, pois são trabalhadores produtivos da inteligência os que ocupam uma posição propícia a expor mentiras, analisar ações de acordo com suas causas e motivos, e geralmente intenções escondidas³⁶³. No mundo ocidental, ao menos, são os que possuem o poder

resultante da liberdade política, do acesso à informação e da liberdade de expressão. Para uma minoria privilegiada, a sociedade oferece lazer, recursos e o treinamento para buscar a verdade escondida atrás do véu da distorção e deturpação dos fatos, ideologia e interesses de classe, pela maneira em que os eventos da história atual são disseminados³⁶⁴.

A partir do momento em que temos de um lado, o trabalhador intelectual usufruindo do aconchego da superfície e, de outro, o trabalhador braçal desprendendo horas a fio em uma jornada de trabalho exaustiva, está posto o foco em que o narrador debruça sua atenção. Temos um abismo que separa uma mesma classe de maneira física e social. Em uma dicotomia entre superfície e subterrâneo, habita uma metáfora elaborada pelo narrador que faz as vezes de um dos maiores problemas sociais, intrínseco da ordem capitalista: o antagonismo de classes.

Isso significa dizer que os tipos de mão de obra se dividem em inúmeras categorias, em uma compartimentalização da produção que impede com que os trabalhadores consigam perceber a totalidade das relações. Por outras palavras, “um homem não reconhecia a si mesmo dentro do mundo como um todo maior ou sua contribuição produtiva dentro dele”³⁶⁵. O trabalhador se encontra distanciado daquilo que produz, de si mesmo e dos outros ao seu redor: “Assim como o trabalho alienado aliena do homem a natureza e aliena o homem de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital, ele o aliena da própria espécie”³⁶⁶, fazendo com que esse tipo de afastamento gerado pelo trabalho “estranha do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como sua essência espiritual, a sua essência humana”³⁶⁷.

Esse afastamento entre a vida laboral na superfície e nas minas de carvão é trazida pelo narrador como uma sensação de exclusão e separação, quando se depara com a diferença incontestável entre o ofício do minerador e o seu próprio, enquanto se encontra agachado nos túneis, respirando a poeira tóxica do carvão.

sumário

Com isso, o narrador se posiciona de maneira comprometida, usando o seu olhar que vem da classe média intelectualizada para alertar sobre alguns fenômenos de desigualdade. E essa tomada de posição se torna possível quando ele, após analisar brevemente os tipos de trabalhadores e o carvão como mercadoria, se depara com um dos maiores problemas que assolavam o norte da Inglaterra: o desemprego. É a partir do olhar atento para o contexto social que nosso narrador constrói tecidos argumentativos, que irão revelar o seu ponto de vista crítico, fazendo com que o “texto se form[e] a partir do contexto”³⁶⁸.

5.2 A MORTE DO LADO DE CIMA DA SEPULTURA

Além do contraste entre o mundo da superfície e o subterrâneo no que concerne à divisão social em classes, também se torna possível compreender essa disparidade quando consideramos o desemprego. Assim, as observações do narrador ajudam a construir um panorama histórico das cidades mineradoras, realçando o “papel que a obra (...) desempenha na sociedade”³⁶⁹. Com isso, nosso narrador se debruça sobre uma das questões em que “o desemprego tem sido o mais insidioso, o mais corrosivo mal de nossa geração: é a doença social específica da civilização ocidental em nosso tempo”³⁷⁰. Por meio da forma do relato documental é apresentado um diagnóstico empenhado das desigualdades encontradas na sociedade dos anos 1930.

Nessa década a população inglesa era de um pouco mais de 37 milhões. Os números oficiais relatavam um número aproximado de dois milhões de desempregados. Todavia trata-se de uma amostragem que não considera os membros das famílias afetadas pelo desemprego em que se encontrava o provedor principal. Sobre isso, nosso narrador aponta “*it is fatally easy to take this as meaning that two million people are out of work and the rest of the population is comparatively comfortable*”³⁷¹.

sumário

Desses dois milhões sem emprego, ao considerar os seus dependentes e os que não recolhem o equivalente ao seguro desemprego da época, temos um dado aterrador: *“Allow for these and their dependants, throw in as before the old-age pensioners, the destitute, and other non-descript you get an underfed population of well over ten millions”*³⁷². Com isso, mais de 50% da população se encontrava desempregada ao norte³⁷³. No panorama nacional a situação também era extrema: um quarto da população em 1936 estava sem trabalho por mais de um ano³⁷⁴.

Ao longo do relato o narrador nos apresenta alguns personagens que se encontravam nessa situação: *“When a quarter of a million miners are unemployed, it is part of the order of things that Alf Smith, a miner living in the back streets of Newcastle, should be out of work. Alf Smith is merely one of the quarter million, a statistical unit”*³⁷⁵. Aqui o relato assume alguns aspectos da forma narrativa ao citar um personagem minerador, tornando possível desvelar os meandros sociais. Nosso narrador vai além: *“But no human being finds it easy to regard himself as a statistical unit. So long as Bert Jones across the street is still at work, Alf Smith is bound to feel himself dishonoured and a failure.”*³⁷⁶ Enquanto um trabalhador perceber que o outro tem emprego e ele não, fica instaurado o incômodo dentro de uma mesma classe. Nenhum homem vê com facilidade o fato de sua condição de vida se tornar uma estatística, e quem se encontra excluído da linha de produção sente-se uma desonra e um fracasso.

Os trabalhadores afundavam nas águas turbulentas da depressão econômica que antecedeu à Segunda Guerra, em um desastre que se alastrou no império britânico: *“We may as well face the fact that several million men in England will – unless another war breaks out – never have a real job this side the grave”*³⁷⁷. Milhões de ingleses estavam condenados a permanecer no limbo do desemprego na superfície, *“this side of the grave”*.

But there is no doubt about the deadening, debilitating effect of unemployment upon everybody, married or single, and upon men more than upon women. The best intellects will not stand up against it (...) to write books you need not only comfort and

sumário

solitude – and solitude is never easy to attain in a working-class home – you also need peace of mind. You can't settle to anything, you can't command the spirit of hope in which anything has got to be created, with that dull evil cloud of unemployment hanging over you.³⁷⁸

O poder destrutivo de excluir grande parcela da população do modo produtivo é devastador. Isso pode ser visto ao considerarmos a classe trabalhadora, “ao mesmo tempo necessária ao sistema capitalista e excluída por ele”³⁷⁹, como a responsável por criar o alicerce do tecido social. O paradoxo apresentado pelo narrador é complexo, pois estamos diante da maioria da população, que possui a produção literalmente em suas mãos, mas que, ao mesmo tempo, exerce um “trabalho persistente, silencioso, que se ergue todo edifício imponente –, mas não consegue encontrar uma representação genuína nessa ordem nem reconhecimento pleno de sua humanidade. É, ao mesmo tempo, funcional e esbulhada, específica e universal”³⁸⁰.

Em tempos de crise, a onda do desemprego afeta primeiro os trabalhadores braçais, e isso cria uma ilusão na classe média de que esse tsunami econômico jamais seria capaz de atingi-la. Nesse ínterim, o efeito debilitante do desemprego não faz distinções: “*the best intellects will not stand up against it*”. A classe média pensante “vêm redescobindo a condição de insegurança econômica desprovida de bens que afligia o proletariado do século XIX”³⁸¹.

De um lado temos os mineradores vagando pelas cidades em busca de emprego: “*how the devil is he to fill up the empty days? It is absurd to say that he ought to be looking for work. There is no work to look for, and everybody knows it*”. Enquanto isso, os trabalhadores intelectuais nada mais são do que uma força produtiva especializada, que se vê paralisada frente ao desemprego. São incapazes de produzir sem usufruir de certo conforto material – e nessa situação vivenciam a mesma precariedade do modo de vida da classe trabalhadora.

sumário

Direitos básicos são transformados em privilégios nas mãos da pequena burguesia assalariada. O denominador comum entre braçal e intelectual envolve questões de ordem material: no reino do capital é preciso ter um emprego para vender a capacidade de trabalhar. Sem uma estrutura decente mínima e condições materiais é impossível criar um objeto cultural, algo nada fácil de alcançar: “*never easy to attain in a working-class home – you also need peace of mind*”. O capital impõe as suas regras de maneira prática e material: “a gratificação espiritual demanda um alicerce material. Não se pode estabelecer uma relação decente quando se está morrendo de fome”³⁸².

Com a nuvem maligna do desemprego pairando sobre a cabeça dos trabalhadores, fica impossível cultivar algum tipo de esperança: “*you can't settle to anything, you can't command the spirit of hope in which anything has got to be created*”. Ao desestruturar o que há de mais primordial no sistema produtivo, a distribuição de postos de trabalho, o desemprego passa a ser algo muito mais ameaçador para a estabilidade de um país “do que qualquer ideologia ou mesmo qualquer exército inimigo, pois se a camada mais baixa da sociedade – sua fundação – se sublevasse, todo o castelo de cartas desabararia”³⁸³.

Com isso, nosso narrador caminha um passo adiante em uma investigação profunda da matéria social à sua volta. Ao observar um problema abissal do capital em crise, ele nos revela alguns desdobramentos sobre a questão mineradora e o desemprego, fruto da depressão econômica. Estamos diante da revelação da simbiose entre as classes média e trabalhadora. A primeira não existe sem a segunda. É impossível levantar a pena sem que haja os golpes de picareta na rocha sólida, no subsolo dos túneis nas minas de carvão.

Enquanto o desemprego não atinge os produtores de cultura, estes constantemente afirmam que os desempregados nada mais são do que preguiçosos que vivem “*on the dole*”, vociferando aos quatro ventos o argumento meritocrático de que “‘*men could all find work if they wanted to*’, and naturally these opinions percolated to the working

sumário

class themselves"³⁸⁴. Isso parece fazer com que a lógica da classe média se infiltre nas camadas mais baixas, fazendo com que os trabalhadores se voltem para uma explicação que não parece fazer sentido: *"the attitude towards unemployment in those days: it was a disaster which happened to you as an individual and for which you were to blame"*³⁸⁵. O desemprego passa a ser visto como um desastre natural do qual não se pode escapar, que surge inesperadamente e não se pode refutar, apenas aceitar e controlar os danos.

Essa lógica conformista discutida pelo narrador perpassa a relações sociais e, nesse caso, é difundida pela elite em direção à classe média, que, por sua vez, a dissemina aos trabalhadores braçais, criando uma névoa de incerteza sobre a origem dos meandros do sistema. Com isso, a classe média parece fazer uso deliberado do aconchego conformado para "encontrar na conformidade o caminho das pedras, que leva ao privilégio e ao prestígio"³⁸⁶.

Por outro lado, quando isso afeta as camadas mais baixas, encontramos um patamar mais cruel, típico do "sistema da democracia capitalista, [que] depende do livre mercado (...) para estabelecer conformidade e marginalizar "interesses especiais"³⁸⁷. Parece que muitos trabalhadores acreditavam que a crise econômica fosse inevitável: a atitude deles pendia mais para a resignação do que para o protesto³⁸⁸.

Todavia, para os trabalhadores da cultura, essa sensação de conformidade dura pouco tempo, pois não demora muito para que o tsunami da crise econômica também alcance a classe média:

After all, even the middle classes – yes, even the bridge dubs in the country towns – are beginning to realize that there is such a thing as unemployment. (...) 'They don't want to work, that's all it is!' which you heard at every decent tea-table five years ago, is growing perceptibly less frequent. (...) As for the working class themselves, they have gained immensely in economic knowledge. (...) But in any case they have had their lesson well rubbed into them, not only because unemployment is so widespread but because it has lasted so long (...) In the back streets of Wigan

sumário

and Barnsley I saw every kind of privation, but I probably saw much less conscious misery than I should have seen ten years ago. The people have at any rate grasped that unemployment is a thing they cannot help. It is not only Alf Smith who is out of work now; Bert Jones is out of work as well, and both of them have been 'out' for years. It makes a great deal of difference when things are the same for everybody.

(...) A working man does not disintegrate under the strain of poverty as a middle-class person does. (...) they realize that losing your job does not mean that you cease to be a human being. So that in one way things in the distressed areas are not as bad as they might be. (...) Families are impoverished, but the family-system has not broken up. The people are in effect living a reduced version of their former lives. Instead of raging against their destiny they have made things tolerable by lowering their standards.³⁸⁹

Após alguns anos o impacto da crise econômica parece alcançar as camadas médias. Finalmente começam a *perceber* que existe algo como o desemprego, passam a vociferar menos o lugar-comum de que basta querer trabalhar para conseguir uma função assalariada. Porém o que lhes resta é a percepção dessa situação, uma vez que o desemprego não parece atingir drasticamente o cotidiano das camadas médias, muito menos dos trabalhadores produtivos da inteligência.

Isso parece ocorrer, pois em meio ao caos da depressão econômica havia duas camadas que não trabalhavam – os desempregados da classe trabalhadora e a classe alta, que dificilmente poderia ser chamada de desempregada³⁹⁰. Em meio a esse fogo cruzado, a classe média permanece estagnada em um limbo, atuando “mais no sentido de ‘pequena burguesia’, para designar a classe ou camada social que está entre a burguesia e a classe operária”³⁹¹.

Já para a classe trabalhadora braçal, o desemprego lhes garantiu uma experiência econômica, “*as for the working class themselves, they have gained immensely in economic knowledge*”. Isso aparenta ocorrer por conta da longa duração do desemprego, distribuído de maneira desigual pela Inglaterra: dilacerando a população ao nordeste

sumário

e noroeste, justamente as áreas que dependiam da produção e exportação de carvão, ferro e aço, as chamadas indústrias “antigas”³⁹². Enquanto no sul predomina o mercado da “nova indústria”, de automóveis e eletrodomésticos, principalmente na região de Londres e nas *Middle Lands*³⁹³, em que prevalece a força produtiva mais especializada.

De toda forma, ao norte o desemprego se mantém inexorável. A grande parte dos trabalhadores se encontra fora da lógica da produção: “*It is not only Alf Smith who is out of work now; Bert Jones is out of work as well, and both of them have been ‘out’ for years*”. Essa condição exclui os trabalhadores do sistema, uma vez que não conseguem vender a sua capacidade de trabalhar por anos a fio. O veredicto do poder hegemônico está posto: estão *fora*. E, com isso, nosso narrador observa de maneira atenta as implicações dessa situação: “*It makes a great deal of difference when things are the same for everybody*”. Assim como a ordem dominante explora de maneira igual “aqueles que, por definição, não tinham controle ou acesso aos meios de produção”³⁹⁴, o mesmo ocorre quando o desemprego atinge grandes camadas da classe trabalhadora. Afinal trata-se do ordenamento social em que as pessoas são tratadas como mercadorias, um sistema que tende a nivelar todos³⁹⁵.

A falta de postos de trabalho afeta de maneiras distintas as camadas da sociedade que precisam vender sua mão de obra. A classe trabalhadora não se desintegra da mesma maneira como a classe média diante do desemprego: “*A working man does not disintegrate under the strain of poverty as a middle-class person does*”. Isso parece ocorrer pois a camada média surge como fruto do desenvolvimento completo³⁹⁶ da Inglaterra, o que implica um modo de vida que traz privilégios. Todavia, a desestruturação econômica cria “uma acentuada regressão dos padrões então tidos como normais nos países desenvolvidos e nos ambientes da classe média”³⁹⁷. A pobreza, causada pelo desemprego, parece surtir efeito apenas na mente e não nos meios de vida da pequena burguesia.

sumário

Com isso, os problemas causados pelo desemprego parecem ser preenchidos com o incentivo ao consumo em massa de produtos da nova indústria, que florescia no sul: *“Twenty million people are underfed but literally everyone in England has access to a radio”*³⁹⁸. Enquanto milhões passavam fome, o capital tenta preencher as barrigas vazias com itens supérfluos, em um *“queer spectacle of modern electrical science showering miracles upon people with empty bellies”*³⁹⁹. Isso faz com que as famílias afetadas pelo desemprego sejam obrigadas a viver *“a reduced version of their former lives”*.

O que resulta disso nada mais é do que apatia: *“instead of raging against their destiny they have made things tolerable by lowering their standards”*. A crise econômica parece causar dois efeitos distintos: o de minar a produção e exportação de matérias-primas na Inglaterra; e, ao mesmo tempo, tentar controlar a população, rendida a essa lógica cruel. O olhar atento do narrador continua a nos revelar os infinitos nós nessa rede de interesses: *“the whole thing is an astute manoeuvre by the governing class – a sort of ‘bread and circuses’ business – to hold the unemployed down”*⁴⁰⁰. Além de desestruturar a sociedade economicamente, a pobreza parece ser um instrumento que estabiliza o custo da produção, pois nivela por baixo os salários⁴⁰¹. Com isso, o desemprego parece ser um mecanismo que controla os meios materiais da população, em uma farsa do pão e circo.

Esse controle é camuflado por trás do emaranhado de um sistema que não revela francamente a vontade do grupo controlador. E, ainda, a elite cria a ilusão de não exercer uma posição de domínio, por ter desenvolvido um mecanismo social que opera automaticamente em uma densa folhagem de *“as coisas são como elas são”*. Assim, desfrutam dos benefícios de estarem no poder, escapando de uma corrente de ódio e revolta⁴⁰². Tudo gira em torno do interesse dos donos da produção: *“the quite natural interaction between the manufacturer’s need for a market and the need of half-starved people for cheap palliatives”*⁴⁰³. Assim, o olhar crítico do narrador no relato parece nos levar

sumário

para o cerne da questão: “Em síntese, a questão não está em providenciar a sobrevivência da população excedente: está em limitá-la, de um modo ou de outro, o mais possível”⁴⁰⁴.

5.3 O CHEIRO DA LUTA DE CLASSES

O embate entre classe dominante e trabalhadora fica evidente nesse emaranhado. Mais difuso, porém, se mostra o papel da classe média. Ora ela aproxima seus interesses da função produtiva como força de trabalho – concretizado na figura do gerente, do supervisor, uma massa de “trabalhadores que coopera sob o comando do mesmo capital necessita de oficiais (dirigentes, gerentes) e suboficiais (capatazes, *foremen*, *overlookers*, *contre-maîtres*) (...) que exerçam o comando durante o processo de trabalho em nome do capital”⁴⁰⁵; ora se aproxima da elite dominante, quando lhe sobe à cabeça as pequenas vantagens e confortos que sua posição oferece na escala de produção.

Por conta de seu lugar flutuante no ordenamento social, a pequena burguesia trabalhadora escolhe o que melhor lhe convier: “como possuidor dos meios de produção é capitalista, como trabalhador é assalariado de si mesmo”⁴⁰⁶. E com isso o seu papel efetivo no capital é o de reproduzir a lógica mercantil e, ao mesmo tempo, estar subordinada a ela. Ao observar essas contradições sob o ponto de vista da classe trabalhadora, podemos analisar criticamente a realidade: “*There is much in middle-class life that looks sickly and debilitating when you see it from a working-class angle*”⁴⁰⁷.

Já a partir do ponto de vista dessa camada média, somos facilmente convencidos à esquecer a verdadeira face da sociedade industrial: “*It is important to remember this, because there is always a temptation to think that industrialism is harmless so long as it is clean and orderly*”⁴⁰⁸. O mal da industrialização se encontra enraizado nas profundezas do aparato ideológico, mascarado como algo indefeso, limpo

sumário

e eficiente. Por trás de uma carcaça que aparenta tessitura homogênea, se encontra a sua real face: uma exploração sem limites da maioria da população em detrimento da manutenção do conforto de poucos. Essa tentativa mencionada pelo narrador, a de interpretar a ordem industrial como inofensiva, parece ser fruto de uma ideologia dominante, que ofusca e confunde o entendimento da realidade para os trabalhadores.

A consequência desse fenômeno é revelado pelo nosso narrador: *"Consequently, with no petty gentry to set the pace, the bourgeoisification of the working class, though it is taking place in the North, is taking place more slowly."*⁴⁰⁹ A ilusão de que em uma sociedade industrial reina a paz e a prosperidade faz com que a classe trabalhadora passe por um fenômeno de "aburguesamento": anseia por reconhecimento e tenta elevar seu status social, passando a aceitar valores, o estilo de vida e as ideias políticas da burguesia⁴¹⁰. Isso reforça a noção de que a camada que domina a esfera material interfere também "na força espiritual dominante"⁴¹¹.

E, no caso inglês, para compreender o papel da pequena burguesia assalariada no ideário social, é preciso ter em mente que não se trata apenas de dinheiro: *"the essential point about the English class-system is that it is not entirely explicable in terms of money. Roughly speaking it is a money-stratification"*. Estamos diante de algo mais complexo: *"it is also interpenetrated by a sort of shadowy caste-system; rather like a jerrybuilt modern bungalow haunted by medieval ghosts"*⁴¹². Além da lógica do capital, que prevalece na produção e detenção de mais valor, há na sociedade inglesa uma peculiaridade: o apego por uma separação em castas, de acordo com tradições e valores. Esse apego ao tradicional parece atuar como uma reação a situações novas, usando um formato que era utilizado para as situações antigas, como se estabelecesse uma obrigação com a repetição⁴¹³. Nosso narrador deixa claro que para entender a Inglaterra *"you have always got to take his traditions into consideration as well"*⁴¹⁴.

sumário

Esse apelo para a tradição parece fazer com que o papel econômico da classe média se misture com sua função social, deixando difusa a névoa da conscientização de classe:

But before the war the upper-middle class, though already none too prosperous, still felt sure of itself. Before the war you were either a gentleman or not a gentleman, and if you were a gentleman you struggled to behave as such, whatever your income might be (...) Probably the distinguishing mark of the upper-middle class was that its traditions were not to any extent commercial, but mainly military, official, and professional. People in this class owned no land, but they felt that they were landowners in the sight of God and kept up a semi aristocratic outlook by going into the professions and the fighting services rather than into trade. (...) To belong to this class when you were at the £400 a year level was a queer business, for it meant that your gentility was almost purely theoretical. You lived, so to speak, at two levels simultaneously. (...) Theoretically you knew how to wear your clothes and how to order a dinner, although in practice you could never afford to go to a decent tailor or a decent restaurant. Theoretically you knew how to shoot and ride, although in practice you had no horses to ride and not an inch of ground to shoot over. It was this that explained the attraction of India (more recently Kenya, Nigeria, etc.) for the lower-upper-middle class. The people who went there as soldiers and officials did not go there to make money (...) they went there because in India, with cheap horses, free shooting, and hordes of black servants, it was so easy to play at being a gentleman.⁴¹⁵

sumário

A classe média nutre a ilusão de estar segura de si, mesmo com sacrifícios econômicos para manter a aparência de um estilo de vida digno de cavalheiros. Estamos diante de uma camada da sociedade que não possuía terras, mas que se *sentia* proprietária diante dos olhos de Deus, mantendo uma postura aristocrática em um cotidiano que envolvia funções militares, administrativas. De nada adiantava penhorar até a sola do sapato para conseguir entrar nos clubes de cavalheiros com um terno de segunda mão. A preservação da esfera das aparências caminha lado a lado com o apelo social das tradições. Por sua vez, isso não passa de um ato improdutivo, afinal “o que poderia ser

mais asinino para pessoas de vastas aspirações do que (...) deixar-se levar pelas pequenas misérias do cotidiano e da vida privada”⁴¹⁶.

O pertencimento à esfera dos lordes não passava de algo teórico para a pequena burguesia assalariada. Com isso, essa camada transita em dois níveis sociais, simultaneamente. Sabiam como se portar nos jantares, conheciam de cor as normas de como atirar e montar a cavalo, porém não possuíam cavalos, muito menos terras para que praticassem a caça. Assim, ocupam um espaço intermediário, tanto na produção, quanto na esfera social e das aparências, de forma que um membro da classe média não pertence “nem ao campesinato e nem à nobreza”⁴¹⁷, não passam de uma “mistura de pequena burguesia inculta e de pés descalços”⁴¹⁸. Tendo isso em mente, o uso da nomenclatura *pequeno burguês* passa a abarcar uma “classe do ponto de vista puramente econômico, do qual funções políticas ou sociais foram derivadas de maneira secundária”⁴¹⁹.

Esse lugar intermediário e conveniente que a pequena burguesia ocupa parece oferecer um desdobramento peculiar no caso da Inglaterra, sua condição de império e a atração que essa classe tem com o cenário indiano: “*It was this that explained the attraction of India (more recently Kenya, Nigeria, etc.) for the lower-upper-middle class*”. Trata-se de ingleses com desejo de pertencer à aristocracia exercendo cargos militares e oficiais, que se deslocavam para o oriente com uma intenção diferente da de acumular dinheiro. O que estava no seu horizonte era exercer o poder de um nobre: “*The people who went there as soldiers and officials did not go there to make money (...) they went there because in India, with cheap horses, free shooting, and hordes of black servants, it was so easy to play at being a gentleman.*” Era um lugar em que a dominação imperialista propiciava aos pseudo lordes a possibilidade de *brincarem* de ser cavalheiros.

Nada mais são do que uma sombra perdida da verdadeira burguesia, a detentora dos meios de produção e do ideário da época. Estes, por sua vez, nadavam em um mar profundo de lucros, possuindo

sumário

uma camada grossa de capital que os separa da plebe: *"the real bourgeoisie, those in the £2000 a year class and over, have their money as a thick layer of padding between themselves and the class they plunder"*⁴²⁰. Além de servir como marcador de diferença social, a acumulação atua como separadora evidente daqueles que exploram e os explorados.

E aos coitados da classe média, que enxugam o seu salário para manter as aparências e o estilo de vida que tenta se aproximar dos nobres, cabe o contato direto com a classe trabalhadora: *"it is quite different for the poor devils lower down who are struggling to live genteel lives on what are virtually working-class incomes. These last are forced into close and, in a sense, intimate contact with the working class"*⁴²¹. E esse atrito resulta em ódio: *"an attitude of sniggering superiority punctuated by bursts of vicious hatred"*⁴²². Na pequena burguesia assalariada predomina a repulsa pelas "mãos operosas"⁴²³, uma vez que estamos diante de uma "classe tão profundamente imoral, tão incuravelmente corrupta, tão incapaz de avançar para além do seu medular egoísmo como a burguesia inglesa"⁴²⁴.

Assim, a classe que aspira a ser elite não consegue conter o sentimento de ódio ao se confrontar com a sua própria realidade material, próxima à da classe trabalhadora. A luta de classes está posta: a pequena burguesia assalariada ressentida os privilégios reais e longínquos da elite e, com isso, volta sua insatisfação contra os trabalhadores, por meio de explosões de ódio, como uma criança mimada se debatendo pelo chão.

A gênese dessa repulsa da classe média com relação aos trabalhadores é dissecada pelo nosso narrador. O antagonismo de classes se manifesta como uma coceira, um incômodo permanente, tal qual a ervilha sob a pilha de colchões da princesa: *"there is always that accursed itch of class-difference, like the pea under the princess's mattress"*⁴²⁵.

the real reason why an European of bourgeois upbringing (...) cannot without a hard effort think of a working man as his equal (...) is summed up in four frightful words which people nowadays are chary of uttering, but which were bandied

sumário

about quite freely in my childhood. The words were: The lower classes smell. (...) For no feeling of like or dislike is quite so fundamental as a physical feeling. Race-hatred, religious hatred, differences of education, of temperament, of intellect, even differences of moral code, can be got over; but physical repulsion can-not. (...) Meanwhile, do the 'lower classes' smell? Of course, as a whole, they are dirtier than the upper classes. They are bound to be, considering the circumstances in which they live, for even at this late date less than half the houses in England have bathrooms. (...) But the essential thing is that middle-class people believe that the working class are dirty (...) and, what is worse, that they are somehow inherently dirty.⁴²⁶

A ênfase da voz narrativa em desenvolver uma reflexão mais profunda acerca do atrito entre classe média e trabalhadora braçal parece marcar o aspecto formal do ensaio, em contraste com as descrições documentais presentes no início de *Wigan Pier*. Após nos apresentar os tipos de trabalhadores por meio de imagens e algumas metáforas, o fio condutor da narração nos permite um mergulho profundo em uma visão crítica da sociedade. A repulsa pelo trabalhador braçal, coberta pelo manto da sociedade industrializada ideal, cultivando a ilusão de pertencimento aos campos de caça da nobreza, ao ser debulhada pelo nosso narrador nos permite observar o início da construção de todo esse aparato ideológico: a formação e a educação das classes médias.

Para que possa esmiuçar o significado da educação burguesa na Inglaterra, nosso narrador desenvolveu uma prosa construída minuciosamente⁴²⁷, fazendo com que a essa altura do livro possamos observar como o arranjo do material observado pelo narrador parece testemunhar sua percepção profunda do que constitui a diferença entre uma escrita empenhada e a mera regurgitação sobre experiências de vida⁴²⁸. Para um europeu que teve uma educação burguesa, é preciso muito esforço para considerar a classe trabalhadora braçal no mesmo patamar: “*an European of bourgeois upbringing (...) cannot without a hard effort think of a working man as his equal*”.

sumário

sumário

E por se tratar do narrador orwelliano, essa baliza de leitura é conduzida na construção de uma metáfora que remete ao olfato. As classes baixas fedem e, por isso, a pequena burguesia evita o contato com ela: *"the lower classes smell. (...) for no feeling of like or dislike is quite so fundamental as a physical feeling"*. Essa repulsa se justifica em uma escolha simbólica que atravessa *Wigan Pier* constantemente: o impacto que os cheiros possuem na construção do ambiente proletário em comparação com o elitizado, o subterrâneo versus a superfície. Esse ponto de partida dos odores, que culmina na reflexão abstrata, parece construir um estilo, caminhando em oposição à estética vanguardista do modernismo e reforçando uma possível tradição realista⁴²⁹.

Ao afirmar que a distância social entre as camadas média e baixa se constitui em um aspecto tão mundano quanto o cheiro, nosso narrador suscita um caminho que instiga pela peculiaridade: um esforço pouco usual para alcançar a gênese do preconceito de classe. O cheiro, e a repulsa a ele, parece materializar o tipo de vida que cada classe leva: *"even differences of moral code, can be got over; but physical repulsion can-not"*. Praticamente todos os tipos de diferenças, até as de ordem moral, podem ser superadas, exceto as da esfera física. Consequentemente, a metáfora do cheiro torna-se pertinente como decisão formal do narrador para desvendar essa discussão sobre o embate de classes.

Aqueles que possuem o privilégio de ter um banheiro dentro de casa, que transitam nos privilégios da superfície, vêem com asco a situação de uma legião de homens suados, sem tempo de se banharem após uma jornada de 14 horas, em que tudo que lhes resta é a exaustão: *"It is almost impossible for them to wash all over in their own homes. (...) Every middle-class people are fond of saying that the miners would not wash themselves properly even if they could"*⁴³⁰. Não havia tempo dentro da jornada de venda da força de trabalho do mineador para que pudesse lavar-se, tamanha a exaustão e o pouco tempo em que se podia passar em casa, descansando. O ritmo de vida de

um trabalhador braçal quase não lhe permite desfrutar do mínimo de repouso, uma vez que está submetido a uma jornada que “atinge limites físicos, em que a saúde da classe da qual o capital como um todo depende deteriora-se devido às horas excessivamente longas”⁴³¹.

E, de fato, existe um odor que perpassa a situação da classe trabalhadora: “*Meanwhile, do the ‘lower classes’ smell? Of course, as a whole, they are dirtier than the upper classes*”. Isso reflete o modo de vida em que se encontram, considerando que menos da metade dos lares da Inglaterra possuíam banheiros à época, um reflexo escancarado da distinção entre quem possui acesso mínimo a condições básicas de vida, como moradia e rede de esgoto: “*even at this late date less than half the houses in England have bathrooms*”. O custo para a ostentação econômica do império britânico é a exploração física dos pobres, que terminam o dia em frangalhos, sujos, fétidos, mal nutridos, após passarem horas rastejando pelos túneis de carvão.

A diferença de classes sociais é trazida pelo nosso narrador por meio do aspecto mais evidente e que, ao mesmo tempo, é o menos discutido: o odor daqueles que não disfrutaram de um posto de trabalho com salário justo e, conseqüentemente, uma casa com banheiro e chuveiro. Em vez de dissertar sobre as teorias da mercadoria, do mais valor ou da acumulação, nosso narrador vai em direção aos oprimidos para revelar o que há de mais mundano e perceptível para os sentidos no que concerne à diferença social, para a partir disso esmiuçar alguns desses conceitos. É possível sentir o cheiro da luta de classes.

E a classe trabalhadora parece fadada a ter esse odor, por conta das condições insalubres de vida: “*They are bound to be, considering the circumstances in which they live*”. A condição material influencia nos aspectos mais profundos da vida humana. Para além do acesso aos bens de consumo, do nível de alfabetização, do sotaque, “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual”⁴³². O odor da classe trabalhadora é fruto de sua condição de explorados.

sumário

O fato determinante para o embate entre classe média e trabalhadora está na elite considerar a condição insalubre e fétida dos trabalhadores como algo imutável, em uma leitura determinista apegada, sempre a favor de manter sua suposta superioridade. Nada mais oportuno do que justificar uma exploração sistêmica com um aspecto sensorial, fazendo com que esse determinismo da elite seja “uma receita para a quietude política”⁴³³. Quanto menos explicações são dadas e mais imutável parece o destino da classe trabalhadora, mais afastada ela fica de uma possibilidade de alteração dessas condições.

O olhar da pequena burguesia assalariada com relação aos que sustentam a lógica econômica nas profundezas das minas de carvão reflete o privilégio que ocupam na distinção social. E esse “lugar do intelectual na luta de classes só pode ser determinado, ou escolhido, em função de sua posição no processo produtivo”⁴³⁴. Para os que possuem “*advanced opinion[s]*”⁴³⁵, cultivar asco por aqueles que colocam o carvão nas lareiras para esquentar as noites frias de inverno é apenas mais um mecanismo de oposição de classes.

Assim, nosso narrador continua a comentar criticamente a estrutura social revelada na situação à sua volta: “*To get rid of class-distinctions you have got to start by understanding how one class appears when seen through the eyes of another*”⁴³⁶. O movimento que faz em direção ao norte da Inglaterra é exatamente este, o de sair de sua própria classe para entender não apenas o funcionamento do cotidiano minerador, mas acima de tudo, perceber de maneira crítica o que significa pertencer à classe média, ao observá-la sob a perspectiva do trabalhador braçal. Ao se dar conta de que grande parte da Inglaterra se encontra no entremeio entre explorador e explorado, “*it is tacitly assumed that there is no one in between; the truth being, of course, that in a country like England about a quarter of the population is in between*”⁴³⁷, nosso narrador explicita esse lugar intermediário que as tais “*sensitive people*”⁴³⁸ ocupam no ordenamento social.

sumário

Quanto mais imerso no cotidiano de Wigan, mais nosso narrador percebe com clareza sua própria classe. Fica evidente o quanto a classe média despreza os trabalhadores braçais, desprezo este fortemente ligado a uma noção de idealismo: *“you get no further if you do not realize that snobbishness is bound up with a species of idealism”*.⁴³⁹ Esse idealismo parece estar enraizado nos hábitos construídos na educação da classe média: ao mesmo tempo em que é preciso constantemente lavar-se, – justificando o preconceito higienista com o cheiro dos pobres – é necessário exercer o patriotismo e o desprezo pelas classes baixas: *“It derives from the early training in which a middle-class child is taught almost simultaneously to wash his neck, to be ready to die for his country, and to despise the ‘lower classes’”*⁴⁴⁰. A luta de classes é detectada pelo odor e, além disso, atua como um treinamento exercido na classe média.

Quem estaria interessado em conduzir as camadas médias a sentir repulsa por aqueles tão próximos – financeiramente e na organização da produção? Ao manter a repulsa pelo minerador, o membro da pequena burguesia assalariada está apenas respondendo mecanicamente ao adestramento ideológico da elite, desenvolvido desde a mais tenra idade: *“so you see he is still responding to the training of his childhood, when he was taught to hate, fear, and despise the working class”*⁴⁴¹.

A repulsa da classe média pela trabalhadora se desdobra em alguns problemas. Conseguimos testemunhar a ideologia como um treinamento, em operação. Em um primeiro momento, há uma separação entre trabalhadores braçais e trabalhadores da inteligência: os produtores de cultura, que não passam pelos mesmos métodos de exploração do trabalhador braçal, não se entendem como integrantes do processo de produção. A ideologia dominante se espalha como uma névoa disfarçada no movimento da pena, em detrimento ao da picareta.

Em um segundo momento, esse grupo de sacerdotes do saber, ao terem a ilusão de acesso a alguns bens de consumo – que não passam de necessidades básicas que apenas parte da sociedade

sumário

sumário

possui – se colocam em um patamar superior, construído pela distinção social, geralmente proveniente da educação, da tradição e de ritos culturais. Dessa forma, temos a ideologia operando como condicionamento, que visa reforçar uma suposta distância entre os que vendem sua mão de obra braçal com relação aos que se concentram no trabalho mais especializado e menos físico, sempre próximo de uma suposta reflexão, das artes, da erudição. Por outras palavras, a classe média se esconde nas lombadas de livros com a justificativa de galgarem uma escadaria imaginária, que aparentemente a eleva da lama proletária. Todavia, tanto o livro quanto a enxada estão sendo massacrados pela bota bem engraxada da elite.

Nosso narrador alcança o núcleo dos meandros sociais: existe uma vasta desigualdade, pois quem detém o poder constrói um conjunto de ideias capaz de criar intrigas entre todos aqueles com o poder efetivo de destruí-lo. O ódio pelo trabalhador, cultivado de maneira sutil e consistente, mantém a ordem burguesa em pé. Isso faz com que esse problema com relação às classes sociais deva ser levantado de maneira mais realista: *“It means that the issue of class, as distinct from mere economic status, has got to be faced more realistically than it is being faced at present”*⁴⁴².

Essas duas etapas do funcionamento do condicionamento ideologia hegemônica – subdivisão entre tipos de trabalhadores e a ilusão de superioridade da classe média – contribuem para um afastamento da classe média em relação à classe trabalhadora braçal. Afinal, os detentores do poder material determinam o rumo das ideias. E nada mais interessante para a verdadeira burguesia do que desagregar aqueles capazes de transformar essa lógica. Esse “processo de dissolução”⁴⁴³ parece prevenir a classe trabalhadora – braçal e intelectual – de alcançar a percepção de seu caráter transformador⁴⁴⁴. Assim, a elite, ao longo de anos de pulverização ideológica, evita contestações da ordem social, deixando infértil o solo das reivindicações.

Alguns dos que conseguem se desvencilhar da névoa do discurso hegemônico, parecem ver a abolição da distinção de classes como alternativa. Nosso narrador se inclui nesse grupo: “*We all rail against class distinctions, but very few people seriously want to abolish them (...) your wish has no efficacy unless you grasp what it involves (...) to abolish class-distinctions means abolishing a part of yourself*”⁴⁴⁵. Quase todos aqueles com preocupações de ordem transformadora desejam a aniquilação da divisão em classes.

De maneira muito sutil, a voz narrativa identifica na forma o seu público leitor: “*we all rail against class distinctions*” e “*your wish has no efficacy*”. Ele se inclui nos que desejam transformar a ordem social – *we all rail* –, e revela que o desejo de quem almeja ver as classes abolidas parece partir de um grupo em que poucos os dispostos a realmente fazê-lo – *but very few people seriously want to abolish them*. E esse desejo de transformação – *your wish* – só se concretiza a partir do momento em que aqueles que desejam mudar a ordem social percebam que é preciso abrir mão de si mesmo. Isso parece demonstrar como *Wigan Pier* é um livro narrado pela classe média para si mesma⁴⁴⁶, com a finalidade de fazer uma auto-crítica, que permita talvez alterar algumas condições do contexto da época. Ou ao menos trazer o cheiro da luta de classes para os narizes de olfato requintado, enfurnados nas prateleiras emboloradas, com dívidas a pagar para conseguir frequentar os salões literários.

E em um segundo momento, podemos perceber esse uso do pronome na segunda pessoa como uma provocação a quem o texto se dirige. O *seu* desejo, da classe média que se propõe a ter uma função empenhada na sociedade, nunca será eficiente se não compreender a necessidade de abdicar de uma parte de si mesma. E, a partir dessa colocação formal, vale questionar: onde se encontra o narrador nessa discussão? Ele não poupa nem a si mesmo de uma avaliação crítica sobre esses levantamentos:

sumário

Here am I, a typical member of the middle class. It is easy for me to say that I want to get rid of class-distinctions, but nearly everything I think and do is a result of class distinctions. All my notions – notions of good and evil, of pleasant and unpleasant, of funny and serious, of ugly and beautiful – are essentially middle-class notions; my taste in books and food and clothes, my sense of honour, my table manners, my turns of speech, my accent, even the characteristic movements of my body, are the products of a special kind of upbringing and a special niche about half-way up the social hierarchy. (...) Here am I, for instance, with a bourgeois upbringing and a working-class income. Which class do I belong to? Economically I belong to the working class, but it is almost impossible for me to think of myself as anything but a member of the bourgeoisie. And supposing I had to take sides, whom should I side with, the upper class which is trying to squeeze me out of existence, or the working class whose manners are not my manners? It is probable that I personally, in any important issue, would side with the working class. (...) Economically, I am in the same boat with the miner, the navy, and the farm-hand; remind me of that and I will fight at their side. But culturally I am different from the miner, the navy, and the farm-hand: lay the emphasis on that and you may arm me against them. If I were a solitary anomaly I should not matter, but what is true of myself is true of countless others. (...) These are the sinking middle class, and most of them are clinging to their gentility under the impression that it keeps them afloat.⁴⁴⁷

sumário

Aqui está nosso narrador, um típico membro da classe média cercado por uma rede construída com afincos, em torno da distinção de classes. O filtro das ideias dominantes, fruto de um treinamento persistente desde sua juventude, contaminou a maioria de suas noções estéticas. Essa questão do gosto parece se relacionar com a formação dos “afetos e opiniões (...) embora socialmente diferenciados, marca[m] como uma formação social tipicamente burguesa”⁴⁴⁸. As normas burguesas se alastram no mundo da cultura, materializadas nos livros lidos, no senso de humor e, por fim, desdobrando-se em elementos mais físicos, como o movimento corporal, o sotaque, a linguagem: “*my taste in books and food and clothes, my sense of honour, my table manners, my turns of speech, my accent, even the characteristic movements of my body, are the products of a special kind of upbringing*”.

O narrador vê a realidade tanto abstratamente, como no concreto de si mesmo. Ele disseca todos os aspectos possíveis em que consegue observar a norma burguesa em operação, em uma obsessão naturalista, atento ao seu redor. Esse alastrar do mundo das ideias sancionadas, que parte da base da sociedade esparramando-se para todas as instâncias da matéria social, contamina o modo de vida do narrador. Essa contaminação ideológica parece ocorrer da mesma maneira com que a poeira do carvão gruda na pele do mineador. Para uns, a ordem imaterial contamina os hábitos, se manifestando na esfera da cultura como modo de diferenciação. Para outros, ela prolifera no calor das máquinas, na contaminação da extração de carvão, no suor fétido, escorrendo pelos corpos explorados.

Assim, nosso narrador também ocupa um lugar intermediário *“about half-way up the social hierarchy. Here am I, for instance, with a bourgeois upbringing and a working-class income”*. Esse entremeio o leva para dois caminhos, simultaneamente: o de uma educação burguesa, com uma renda de trabalhador braçal. Ou seja, o horizonte das possibilidades avançadas impõe uma vasta gama de ambições no plano das ideias, mas que é constantemente tomado por uma onda gigantesca: a realidade de um salário de algumas centenas de libras por ano. Como em uma tempestade marítima, a tempestade da ideologia burguesa eleva as expectativas da voz narrativa, para em seguida derrubá-la na dura realidade de uma praia rochosa, em meio a uma ressaca constante, de maneira cíclica.

Ao se questionar sobre a qual classe pertence, a explanação da voz narrativa é objetivamente orwelliana: *“Which class do I belong to? Economically I belong to the working class, but it is almost impossible for me to think of myself as anything but a member of the bourgeoisie”*. Ele ocupa dois lugares e, ao mesmo tempo, nenhum deles de maneira completa. As normas da economia o enquadram na classe trabalhadora, na escrita algemada pelos regramentos do mercado e dos clubes de livro. A cultura, para a classe média, acaba sendo constantemente tragada pela ressaca da realidade material.

sumário

E, mesmo assim, é impossível para ele se desvencilhar da mentalidade hegemônica, pois se considera um membro da burguesia, mesmo sendo um dos muitos dos que *precisam* vender sua capacidade de trabalhar, pois toda a sua força como trabalhador está naquilo que produz – em vez de ser algum rendimento financeiro, uma herança, ou a exploração de outros trabalhadores. Nosso narrador é, simultaneamente, o assalariado de si mesmo que se sente no lugar de um detentor dos modos de produzir.

Além de olhar para a própria condição de maneira crítica, a voz narrativa dá um passo adiante: de que lado estaria, dos trabalhadores ou da classe média? *"Whom should I side with, the upper class which is trying to squeeze me out of existence, or the working class whose manners are not my manners?"* Ele tomaria partido da classe que está tentando aniquilar sua existência, ou daqueles que não possuem os mesmos costumes que os seus?

A partir dessa premissa, nosso narrador elabora uma proposta por meio de um critério que parece englobar a totalidade das relações: *"I personally, in any important issue, would side with the working class"*. Para qualquer motivo mais importante nos meandros sociais, nosso narrador se alinharia com a classe trabalhadora. Isso parece ocorrer pois o grande nivelador se encontra nos devaneios econômicos, uma vez que "não só a atividade econômica se distingue do restante da vida social, como também condiciona, e às vezes domina, o todo da sociedade"⁴⁴⁹. Nosso narrador percebe sua proximidade com os mineradores, o operário braçal e o trabalhador rural. As limitações do cotidiano assalariado o colocam lado a lado a essa categoria de trabalhador cujo produto excedente escapa por entre os dedos. Por fim podemos contemplar, ao menos no argumento narrativo, a pena e a picareta ocupando o mesmo lugar no antagonismo de classes.

Porém, no tumulto das relações sociais, o lugar intermediário da classe média interfere na tomada de posição do nosso narrador. Afinal, ele ocupa dois lugares ao mesmo tempo. O caminho bifurcado

sumário

no terreno do condicionamento ideológico se reparte, no que concerne a uma tomada de ação. Na possibilidade de uma agitação social, esse caminho indica duas possibilidades para nosso narrador: tomar consciência das condições materiais, ou enfatizar a distinção cultural entre ele e os trabalhadores braçais.

No primeiro caso, o narrador se posiciona como igual aos mineradores, no que diz respeito à economia. Portanto, é preciso observar atentamente a forma: *"Economically, I am in the same boat with the miner, the navy, and the farm-hand; remind me of that and I will fight at their side"*. Nosso narrador precisa ser lembrado de que está no mesmo patamar econômico dos trabalhadores. Temos um verbo que atua de maneira passiva, *"remind me of that"*, em que alguém precisa conduzir a ação. O narrador e, por consequência, a classe média a qual pertence, não irá lembrar por conta própria da sua proximidade com os trabalhadores. Isso precisa ser feito por algum elemento externo. Estamos diante de um aspecto típico do comodismo de uma parcela da sociedade, que se recusa a perceber sua semelhança com a classe trabalhadora. E então, quando isso ocorre, é como se fosse apertado um botão: o narrador prontamente se alinha, dissipando a névoa do treinamento ideológico. Ele olha à sua volta e se coloca junto aos seus. Agora passa a caminhar ao lado do minerador, do trabalhador braçal, do camponês, pois vivenciam as mesmas condições e limitações materiais.

Com isso, surge um nivelamento entre trabalhador braçal e intelectual, fruto da transformação que as condições econômicas exercem nesta classe. Isso ocorre, pois "a dominação do capital sobre os trabalhadores criou a situação comum e os interesses comuns dessa classe. Assim, essa massa já é uma classe em relação ao capital, mas não ainda uma classe para si mesma."⁴⁵⁰ Isso significa dizer que o narrador, apenas por conta de motivos econômicos, se reconhece como membro da classe trabalhadora, porém ainda não é capaz de observar criticamente o seu entorno e o processo de exploração. Trata-se de um primeiro momento da conscientização de classe, em que os trabalhadores apenas se reconhecem entre si. Todavia, ainda parece inatingível o alcance de uma perspectiva transformadora.

sumário

A segunda via do caminho bifurcado pela ideologia envolve o mundo da cultura. Como a cultura separa o trabalhador intelectual do braçal, costumes e tradições impedem nosso narrador de se alinhar junto deles no horizonte das reivindicações. Temos na forma os desdobramentos de uma ação, localizados no núcleo verbal: “*culturally I am different from the miner, the navy, and the farm-hand: lay the emphasis on that and you may arm me against them*”. O uso do verbo no imperativo – *lay* – reforça esse lugar passivo da voz narrativa. Novamente, um elemento externo precisa enfatizar essa diferença cultural, para que a classe média se arme contra os trabalhadores.

Essa ação parece mais sutil para que o membro da classe média seja colocado contra os outros trabalhadores. Basta enfatizar as diferenças do patamar cultural para equipar um membro da burguesia assalariada contra seus semelhantes. Mais uma vez a ação do verbo precisa ser executada de fora para dentro: algo precisa agir sobre a consciência do narrador, da classe média. Porém, essa sutileza do verbo *enfatizar* quando comparada ao primeiro caso do verbo *lembrar*, tece uma rede interpretativa em que basta apenas uma ênfase no argumento dos hábitos e da esfera da cultura para que nosso narrador ignore as semelhanças econômicas, focando apenas nas diferenças construídas na névoa abstrata da ideologia.

Temos assim uma realidade que perpassa a maior parte da classe média: “*If I were a solitary anomaly I should not matter, but what is true of myself is true of countless others. (...) These are the sinking middle class, and most of them are clinging to their gentility under the impression that it keeps them afloat*”. Alguns passam pelo processo de conscientização, em que se alinham com os trabalhadores, enquanto outros continuam mantendo o seu espaço de superioridade – mergulhados no mundo das aparências, do consumo e da ilusão de pertencimento à burguesia, não resistem à maré alta da ideologia.

Quando consideramos o argumento do narrador sobre das reformas impostas pela pequena burguesia aos trabalhadores, é possível estabelecer um paralelo com o caminho bifurcado posto diante

sumário

dos intelectuais: “*revolution does not mean a movement of the masses with which they hope to associate them selves; it means a set of reforms which ‘we’, the clever ones, are going to impose upon ‘them’, the Lower Orders*”⁴⁵¹. Em conjunto com o trecho anterior – “*remind me of that and I will fight at their side*” e “*we’, the clever ones, are going to impose upon ‘them’*” – é possível notar que a classe média possui um papel ativo e passivo ao mesmo tempo. O caminho bifurcado aponta para duas direções: o comodismo, para manter os privilégios; e uma luta que parece empenhada, mas que ocorre apenas para impor seu pequeno poder às ordens inferiores. Em todo caso, eis aqui uma classe que possui apenas um objetivo concreto: preservar o seu lugar ao sol.



sumário



6

O MUNDO
POLÍTICO

6.1 O ABISMO DA TEORIA

*Rise, like lions after slumber
In unvanquishable number!
Shake your chains to earth like dew
Which in sleep had fallen on you:
Ye are many — they are few!*

Percy Bysshe Shelley - The Masque of Anarchy

No horizonte do antagonismo entre classe média e trabalhadores, nosso narrador se depara com uma indagação do que poderia ser feita a respeito de tamanha disparidade: *“It hardly needs pointing out that at this moment we are in a very serious mess, so serious that even the dullest-witted people find it difficult to remain unaware of it”*⁴⁵². Uma alternativa seria a de reformar as estruturas do sistema, fazendo uma adaptação de forma que consiste em atenuar alguns antagonismos do capitalismo, afrouxando as forças aprisionadas em alguns pontos de seu mecanismo⁴⁵³. Porém, nosso narrador aponta outro caminho em que a classe média, ao ser lembrada de seu lugar econômico ao lado da trabalhadora, parece avançar rumo a uma proposta que aparenta ser transformadora:

But how about the middle-class person whose views are not reactionary but ‘advanced’? Beneath his revolutionary mask, is he really so different from the other? A middle-class person embraces Socialism and perhaps even joins the Communist Party. How much real difference does it make? Obviously, living within the framework of capitalist society, he has got to go on earning his living, and one cannot blame him if he clings to his bourgeois economic status. But is there any change in his tastes, his habits, his manners, his imaginative background – his ‘ideology’, in Communist jargon? Is there any change in him except that he now votes Labour, or, when possible, Communist at the elections?

(...)

And all the while everyone who uses his brain knows that Socialism, as a world-system and wholeheartedly applied, is a way out. It would at least ensure our getting enough to eat even if it

sumário

deprived us of everything else. Indeed, from one point of view, Socialism is such elementary common sense that I am sometimes amazed that it has not established itself already.⁴⁵⁴

Estamos perante uma cisão dentro da classe média: aqueles que possuem uma opinião reacionária e os mais “avançados”. Nesse último grupo, parece existir uma visão da matéria social que culmina para algo menos retrógrado. Todavia, de acordo com a crítica da voz narrativa, essa atitude cria uma máscara revolucionária: “*Beneath his revolutionary mask, is he really so different from the other?*”. E partir desse falseamento, qual seria a distinção entre o reacionário e o revolucionário, que se disfarça como tal ao sabor de seus interesses? Até que ponto, no sentido prático, o membro de classe média “avançado” se compromete com sua postura crítica? Afinal, mesmo supostamente em defesa de uma transformação social, essa parcela da classe média ainda se encontra imersa na lógica do capitalismo, e precisa sustentar-se economicamente.

Assim, precisamos compreender como nosso narrador apresenta alguns aspectos da estrutura do capitalismo e seus meandros. Ao afirmar que “*A middle-class person embraces Socialism (...) How much real difference does it make? Obviously, living within the framework of capitalist society, he has got to go on earning his living*” temos uma ideia estereotipada, manifesta na forma por meio do advérbio *obviously*. Isso cria uma miragem no deserto social, permeado pela crise econômica: apenas na organização capitalista o homem precisaria trabalhar. Isso gera uma possibilidade interpretativa de que no socialismo não haveria trabalho.

Parece que o olhar do narrador com relação a essa questão focaliza apenas a lógica da acumulação por excedentes como possibilidade de organização social, em que muitos trabalham para produzir e poucos colhem os frutos desse processo. Isso parece criar uma impressão de que o membro da classe média, que se considera “socialista”, é corrompido pelos valores capitalistas. Essa escolha de foco

sumário

não aborda o fato de que em uma organização social mais “avançada”, quem regularia a produção seriam os próprios trabalhadores: “os homens trabalhariam, contudo seu trabalho seria em benefício próprio e em nome do bem comum, não do dono da propriedade”⁴⁵⁵. Ou seja, tanto no capitalismo quanto no socialismo há trabalho, a diferença está no processo social por meio do qual esse trabalho é desenvolvido.

Enquanto de um lado existe a exploração da capacidade de trabalhar com a intenção de produzir mercadorias, valor, e o lucro, mais valor, em uma sociedade avançada, dita comunista, o trabalho é o alicerce principal. Todavia, o foco nesse caso é outro, a manutenção dos meios de vida de quem o produz, em vez do lucro de quem explora: “quando o trabalho não for somente um meio de vida, mas a primeira necessidade vital (...) só então será possível ultrapassar-se totalmente o estreito horizonte do direito burguês e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”⁴⁵⁶. Contudo, o intelectual de classe média a qual nosso narrador se refere não parece interessado na busca por um ordenamento social que contemple tais necessidades.

Nosso narrador avança na discussão sobre o papel da classe média crítica, que está mergulhada na lógica do capital, ainda que disfarçada de socialista: “*But is there any change in his tastes, his habits, his manners, his imaginative background – his ‘ideology’, in Communist jargon?*”. Onde estaria a mudança efetiva dos hábitos pequeno burgueses? Afinal embora afirmem estarem sensibilizados pela matéria social, quando a maré da consciência de classe finalmente atinge as estantes e escrivatinhas empenadas, temos toda uma gente que passou toda a vida “trabalhando para uma classe de homens que colhia todos os lucros e lhe dava em troca apenas os meios de subsistência”⁴⁵⁷.

A empreitada dessa classe média “avançada” parece morrer na praia, uma vez que essa visão empenhada é incapaz de alterar seus hábitos, seus gostos, suas condutas e seu repertório. Os efeitos das ideias sancionadas permanecem intactos. Isso parece ocorrer, pois estamos

sumário



sumário

diante de uma camada da sociedade que usufrui de um pouco de conforto material, que todavia não passa de migalhas quando comparados aos deleites da elite. Isso faz com que se abstenham de algum tipo de posicionamento que ultrapasse a reclusão das urnas: “*Is there any change in him except that he now votes Labour, or, when possible, Communist at the elections?*”. Enquanto a classe média optar pelo conforto em detrimento da igualdade, aconchegados em volta de uma lareira crepitante sobre o carvão fresco retirado das minas, não haverá transformação prática na vida material: “o povo que está contente com suas condições provavelmente não promoverá revoluções”⁴⁵⁸.

E essa inércia social, a qual nosso narrador desvela criticamente, aparenta ser fruto da organização política com relação às classes que trabalham: “pessoas comuns podem muito bem ser indiferentes à política cotidiana de um Estado que, em sua opinião, é indiferente a elas”⁴⁵⁹. Enquanto a transformação social permanecer no plano das ideias, os trabalhadores da classe média não estarão sujeitos a embarcar no confronto com a ordem dominante. Para que isso seja possível, é preciso que algo de material seja afetado: “as revoluções costumam eclodir quando praticamente qualquer alternativa parece preferível ao presente. Nessa situação, não se rebelar seria irracional”⁴⁶⁰.

A alternativa socialista, por sua vez, aparenta ser algo que reverbera no campo das necessidades materiais, afinal poderia garantir ao menos o que comer: “*at least ensure our getting enough to eat even if it deprived us of everything else*”. Até mesmo os nobres detentores do saber sofrem desconfortos – a muito custo ocultados no falseamento das aparências – que poderiam ser supridos em uma outra organização social. Trata-se de uma escolha orientada, em que as prioridades de muitos são colocadas no lugar dos privilégios de alguns: “se não posso refutar a premissa de que todos os homens têm direito a comer, então devo aceitar tudo o que dela decorre”⁴⁶¹.

Todavia, grande parte da classe média, que se diz de opinião avançada, não parece disposta a renunciar aos seus privilégios, algo

que permita a emancipação de outros além de si mesmo. Enquanto mantiverem seus confortos, permanecerão intimamente ligados aos valores oficiais. O egoísmo dos sensíveis talvez possa ser combatido caso seus meios de vida sejam assolados pela miséria, tal qual a realidade dos mineradores.

E isso alcança o patamar da realidade por conta dos desdobramentos da crise econômica e a alta do desemprego. A classe média começa a sentir alguns ruídos de impactos materiais e, com isso, passa a dar ouvidos a uma alternativa como o socialismo que poderia ser, até certo ponto, útil: *"everyone who uses his brain knows that Socialism, as a world-system and wholeheartedly applied, is a way out"*. Nosso narrador se defronta com uma das questões centrais do socialismo como sistema, ao afirmar, ironicamente, que se trata de uma opção para todos aqueles capazes de raciocinar: como algo tão evidente não se consolidou?

Se o pressuposto para a sistematização da tomada dos meios de produção está nas mãos daqueles que usam o cérebro, estamos diante de uma pequena parcela da população. Afinal existe uma massa de trabalhadores que mal dispõe de tempo, e até mesmo de força física, para conseguirem realizar tarefas mundanas como banhar-se. Tampouco conseguirão refletir de maneira crítica sobre aquilo que os circunda. Em todo caso, não se trata de uma distinção da capacidade intelectual entre o trabalhador braçal e o cerebral. O cerne da questão está em perceber para qual parcela da sociedade o poder dominante permite o privilégio da reflexão e da percepção crítica. Todos os que são capazes de refletir, de maneira progressista, percebem que o socialismo é um escape das mazelas do capital, *a way out*.

Enquanto isso, a classe média sensibilizada permanece em um impasse mesquinho. Oscilam entre abdicar do néctar doce de um salário de algumas poucas centenas de libras anuais e continuar votando do *Labour Party*, ou organizar-se para movimentar as engrenagens de uma possível agitação social, numa concepção um

sumário

tanto quanto questionável de que uma minoria mais instruída guiaria a maioria⁴⁶². Nesse ínterim, centenas de milhões de trabalhadores braçais enfrentam jornadas de trabalho que lhes retira a energia necessária para entender o que se passa entre o momento em que “termina o tempo que o trabalhador vende [sua força de trabalho] e quando começa o seu próprio tempo”⁴⁶³.

Em meio a esse impasse, restam alguns trabalhadores intelectuais que interpretam o mundo de maneira crítica, rumo ao socialismo. Não obstante, precisam se alinhar aos seus, os trabalhadores braçais, pois o denominador comum entre ambos é a própria exploração e o estranhamento com relação ao produto de seu trabalho. Todavia isso não parece ocorrer, mesmo que o socialismo seja algo tão evidente, conforme nos afirma o narrador, pois temos uma distância entre membros da mesma classe. Essa distância se constrói em uma distinção falsa, elaborada pela conjuntura dominante justamente para mantê-los apartados: “um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana”⁴⁶⁴.

Diante deste turbilhão, nosso narrador se encontra perplexo: “*Socialism is such elementary common sense that I am sometimes amazed that it has not established itself already*”. O socialismo lhe parece algo tão elementar que abrange o senso comum. Porém, esse é um senso comum para quem? Essa ideia fervilhava em algumas esferas da sociedade⁴⁶⁵, geralmente rodeada de livros e discursos inflamados. Eram raras as ocorrências em que a teorização acerca da tomada dos meios de produção chegava de maneira efetiva àqueles que trabalham com as mãos: “*Socialism, in the form of which it is now presented to us, has about it something inherently distasteful – something that drives away the very people who ought to be knocking to its support*”⁴⁶⁶. Em vez de aproximar, a reclusão dos instruídos apenas contribui para afastar uma parcela da classe trabalhadora a respeito do que poderia ser feito para alterar a realidade.

sumário

Mesmo que aparentasse uma obviedade para a *intelligentsia*, o socialismo não é visto como alternativa para a maioria da população inglesa: “*the first thing that must strike any outside observer is that Socialism, in its developed form is a theory confined entirely to the middle classes*”⁴⁶⁷. Como teoria desenvolvida, o socialismo se encontra confinado à classe média. Enquanto isso, o trabalhador braçal desempregado por conta da crise econômica, tende a reproduzir os valores burgueses, meritocráticos. Isso implica a prática de votar no Partido Conservador, conforme nos revela o narrador: “*the unemployed men (...) are mostly of the cap-touching type – the type who tells you oilily that he is ‘Temperance’ and votes Conservative*”⁴⁶⁸.

Esse desencontro dentro de uma mesma classe contribui para o crescimento de contradições. Trabalhador braçal e trabalhador intelectual caminham para lados opostos, pois a realidade material de cada um é afetada de maneira distinta pela ruína econômica da época. Enquanto a classe média se prende com todas as forças às migalhas de conforto e prestígio social jogadas pela elite – “*most middleclass Socialists, while theoretically pining for a class-less society, cling like glue to their miserable fragments of social prestige*”⁴⁶⁹ –, o trabalhador braçal permanece distanciado das discussões sobre uma possível transformação social em que seja o protagonista.

O que poderia estar por trás da infertilidade do socialismo em terras inglesas? Afinal, só era visto como uma opção por conta da crise econômica e da Revolução Russa de 1917. No caminho da trajetória histórica, as primeiras décadas do século XX estão diante de uma bifurcação: dar continuidade à produção em massa e exploração veloz de recursos para uma demanda que não dá conta de tamanho volume de mercadorias, ou uma tomada da produção por conta daqueles que atuam de fato nela, os trabalhadores.

O colapso econômico dos anos 1930 integra uma crise generalizada do capital como um sistema⁴⁷⁰. Com isso, qualquer política de contingenciamento acaba servindo apenas para agravar esse

sumário

panorama, uma vez que a produção não possui valor social, e sim exclusivamente mercadológico. Além do desemprego, falta de moradia, aumento da pobreza e da desigualdade, a Inglaterra se encontra diante da crise mundial: “a cisão da sociedade numa pequena classe excessivamente rica e numa grande classe de operários assalariados não proprietários faz com que essa sociedade se asfixie no próprio excedente”, enquanto “a grande maioria dos seus membros dificilmente ou nunca está protegida da mais extrema miséria”⁴⁷¹. O funcionamento do capitalismo na Inglaterra parecia estar com os dias contados.

Diante desse panorama, a mudança por meio do socialismo parece, conforme nosso narrador afirma, uma atitude de bom senso. E ele não foi o único a dissertar sobre as possibilidades para a superação do capitalismo: “é possível uma nova ordem social em que desaparecerão as atuais diferenças entre as classes (...) após um período de transição, talvez curto e com certas privações, mas, em todo o caso, moralmente muito útil”⁴⁷². O argumento de nosso narrador se encontra com o de Engels: “*It would at least ensure our getting enough to eat even if it deprived us of everything else*”. A tentativa de viver em uma ordem social em que não exista diferença de classes garantiria as necessidades materiais essenciais – escassas no capitalismo em crise – mesmo com algumas privações.

Essa ideia de um sacrifício em prol de uma transformação social pode ser interpretada de diversas maneiras, tanto progressistas quanto reacionárias. Considerando o fio condutor do argumento narrativo, podemos refletir sobre a escassez como algo enraizado na lógica do capital, e não do socialismo – ainda mais tendo em vista que este último nunca chegou a ter forma concreta em solo inglês. Trata-se de um ciclo: o sistema exploratório gera desigualdade e miséria para que um sistema emancipatório surja como opção que possa conter danos e tentar acabar com tamanha disparidade: “Apenas com o capitalismo é possível gerar saldo suficiente para abolir a escassez e, conseqüentemente, as classes sociais. No entanto, somente o socialismo é capaz de pôr isso em prática”⁴⁷³.

sumário

Assim nosso narrador traz à tona um dos impasses discutidos na tradição materialista. Em um ambiente em que prevalece a miséria não existem condições materiais para que se possa tomar os meios de produção: “não é possível reorganizar a riqueza para beneficiar a todos se existe pouquíssima riqueza para ser reorganizada”, uma vez que “não se podem abolir as classes sociais em condições de escassez, já que os conflitos por um excedente material escasso demais para satisfazer as necessidades de todos acabariam por revivê-las”⁴⁷⁴. O capitalismo reduz a vida social ao consumo desenfreado, favorecendo uma minoria e causando disparidades. Trata-se de um sistema em que não há soluções, em que seus defensores observam inertes em meio à miséria generalizada dos outros. Isso culmina na estagnação universal, a destruição e a paralisação da produção criando um vácuo em que uma “demanda” fraca voltará a surgir. Tem início um novo colapso do ciclo comercial, consequentemente levando a uma nova e maior crise⁴⁷⁵.

Isso faz com que a maioria da população desprovida de condições materiais básicas tente buscar uma nova maneira de viver. Contudo, parece impraticável avançar no terreno das conquistas transformadoras quando se está passando fome e frio. Para romper com a lógica do capital é preciso atingi-lo onde está mais fraco – e isso não significa realizar levantes socialistas em lugares onde a miséria tomou conta. A fraqueza do capital está na sua contradição, o que por sua vez gera miséria e escassez: “deve haver algo de podre no cerne de um sistema social que aumenta sua riqueza sem diminuir sua miséria”⁴⁷⁶.

Com relação a essas questões nosso narrador possui um olhar preciso, que se volta para a classe trabalhadora:

For it must be remembered that a working man, so long as he remains a genuine working man, is seldom or never a Socialist in the complete (...) but his conception of Socialism is quite different from that of the, book-trained Socialist higher up. To the ordinary working man, the sort you would meet in any pub on Saturday night, Socialism does not mean much more than better wages and shorter' hours and nobody bossing you about.

sumário

(...) But, so far as my experience goes, no genuine working man grasps the deeper implications of Socialism. Often, in my opinion, he is a truer Socialist than the orthodox Marxist, because he does remember, what the other so often forgets, that Socialism means justice and common decency. But what he does not grasp is that Socialism cannot be narrowed down to mere economic justice' and that a reform of that magnitude is bound to work immense changes in our civilization and his own way of life. (...) As for the philosophic side of Marxism, the pea-and-thimble trick with those three mysterious entities, thesis, anti-thesis, and synthesis, I have never met a working man who had the faintest interest in it. It is of course true that plenty of people of working-class origin are Socialists of the theoretical bookish type. But they are never people who have remained working men; they don't work with their hands, that is. They belong either to the type I mentioned in the last chapter, the type who squirms into the middle class via the literary intelligentsia, or the type who becomes a Labour M.P. or a high-up trade union official.

It may be said, however, that even if the theoretical book trained Socialist is not a working man himself, at least he is actuated by a love of the working class. He is endeavouring to shed his bourgeois status and fight on the side of the proletariat – that, obviously, must be his motive. (...) The truth is that, to many people calling themselves Socialists, revolution does not mean a movement of the masses with which they hope to associate themselves; it means a set of reforms which 'we', the clever ones, are going to impose upon 'them', the Lower Orders.⁴⁷⁷

Uma vez apresentada a premissa de que o socialismo se trata de uma alternativa ao capitalismo – ao menos para uma seleta parcela da sociedade – nosso narrador averigua a maneira em que trabalhadores e intelectuais treinados nos livros o compreendem. De um lado temos os trabalhadores braçais, que levam em consideração os aspectos materiais desse sistema em sua vida cotidiana: salários maiores, menos horas de trabalho, sem seguir ordens de um chefe, *"to the ordinary working man (...) Socialism does not mean much more than better wages and shorter' hours and nobody bossing you about"*.

sumário

Por outro lado, temos a classe média intelectual que compreende as implicações abstratas da proposta socialista, pois se encontram mais distantes das implicações materiais de estarem inseridos na cadeia produtiva. Uma alta dos salários e diminuição de jornada de trabalho mudaria de maneira considerável a qualidade de vida do trabalhador braçal, ao passo que classe média prefere conquistas não materiais, que envolvam o prestígio e a manutenção das aparências.

O narrador deixa claro qual lado considera mais efetivo, o do trabalhador braçal: *“he is a truer Socialist than the orthodox Marxist, because he does remember, what the other so often forgets, that Socialism means justice and common decency”*. O contato diário com a esfolação faz com que sinta perto demais os resultados desse desequilíbrio social. Por conta de uma jornada de trabalho extenuante, vivencia diariamente os efeitos dessa lógica: “o capital não se importa com a duração de vida da força de trabalho. O que lhe interessa é única e exclusivamente o máximo de força de trabalho que pode ser posta em movimento”⁴⁷⁸. E isso faz com que a percepção do trabalhador braçal sobre as demandas socialistas envolva a esfera das implicações concretas, sem alcançar a abstração da teoria: *“no genuine working man grasps the deeper implications of Socialism”*.

A proximidade imposta ao trabalhador com a exploração faz com que seu modo de vida influencie sua maneira de mensurar o mundo ao seu redor, afinal “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência”⁴⁷⁹. O contato diário com a lógica do capital faz com que seus reclames envolvam a atmosfera cotidiana, algo que possibilite comer melhor, descansar mais e conseguir viver dignamente. Não poder compreender o funcionamento da sociedade como um todo é fruto dessa ordem exploratória. Os trabalhadores tornam-se prisioneiros, isolados da maior parte de sua própria vida: “estas relações transformam-se em grilhões das mesmas”⁴⁸⁰. Encontram-se paralisados, vendados pela própria condição de vida que lhes é imposta. Esse é

sumário

o pressuposto que sustenta o capital: “a alienação é a luta do capital para sobreviver, a luta do capital para subordinar o trabalho, (...) a luta incessante do capital pelo poder. A alienação não é um aspecto da luta de classes: ela é a luta do capital para existir”⁴⁸¹.

Enquanto isso, o modo de vida da classe média e suas ínfimas regalias faz com que suas reivindicações, por sua vez, envolvam contestações mais distantes do mundo material, uma vez que têm o que comer e onde morar. Para os sacerdotes do saber o mais valor não é tirado de suas mãos e sim de suas mentes. Sua constante obsessão não envolve uma jornada de trabalho mais branda, e sim divagações filosóficas: “*as for the philosophic side of Marxism, the pea-and-thimble trick with those three mysterious entities, thesis, antithesis, and synthesis, I have never met a working man who had the faintest interest in it*”. O estranhamento ocorre no mundo das ideias: a classe média, além de ter sua mão de obra abstrata a serviço da elite, também se vê obcecada com questões que mais parecem entidades, tentando encaixar em uma tríade dialética inacessível o que poderia ser resolvido com a busca de uma condição de vida mais justa.

Isso significa dizer que as indagações da classe média passam a ser uma obsessão que culmina em um beco sem saída, quando fazem uso da teoria para reivindicar seus privilégios: “o método materialista se transforma em seu oposto se for adotado, não como o princípio de investigação orientador, mas como padrão pronto pelo qual alguém molda os fatos da história como lhe convém”⁴⁸². Nosso narrador não condena a teoria ou reflexão, mas revela o abismo que muitas vezes a pura abstração teórica pode estabelecer com relação a questões de ordem prática.

Teoria e prática precisam caminhar lado a lado: para ter sentido, as ideias – sejam religiosas, políticas ou econômicas – devem estar enraizadas no mundo real⁴⁸³. A crítica que nosso narrador desenvolve parece mais voltada para o isolamento criado pela teoria, quando desvinculada da prática, de forma que seria necessário “levantar o véu da teoria e que a verdade material fosse exposta”⁴⁸⁴.

sumário

A obsessão da pequena burguesia em manter-se como um ser “supostamente dialético” e superior apenas contribui para que a lógica de tese, antítese e síntese seja um devaneio, manifesto em construções prolixas. Em vez de fazer uso da teoria como arma crítica, o único enfretamento com a ordem ocorre para sustentar o domínio de alguns dentro dos círculos eruditos. Perde-se muito tempo massagendo egos que se afirmam superiores, em vez de fazer uso dessa capacidade de raciocínio e interpretação da matéria social para suprimir o sistema gerador dessa lógica.

Ao continuarem vociferando pelas paredes dos clubes de leitura, partidos e *literary tea-parties*, a pequena burguesia intelectual acaba por enfatizar a sua inutilidade no processo de transformação efetivo das energias sociais. Enquanto for apenas uma classe em si, os “intelectualizados” não parecem capazes de pôr em prática os escritos “sagrados” que tanto prezam. Declamar os cânones do materialismo histórico sem de fato levá-los ao mundo concreto impede a transformação da consciência de uma classe em si para si, que seria então responsável por seu lugar no tecido social.

Esse apego à teoria faz com que as ideias dominantes ofusquem o fundamento principal da sociedade dividida em classes: trabalhador braçal e intelectual são categorias distintas, contudo não passam de mera ferramenta aos olhos dos donos da produção. A picareta e a pena estão subjugadas à mesma lógica. Na inércia dos gabinetes dos sábios, reclusos nas saletas cobertas de livros empoeirados, a revolução possui apenas um significado: “*a set of reforms which ‘we’, the clever ones, are going to impose upon ‘them’, the Lower Orders*”. Os tomos de livros servem apenas para impor aos “inferiores” a supremacia da teoria – teoria esta que muitas vezes é usada como escudo e salvaguarda de intelectuais, que recusam a perceber seu papel efetivo na produção capitalista.

Qual poderia ser a motivação dos eruditos para se isolarem nas tessituras teóricas e impor suas vontades aos “inferiores”? Nosso

sumário

narrador nos revela que se trata de manter um determinado tipo de vida, que a todo custo busca manter as aparências: “*most middleclass Socialists, (...) cling like glue to their miserable fragments of social prestige*”. Esse falseamento cria uma ilusão na mentalidade da pequena burguesia de serem superiores às “*inferior orders*”. Porém esse procedimento atua sorrateiramente para mascarar a própria condição em que o intelectual se encontra.

Afinal, por ter suas ideias submetidas à produção, o trabalhador cerebral coloca à disposição seu corpo físico – assim como o minerador – e também sua mente. As implicações dessa entrega criam raízes profundas em toda uma camada da sociedade que tem nas mãos o poder de compartilhar seu conhecimento com os que estão o seu redor. No entanto, escolhem manter essas ideias para si e os seus, em um privado círculo dos escolhidos: “*Nearly all the dominant writers of the thirties belonged to the soft-boiled emancipated middle class (...) only possible, if you are the kind of person who is always somewhere else when the trigger is pulled*”⁴⁸⁵.

Isolados em uma torre de marfim, os intelectuais se distanciam tanto do trabalhador braçal quanto da elite, como se formassem uma sociedade soberana à prova de tudo e de todos. Esse exílio social gera consequências no campo político e ideológico, em um reino imaginário onde se enxergam como independentes e descolados da realidade, autônomos⁴⁸⁶.

6.2 DEBAIXO DOS NOSSOS NARIZES

A maior parte das contestações da classe média intelectual fica restrita a um campo fechado em si mesmo. Ao mesmo tempo, criam uma retórica que visa impor o prestígio do círculo da cultura aos que não tiveram contato com um olhar emancipatório do mundo. O conhecimento e a teoria, que deveriam agir como alavanca, acabam sendo

sumário

moldados para servir à manutenção do feitiço da distinção⁴⁸⁷. Para que algo seja feito a respeito é preciso romper com este abismo, que aparta as ideias das energias sociais⁴⁸⁸. Esse rompimento parece significar, em última instância, abrir novos circuitos entre o intelectual e o povo, reconciliando na prática aquilo que partilham⁴⁸⁹.

Em alguns momentos a classe média “superior” se vê indo ao encontro dos “inferiores”, seja por um colapso social como o desemprego, seja por um lampejo de consciência crítica. Todavia, na maioria dos casos, esse encontro parece ser mais desastroso do que produtivo, principalmente quando predominam os valores burgueses: “*So that the meeting of proletarian and bourgeois, when they do succeed in meeting, is not always the embrace of long-lost brothers; too often it is the clash of alien cultures which can only meet in war*”⁴⁹⁰.

O embate de classes resulta em uma guerra, fruto da lógica governada pela acumulação de excedentes: “a luta de classes é, basicamente, uma luta pelo excedente, e como tal está fadada a prosseguir enquanto não houver o bastante para todos”⁴⁹¹. O encontro entre classe trabalhadora e classe média envolve uma disputa de poder, uma vez que o desejo de receber as migalhas de prestígio não parece se dissipar da mentalidade pequeno burguesa: “*Ultimately you have got to drop your snobbishness, but it is fatal to pretend to drop it before you are really ready to do so*”⁴⁹². No entanto, nosso narrador defende a ideia de que para que o encontro entre as classes não culmine em uma guerra, a classe média precisaria abrir mão de suas pretensões:

This then is the net result of most meetings between proletarian and bourgeois: they lay bare a real antagonism which is intensified by the ‘proletarian’ cant, itself the product of forced contacts between class and class (...) Ultimately you have got to drop your snobbishness. (...) Perhaps a classless society doesn’t mean a beatific state of affairs in which we shall all go on behaving exactly as before except that there will be no class-hatred and no snobbishness; perhaps it means a bleak world in which all our ideals, our codes, our tastes – our ‘ideology’, in fact – will have no meaning. Perhaps this class-breaking business isn’t so simple as it looked! On the contrary, it is a wild ride

sumário

into the darkness, and it may be that at the end of it the smile will be on the face of the tiger. With loving though slightly patronizing smiles we set out to greet our proletarian brothers, and behold! our proletarian brothers – in so far as we understand them – are not asking for our greetings, they are asking us to commit suicide. When the bourgeois sees it in that form he takes to flight, and if his flight is rapid enough it may carry him to Fascism.⁴⁹³

O embate de classes se caracteriza pelo antagonismo, com uma base profunda nos interesses distintos de cada lado: os que exploram e os que são explorados⁴⁹⁴. Na distribuição de papéis na produção material, trabalhadores braçais se encontram de um lado e trabalhadores intelectuais de outro. Todavia, deveriam estar próximos, por conta de sua submissão às normas burguesas. Nesse confronto, a classe média se mantém confortável em seu reino das mordomias ilusórias, pois acredita estar na sombra das regalias dos detentores dos meios de produção: “na Inglaterra, onde a burguesia, que sabe todos os dias pelos jornais o que está ocorrendo, mantém-se inteiramente despreocupada”⁴⁹⁵. Para conseguir manter sua posição, a classe média opta por se manter paralisada no terreno das ideias dominantes, abrindo mão de sua responsabilidade e, em última instância, de seu potencial transformador.

Nosso narrador apresenta uma das escolhas que poderia ser tomada pelos trabalhadores intelectuais: abandonar sua postura esnobe. Essa proposta não é inédita, muitos afirmaram o mesmo enquanto a Inglaterra se desenvolvia em meio ao movimento dos pistões e das nuvens de vapor fumegantes da Revolução Industrial. Considerando as particularidades do caso inglês e seu desenvolvimento acelerado desde o século XIX – que serviu para aprofundar ainda mais as lacunas entre os donos da produção e o proletariado – o papel da classe média parece ser fundamental para germinar a semente transformadora no solo da organização social: “A burguesia inglesa só tem duas alternativas: prosseguir em seu reinado, carregando sobre os ombros a acusação de assassinato social (...), ou abdicar em favor da classe operária. Ela tem preferido, até hoje, a primeira solução”⁴⁹⁶.

sumário

Mesmo com a inércia das classes médias e alta, acomodadas com recursos materiais, nosso narrador deixa entender que, para além disso, seria necessário caminhar rumo a uma sociedade que rompesse com a distinção de classes: *“Perhaps a classless society doesn’t mean a beatific state of affairs in which we shall all go on behaving exactly as before”*. Além de abrir mão da postura esnobe, o comportamento social pautado pela exploração deveria ser abandonado, tendo como horizonte uma nova estruturação mais igualitária da produção. O modo de vida sedimentado em torno do capital necessita de uma modificação, o que não significa algo que seja iluminado por uma luz divina, beatífico. Romper com que fundamenta os alicerces da sociedade implica destruição e alvoroço. É preciso tirar do lugar as ideias e suas estruturas, para que possam ser reorganizadas: *“entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período da transformação revolucionária de uma na outra. A ele corresponde também um período político de transição”*⁴⁹⁷.

Como poderia ser desenvolvida a transformação dos meios de produção em forma de uma propriedade social?⁴⁹⁸ Por não se tratar de uma sobreposição imediata e automática, é preciso modificar a maneira de se organizar socialmente o que, em última instância, seria capaz de atingir as redes da consciência: *“uma revolução social radical está ligada a certas condições históricas do desenvolvimento econômico”*⁴⁹⁹. Nosso narrador aponta para o rompimento com os modos de vida predominantes do presente, principalmente abrindo mão do ódio de classe e do esnobismo. Esse rompimento se faz necessário, contudo não parece sensato apagar o tempo presente da memória histórica, pois assim corre-se o risco de perder as referências de convivência social: *“um futuro genuinamente diferente não seria uma mera extensão do presente nem uma ruptura absoluta com ele. Se fosse uma ruptura absoluta, como poderíamos reconhecê-lo?”*⁵⁰⁰

Esse rompimento com a lógica social, com uma feição emancipadora, pretende acabar com a conduta desenvolvida pelas ideias oficiais: *“perhaps it means a bleak world in which all our ideals, our codes,*

sumário

our tastes – our ‘ideology’, in fact – will have no meaning”. A lógica da exploração deixaria de fazer sentido em uma nova perspectiva social, em que não houvesse distinção de classes. Mas como seria possível alcançar essa transformação? A resposta parece estar bem debaixo dos nossos narizes – principalmente daqueles que se propõem a sentir o cheiro das cidades irrespiráveis do norte inglês: “ver o presente como ele verdadeiramente é significa vê-lo à luz de sua possível transformação. Do contrário, simplesmente não o vemos direito”⁵⁰¹.

O contato material do narrador com o seu presente e a compreensão profunda da matéria social aponta para diagnósticos sobre o que poderia ser feito para alterar a realidade. Nosso narrador, constantemente com um olhar preciso sobre os desdobramentos dos acontecimentos, percebe com atenção o seu redor, repleto de peculiaridades. Por conta disso, ele se volta à parcela da sociedade que poderia atuar mais efetivamente e que menos parece se movimentar, a classe média intelectualizada.

O salto emancipador em direção a uma sociedade igualitária pode ser uma jornada rumo ao desconhecido: “*Perhaps this class-breaking business isn’t so simple as it looked! On the contrary, it is a wild ride into the darkness, and it may be that at the end of it the smile will be on the face of the tiger*”. Romper com o sistema de classes não parece ser tão fácil na prática quanto se mostra nas discussões teóricas. Por meio da forma adversativa, *on the contrary*, a voz narrativa demonstra criticamente o interesse da classe média em defender seus interesses próprios, disfarçada de lobo em pele de cordeiro.

O pretenso caminho para outra lógica social, enquanto permanecer pautado pela manutenção da diferenciação entre camadas sociais, servirá apenas para atenuar e não efetivamente contestar a estrutura de classes prevalecente. “*When the bourgeois sees it in that form he takes to flight, and if his flight is rapid enough it may carry him to Fascism*”. Diante do abismo no qual o capitalismo se encontra, o salto transformador pode ser rumo a uma queda livre ou a um voo libertador: “o capitalismo

sumário

pode estar balançando à beira do abismo, mas talvez não seja o socialismo que venha a substituí-lo. Talvez seja o fascismo ou a barbárie”⁵⁰².

Assim, a vivência pelas cidades mineradoras e a percepção da injustiça servem para incentivar o narrador a pensar em novas formas de se construir uma sociedade. Somente quando imerso nas normas da prática do cotidiano inglês é que ele percebe como as reflexões abstratas sobre o socialismo são moldadas e trazidas para a realidade concreta: “não se pode separar o pensamento da matéria que pensa”⁵⁰³. A maneira como os homens agem parece se desdobrar no que é refletido a respeito dessas relações e antagonismos. Primeiro a voz narrativa observa como agem os mineradores e os intelectuais para, em seguida, formular reflexões a respeito. Tais reflexões, por sua vez, pretendem incidir sobre a vida social.

O império inglês se fundamentava na miséria, na desigualdade. O desenvolvimento e o progresso se sustentam pendurados nos ombros de centenas de milhares trabalhadores braçais, em uma sistematização da exploração escancarada. A degeneração dos mineradores se encontrava bem debaixo dos olhos e narizes de todos, perceptível para aqueles dispostos a vê-la: “*visible in a physical degeneracy which you can study directly, by using your eyes*”⁵⁰⁴. Contudo, quem se beneficia dessa lógica fechava os olhos – e principalmente os narizes – diante desses dissabores.

Nosso narrador percorre um caminho em que sua observação do cotidiano culmina em uma reflexão crítica, que posteriormente irá sedimentar a experiência na forma literária. Ele transita por Wigan e convive com os trabalhadores, entra nas minas, come as mesmas refeições que os trabalhadores, dorme nos cortiços e pensões. Em seguida, reflete sobre tudo o que testemunhou e, principalmente, quais seriam os desdobramentos que o aprendizado no norte causaria em um membro da classe pensante do sul inglês.

sumário

Esse percurso do concreto rumo ao abstrato corresponde a uma maneira de decifrar o real, pautado pelas condições materiais. A prática antecipa a argumentação: “a ação humana havia resolvido a dificuldade muito antes de os sofismas humanos a inventarem”⁵⁰⁵. Apenas por meio do contato direto com as contradições é que parece possível resolvê-las. Só podemos saber se algo a ser feito teve êxito quando nos voltamos para a concretude das relações: “a prova do pudim está em comê-lo”⁵⁰⁶. Apenas por meio do contato com o tangível parece ser viável formular uma teoria comprometida com a efetiva mudança social.

Romper com esse abismo da teoria consiste em levar em consideração as normas da realidade como balizas para guiar as formulações abstratas: “toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem a teoria ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática”⁵⁰⁷. Qual seria a ação que nosso narrador observa acontecer, para que mais tarde possa refletir a respeito? Depois de meses convivendo com os trabalhadores braçais, ele vivencia de perto uma rede de exploração e injustiça.

Dentro da mina de carvão, ele sente na pele a dor das jornadas longas e exaustivas, curvando as costas junto dos mineradores, agachados em meio ao ar contaminado pelo carvão. Nosso narrador se mistura à sujeira, aos maus odores. Essa realidade o motiva para pensar uma outra forma de viver. Após fitar os olhos da desigualdade, tenta decifrar seus desdobramentos, para mais tarde propor alternativas. A exploração no capitalismo gera, em nosso narrador, um pensamento constante: “*this is a political age (...) when you are on a sinking ship, your thoughts will be about sinking ships*”⁵⁰⁸. Por estar envolto pelo cotidiano de desigualdade, o que conduz as reflexões da voz narrativa é justamente os desdobramentos dessa desigualdade, uma interpretação da matéria social que perpassa uma escolha política.

Por estar dentro de um barco que afunda, todas as ideias do narrador se voltam para a necessidade da resolução desse problema. A sociedade naufraga nas águas turbulentas do capitalismo. O resgate

sumário

desse naufrágio não parece vir dos céus, milagrosamente, com uma abstração que desconsidera as condições materiais desse desastre. A resolução parece possível com uma reorganização dos tripulantes, para tomar para si a responsabilidade de consertar e guiar o barco rumo a águas calmas, de igualdade.

Esse naufrágio da sociedade parece ocorrer por conta da maneira como ela se estrutura. Conduzida de maneira desigual por uma minoria e colocada em movimento por milhares, sufocados nos porões da estrutura social, o seu destino é inevitável: rumo às profundezas do mar, em meio à crise e à pobreza. Conforme afunda lentamente, a lógica burguesa ainda sente os sopros da fatura, instantes antes de o barco desaparecer por completo. Para que não desapareça em sua totalidade, é preciso mudar sua organização, rompendo com o ciclo de desigualdade.

Nosso narrador alerta que essa mudança deve surgir a partir da conscientização das camadas médias, no que concerne ao seu lugar na produção social. Essa tomada de consciência parece surgir por conta da distância em que a classe média é posta com relação aos trabalhadores. Uma vez alertados desse abismo que lhes foi imposto pelas normas burguesas, nosso narrador revela que há um encontro possível entre a margem e o centro da sociedade.

Esse encontro ocorre de maneira peculiar. Com um sorriso condescendente estampado no rosto, os detentores da produção se dirigem aos seus “irmãos proletários” com intenções excusas: “*With loving though slightly patronizing smiles we set out to greet our proletarian brothers, and behold! our proletarian brothers – in so far as we understand them – are not asking for our greetings, they are asking us to commit suicide*”. A mentalidade burguesa se dirige aos trabalhadores com um sorriso paternalista, com a intenção de estabelecer laços e apertos de mãos falseados. Porém, o que os encontra do outro lado não é o desejo inautêntico de estabelecer laços. O proletariado exige que a classe arrogante cometa suicídio, abrindo mão de uma vez por todas de seu egoísmo desenfreado.

sumário

Esse encontro poderia ser pautado pelo socialismo, como maneira de examinar a realidade de maneira crítica, até mesmo por meio da arte ou da cultura. Contudo, o socialismo não parece atrair a maior parte da classe média artística: *“writers of genuine talent are usually indifferent to Socialism, and sometimes actively and mischievously hostile. And this is a disaster, not only for the writers themselves, but for the cause of Socialism, which has great need of them”*⁵⁰⁹. Os intelectuais artistas não parecem interessados em defender um ordenamento social mais justo, o que acaba sendo um impeditivo para o estabelecimento de uma causa transformadora, que necessita profundamente de uma mão de obra que também atue no setor da cultura.

Esse movimento analítico da voz narrativa provém da observação da realidade, pautada nas normas da prática. Ou seja, pensar o socialismo como uma saída tem a ver com o olhar preciso com relação à estrutura da sociedade. Fazer uso do socialismo como teoria não é apenas pensá-lo como um mero “reflexo da realidade, mas de uma força material por si mesma”⁵¹⁰. O socialismo como elaboração dos problemas materiais não é “apenas um comentário sobre o mundo, mas um instrumento para mudá-lo”⁵¹¹.

O olhar que parte da concretude da desigualdade e passa para as formulações abstratas, em um terceiro momento retorna à realidade, interpretando o mundo para, ao mesmo tempo, transformá-lo⁵¹². O socialismo apresentado pelo narrador atua como tentativa de mudança social. Mudança essa que passa a ter valor quando conduzida pelas normas do real: “cada passo do movimento real é mais importante do que uma dúzia de programas”⁵¹³.

A transformação da realidade parece possível na mobilização generalizada dos trabalhadores como classe em si e para si. Somente a partir da tentativa efetiva de uma organização justa e decente, buscar uma saída parece possível. Nosso narrador sinaliza que essa prática pode ser feita por meio de um partido socialista ativo: *“It will have to be a party with genuinely revolutionary intentions, and it will have*

sumário

to be numerically strong enough to act. We can only get it if we offer an objective which fairly ordinary people will recognize as desirable"⁵¹⁴.

A luta contra as normas vigentes significa esclarecer algumas prioridades: *"the Socialist movement has not time to be a league of dialectical materialists; it has got to be a league of the oppressed against the oppressors"*⁵¹⁵. Em vez de pautar a transformação em torno de um grupo pequeno de intelectuais, é preciso abranger esse leque e colocar a discussão em termos objetivos, voltados para conflitos reais, que opõem oprimidos e opressores. E sendo assim, a questão central nessa discussão passa pela existência das classes sociais: *"It means that the issue of class, as distinct from mere economic status, has got to be faced more realistically than it is being faced at present"*⁵¹⁶.

Por meio do contato direto com o universo da exploração e da desigualdade, a tomada de consciência parece inevitável: quando eclodir "a guerra inteiramente aberta e direta dos pobres contra os ricos – guerra hoje tornada inevitável na Inglaterra –, o proletariado inglês estará suficientemente esclarecido acerca da questão social"⁵¹⁷. Esse momento do esclarecimento crítico dos trabalhadores parece ter uma ligação intrínseca com a linguagem. Para que alcance a maior quantidade possível de pessoas, é preciso que os trabalhadores intelectuais abandonem o esnobismo mascarado na forma, no uso de conceitos que soam incompreensíveis, criando discursos que afastam a classe trabalhadora de seu potencial revolucionário. Por outras palavras, romper com a arrogância da classe média intelectualizada significa denunciar sua linguagem prolixa, que atua como mecanismo de isolamento e manutenção de seus privilégios.

Alguns intelectuais se escondem por trás de um vocabulário denso e confuso, de maneira que não parecem desejar que os trabalhadores se tornem seus iguais e tomem para si o poder do conhecimento, capaz de libertá-los de suas correntes: *"beyond all else, therefore, we need intelligent propaganda. Less about 'class consciousness', 'expropriation of the expropriators', 'bourgeois ideology', and 'proletarian*

sumário

solidarity”⁵¹⁸. Em vez disso, o narrador propõe: “*and more about justice, liberty, and the plight of the unemployed*”⁵¹⁹. Quanto mais objetiva e clara for a mensagem, maior o poder de colaboração e emancipação: “*All that is needed is to hammer two facts home into the public consciousness. One, that the interests of all exploited people are the same; the other, that Socialism is compatible with common decency*”⁵²⁰.

Ao fazer uso da linguagem como ferramenta política em função do socialismo, surge um movimento cíclico entre teoria e prática. Diante da experiência da desigualdade, surge a reflexão crítica, que por sua vez atua no campo das ações por meio da conscientização, veiculada em um discurso acessível. E, assim, a linguagem se revela o meio pelo qual existe a junção entre experiência e reflexão: “*the great enemy of clear language is insincerity. When there is a gap between one’s real and one’s declared aims, one turns as it were instinctively to long words and exhausted idioms, like a cuttlefish spurting out ink*”⁵²¹. A responsabilidade do trabalhador intelectual estaria em fazer uso de uma linguagem inteligível a todos, sem criar um abismo entre indagações e a materialidade das relações.

No movimento contínuo entre as vivências da prática e sua teorização, o papel do intelectual engajado seria o de, em primeira instância, se conscientizar sobre sua condição de trabalhador para, em seguida, compartilhar seu conhecimento com seus pares, os trabalhadores braçais. Esse movimento que abandona a pretensa sofisticação discursiva potencializa a grandeza da linguagem: ela transforma a realidade, atua como uma “arma na batalha da vida”⁵²². A função dos que trabalham com as ideias seria tornar a reflexão abstrata algo ao alcance dos outros trabalhadores. O papel das cabeças produtivas da inteligência envolveria, assim, uma “luta entre a semente e seu apodrecimento (...) um conflito que produz movimento, nascimento e crescimento”⁵²³.

A experiência acumulada pela prática deveria agir como o grande mentor da transformação social, a baliza que guia as reflexões sobre as contradições existentes no modo de produção. Por meio das

sumário

tentativas de contestação da ordem – seja nos movimentos sindicais, nas greves, nas agitações partidárias – os eventos da vida social ensinam mais do que abstrações que não saem do gabinete empoeirado, em que os gritos de reivindicação nas ruas não passam de sons abafados pela janela. Concomitantemente à experiência da ação surge o método, que organiza as tentativas concretas de transformação, de forma que “deve ser um instrumento, não uma receita”⁵²⁴.

Assim, nosso narrador especifica o papel do intelectual no processo de modificação da ordem social: “*is not to reject Socialism but to make up his mind to humanize it*”⁵²⁵. Uma ação empenhada deve aceitar o socialismo como sistema e humanizá-lo, tornando-o próximo das reivindicações dos trabalhadores. Sendo assim, humanizar o socialismo significaria trazer para o aspecto concreto exemplos cotidianos, usando o privilégio dos intelectuais para desafiar os sistemas de poder⁵²⁶.

6.3 NADA A PERDER

Em um movimento constante, nosso narrador revela a operação de um sistema complexo. Em um primeiro momento, observa e descreve um fenômeno social: a desigualdade em terras inglesas. A partir das contradições que partem da materialidade do cotidiano, ele se volta para formulações teóricas que procuram erradicar e resolver essas contradições, o socialismo. Em um terceiro momento, ele passa a apontar a possibilidade de compilar essas questões na forma literária e artística, de maneira que a grande protagonista seja a linguagem compreensível por todos.

Consequentemente, as incoerências dos meios de vida não conseguem ser liquidadas, pois a reflexão teórica feita com base na prática não parece capaz de transformar de fato a realidade, uma vez que é veiculada em uma linguagem inacessível aos trabalhadores. Para que esse movimento se feche em um ciclo, capaz de

sumário

resolver alguns dos problemas no campo da vivência, é necessário algo a mais: “uma obra literária só é correta do ponto de vista político quando for também correta do ponto de vista literário”⁵²⁷. A linguagem muitas vezes aparentemente rebuscada dificulta a resolução dos problemas práticos. E, nesse sentido, funciona mais como um diagnóstico: um instrumento elaborado apenas para um seletivo grupo de pessoas e fruto da divisão social do trabalho.

Se as teorias sobre o funcionamento do tecido social não estão disponíveis para a grande maioria da população, isso se manifesta na cultura. Os objetos culturais atuam como desdobramentos das questões sociais. Assim, quando são constituídos por uma linguagem que se afasta de um horizonte claro e objetivo, se desprendem do seu potencial de transformação da realidade. Tem-se, então, uma arte elaborada por poucos, direcionada a poucos. Se a cultura está fechada para uma minoria, isso representa alguns problemas encontrados no panorama social. A forma artística e os produtos da cultura refletem e trazem para o patamar do diálogo algumas das feridas mais profundas de sua época: “o desenvolvimento da arte é a maior prova da vitalidade e importância de cada época”⁵²⁸.

Dentro da gama de possibilidades da atuação prática do intelectual, nosso narrador se concentra na questão da literatura. Para isso é necessário que o escritor engajado tenha uma posição dentro da batalha posta no campo social, capaz de formular um discurso que se mostre como aliado da luta social. Contudo, o comentário literário produzido em torno da questão socialista inúmeras vezes parece moldado em uma linguagem excessivamente complexa: “*as for the technical jargon of the Communists, it is as far removed from the common speech as the language of a mathematical textbook*”⁵²⁹. A maior parte da literatura progressista, produzida para refletir sobre os problemas sociais, não parece alcançar o seu verdadeiro público, a classe trabalhadora: “*you can see the same tendency in Socialist literature, which, even when it is not openly written de haut en bas, is always completely removed from the working*

sumário

*class in idiom and manner of thought*⁵³⁰. Falta uma conexão entre a mensagem do intelectual com a linguagem e o ponto de vista do trabalhador.

Essa mensagem pouco objetiva acaba por destruir o que poderia ser uma ponte, diante do abismo entre as contradições da prática social e uma forma artística transformadora: *"nearly everything describable as Socialist literature is dull, tasteless, and bad (...) I am not even suggesting that it ought necessarily to produce literature on its own account, though I do think it is a bad sign that it has produced no songs worth singing"*⁵³¹. Nessa advertência do narrador, a literatura produzida em torno das questões do socialismo é monótona, de mau gosto. Esse alerta gira em torno da necessidade de buscar um equilíbrio delicado entre conteúdo e forma. O papel do intelectual engajado na mudança social se manifesta em uma escrita que não seja maçante e pouco atraente aos trabalhadores e, ao mesmo tempo, que não seja esvaziada e elaborada apenas nas aparências.

Assim, o olhar narrativo se concentra na tomada de posição do intelectual, que se encontra em cima de um muro, indisposto de abrir mão das migalhas de privilégio que o separa da classe trabalhadora: *"the fence on which the literary gent sits, once as comfortable as the plush cushion of a cathedral stall, is now pinching his bottom intolerably; more and more he shows a disposition to drop off on one side or the other"*⁵³².

Estamos diante do instante exato em que a onda da consciência de classe atinge os intelectuais, que observavam seu entorno debruçados em um parapeito, produzindo obras voltadas para a arte pela arte: *"It is interesting to notice how many of our leading writers, who a dozen years ago were art for art's saking for all they were worth and would have considered it too vulgar for words even to vote at a general election, are now taking a definite political standpoint"*⁵³³. Quando assolados pela crise econômica e, conseqüentemente, pela conscientização de seu lugar nas relações de produção, os intelectuais se vêem obrigados a tomar partido de um dos lados.

sumário

Essa tomada de posição está fortemente entrelaçada com as contradições da Inglaterra, em meio ao desequilíbrio social e econômico. As ambivalências do campo social se desdobram na crise da representação artística. Não parece ser uma questão do movimento socialista ser incapaz de produzir uma literatura que alcance o trabalhador. Parece existir uma dificuldade da produção artística transformadora ocorrer simultaneamente com os acontecimentos contraditórios do momento histórico.

Existe um abismo entre as reivindicações políticas e sua representação formal: “a técnica não estava suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade”⁵³⁴. Enquanto a linguagem objetiva e acessível não tomar conta das discussões, a teoria permanecerá distanciada da classe trabalhadora. O abismo está posto entre a elite e trabalhadores, e a linguagem constitui uma das pontes capazes de unir conteúdo e forma.

Assim, o problema da linguagem está posto: a forma panfletária coberta de jargões não parece capaz de produzir resultados efetivos. O embate entre dominadores e dominados, conforme anunciado pelo nosso narrador, culminaria em uma guerra, “*the clash (...) which can only meet in war*”⁵³⁵, de maneira que “todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. (...) Essa guerra é uma revolta da técnica, que cobra em ‘material humano’ o que lhe foi negado pela sociedade”⁵³⁶.

A guerra ocorre em dois patamares: no contexto histórico, com a crise dos anos 1930, e nos problemas de representação artística, na batalha entre linguagem elitizada e linguagem objetiva. Diante desse embate, diferentes setores da classe trabalhadora devem colocar suas diferenças de lado e serem persuadidos para lutarem lado a lado:

They [proletarian] must not be allowed to think that the battle is between those who pronounce their aitches and those who don't; for if they think that, they will join in on the side of the aitches. I am implying that different classes must be persuaded to

sumário

act together. (...) And then perhaps this misery of class-prejudice will fade away, and we of the sinking middle class (...) may sink without further struggles into the working class where we belong, and probably when we get there it will not be so dreadful as we feared, for, after all, we have nothing to lose but our aitches⁵³⁷.

Temos em campo uma batalha. E essa batalha está travada entre os exploradores e os explorados. Todavia, a ilusão que permeia o ideário dominante faz com que os inimigos sejam determinados por meio da linguagem, em vez da posição que ocupam nas relações de produção: “*They must not be allowed to think that the battle is between those who pronounce their aitches and those who don’t*”. A classe trabalhadora não deve cair na armadilha de pensar que se trata de se contrapor àqueles que pronunciam o *-h* e os que não o fazem⁵³⁸. Não se trata de um embate que distingue membros de uma classe social por meio do sotaque. É um antagonismo entre, de um lado, os que possuem os meios de produção e, de outro lado, os que possuem apenas sua força de trabalho. A pronúncia ou não de um fonema opera como um desdobramento dessa desigualdade, mas não é a questão principal.

Tendo isso em mente, o narrador deixa claro o papel da linguagem como forma, algo que revela o lugar social ocupado por cada lado da batalha: os que possuem acesso à cultura enunciam a pronúncia do *-h*. Por outro lado, às margens do sistema e da linguagem normativa estão os trabalhadores braçais, desprovidos literal e metaforicamente de recursos, de maneira que não pronunciam o *-h* e, por sua vez, são vistos como inferiores com relação às normas sancionadas.

Assim, encontram-se submetidos aos que detêm o controle das regras econômicas e sociais, que pronunciam sonoramente os *-h*: “*nearly every Englishman, whatever his origins, feels the working-class manner of speech, and even working-class idioms, to be inferior.*” A variante linguística dos trabalhadores é colocada num tribunal e recebe os habituais vereditos de cunho moral, que normalmente mascara razões políticas: “*Cockney, the most widespread dialect, is the most despised of all. Any word or usage that is supposedly cockney is looked on as vulgar.*”⁵³⁹

sumário

Além das camadas de distinção que permeiam aspectos econômicos, sociais e culturais, a forma e a linguagem atuam como um véu ideológico, distanciando setores que poderiam estar lado a lado. Caso essa diferença seja mantida e encorajada, a classe trabalhadora pode ser levada a tomar partido dos que pronunciam o *-h*: “*if they think that, they will join in on the side of the aitches*”. O problema da forma literária tem também início na oralidade, pois na separação entre *cockney* e *received pronunciation* temos alguns dos indícios de uma operação mais ampla e que alcança a cultura como um todo: “o gosto, os afetos e opiniões testemunham mais claramente sua participação num senso comum universal (...) como uma formação social tipicamente burguesa”⁵⁴⁰.

Nosso narrador atenta constantemente ao cerne da questão: “*It directs attention away from the central fact that poverty is poverty, whether the tool you work with is a pickaxe or a fountain-pen. (...) the interests of all exploited people are the same*”⁵⁴¹. O enfoque em uma linguagem difusa, ou até mesmo na obsessão em ver a diferença de classe no modo de falar como algo que aparta membros de uma mesma categoria, apenas serve para distanciar o que está em jogo: o combate à exploração. Aqueles que levantam a pena e os que batem a picareta são explorados de maneiras distintas e, mesmo assim, continuam sendo explorados pela lógica do capital. Portanto, possuem os mesmos interesses no que concerne ao seu modo de vida, pronunciando o *-h* ou não.

Fica explicitada a urgência de uma transformação em que diferentes camadas de uma mesma classe devem ser persuadidas a agir em conjunto. O foco do narrador se atém primordialmente à classe média, de maneira que seu argumento elabora uma estratégia com o objetivo de suscitar a consciência crítica dos intelectuais. O uso de descrições e fatos altamente chocantes tentam incitar algum tipo de reação, causar algum desconforto. Num certo sentido, a aposta do narrador de *Wigan Pier* está na possibilidade de que a elite intelectual só sairia de sua inércia quando colocada em contato com uma realidade que evidenciasse as contradições do sistema social dividido em classes. Mesmo que não se desloquem

sumário

fisicamente até Wigan, o argumento construído pelo narrador tende a cumprir o papel de despertar a atenção para os horrores de uma versão de progresso que fecha os olhos para os trabalhadores.

Enquanto isso, classe média e classe trabalhadora continuam apartadas não apenas, mas também por conta da falta de consciência crítica dos intelectuais, que, por sua vez, decidem manter seus privilégios e afastar os trabalhadores de um diálogo transformador. Além das escolhas sociais e econômicas, a manutenção do privilégio implica sobretudo o uso que fazem da linguagem, ao sabor de seus interesses: *“language is (...) an instrument which we shape for our own purposes”*⁵⁴².

Tendo isso em mente, vale lembrar que nosso narrador alerta para a necessidade de a classe média caminhar em direção à classe trabalhadora: *“the sinking middle class (...) may sink without further struggles into the working class where we belong”*. E provavelmente, a tomada de consciência de seu lugar dentro da classe trabalhadora não será tão terrível quanto nós imaginávamos – a classe média e o narrador incluso no emprego do pronome: *“and probably when we get there it will not be so dreadful as we feared”*.

Conforme o argumento da voz narrativa, existem alguns caminhos para que haja essa junção de camadas pertencentes à mesma classe, o socialismo é um deles. Assim, sua linha de raciocínio pende para o aspecto emancipador, de forma a enfatizar possibilidades mais democráticas: *“o socialismo (...) representa em certo sentido uma ruptura decisiva com o presente (...) para que a nova ordem social seja genuinamente transformadora”*⁵⁴³.

A classe intelectual se recusa a perceber que diante do campo de batalha da transformação social, o seu efetivo rumo é o de conscientizar-se do lugar que sua mão de obra ocupa dentro da lógica do sistema, exaurindo de uma vez por todas o aparato construído minuciosamente em torno das aparências e da manutenção de regalias. Para isso, é preciso que rompam de vez com esse lugar de prestígio construído em torno das torres de marfim da cultura, conforme nos alerta o narrador.

sumário

O chamado crítico aqui se volta para a responsabilidade social desse lugar de privilégio: é preciso que rompam com seu esnobismo, que façam uso de uma linguagem mais acessível, abandonando ilusões de pertencimento à elite: *“every middle-class person has a dormant class-prejudice which needs only a small thing to arouse it; and if he is over forty he probably has a firm conviction that his own class has been sacrificed to the class below”*⁵⁴⁴. Basta um gesto singular para acordar das profundezas do sistema o monstro do preconceito de classe, que serve para lembrar constantemente a proximidade das valas repletas de esgoto, em vez dos salões empoeirados com o doce odor de charutos da aristocracia.

Nosso narrador alerta, assim, para a necessidade de romper com esse olhar de preconceito de classe, que julga a todo instante no tribunal das causas sociais o lugar ocupado pelos trabalhadores braçais, lugar esse que evitam a todo custo pertencer. O veredito é claro: a classe intelectual tem muito a perder, por isso se prende com afincos às migalhas de distinção social que cultivam, de forma que se encontra constantemente *“atolada em seus preconceitos, aturdida pelo estrondo dos acontecimentos, explorando e sendo explorada, voraz e impotente em sua voracidade”*⁵⁴⁵.

A postura estática e conformada dos intelectuais, a favor da manutenção de seus privilégios, impede que percebam as correntes que os prendem: *“a intelectualidade democrata, carente de uma força de classe, seguia então, sua irmã mais velha, a burguesia liberal, (...) separando-se dela em momentos críticos, demonstrando assim, sua própria fraqueza.”*⁵⁴⁶. Manter-se distante dos trabalhadores significa enfatizar a fraqueza dos intelectuais. A partir da tomada de consciência e do uso da linguagem a favor da emancipação social, surge um horizonte em meio a névoa sombria da desigualdade: aqueles que vendem sua capacidade de trabalhar ao se unirem *“nada têm a perder a não ser seus grilhões”*⁵⁴⁷. Ou, no caso orwelliano, *“we have nothing to lose but our itches”*.

sumário

UM HORIZONTE PARA ALÉM DO DESESPERO

*Quando não há esperança no futuro, o
presente adquire uma amargura vil*

Émile Zola, Thérèse Raquin

O percurso traçado pelas vozes narrativas em *A Flor da Inglaterra* e *O Caminho para Wigan Pier* parece pautado constantemente pelo desespero. O desespero em manter o mundo das aparências a todo custo, na ilusão inautêntica de mostrar superioridade do olhar apenado de Gordon Comstock, engendrado com esmero, que faz da suposta renúncia ao sistema um combate aflito, beneficiando somente seus interesses. A realidade da qual ele tenta se afastar é a norma incontestável para os mineiradores de carvão ao norte da Inglaterra, por terem sua capacidade de trabalhar submetida à minoria dominante. Esse desespero se infiltra embaixo das portas, dos cortiços úmidos e cobertos de poeira, misturando-se ao cansaço decorrente de extensas jornadas no subterrâneo, regendo todas as relações sociais.

sumário

O desespero é o denominador comum para todos aqueles subjugados às normas burguesas. Ora ele se mostra como ímpeto em mascarar a própria penúria, ora se escancara ao fitar a injustiça nos olhos. Dentro das redes dessa lógica, o sofrimento se torna corriqueiro. No que concerne ao fio condutor do argumento da voz narrativa, esse sofrimento tem início com uma fagulha de insatisfação da classe média intelectual, que por buscar por uma saída solitária se depara com uma queda vertiginosa, proveniente do choque das necessidades materiais. O voto de pobreza de Gordon calcado numa ideia de sofrimento com ornamentos de motivação política leva-o para caminhos tortuosos, culminando em uma encruzilhada: afundar ainda mais do abismo da pobreza, ou a convivência com as normas da elite.

Mais tarde o desespero traça seu caminho rumo às pequenas vilas proletárias, distante do alvoroço urbano da Londres de Gordon. Chegamos no centro fumegante da terra, nas minas de carvão de Wigan onde se sustenta grande parte da opulência do império inglês. O narrador revela o abismo construído com afinco pela burguesia para manter apartados membros de uma mesma classe: trabalhadores braçais ao norte e trabalhadores intelectuais ao sul. Os intelectuais, como Gordon, se mostram inúteis enquanto não se alinham com seus companheiros de trincheira, os trabalhadores braçais, os mineradores de carvão de Wigan. O desespero que os une precisa ser convertido em esperança, caso contrário haverá apenas inércia. O intelectual escolheria o caminho de aceitação do sistema. O trabalhador braçal continuaria sob o império da exploração, por não conseguir contemplar uma alternativa no horizonte.

Contudo, não se trata de interpretar as duas vozes narrativas contidas nessas duas obras de maneira comparativa. Estamos em busca de um fio condutor da obra orwelliana como um todo, algo que permeia sua escrita. Estamos diante de um olhar contestador do mundo, cujo protagonista, na maioria das vezes, é a classe média⁵⁴⁸. Seja nas ruas iluminadas de Londres, seja nas vielas cobertas de neve enlameada de Wigan, ora esse olhar se aproxima das normas

sumário

burguesas, ora se movimenta e percebe as correntes que o aprisionam, junto ao trabalhador braçal.

O narrador orwelliano observa a matéria social a partir do ponto de vista dos setores intermediários da população. Assim, sua perspectiva permanece crítica a esse lugar que ocupa e, simultaneamente, daqueles que o exploram. A partir do momento em que esse plano narrativo se debruça sobre a classe média e sua existência em si mesma, são reveladas as contradições de uma parcela da sociedade que vive de ilusões: *"England is a country in which property and financial power are concentrated in very few hands. Few people in modern England own anything at all, except clothes, furniture and possibly a house"*⁵⁴⁹.

A maioria da população tem uma relação com a posse que não ultrapassa a esfera de poucos bens materiais. Aqueles que realmente responsáveis pelos mandos das normas detêm os meios de produção. Classe média e classe trabalhadora estiveram o tempo todo imersos nessa lógica, desde o surgimento da organização social pautada na produção extensiva de mercadorias. Assim, aqueles que detêm o poder material controlam o destino daqueles que dispõem suas mentes aos serviços do capital: *"modern industry is so complicated that it cannot get along without great numbers of managers, salesmen, engineers, chemists and technicians of all kinds, drawing fairly large salaries. And these in turn call into being a professional class of doctors, lawyers, teachers, artists, etc."*⁵⁵⁰

Compreender o espaço que a classe média ocupa no tecido social inglês é primordial para interpretar os símbolos trazidos pelo narrador orwelliano. Estamos diante de um exército constituído por uma mão de obra especializada, centrada especificamente nos frutos de seu capital cultural, sejam eles médicos, advogados, professores, artistas, escritores, etc. Como em uma linha do tempo, vemos essa camada da sociedade se indignar diante do funcionamento da produção, inicialmente em Gordon e sua batalha travada contra o dinheiro, para em seguida constatar que, enquanto a saída for individualizada,

sumário

nenhuma modificação efetiva pode ser implementada. A classe média continua isolada e sem um papel efetivo na transformação social quando suas insatisfações se voltam apenas para si mesma.

Tendo isso em mente, o argumento orwelliano parte da Londres de Gordon Cosmtock para observar o trabalhador braçal em Wigan. O seu olhar parece ter sempre como seu norte as regras vigentes no sul, desde noções de distância, medidas de tempo, alcançando o patamar dos costumes e, principalmente, da linguagem. Dessa forma, o narrador anuncia que para haver uma emancipação da classe trabalhadora seria preciso admitir um fato: todos aqueles que prestam algum tipo de serviço – do artista ao vendedor – devem se considerar integrantes da classe trabalhadora.

Diante dessa configuração temos um impasse: aqueles que se encontram “livres” da venda do trabalho braçal, se colocam no direito de manter-se acomodados nas almofadas confortáveis do subúrbio e da lareira crepitante. E assim o fazem, a ponto de não se organizarem para que as injustiças, que muitas vezes também os alcançam, sejam combatidas. Mas, a partir do momento que suas condições materiais de vida recebem alguns ecos das contradições sociais, os intelectuais são impelidos a tomar decisões. Com isso, talvez surja no horizonte de possibilidades o socialismo, como ferramenta capaz de quebrar esse ciclo vicioso.

Nesse sentido, sob o escudo das reivindicações sociais, Orwell lembra que diversas vertentes interpretam o mundo de distintas maneiras: *“the Labour Party stood for a timid reformism, the Marxists were looking at the modern world through nineteenth-century spectacles. (...) The suffocating stupidity of left-wing propaganda had frightened away whole classes of necessary people”*⁵⁵¹. O socialismo é defendido por uma miríade de instituições e, todavia, o interesse maior parecia recair sobre os intelectuais: *“only the intellectuals, the least useful section of the middle class, gravitated towards the movement”*⁵⁵². Mesmo oferecendo um raio de esperança para o trabalhador intelectual, o narrador orwelliano o faz de maneira

sumário

crítica. Para ele os intelectuais são os únicos que parecem se aproximar por completo do socialismo como uma alternativa eficaz. Porém, esta é justamente a parcela “menos útil” dentro da classe média, no que concerne às possíveis alterações do processo produtivo.

Nesse impasse, a possibilidade de reestruturação da sociedade corre o risco de se perder no debate teórico, quando apartado da materialidade das relações: “*Being a Socialist no longer means kicking theoretically against a system which in practice you are fairly well satisfied with. (...) We have got to make our words take physical shape, or perish*”⁵⁵³. Com Gordon Comstock vemos o escritor que se coloca em um beco sem saída. Em Wigan estamos diante da falta de conexão entre teoria e prática. Em ambos os casos é preciso fazer com que as contestações tomem forma, caso contrário elas podem perecer.

O socialismo aparece como uma alternativa, todavia não consegue florescer em solo inglês, uma vez que suas reivindicações não se descolam do mundo das ideias e não tomam forma: “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo”⁵⁵⁴. O desespero continua sendo o denominador comum enquanto as chamadas de mudança não forem feitas de maneira clara e objetiva. A esperança está contida da linguagem, uma ferramenta da qual os intelectuais possuem destreza em seu manejo, mas não o fazem para manterem algumas vantagens, ao sabor de seus interesses particulares.

Assim, surge uma fagulha na renovação social por meio da forma: “*to make political writing into an art. My starting point is always a feeling of partisanship, a sense of injustice. When I sit down to write a book, I do not say to myself, ‘I am going to produce a work of art’. I write it because there is some lie that I want to expose*”⁵⁵⁵. O ponto de partida da escrita orwelliana não é o de criar uma obra de arte nos termos ortodoxos pautados por uma erudição esvaziada. Sua prioridade é a de expor falácias ou trazer atenção para algum acontecimento. A partir dessa preocupação, a linguagem enriquecida pelas nuances sociais conjuga conteúdo e forma.

sumário

A partir da denúncia de alguma injustiça, a escrita política em forma de arte surge como uma ferramenta que emancipa: a pena cumpre um papel político. Somente assim o intelectual se mostra capaz de exercer sua responsabilidade em meio à crueldade do capital. No mundo da cultura, a linguagem opera como protagonista. Quanto mais objetiva e acessível, maior o seu poder diante da injustiça: “*Good prose is like a windowpane (...) I see that it is invariably where I lacked a political purpose that I wrote lifeless books and was betrayed into purple passages, sentences without meaning, decorative adjectives and humbug generally*”⁵⁵⁶. Nos lugares onde há escassez de propósito progressista reina a farsa da linguagem decorativa, que anda em torno de círculos infinitos sem alcançar seu destino final. A prioridade da escrita de Orwell é colocar em movimento as contestações dos oprimidos, para que sintam as correntes que os prendem.

A consistência estética desenvolvida por Orwell interliga seus escritos com sua vivência e os reflexos de sua época. A arte produzida por ele complementa seus atos políticos⁵⁵⁷, fazendo com que pertença ao grupo de escritores que são o que escrevem. Sua prosa dos anos 1930 explora as tessituras da experiência, assim como daquela retirada dos livros, indo ao encontro do que haveria de humano mesmo nas condições mais desafiadoras impostas pelo capitalismo.

Assim, podemos decifrar a obra orwelliana em uma tríade, que tem início nos anos 1930. Em *A Flor*, temos a mediocridade da classe média; em *Wigan Pier* a potência da classe trabalhadora; e, finalmente, em 1938, a experiência posta em prática: *Homage to Catalonia*, em que a voz narrativa retrata a Guerra Civil Espanhola. Assim, podemos considerar o esforço interpretativo desenvolvido ao longo dessa tese como um preâmbulo, que constrói o fundamento principal rumo a uma jornada profunda nos anos 1940 da literatura de Orwell.

O exercício analítico desenvolvido ao longo da leitura dessas duas obras envereda para uma reflexão sobre a forma literária, que constrói um vínculo com a História. Observar tensões de classe, da

sumário

produção e das relações sociais nos permite decodificar o ordenamento social, por meio de uma voz constantemente insatisfeita. Desde obras mais experimentais até o auge da escrita política, que culmina no romance *1984*: estamos diante da escrita literária esculpida pela tonalidade social, que se preocupa em diagnosticar os problemas mais profundos de sua época.

O esforço de observar as engrenagens do sistema sendo representadas em personagens, descrições e argumentos retoma a relevância política de um autor como George Orwell no combate ao poder dominante, às instituições sancionadas, ao capital de maneira geral. Seu olhar se concentra na crítica profunda das contradições da classe média. Ao revelar sua pequenez, o narrador orwelliano assinala o papel fundamental da classe trabalhadora.

Ao se deparar com os odores das vilas proletárias, é notável o esforço de um deslocamento que alcança com profundidade os desdobramentos do real. Ao literalmente cheirá-los, o narrador orwelliano escancara que a podridão do sistema não está em sua base, deteriorada pela exploração e, sim em sua superfície: no bolor dos salões elegantes, repletos de opulência. A saída não parece estar em meio aos tilintares de taças de champanhe e acordos esvaziados. A esperança surge justamente em meio aos lugares mais insólitos, nas margens abandonadas pela norma burguesa: *"If there is any hope, it lies in the proles"*⁵⁵⁸.

sumário

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE GEORGE ORWELL

ORIGINAIS

- ORWELL, George. **Animal Farm**. London: Secker and Warburg, 1945.
- _____. **A collection of essays** (edited by Sonia Orwell). New York: Mariner Books, 1970.
- _____. **A Clergyman's Daughter**. London: Victor Gollancz Ltd, 1935.
- _____. **Burmese Days**. New York: Harper and Brothers, 1934.
- _____. **Coming up for Air**. London: Victor Gollancz Ltd, 1939.
- _____. **Down and out in Paris and London**. London: Victor Gollancz Ltd, 1933.
- _____. **Essays**. London: Everyman's Library, 2002.
- _____. **George Orwell Diaries**. Org. Peter Davison. New York: W.W. Norton & Company Inc., 2012.
- _____. **Homage to Catalonia**. Londres: Secker and Warburg, 1938.
- _____. **Inside the Whale and other essays**. London: Victor Victor Gollancz Ltd, 1940.
- _____. **Keep the Aspidistra Flying**. New York: Harcourt Publishing Company, 1956.
- _____. **Orwell's "Nineteen Eighty-Four": text, sources, criticism**. Irving Howe (editor) New York: Harcourt, Brace & World, 1963.
- _____. **Nineteen Eighty-Four**. Londres: Penguin Books, 2009.
- _____. **Orwell and Politics**. Londres: Penguin Books, 2001.
- _____. **Orwell and the Dispossessed**. Londres: Penguin Books, Modern Classics, 2001.
- _____. **The Collected essays, journalism and letters of George Orwell – Volume I An Age Like This (1920-1940)**. Edited by Sonia Orwell and Ian Angus. London: Martin Secker & Warburg, 1968.

sumário

_____. **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell Volume 2: My Country, Right or Left (1940-43)**. Edited by Sonia Orwell and Ian Angus. London: Martin Secker & Warburg, 1968.

_____. **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell Volume 3: As I Please (1940-45)**. Edited by Sonia Orwell and Ian Angus. New York: HARCOURT BRACE & WORLD, 1968.

_____. **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell Volume 4: In Front of Your Nose (1945-1950)**. Edited by Sonia Orwell and Ian Angus. New York: HARCOURT BRACE & WORLD, 1968.

_____. **The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius**. Secker and Warburg, 1941.

_____. **The Road to Wigan Pier**. London: Penguin Modern Classics, 2001.

_____. **Why I Write**. London: Penguin Books – Great Ideas, 2004.

TRADUÇÕES

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

_____. **A Flor da Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Como Morrem os Pobres e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 20110.

_____. **Dentro da Baleia e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **George Orwell, uma vida em cartas**. Org. Peter Davison (edição original) e Org. Mario Sergio Conti (edição brasileira). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Literatura e Política. Jornalismo em Tempos de Guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **O Caminho Para Wigan Pier**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O que é o Fascismo e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

sumário

OBRAS CRÍTICAS SOBRE GEORGE ORWELL

- ABRAHAMS, William & STANSKY, Peter. **The Unknown Orwell and Orwell: The Transformation**. Redwood City: Stanford University Press, 1994.
- ALLDRIT, Keith. **The making of George Orwell**. London: Edward Arnold, 1969.
- ANGUS, Ian; BROWNELL, Sonia. **Introduction to the French edition of Down and Out in Paris and London**. Londres: Secker and Warburg e San Diego: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1968.
- ATKINS, John. **George Orwell, a Literary Study**. London: John Clader, 1954.
- BLUEMEL, Kristin. **George Orwell and the Radical Eccentrics: Intermodernism in Literary London**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- BRANDER, Laurence. **George Orwell**. Toronto: Longman, 1954.
- COLLS, Robert. **George Orwell, English Rebel**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- CONNOLLY, Mark. **Orwell and Gissing**. New York: Peter Lang, 1997.
- CRICK, Bernard. **George Orwell: a Life**. Londres: Penguin, 1980.
- DAVISON, Peter (ed). **Orwell in Spain**. London: Penguin Books, 2001.
- _____. **George Orwell Diaries**. London: Harvill Secker Random House, 2009.
- _____. **George Orwell – a Literary Life**. London: MacMillan Press LTD, 1996
- DEVROEY, Jean-Pierre. **L'âme de Cristal**. Bruxelas: Ed. Université de Bruxelles, 1985.
- EDAWRDS, Ruth Duddley. **Victor Gollancz: A Biography**. London: Victor Gollancz Ltda, 1987.
- GROSS, Miriam, **The world of George Orwell**. Londres: Simon and Schuster, 1972.
- HITCHENS, Christopher. **A Vitória de Orwell**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- HOGGART, Richard. "Introduction". *In: The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Modern Classics, 2001.
- HOLLIS, Christopher. **A Study of George Orwell**. Chicago: Regnery, 1958.
- HOPKINSON, Tom. **George Orwell**. London: Longman, 1953
- INGLE, Stephen. **The Social and Political Thought of George Orwell**. New York: Routledge, 2006.

sumário

sumário

- _____. **George Orwell: a Political Life**. Manchester: Manchester University Press, 1993.
- KARL, Frederick R. **A reader's guide to the contemporary English novel**. London: Thames and Hudson, 1968.
- LEE, Robert A. **Orwell's Fiction**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969.
- LEYS, Simon. **Orwell ou l'horreur de la politique**. Paris: Herman, 1984.
- SAUNDERS, Loraine. **The Unsung Artistry of George Orwell**. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2008.
- MANDER, John. **The Writer and Commitment**. Westport, Connecticut: Praeger, 1975.
- MEYERS, Jeffrey. **George Orwell, the Critical Heritage**. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995.
- _____. **A Reader's Guide to George Orwell**. London: Thames and Hudson, 1978
- NEWSINGER, John. **Orwell's Politics**. London: Macmillan Press LTD, 1999.
- NORRIS, Christopher (ed). **Inside the Myth - Orwell: Views from the Left**. London: Lawrence and Wishart Limited, 1984.
- PATAI, Daphne. **The Orwell Mystique: A Study in Male Ideology**. Amherst: University of Massachusetts, 1984.
- REES, Richard. **George Orwell - Fugitive from the Camp of Victory**. Illinois Carbondale, 1962.
- REILLY, Patrick. **George Orwell: the age's adversary**. London: The Mamillan Press LTD, 1986.
- RODDEN, John. **The Cambridge Companion to George Orwell**. Cambridge: University Press, 2007.
- _____. **The Politics of Literary Reputation**. New York: Oxford University Press, 1989.
- _____. **The Cambridge Introduction to George Orwell**. Cambridge, 2012.
- SANDINSON, Alan. **The Last Man on Europe: An Essay of George Orwell**. Londres: Ballantine Books 1974.
- SCHWEIZER, Bernard. **Radicals on the Road: the politics of English Travel Writing in the 1930s**. Charlottesville: University Press of Virginia, 2001.
- SLATER, Ian. **The Road to Airship One**. New York: Mcgill Queens Univ Press, 1985.

- SHELDEN, Michael. **Orwell, the authorized biography**. New York: Harpers Collins Publishers, 1991.
- STEWART, Anthony. **George Orwell, Doubteness and the Value of Decency**. New York: Routledge, 2010.
- THOMAS, Edward. **Orwell**. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1953.
- TRILLING, Lionel. "George Orwell and the Politics of Truth: Portrait of the Intellectual as a Man of Virtue". In: **Commentary**. Março, 1952, págs 218-27.
- VIEIRA, Fátima & BASTOS DA SILVA, Jorge. **George Orwell, Perspectivas Contemporâneas**. Porto: Universidade de Porto, 2005.
- VORHEES, Richard. **The Paradox of George Orwell**. West Lafayette: Purdue University Studies, 1961.
- WEST, M. J. (editor) **Orwell: The War Broadcasts**. London: Marboro Books, 1985.
- _____. **Orwell: The Lost Writings**. Westminster: Arbor House, 1985.
- _____. **Orwell: The War Commentaries**. London: Gerald Duckworth & Company Ltd., 1985.
- WILLIAMS, Raymond (ed). **A Collection of Critical Essays**. New Jersey: Prentice Hall, Inc. 1974.
- _____. **George Orwell**. New York: The Viking Press, 1971.
- _____. Palavras Chave. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.
- WOLOCH, Alex. **Or Orwell – Writing and Democratic Socialism**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.
- WOODCOCK, George. **The Crystal Spirit**. Boston: Little Brown, 1966.
- ZWERDLING, Alex. **Orwell and the Left**. New Haven: Yale University Press, 1974.

OBRAS TEÓRICAS

- ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2011.
- AMDT, Heinz Wolfgang. **The economic lessons of the 1930s**. New York: Frank Cass And Company Limited, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- ARON, Raymond. **O Marxismo de Marx**. São Paulo, ARX, 2005.

sumário

sumário

AUGER, Peter. **The Anthem Dictionary of Literary Terms and Theory**. Londres: Anthem Press, 2010.

BAXENDALE, John & PAWLING, Christopher. **Narrating the Thirties - A Decade in the Making: 1930 to Present**. London: MacMillan Press, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Volume 1 - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

_____. **Capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986.

BENSAÏD, Daniel. **Marx, Manual de Instruções**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.

BERARDINELLI, Alfonso. "A Forma do Ensaio e Suas Dimensões" *In*: Remate de Males. Campinas: Vo. 31, n. 1 – 2 (Sobre o Ensaio), 2011.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BOOTH, Wayne. **The Rhetoric of Fiction**. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.

BOSSY, Michel-André. **Artists, Writers, and Musicians: An Encyclopedia of People Who Changed the World**. Westport, Connecticut: Oryx Press, 2001.

BOSWORTH, R.J.B. **Mussolini's Italy: Life Under the Fascist Dictatorship, 1915-1945**. London: Penguin Books, 2005.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus Editora, 1996.

BROWN, Archie. **The Rise and Fall of Communism**. New York: HarperCollins Publishers, 2011.

CANDIDO, Antonio e outros. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

sumário

_____. **A Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

_____. “O direito à literatura”. *In: Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

_____. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CARTER, Ronald (ed). **Thirties Poets: The “Auden Group”: A Casebook**. London: Macmillan, 1984.

CARVER, Terrel. **The Cambridge Companion to Marx**. New York: Cambridge University Press, 1991.

CASSON, Mark. **Economics of Unemployment: an historical perspective**. Cambridge Massachusetts: The MIT Press, 1983.

CATANI, Afrânio Mendes [*et al*] (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CHOMSKY, Noam. **How the World Works – interviewed by David Barsamian**. Berkeley: Soft Skull Press, 2011.

_____. **Necessary illusions: thought control in democratic societies**. (The Massey Lectures Series) Toronto: House of Anansi Press Inc, 2003.

_____. **The Responsibility of Intellectuals**. New York: The New Press, 2017.

_____. “Socialism for the Rich, Capitalism for the Poor”. *In: Truthout*: 11 dezembro de 2016, entrevista concedida a C.J. Polychroniou. Disponível em: <https://truthout.org/articles/socialism-for-the-rich-capitalism-for-the-poor-an-interview-with-noam-chomsky/>

COCKSHOTT, W.P. & ZACHRIAH, D. **Arguments for Socialism**. Glasgow: University of Glasgow, 2012.

COLLINI, Stefan. **Absent Minds: Intellectuals in Britain**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CONSTANTINE, Stephen. **Social Conditions in Britain 1918–1939**. New York: Methuen & Co, 1983

_____. **Unemployment in Britain Between the Wars**. London: Longman, 1980.

CROFT, Andy. **A Weapon in the Struggle: The Cultural History of the Communist Party in Britain**. London: Pluto Press, 1988.

CUNARD, Nancy. “Authors Take Sides on the Spanish Civil War”. **Left Review**. London: Lawrence & Wishart LTD, 1937.

CURRIE, Gregory. **Narratives and Narrators – A Philosophy of Stories**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DEUTSCHER, Isaac. **Heretics and Renegades**. London: Jonathan Cape Ltd, 1969.

DRISCOLL, Beth. **The New Literary Middlebrow: Tastemakers and Reading in the Twenty-First Century**. London: Saffron House, 2014.

DUARTE, P. “O ensaio como narrativa”. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. IX, n. 17 (jul - dez/ 2015), pp. 188-19

DUTT, Palme. **Capitalism or Socialism in Britain? An examination of the crisis of capitalism in Britain and the issues before the working class**. London: Communist Party of Great Britain, 1931.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura, uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **How to Read Literature**. Londres: Yale University Press, 2013.

_____. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1991.

_____. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **Marx e a Liberdade**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

_____. **Marx Estava Certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **Marxismo e Crítica Literária**. São Paulo: Ed Unesp, 2011.

_____. “Reach-me-down Romantic”. *In: London Review of Books*, Vol 25, nº 12.

_____. **A Collection of Critical Essays**. New Jersey: Prentice Hall, Inc. 1974.

_____. **Teoria da Literatura, Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. **The English Novel, an Introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

_____. **Why Marx Was Right**. New Haven: Yale University Press, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. **A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Introdução à edição de 1891 de Trabalho Assalariado e Capital**. Lisboa: Editorial Avante.

_____. **Socialism: Utopian and Scientific**. Atlanta: Pathfinder Press, 2008.

sumário

sumário

FINNEY, Ross L. "Unemployment: An Essay in Social Control". In: **Social Forces**. Oxford: Oxford University Press, Vol. 5, No. 1, 1926.

FRASER, Derek, **The evolution of the British welfare state: a history of social policy since the Industrial Revolution**. London: Palgrave, 1984.

GABRIEL, Mary. **Amor e Capital - A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GANCHO, Cândia Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática Série Princípios, 2006.

GIERYN, Thomas F. **Cultural Boundaries of Science: Credibility on the line**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

GLOVERSMITH, Frank (ed). **Class Culture and Social Change - a New View on the Thirties**. Sussex: The Harvester Press Limited, 1980.

GOLDMAN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GOLDTHORPE, John H., *et al.* "The Affluent Worker and the Thesis of Embourgeoisement: Some Preliminary Research Findings." **Sociology**, vol. 1, no. 1, Jan. 1967.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Volume 2 Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci**. New York: International Publishers, 1992.

GRAY, John. **Falso amanhecer: os equívocos do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital - Livro I**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. **Para Entender o Capital – Livro II e III**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____. "The right to the city". In: **New Left Review**, 53, set./out., 2008.

HIRATA, Helena *et al* (orgs). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos, o Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **A Era do Capital 1848-1875**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Como Mudar o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

sumário

_____. **Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Tempos Fraturados**. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

_____. **Revolucionários, ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura – Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

HOLLOWAY, John. “A Note on Alienation”. **Historical Materialism**, nº 1, London School of Economics, London, 1997.

JACKSON, Ben. **Equality and the British Left: a study in progressive political thought 1900-64**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

JAMESON, Fredric. **Marxismo e Forma – Teorias Dialéticas da Literatura do Século XX**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **O Inconsciente Político: A Narrativa Como Ato Socialmente Simbólico**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **The Antinomes of Realism**. London: Verso, 2013.

JINKINGS, Ivana & SADER, Emir. **As Armas da Crítica: Antologia do Pensamento de Esquerda**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

KENDALL, Walter. **The Revolutionary Movement in Britain, 1900-21: The Origins of British Communism**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

KENEZ, Peter. **A History of the Soviet Union from the Beginning to the End**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KONDER, Leandro. **Marx Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Os Marxistas e a Arte**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

_____. **Marxismo e Alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC Rio, 2006.

LAFARGUE, Paul. **Karl Marx**. Nova York: Labor News, 1947.

LAITY, Paul (ed.). **Left Book Club Anthology**. London: Gollancz, Wedenfeld & Nicolson, 2001.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

_____. **Que Fazer? A Organização Como Sujeito Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LIGUORI, Guido & VOZA, Pasquale (orgs). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÖWY, Michael & NAÏR, Sami. **Lucien Goldman, ou a Dialética da Totalidade**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2008.

LUKÁCS, Georg. **Realism in our time: literature and class struggle**. New York: Harper & Row, 1972.

_____. **História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

_____. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou revolução?** São Paulo: Flama, 1975.

MACKAY, Marina. **The Cambridge Companion to Literature of World War II**. New York: Cambridge University Press, 2009.

MACLEAN, I. **The Legend of Red Clydeside**. Edinburgh: John Donald, 1983.

MCKIBBIN, Ross. **Class and Cultures: England 1918 – 1951**. New York: Oxford University Press, 1998.

MANDER, John. **The Writer and Commitment**. Westport, Connecticut: Praeger, 1975.

MARR, Andrew. **A History of Modern Britain**. London: Macmillan, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O capital: Crítica da Economia Política**. Apresentação de Jacob Gorender. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

sumário

sumário

- _____. **Marx and Engels Collected Works Volume 3.** London: Lawrence & Wishart, 2010.
- _____. **Marx and Engels Collected Works Volume 16.** London: Lawrence & Wishart, 1983.
- _____. **Marx and Engels Collected Works Volume 35.** London: Lawrence & Wishart, 1983.
- _____. **Marx-Engels Collected Works, Volume 40 - Marx and Engels: Letters: 1856-1859.** London: Lawrence & Wishart, 1983.
- _____. **Selected Correspondence.** Moscow: Progress Publishers, 1975.
- MARX, Karl. **O 18 De Brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. **A Origem do Capital – A Acumulação Primitiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2004.
- _____. **A Miséria da Filosofia.** São Paulo: Global, 1985.
- _____. **Crítica do Programa de Gotha.** São Paulo: Boitempo, 2012.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. **Salário, Preço e Lucro.** São Paulo: Global Editora, 1988.
- _____. **Sobre a questão judaica.** São Paulo: Boitempo editorial, 2010
- _____. **Sobre literatura e arte.** São Paulo: Global, 1980.
- _____. **Teorias da Mais Valia – História Crítica do Pensamento Econômico.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- McKEON, Michael (ed). **Theory of the novel – a historical approach.** Baltimore: The John Hopkins University Press, 2000.
- MONTEFIORE, Janet. **Men and Women writers of the 1930s: The Dangerous Flood of History.** New York: Routledge, 1996.
- MORETTI, Franco. **A Cultura do Romance.** São Paulo, Cosac Naify, 2009.

sumário

_____. **O Burguês: Entre a História e a Literatura.** São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PELOSO, Ranulfo & BOGO, Ademar. Método de trabalho de base e organização popular. São Paulo: Secretaria Nacional MST, 2009.

PHELAN, James & RABINOWITZ, Peter J. **A Companion to Narrative Theory.** Malden & Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

PRAWER, S. S. **Karl Marx and World Literature.** New York: Verso Books, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere – Livro I.** São Paulo: Editora Record, 2002.

RICHARDSON, H. W. "The Economic Significance of the Depression in Britain" *In: Journal of Contemporary History* (1970) 4#4 pp. 3-19.

ROSE, Jonathan. **The Intellectual Life of the British Working Class.** New Haven: Yale University Press, 2001.

SAVAGE, Mike & MILES, Andrews. **The Remaking of the British Working Class: 1840–1940.** London: Routledge, 2003.

SEARLE, G.R. "A New England? Peace and War, 1886-1918". **New Oxford History of England.** Oxford: Clarendon Press, 2004.

SHATTOCK, Joanne. **The Cambridge Bibliography of English Literature.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrécia - ensaios e entrevistas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARTZMAN, Simon. "Alienação Política". **Mosaico 4.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Maio de 1961, pp. 104-113.

SINGER, Paul. **Aprender Economia.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

STEVENSON, Randall. **The British Novel since the Thirties: An Introduction.** Athens/Georgia: University of Georgia Press, 1986, p. 38.

TRILLING, Lionel. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Lidador, 1950.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa vol. III – A Força dos Trabalhadores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Costumes em Comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Socialism and Intellectuals.** Universities and Left Review, Volume 1, no 1, Spring 1957.

THOMPSON, Francis. M. Longstreth. **Rise of Respectable Society: A Social History of Victorian Britain, 1830–1900.** London: Harper Collins, 1988.

TODD, Selina. **The Peolpe: the Rise and Fall of the Working Class (1910 – 2010).** London: John Murray, 2014.

THERBORN, Göran. **The Power of Ideology and the Ideology of Power.** London: Verso, 1980.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **The Intelligentsia and Socialism.** Londres: New Park Publications, 1974.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society.** London: Chatto and Windus, 1958.

_____. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. **A Política e As Letras.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. **Marxism and Literature.** Oxford: Oxford University Press, 1977.

_____. **O Campo e a cidade na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Palavras Chave.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WORLEY, Matthew. **The Foundations of the British Labour Party: Identities, Cultures and Perspectives, 1900–39.** Surrey: Ashgate Publishing, 2009.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As Ideias Estéticas de Marx.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

VEBLEN, Thorstein. **The Theory of the Leisure Class - An Economic Study of Institutions.** New York: Oxford Oxford University Press Inc, 2007.

VIANA, Nildo. **A mercantilização das relações sociais – modo de produção capitalista e formas sociais burguesas.** Curitiba: Appris, 2018.

sumário

SOBRE A AUTORA

Débora Reis Tavares

Mestre e doutora em literatura inglesa pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH USP. Bacharel em letras tradutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foco de estudo nas relações entre literatura e sociedade, especialmente a obra de George Orwell. Autora de ensaios sobre o autor, dentre eles o posfácio “A esperança vem do plural” da edição de 1984 de George Orwell, publicada pela editora Antofágica. É autora da introdução “Political Writing into an Art” na edição original do livro *The Road to Wigan Pier*, publicada na Inglaterra pela editora Flaming Tree Editions. Professora e fundadora da Livre Literatura, onde oferece cursos sobre literatura, relações entre arte e sociedade, assim como metodologia de pesquisa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3081-7532>

E-mail: arobedrt@gmail.com

sumário

'NOTAS DE FIM'

- 1 INGLE, Stephen. *The Social and Political Thought of George Orwell*. New York: Routledge, 2006, p. 21.
- 2 Ao longo da tese usaremos o seguinte padrão para mencionar os objetos de pesquisa: o original em inglês citado no corpo do texto, com sua respectiva referência da edição original e a tradução em português, publicada pela Companhia das Letras. Dessa forma, para que as notas de rodapé fiquem um pouco menos extensas, iremos usar o formado "Original, p. x. Tradução p. x", conforme pode ser observado acerca do trecho acima: Original: ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Modern Classics, 2001, p. 15. Tradução: "É uma espécie de dever ir a esses lugares, vê-los e cheirá-los de vez em quando — especialmente sentir o cheiro deles, para não nos esquecermos de que existem; embora talvez seja melhor não nos demorarmos muito tempo por lá", ORWELL, George. *O Caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 38.
- 3 ORWELL, George. *Why I Write*. London: Penguin Books – Great Ideas, 2004, p. 8.
- 4 ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*, p. 209. Tradução: "Basta apenas martelar dois fatos na consciência do público. Primeiro, que os interesses de todos os explorados são os mesmos; e, segundo, que o socialismo é compatível com a mentalidade da pessoa decente comum.", p. 251.
- 5 Original, p. 2. Tradução: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse dinheiro, eu seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que eu removesse montanhas, e não tivesse dinheiro, eu nada seria. E ainda que eu distribuisse todos os meus bens para alimentar os pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse dinheiro, nada disso me serviria. O dinheiro é sofredor, é benigno; o dinheiro não é invejoso; o dinheiro não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta de forma inconveniente, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... Agora permanecem a fé, a esperança, o dinheiro, esses três; mas o maior deles é o dinheiro. I CORÍNTIOS 13 (Adaptado)", p. 3.
- 6 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 8.
- 7 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Marx and Engels Collected Works Volume 3*. London: Lawrence & Wishart, 2010, p. 324.
- 8 Original, p. 38. Tradução: "o culto ao dinheiro tinha sido elevado à categoria de verdadeira religião. E talvez a única religião autêntica — a única religião autenticamente sentida — que nos resta. O dinheiro é o que Deus já foi. O bem e o mal não significam mais nada, a não ser fracasso ou sucesso", p. 59.
- 9 MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo editorial, 2010 p. 81.
- 10 MARX, *Ibid*, p. 81.
- 11 Essa lógica de coexistência de sentidos opostos é retomada de maneira mais aprofundada na obra de Orwell com o conceito de duplipensar, desenvolvido em seu último livro, *1984*. Portanto, podemos observar como o romance *A Flor da Inglaterra* antecipa conceitos tipicamente orwellianos, em um exercício formal.
- 12 GHENT, Dorothy Van. "Yale Review". In: MEYERS, Jeffrey. *George Orwell, the Critical Heritage*. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995, p. 82-3.
- 13 BENJAMIN, Walter. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 28-9.
- 14 Original p. 39. Tradução: "(...) dessas famílias depressivas, tão comuns na classe média-média, em que *nada jamais acontece*", p. 53.
- 15 Original p. 45. Tradução: "(...) guerra ao dinheiro", p. 60.
- 16 Original p. 3. Tradução: "(...) uma figura miúda e frágil, de ossos delicados e movimentos nervosos. Seu paletó estava puído no cotovelo da manga direita, e o botão do meio tinha

sumário

sumário

- caído; as calças de flanela que comprara prontas estavam manchadas e disformes. Mesmo olhando de cima, era visível que seus sapatos precisavam de uma nova sola.”, p. 9.
- 17 MARR, Andrew. *The Making of Modern Britain*. 2009 (59min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SBA1U5Jj-PQ> acessado em 14/06/2018.
- 18 DUVAL, Julien. “Distinção” In: CATANI, Afrânio Mendes [et al] (orgs). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 p. 146-7.
- 19 Original p. 9. Tradução: “(...) tinha quase trinta anos e não realizara nada; só aquele miserável livrinho de poemas que não tivera nenhuma repercussão”, p. 17.
- 20 Original p. 3. Tradução: “(...) já bastante deteriorado.”, p. 9.
- 21 Original p. 60. Tradução: “(...) em segredo.”, p. 61.
- 22 Original p. 43. Tradução: “(...) A Inglaterra estava tão repleta de opiniões revolucionárias”, p. 58.
- 23 LEE, Robert A. *Orwell's Fiction*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969 p. 55.
- 24 Original p. 16. Tradução: “Só existe um vazio assustador, um desespero secreto”, p. 26.
- 25 Original p. 54. Tradução: “escrever mentiras para extrair dinheiro dos incautos”, p. 71.
- 26 Original p. 54. Tradução: “do mundo do dinheiro de maneira irrevogável”, p. 71.
- 27 Original p. 14. Tradução: “amigo rico e irresistível, editor da *Antichrist*, de quem ele gostava de maneira extravagante”, p. 23.
- 28 Original p. 54. Tradução: “permitisse sustentar o corpo sem ter de vender a alma”, p. 72.
- 29 Original p. 57. Tradução: “O diabo é que o brilho da renúncia nunca dura muito. Em pouco tempo, a vida com duas libras por semana deixa de ser um gesto heróico para se transformar numa rotina de penúria. O fracasso é uma impostura tão grande quanto o sucesso. Ele desistira do seu emprego “bom” e renunciara para sempre aos empregos “bons”. O que fora necessário. E não tencionava voltar atrás. Mas não adiantava nada fingir que, por ter-se imposto uma vida de pobreza, ele conseguira escapar dos males que a pobreza traz. Não que passasse necessidade. Ninguém sofre grandes privações com um salário de duas libras por semana e, se sofre, elas não são importantes. É na mente e na alma que a falta de dinheiro prejudica as pessoas. Abulia mental, mal-estar espiritual — eis os males que parecem se abater inapelavelmente sobre as pessoas quando sua renda cai abaixo de certo ponto. Fé, esperança, dinheiro — só um santo seria capaz de manter as duas primeiras sem o terceiro.”, p. 75-6.
- 30 FOLEY, Duncan. “Força de trabalho”. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 156.
- 31 Original p. 55. Tradução: “queria um vendedor experiente, que quisesse receber o salário habitual (...) alguém com a aparência de um cavalheiro e que fosse capaz de conversar sobre livros.”, p. 73.
- 32 Original p. 55. Tradução: “livraria decadente de livros usados”, p. 73.
- 33 Original p. 56. Tradução: “por algum tempo — muito pouco tempo — teve a ilusão de realmente haver deixado o mundo do dinheiro”, p. 74-5.
- 34 Original p. 57. Tradução: “quando se viu reduzido a duas libras por semana e sem praticamente nenhuma outra possibilidade de ganhar mais, que entendeu a verdadeira natureza da batalha que decidira travar.”, p. 76.
- 35 LEE, Robert A. *Orwell's Fiction*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969, p. 53.
- 36 Original p. 54. Tradução: “seu único sucesso compondo anúncios de desodorante. No entanto, aquilo era menos incomum do que imaginava. A maioria dos redatores, disseram a ele, eram romancistas *manqués*; ou seria o contrário?”, p. 71.
- 37 Aqui o incômodo em ocupar um papel de alguém que manipula informações da população serve como uma antecipação do mote do romance *1984* e o Ministério da Verdade de Winston Smith.
- 38 Original p. 20. Tradução: “Ding Dong! Três e quinze da tarde. Acender as luzes às três e meia. Ainda faltavam quatro horas e quarenta e cinco minutos para fechar. Cinco horas e quinze a hora do jantar. Dois pence e meio no bolso. Amanhã o dia inteiro sem fumar.”, p. 30.
- 39 Original p. 3. Tradução: “O relógio deu duas e meia”, p. 9.
- 40 THOMPSON, E. P. “Tempo, Disciplina de trabalho e Capitalismo Industrial” In: *Costumes em Comum – Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 300.

sumário

- 41 CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 26, 2007.
- 42 Original p. 12. Tradução: "(...) O malfadado livro que ele próprio escrevera estava lá [na livraria] — bem no alto, claro, no meio dos invendáveis. *Ratos*, de Gordon Comstock; um volume desprezível de dimensões ínfimas, preço três *shillings* e seis *pence*, mas reduzido para um *shilling*. (...) Abaixo deles, exatamente ao nível dos olhos, os petardos de última hora. Eliot, Pound, Auden, Campbell, Day Lewis, Spender. Petardos um tanto desalentados, os desse grupo. Estrelas mortas no alto, petardos desalentados abaixo.", p. 21.
- 43 Original p. 8-9. Tradução: "(...) ali estava ele, supostamente um 'escritor'", p. 16.
- 44 MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007 p. 47.
- 45 EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura, uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 p. 23.
- 46 Original p. 4. Tradução: "(...) A salinha pequena e escura que dava para o escritório, com seu cheiro de poeira e papel envelhecido, estava cheia até o teto de livros, na maioria velhos e invendáveis. Nas prateleiras do alto, mais perto do teto, os volumes in quarto de enciclopédias extintas repousavam deitados de lado, em pilhas que lembravam caixões sepultados em valas comuns. Gordon afastou as cortinas azuis impregnadas de poeira que serviam de porta para a sala ao lado. Nesta, mais clara que a anterior, ficava a coleção de livros para empréstimo. E os únicos livros que continha eram romances, claro. E que romances! Aqui também, contudo, isso era de se esperar. (...) Organizados em ordem alfabética. Arlen, Burroughs, Deeping, Dell, Frankau, Galsworthy, Gibbs, Priestley, Sapper, Walpole. Gordon dirigiu-lhes um olhar de ódio inerte. Naquele momento ele detestava todos os livros, especialmente os romances. Era horrível imaginar todo aquele lixo viscoso e mal-acabado reunido no mesmo lugar. Um grande pudim, um grande pudim de banha. Oitocentas barras de pudim de banha, formando uma muralha à sua volta — uma sala-forte de tijolos de banha. A idéia era opressiva.", p. 11.
- 47 Original p. 8-9. Tradução: "Com os olhos opacos, contemplou a parede de livros. Detestava a todos, tanto os velhos quanto os novos, tanto os intelectuais como os mais rasteiros, tanto os pretensiosos quanto os apenas engraçadinhos. A mera visão desses livros o fazia lembrar-se de sua própria esterilidade. Ali estava ele, supostamente um "escritor", e nem era capaz de "escrever"! E não era simplesmente uma questão de não ser publicado; é que não produzia nada, ou quase nada. E toda aquela porcaria abarrotando as prateleiras — mas pelo menos era uma porcaria existente, o que não deixava de ser um tipo de realização. Até os Dell e os Deeping produziam sua extensão anual de texto impresso. Mas o que ele mais detestava era o livro "culto", do tipo mais pretensioso. Os livros de crítica e os tratados sobre o beletrismo. O tipo de coisa que os jovens animais endinheirados de Cambridge escreviam quase dormindo — e que o próprio Gordon também poderia ter escrito caso possuísse um pouco mais de dinheiro. O dinheiro e a cultura! Num país como a Inglaterra, se você não tem dinheiro você será tão culto quanto sócio do Cavalry Club. Com o mesmo instinto que faz as crianças balançarem com o dedo um dente mole, ele pegou um volume de aparência muito refinada — Aspectos do barroco italiano —, abriu, leu um parágrafo e enfiou o livro de volta na prateleira com uma mistura de horror e inveja. Ah, aquela onisciência devastadora! Ah, aquele refinamento ofensivo e seus óculos de aro de chifre! E o dinheiro que esse refinamento custa! Porque, no final das contas, o que mais existe por trás dele, além do dinheiro? Dinheiro para o tipo certo de educação, dinheiro para os amigos influentes, dinheiro para o ócio e a paz de espírito, dinheiro para as viagens à Itália. É o dinheiro que escreve livros, é o dinheiro que os vende. Não quero ser justo nem estar certo, meu Deus, o que eu quero é dinheiro, só dinheiro. (...) Era a falta de dinheiro, simplesmente a falta de dinheiro, que o privava do poder de "escrever". Ele se aferrava a isso como a um artigo de fé. Dinheiro, dinheiro, tudo é dinheiro! Será que alguém conseguiria escrever um romancelzinho vagabundo que fosse sem dinheiro para lhe dar algum ânimo? Inventividade, energia, senso de humor, estilo, encanto — tudo isso tem seu preço em dinheiro sonante.", p. 16-7.
- 48 Nesse ponto, deparamos com o termo *highbrow* e *lowbrow* referindo-se ao culto e ao popular, respectivamente. A etimologia da palavra remete a uma metonímia da pseudociência da frenologia - Surge em 1925 na revista satírica *Punch* (Fonte: DRISCOLL, Beth. *The*

New Literary Middlebrow: Tastemakers and Reading in the Twenty-First Century. London: Saffron House, 2014, p. 5.). Tal vertente, já desacreditada, afirmava que os providos dos mais altos níveis de saber possuiriam a sobrançelha – *brow* – elevada, pois tinham um crânio maior e eram mais inteligentes e, portanto, superiores. Pouco importa a credibilidade de tal pseudociência, aqui nos cabe entender a origem do termo e como ele passou a ser uma expressão sedimentada na língua, que denota os mais cultos e sábios, pois isso reforça o sentimento de inferioridade de Gordon.

- 49 MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 146.
- 50 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 76.
- 51 EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura, uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 p. 25.
- 52 STEWART, Anthony. *George Orwell, Doubtless and the Value of Decency*. New York: Routledge, 2010, p. 72.
- 53 Original p. 194. Tradução: “Sua religião, pode-se dizer, era evitar a qualquer custo a imundície do mundo do dinheiro”, p. 241-2.
- 54 HUNTER, Lynette. “Stories and voices in Orwell’s early narratives.” In: NORRIS, Christopher (ed). *Inside the Myth - Orwell: Views from the Left*. London: Lawrence and Wishart Limited, 1984, p. 179.
- 55 FOLEY, Duncan. “Força de trabalho”. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 253.
- 56 FOLEY, *Ibid.* p. 254.
- 57 Original p. 56. Tradução: “(...) basicamente passar dez horas por dia dentro da livraria”, p. 75.
- 58 MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 79.
- 59 Tradução livre de: “When people grow more alienated and isolated, they begin to develop highly irrational and very self-destructive attitudes” (Fonte: CHOMSKY, Noam. *How the World Works – interviewed by David Barsamian*. Berkeley: Soft Skull Press, 2011, p. 131).
- 60 MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007 p. 497.
- 61 MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 143.
- 62 FETSCHER, Iring. “Consciência de Classe” In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 76.
- 63 Original p. 62-3. Tradução: “(...) A vida social é uma coisa muito complicada quando se tem uma renda semanal de duas libras”. p. 82.
- 64 Original p. 62. Tradução: “(...) chás literários”, p. 82.
- 65 Original p. 63-4. Tradução: “(...) Só para manter as aparências. Claro que não se pode chegar à casa de outra pessoa sem nenhum cigarro. Porém, se você tem pelo menos um, não há problema, porque quando as pessoas vêem um cigarro no maço supõem que antes o maço estivesse cheio. E o fato é bem fácil de apresentar como um acidente. “Quer um cigarro?”, você pergunta a alguém em tom casual. “Oh... obrigado.” Você abre o maço e então faz um ar surpreso. “Ora! É o último. Mas eu tinha certeza de que o maço estava cheio...” “Ah, não vou fumar seu último cigarro. Aceite um dos meus”, diz o outro. “Ah... obrigado.” E depois disso, claro, seu anfitrião e a dona da casa insistem para que você aceite os cigarros deles. Mas, por uma questão de honra, você deve pegar pelo menos um cigarro. (...) Todas aquelas conversas maravilhosas, espirituosas e eruditas que imaginava de antemão nunca aconteciam nem ameaçavam acontecer. (...) Quase sempre, Gordon se via pairando nas margens das rodas de conversa.”, p. 82-3.
- 66 MORAN, Barbara. “Dinner Goes to War: The long battle for edible combat rations is finally being won”. *American Heritage* XIV: 1, 1998, p. 26.
- 67 GERAS, Normas. “Fetichismo” In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 p. 149.
- 68 VEBLEN, Thorstein. *The Theory of the Leisure Class - An Economic Study of Institutions*. New York: Oxford University Press, 2007 p. 29.
- 69 VEBLEN, *Ibid.* p. 49.
- 70 Original p. 77. Tradução: “Gordon contemplou aquela coisa com um ódio indizível. Talvez não haja no mundo resposta mais mortífera do que aquela, porque nenhuma outra é tão irresponsável. De repente, passou a odiar seu próprio poema e sentiu uma vergonha profunda de seus versos. Achou que era o poema mais fraco e insensato de todos os

sumário

tempos. Sem tornar a olhar para ele, rasgou-o em pedacinhos e jogou tudo na lata de lixo. Ia tirar aquele poema da cabeça de uma vez por todas. Já o cartão-resposta, ele não rasgou. Ficou brincando com ele entre os dedos, avaliando seu detestável bom acabamento. Uma coisinha tão elegante, impressa em tipos admiráveis. Dava para ver, num relance, que aquele cartão vinha de uma revista “boa” — uma revista intelectual de alto nível, bancada pelo dinheiro de uma grande editora. Dinheiro, dinheiro! O dinheiro e a cultura! O que ele tinha feito era uma imbecilidade. Imagine só, mandar um poema para uma revista como a Primrose! Como se eles aceitassem poemas de gente como ele. O simples fato de o poema não estar datilografado já lhes dizia que tipo de pessoa ele era. Ele conseguiria o mesmo efeito mandando um cartão para o Palácio de Buckingham. Pensou nas pessoas que costumavam escrever para a Primrose: uma tropa de intelectuais endinheirados — aqueles jovens animais elegantes e refinados que sugam dinheiro e cultura junto com o leite da mãe. Que idéia se insinuar entre pessoas tão afetadas! Mas ainda assim ele as amaldiçoou. Os cretinos! Os frescos! Os malditos! “O Editor lamenta!”, por que tanto cuidado com as palavras? Por que não diziam logo “Não queremos seus malditos poemas. Só aceitamos poemas dos sujeitos que foram nossos colegas em Cambridge. Se você for proletário, mantenha distância!”? Cretinos, malditos, hipócritas!”, p. 98-99.

- 71 CAVALLI, Alessandro. “Estratificação Social”. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 445.
- 72 Aqui o nome da revista sugere o florescimento da primeira rosa, uma ideia idílica e um tanto presunçosa, reafirmando a superioridade dos intelectuais de maneira explícita.
- 73 DUVAL, Julien. “Distinção” In: CATANI, Afrânio Mentos [et al] (orgs). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 146.
- 74 Original p. 63. Tradução: “(...) manter as aparências”, p. 245
- 75 PASSIANI, Enio. “Cultura” In: CATANI, Afrânio Mentos [et al] (orgs). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 135.
- 76 NOGUEIRA, Maria Alice. “Capital Cultural” In: *Ibid.* p. 103.
- 77 NOGUEIRA, *Ibid.* p. 104.
- 78 EAGLETON, Terry. *Why Marx Was Right*. New Haven: Yale University Press, 2011 p. 114.
- 79 EAGLETON, *Ibid.* p. 90.
- 80 LARRAIN, Jorge. “Base e Superestrutura” In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 27.
- 81 EAGLETON, *Ibid.* p. 90.
- 82 LEE, *Op. Cit.* p. 59.
- 83 Original p. 37. Tradução: “Os Comstock pertenciam à mais desolada das classes, a classe média média, de pessoas instruídas mas sem terra. Em sua miserável pobreza, não tinham nem mesmo o consolo esnobe de se verem como uma família “antiga” que atravessava um mau momento, pois não eram uma família nada “antiga”, apenas uma dessas famílias que tinham conseguido ascender no rastro da onda de prosperidade vitoriana e depois caíram mais depressa ainda do que a própria onda.”, p. 51.
- 84 HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 331.
- 85 HOBSBAWM, *Ibid.* p. 332.
- 86 THOMPSON, Francis. M. Longstreth. *Rise of Respectable Society: A Social History of Victorian Britain, 1830–1900*. London: Harper Collins, 1988 p 211–14.
- 87 THOMPSON, *Ibid.* HOBSBAWM p. 317.
- 88 Original p. 38. Tradução: “(...) eram uma família especialmente inexpressiva, deselegante, enfadonha e apagada”, p. 52.
- 89 Original p. 39. Tradução: “(...) Só se deixavam levar, indiferentes, por uma atmosfera de fracasso semiconformado.”, p. 52.
- 90 Original p. 39. Tradução: “(...) qualquer marca de sua passagem no mundo, criando qualquer coisa, ou destruindo qualquer coisa, sendo feliz ou claramente infeliz, ou plenamente vivo, ou mesmo tendo uma renda decente”, p. 52.
- 91 Original p. 42. Tradução: “(...) Culpava os pais por sua pobreza, como se eles tivessem empobrecido de propósito.”, p. 58.
- 92 HUNTER, *Op. Cit.* p. 178.

sumário

sumário

- 93 ORWELL, George. *O Caminho Para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 144.
- 94 Original p. 39. Tradução: "(...) nada jamais acontece", p. 53.
- 95 Original p. 39. Tradução: "Todos pareciam condenados, como que por alguma maldição, a uma existência apagada, miserável, quase clandestina", p. 54.
- 96 Original p. 41. Tradução: "Além disso, desde cedo ficou decidido na família que Gordon era 'inteligente'", p. 56.
- 97 Original p. 41. Tradução: "(...) e parecia natural a todos que 'a garota' fosse sacrificada em prol do 'rapaz'.", p. 56.
- 98 Original p. 45. Tradução: "(...) Declarara guerra ao dinheiro, mas isso não o impedia de ser incrivelmente egoísta. Claro que tinha medo dessa história de trabalho; que rapaz não tem? (...) Tudo que eles pareciam querer era ver todos os jovens da Inglaterra encerrados no ataúde de algum emprego "bom". (...) Dissera que ela devia se cuidar, manter-se aquecida, fazer refeições nutritivas e, acima de tudo, evitar o cansaço. (...) Gordon não sabia de nada disso. Julia, porém, sabia. Era um segredo entre as duas mulheres, que elas não deixaram Gordon descobrir de modo algum (...) Julia, já aos vinte e um anos trabalhando doze horas por dia, dedicada e conformada, que nunca tinha um vestido decente. Mas agora ele entendia qual era o problema deles. Não era só a falta de dinheiro. Na verdade, mesmo não tendo dinheiro, eles ainda viviam mentalmente no mundo do dinheiro — o mundo em que o dinheiro é virtude e a pobreza é crime. Não era a pobreza, e sim o mergulho na pobreza respeitável, que acabara com suas possibilidades. Tinham aceitado o código do dinheiro, e nos termos desse código eles eram fracassados. Nunca tiveram o bom senso de se desprender e simplesmente viver, com ou sem dinheiro, como fazem as classes baixas. Como elas têm razão! E Gordon tirava o chapéu para o jovem operário da fábrica que, possuindo apenas quatro pence no mundo, ainda assim começava a gerar uma família no ventre da namorada! Pelo menos ele tinha sangue, e não dinheiro, correndo nas veias.", p. 60-2.
- 99 HIRATA, Helena *et al* (orgs). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67.
- 100 HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 65.
- 101 STEWART, *Op. Cit.* p. 71.
- 102 CURRIE, Gregory. *Narratives and Narrators – A Philosophy of Stories*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 88.
- 103 SAUNDERS, Loraine. *The Unsung Artistry of George Orwell*. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2008, p. 43. Saunders ainda comenta que muitos críticos tendem a confundir a visão aparentemente falha de um personagem – manifesto no discurso indireto livre – com o comentário autoral. Esse procedimento de aproximação das atitudes dos personagens com as opiniões do próprio Orwell é recorrente na fortuna crítica, vide: BRANDER, Laurence. *George Orwell*. Toronto: Longman, 1954; HOLLIS, Christopher. *A Study of George Orwell*. Chicago: Regnery, 1958, p. 71; LEE, Robert A. *Orwell's Fiction*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969, p. 53; MEYERS, Jeffrey. *George Orwell, the Critical Heritage*. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995 p. 65-88; RODDEN, John. *The Politics of Literary Reputation*. New York: Oxford University Press, 1989, p. 178-80; STEWART, Anthony. *George Orwell, Doubtfulness and the Value of Decency*. New York: Routledge, 2010 p. 37; 75.
- 104 STEWART, *Ibid.* p. 71.
- 105 STEWART, *Ibid.* p. 71.
- 106 A tradução da Companhia das Letras coloca o *they* como se incluísse Gordon, pois a tradução aparece conjugada no masculino: "Mas agora ele entendia qual era o problema deles. Não era só a falta de dinheiro. Na verdade, mesmo não tendo dinheiro, eles ainda viviam mentalmente no mundo do dinheiro", sendo que aqui nos parece que Gordon justamente se coloca apartado da condição da família, por isso usa o pronome *they*, se referindo à mãe e à irmã.
- 107 CAVALLI, Alessandro. "Classe" In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000 p. 171.

sumário

- 108 Original p. 49. Tradução: "Ainda assim, sua verdadeira motivação não era o desejo de "escrever". Afastar-se do mundo do dinheiro — eis o que ele queria. Vagamente, ansiava por uma existência de anacoreta, totalmente livre do dinheiro. Tinha a impressão de que, se a pessoa despreza genuinamente o dinheiro, consegue de algum modo seguir em frente, da mesma forma que as aves vivem do ar. Só não se lembrou de que as aves não pagam aluguel. O poeta faminto isolado numa mansarda — mas que de algum modo conseguia passar fome sem desconforto —, eis a imagem que fazia de si mesmo.", p. 66.
- 109 EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura, uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 161.
- 110 EAGLETON, *Ibid.* p. 30.
- 111 FOLEY, Duncan. "Força de trabalho". In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 156.
- 112 SAUNDERS, *Op. Cit.*, p. 68.
- 113 STEWART, *Op. Cit.* p. 73.
- 114 Original p. 193. Tradução: "só queria que o deixassem em paz — sozinho com sua tristeza e seu desespero.", p. 241.
- 115 MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 381.
- 116 Original p. 16. Tradução: "(...) a sensação de desintegração, de decomposição, endêmica no nosso tempo, impunha-se a ele com toda a força.", p. 26
- 117 TODD, Selina. *The People: the Rise and Fall of the Working Class (1910 – 2010)*. London: John Murray, 2014 p. 9.
- 118 WILLIAMS, Raymond. *George Orwell*. New York: The Viking Press, 1971, p. 16.
- 119 Original p. 14. Tradução: "sem dinheiro, você não merece amor.", p. 23.
- 120 Original p. 104. Tradução: "(...) sem dinheiro não há como escolher, você tem de ficar com as mulheres que consegue; e depois, necessariamente, precisa livrar-se delas p. 133.
- 121 Original p. 103. Tradução: "(...) Em última análise, o que segura uma mulher ao lado de um homem, senão o dinheiro?", p. 131.
- 122 STEWART, *Op. Cit.* p. 83.
- 123 PATAL, Daphne. *The Orwell Mystique: A Study in Male Ideology*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1984, p. 49.
- 124 Original p. 105. Tradução: "(...) Nenhuma se interessou por Gordon. Ele caminhava entre elas como se fosse invisível, mas seus corpos o evitavam quando cruzavam seu caminho. p. 134.
- 125 Original p. 104. Tradução: "incluindo as prostitutas, (...) havia sido sórdido, sempre sórdido", p. 133. Aqui o termo *tarts* possui a origem nos vocábulos *sweetheart* ou *jam tart*, que significa "mulher atraente" e virou uma gíria no inglês britânico para se referir a prostitutas.
- 126 Original p. 103-4 e 113. Tradução: "Essa história de mulher! Quanto aborrecimento! Pena não conseguirmos cortar por completo, ou pelo menos nos comportar como os animais — minutos de luxúria feroz e depois meses de gélida castidade. O faisão macho, por exemplo. Pula no lombo da fêmea sem dó e sem pedir licença. E, assim que acaba, a coisa sai completamente da sua cabeça. Mal repara nas fêmeas; ele as ignora, ou se limita a cobri-las de bicadas quando se aproximam demais da sua comida. E nem é chamado a contribuir para a alimentação dos rebentos. Quanta sorte, a do faisão! Como o seu destino era diferente do senhor da criação, sempre às voltas com a memória e a consciência! (...) Pensou em Rosemary, nas mulheres em geral e novamente em Rosemary. Passara a tarde inteira pensando nela. Era com uma espécie de ressentimento que pensava em seu corpo pequeno e forte, que ele jamais vira sem roupa. (...) Essa história de mulheres! Será que sentiria algo diferente se fosse casado? Mas fizera um voto contra o casamento muito tempo antes. O casamento não passa de mais uma arapuca armada para as pessoas pelo deus-dinheiro. (...) E que vida! Conjunção sexual consentida à sombra da aspidistra. (...) Mesmo assim, ele percebia que, de certa maneira, era necessário casar. Se o casamento era ruim, sua alternativa era ainda pior. (...) Aqui, também, o dinheiro. Sem dinheiro, ninguém pode lidar com as mulheres de maneira direta. Porque sem dinheiro não há como escolher, você tem de ficar com as mulheres que consegue; e depois, necessariamente, precisa livrar-se delas. A constância, como todas as outras virtudes, tem seu preço em dinheiro. E o mero fato de ele ter se rebelado contra o código do dinheiro, de não ter se conformado com a prisão de um emprego "bom" — coisa que

sumário

- mulher nenhuma é capaz de compreender —, tinha imposto uma certa qualidade de impermanência, de mentira, a todos os seus casos com as mulheres. Ao abjurar do dinheiro, ele também deveria ter abjurado das mulheres. Ou bem você serve ao deus-dinheiro, ou bem vive sem mulher — eis as alternativas. E as duas igualmente impossíveis.”, p. 132-3.
- 127** ENGELS, Friedrich. *A Origem da família, da propriedade Privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 79.
- 128** Original p. 238. Tradução: “(...) rendera-se em paz”, p. 295.
- 129** ENGELS, *Op. Cit.*, p. 80.
- 130** HIRATA, Helena *et al* (orgs). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 174.
- 131** ENGELS, *Op. Cit.*, p. 80.
- 132** HOBBSBAWN, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2006 p. 114.
- 133** Original p. 109. Tradução: “O único lugar onde conseguiam alguma privacidade eram as ruas.”, p. 139.
- 134** Original p. 122. Tradução: “Muitos casais de amantes em Londres não tinham para onde “ir”; tudo que lhes restava eram as ruas e os parques, onde não há privacidade e sempre faz frio.”, p. 154.
- 135** Esta passagem do romance se assemelha muito à construção desenvolvida no último romance de Orwell, *1984*, em que o protagonista e sua namorada fogem do caos da Londres totalitária para contemplarem a natureza e estarem a sós. É possível observar ao longo da obra orwelliana um cuidado com a distinção entre o espaço urbano, que na maioria das vezes soa desorganizado, e o campo, de maneira que a natureza possui aspectos mais líricos.
- 136** Original p. 128. Tradução: “Sentiam uma felicidade extravagante. Enquanto caminhavam, eram tomados por um entusiasmo absurdo diante de tudo que viam.”, p. 161.
- 137** Original p. 124-6. Tradução: “O dia estava sem vento e bastante ameno. O que Gordon tanto desejara se tornara realidade. Era um daqueles dias sem vento que mal se distinguem do verão. Dava para sentir o sol por trás do nevoeiro; com sorte, ele surgiria a qualquer momento. Gordon e Rosemary sentiam-se profunda e absurdamente felizes. Havia um quê de aventura em saírem de Londres e terem pela frente um longo dia “no campo”. (...) Os bosques de faias ficavam mais adiante. Nenhum ramo ou folha de relva se movia. As árvores pareciam fantasmas no ar parado e tomado pela neblina. Tanto Rosemary quanto Gordon reagiam com exclamações diante da beleza de tudo. O orvalho, o silêncio, os caules acetinados das faias, a maciez da relva sob os pés! Ainda assim, num primeiro momento, sentiram-se pequeninos e deslocados, como costuma ocorrer a todo londrino que deixa Londres. Gordon tinha a sensação de haver passado os últimos anos debaixo da terra. Sentia-se debilitado e desgrenhado. (...) Mergulharam no bosque e tomaram o rumo oeste, sem muita idéia de para onde estavam indo — qualquer lugar, contanto que fosse bem longe de Londres.”, p. 158-9
- 138** Original p. 125. Tradução: “e os feios panoramas de Londres iam dando lugar a campos estreitos”, p. 158.
- 139** WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 11.
- 140** LEE, *Op. Cit.* p. 56.
- 141** Original p. 131. Tradução: “De fato parecia. Era um lugar espalhafatoso, pretensioso, todo branco com ornamentos dourados — um desses hotéis em que o preço excessivo e o péssimo serviço saltam aos olhos, denunciados por todos os tijolos.”, p. 165-6.
- 142** Original p. 132. Tradução: “Gordon perdeu a coragem. Teve a sensação de que seu dinheiro se encolhia e se reduzia a nada.”, p. 166.
- 143** Original p. 132. Tradução: “Em lugares assim, é praticamente obrigatório você ser insultado e ainda pagar um preço excessivo por tudo.”, p. 167.
- 144** Original p. 137-40. Tradução: “Enquanto caminhavam pelo corredor, Gordon sentia-se desanimado, desamparado — quase num estupor. Todo o dinheiro que possuía tinha ido embora num único gesto! (...) Toda a intimidade do momento desaparecera. (...) Era estranho que aquele episódio desagradável da conta do hotel o tivesse abalado tanto.

A disposição ligeira e despreocupada da manhã se dissipara; em seu lugar, voltara a se instalar aquela coisa de sempre, detestável e incômoda — a preocupação com o dinheiro. Dali a um minuto ele se veria obrigado a admitir que só lhe restavam oito pence; teria de pedir algum dinheiro emprestado a Rosemary para poderem voltar para casa; uma coisa repulsiva, vergonhosa. (...) Ele levantou o arame para ela, que passou ágil por baixo. O coração de Gordon tornou a disparar. Como ela era forte e flexível! Mas quando ele se esforçava para passar por cima do arame e segui-la, seus oito pence — duas moedas de um penny mais uma de seis pence — tilintaram em seu bolso, tornando a abalar seu ânimo. (...) Não resistiu quando a mão de Gordon procurou seus seios. Mas no íntimo ainda sentia medo. Estava decidida — ah, sim! haveria de cumprir sua promessa implícita, não pensava em recuar; mas ainda assim sentia medo. (...) Nua, ela parecia muito mais jovem do que vestida. Seu rosto, atirado para trás, com os olhos fechados, parecia quase infantil. Ele se aproximou dela. Mais uma vez, as moedas tilintaram em seu bolso. Só oito pence! Dali a pouco ele teria problemas.", p. 137-77.

- 145** LEE, *Op. Cit.*, p. 55.
146 LEE, *Op. Cit.* p. 57.
147 LEE, *Op. Cit.* p. 57.
148 STEWART, *Op. Cit.* p. 86.
149 STEWART, *Ibid.* p. 86.
150 STEWART, *Ibid.* p. 86.
151 SAUNDERS, *Op. Cit.* p. 81.
152 SAUNDERS, *Ibid.* p. 85.
153 BEDDOE, Deirdree. "Hindrances and help-meets: women in the writings of George Orwell" *In: NORRIS, Cristopher (ed). Inside the Myth - Orwell: Views from the Left.* London: Lawrence and Wishart Limited, 1984, p. 139-153.
154 BEDDOE, *Ibid.* p. 91.
155 KARL, Frederick R. *A reader's guide to the contemporary English novel.* London: Thames and Hudson, 1968, p. 162.
156 MEYERS, Jeff. *A Reader's Guide to George Orwell.* London: Thames and Hudson, 1978 p. 87.
157 KARL, *Ibid.*, p. 149.
158 Destaque para ensaios que trazem o primor de escrita ensaística de Orwell logo no início de sua carreira: "The Spike" *In: Adelphi.* London, April 1931; "A Hanging" *In: Adelphi.* London, 1931; "Shooting an Elephant" *In: New Writing.* London. 1936.
159 VIANA, Nildo. *A mercantilização das relações sociais – modo de produção capitalista e formas sociais burguesas.* Curitiba: Appris, 2018, p. 07.
160 VIANA, *Ibid.*, p. 22.
161 Original p. 61. Tradução: "mentiras para extrair dinheiro dos incautos", p. 72.
162 Original p. 224. Tradução: "o afeto que lhe tinham, não passavam de um estorvo. Ele só seria livre (...) depois que cortasse seus laços com todos, inclusive com Rosemary.", p. 277.
163 Original p. 238. Tradução: "Ocorreu-lhe que estava apenas reproduzindo o destino de todo ser humano. Todo mundo se revolta contra o código do dinheiro, e mais cedo ou mais tarde todo mundo acaba cedendo.", p. 294.
164 Original p. 211. Tradução: "recusar um emprego 'bom' nunca podia ser a decisão certa.", p. 264.
165 Original p. 238. Tradução: "Iria se casar, estabelecer-se, prosperar moderadamente, empurrar um carrinho de bebê, tornar-se proprietário de uma casa com jardim, de um rádio e de uma aspidistra.", p. 294.
166 Original p. 238. Tradução: "Era o que ele desejara em segredo; e agora que tinha reconhecido e admitido seu desejo, rendera-se em paz.", p. 295.
167 Original p. 240. Tradução: "Vicisti, Aspidistra", p. 296.
168 Original p. 29. Tradução: "(...) fazer chá no quarto era o pior dos crimes daquela pensão, só um pouco menos grave que trazer uma mulher para dentro do quarto", p. 42.
169 LEE, *Op. Cit.* p. 55.
170 Original p. 239. Tradução: "(...) cartazes anunciando 'apartamentos' em metade das janelas, aspidistras em quase todas. Uma típica rua de classe média baixa", p. 295
171 Original p. 33. Tradução: "(...) uma espécie de decência sovina de classe média baixa", p. 33.

sumário

sumário

- 172 Original p. 27-8. Tradução: "Quando Gordon estava a ponto de jogar o fósforo apagado fora, seu olhar deu com a aspidistra no vaso verde. Era um exemplar particularmente em mau estado. Tinha apenas sete folhas, e não parecia capaz de produzir mais nenhuma. Gordon cultivava uma espécie de rixa secreta com aquela planta. Tentara matá-la várias vezes às escondidas — deixando-a sem água, esfregando pontas de cigarro atasadas em seu caule, tendo chegado ao ponto de misturar sal na terra em que estava plantada. Mas essas coisas horrendas são praticamente imortais. Em quase toda situação, mostram-se capazes de preservar uma existência murcha e doentia. Gordon se levantou e, deliberadamente, limpou os dedos sujos de querosene nas folhas da aspidistra. (...) Depois disso, a aspidistra tornou-se uma espécie de símbolo para Gordon. A aspidistra, flor da Inglaterra! (...) Acomodar-se, Dar-Se Bem, vender a alma em troca de uma casa com jardim e uma aspidistra! Transformar-se no típico sujeitinho insignificante das caricaturas — o cidadão obediente que chega em casa às seis e quinze, encontra à sua espera um jantar de empadão e compota de peras em lata.", p. 40-66.
- 173 Original p. 238-9. Tradução: "Os membros da classe média baixa (...) viviam de acordo com o código do dinheiro (...) 'Mantinhm-se respeitáveis' — mantinhm suas aspidistras hasteadas.", p. 295-6.
- 174 PLOMER, William. "Spectator Review". In: MEYERS, Jeffrey. *George Orwell, the Critical Heritage*. Boston: Routhledge & Kegan Paul: 1995, p. 65-6.
- 175 Original p. 239. Tradução: "(...) árvore da vida", p. 296.
- 176 VAN GHENT, Doroty. "Yale Review". In: MEYERS, Jeffrey. *George Orwell, the Critical Heritage*. Boston: Routhledge & Kegan Paul: 1995, p. 82.
- 177 Original p. 27. Tradução: "a única marca que a personalidade de Gordon imprimira ao quarto", p. 40.
- 178 Original p. 238. Tradução: "Iria se casar, estabelecer-se, prosperar moderadamente, empurrar um carrinho de bebê, tornar-se proprietário de uma casa com jardim, de um rádio e de uma aspidistra.", p. 294.
- 179 POPKIN, Henry. "Commonweal review". In: MEYERS, Jeffrey. *George Orwell, the Critical Heritage*. Boston: Routhledge & Kegan Paul: 1995, p 80-1.
- 180 Original p. 28. Tradução: "um exemplar particularmente em mau estado", p. 40.
- 181 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 12.
- 182 EAGLETON, *Ibid.*, p. 13.
- 183 Original p. 77. Tradução: "(...) tropa de intelectuais endinheirados", p. 86.
- 184 Uma das edições traduzidas para o português do romance tinha como o título *Mantenha o Sistema* em vez de *A Flor da Inglaterra*, o que confere um paralelo direto com a trajetória de Gordon no fracasso em romper com a lógica capitalista. Pelo contrário, ele se conforma e mantém o sistema metamorfoseado na aspidistra, se mostrando conivente com as regras do jogo para manter seus privilégios.
- 185 Original p. 240. Tradução: "Vicisti, Aspidistra", p. 297.
- 186 Original p. 54. Tradução: "(...) sempre conseguia entender o ponto de vista do outro.", p. 72.
- 187 Original p. 54. Tradução: "(...) os ricos podem se dar ao luxo da compreensão.", p. 72.
- 188 LEE, *Op. Cit.*, p. 167.
- 189 Original p. 80. Tradução: "Na porta da rua, havia uma placa de metal com a inscrição: P. W. H. RAVELSTON – ANTICHRIST.", p. 103.
- 190 Original p. 199. Tradução: "Mais um dos aproveitadores de estimação de Ravelston", p. 247.
- 191 Original p. 198. Tradução: "Mas é claro que, no íntimo dos íntimos, ele não estava gostando de hospedar Gordon. Como poderia? A situação era péssima. A tensão entre os dois era permanente, o que sempre ocorre quando uma pessoa sustenta outra.", p. 246.
- 192 Original p. 191. Tradução: "Permitiu até que Ravelston lhe 'emprestasse' duas libras a mais para as suas despesas do dia-a-dia", p. 238.
- 193 Original p. 191. Tradução: "Além disso, no íntimo não queria que ninguém o ajudasse. Só queria que o deixassem em paz. Seu destino era a sarjeta; melhor chegar lá de uma vez e encurtar logo a viagem. No entanto, foi ficando por mais algum tempo, simplesmente porque lhe faltava a coragem de fazer coisa diferente.", p. 238.
- 194 Original p. 192. Tradução: "A idéia de encontrar calor e abrigo o trouxera de volta.", p. 239.
- 195 Original p. 54. Tradução: "(...) estupidez do que estava fazendo", p. 62.

sumário

- 196 Original p. 79-80. Tradução: "Até onde podia, evitava sistematicamente pôr os pés no apartamento de Ravelston. Havia alguma coisa na atmosfera daquele lugar que o perturbava e o fazia se sentir mau, sujo e deslocado. De forma esmagadora, embora inconsciente, era um ambiente de classe alta. Só na rua ou num pub ele se sentia mais ou menos à altura de Ravelston. Ravelston teria ficado atônito se soubesse que aquele seu apartamento de dois quartos, que considerava um lugarzinho modesto, tinha semelhante efeito sobre Gordon. Para Ravelston, viver na área de Regent's Park era praticamente o mesmo que morar num cortiço; ele decidira ir parará, en bon socialiste, precisamente como um arrivista escolheria morar numa estrebaria em Mayfair só para poder exibir o "W 1" em seu papel timbrado. Era parte de uma tentativa eterna de fugir de sua classe e tornar-se, por assim dizer, membro honorário do proletariado. Como todas as tentativas do mesmo tipo, estava fadada ao fracasso. Nenhum rico jamais conseguiu se disfarçar de pobre; o dinheiro, como um crime de morte, acaba sempre por se revelar.", p. 103.
- 197 HUNTER, *Op. Cit.* p. 179.
- 198 MARX, Karl. *O Capital [Livro I] crítica da economia política. O processo de produção do capital.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 1012.
- 199 Original p. 80. Tradução: "(...) ele usava o uniforme da *intelligentsia* endinheirada (...) fazia questão de ir a toda parte (...) com aquelas roupas, só para exibir seu desprezo pelas convenções de classes superiores", p. 104.
- 200 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 p. 19.
- 201 Original p. 188. Tradução: "Teoricamente, sempre acordava no horário proletário das sete horas. Na verdade, quase nunca entrava em ação antes da sra. Beaver, a empregada, chegar às oito.", p. 234.
- 202 STEWART, *Op. Cit.* p. 38.
- 203 Original p. 84. Tradução: "tinha a convicção ingênua de que dali a pouco o socialismo iria chegar e consertar aquilo tudo. Gordon sempre parecia exagerar um pouco", p. 108.
- 204 STEWART, *Ibid.* p. 89.
- 205 Tradução livre. Fonte: CHOMSKY, Noam. "Socialism for the Rich, Capitalism for the Poor". *Truthout*: 11 dezembro de 2016, entrevista concedida a C.J. Polychroniou. Disponível em: <https://truthout.org/articles/socialism-for-the-rich-capitalism-for-the-poor-an-interview-with-noam-chomsky/> acesso em 17 de agosto de 2018.
- 206 Original p. 85, 88 e 90. Tradução: "Ora, o socialismo! Não me venha falar de socialismo." "Você devia ler Marx, Gordon, devia mesmo. Aí entenderia que tudo isso é só uma fase." (...) Claro, concordo com você até certo ponto. Afinal, é o que Marx disse: toda ideologia é o reflexo de circunstâncias econômicas.
 'Ah, mas você só entende isso quando vem de Marx! Não sabe o que significa viver de mão para a boca com duas libras por semana. Não é uma questão de passar necessidade — não é como ser privado de alguma coisa essencial. É só o desgosto maldito, onipresente e mesquinho da coisa toda. Passar semanas a fio sem ver ninguém porque sem dinheiro não se tem amigos. Dizer que é escritor, mas nunca produzir nada, porque está sempre desanimado demais para escrever. Você passa a viver numa espécie de submundo asqueroso. Numa espécie de esgoto espiritual.'
 (...) 'Mas qual é a sua objeção ao socialismo?'
 'Só existe uma objeção ao socialismo — é uma coisa que ninguém deseja.'
 'Ah, mas isso é um absurdo!'
 'Melhor dizendo, ninguém que é capaz de ver o que o socialismo de fato significa.'
 'Mas o que significa, afinal, o socialismo na sua opinião?'
 'Ora! Algo parecido com o *Admirável Mundo Novo* de Huxley, só que menos divertido. Quatro horas diárias de trabalho numa fábrica-modelo, apertando o parafuso número 6003. Rações embrulhadas em papel impermeável servidas na cozinha coletiva. Transporte comunitário do Albergue Marx para o Albergue Lênin, ida e volta. Clínicas gratuitas de aborto em cada esquina. Tudo muito bem lá à sua maneira, claro. Só que não é o que desejamos.'", p. 109, 113 e 116.
- 207 MARX, Karl. *Teorias da Mais Valia – História Crítica do Pensamento Econômico.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 398.

sumário

- 208 GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere – Volume 2 Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 17.
- 209 Tradução livre de CHOSMKY, Noam. *The Responsibility of Intellectuals*. New York: The New Press, 2017, p. 2.
- 210 Original p. 80. Tradução: "(...) ele tinha apenas o coração mais mole do que cabia a um editor, o que o deixava, conseqüentemente, à mercê de seus colaboradores.", p. 104.
- 211 Original p. 80. Tradução: "(...) transferido sua crença diretamente de Deus para Marx", p. 103.
- 212 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 20.
- 213 EAGLETON, *Ibid.* p. 22.
- 214 COCKSHOTT, W.P. & ZACHRIAH, D. *Arguments for Socialism*. Glasgow: University of Glasgow, 2012, p. 12.
- 215 COCKSHOTT, W.P. & ZACHRIAH, D., *Ibid.* P. 12.
- 216 Original p. 197. Tradução: "Pessoas como nós não podem se dar ao luxo de ter princípios", p. 245.
- 217 MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 111.
- 218 WORLEY, Matthew. *The Foundations of the British Labour Party: Identities, Cultures and Perspectives, 1900–39*. Surrey: Ashgate Publishing, 2009, p. 1.
- 219 KENDALL, Walter. *The Revolutionary Movement in Britain, 1900-21: The Origins of British Communism*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, p. 63.
- 220 BARBERIS, Peter; MCHUGH, John; TYLDESLEY, Mike, (eds). "571: Young Socialist League". In: *Encyclopedia of British and Irish Political Organizations: Parties, Groups and Movements of the Twentieth Century*. London: Pinter, 2000, p. 173.
- 221 SAVAGE, Mike & MILES, Andrews. *The Remaking of the British Working Class: 1840–1940*. London: Routledge, 2003, p. 76.
- 222 Vide o caso da *Red Clydeside*, uma onda de militância política em Glasgow. SAVAGE, Mike & MILES, Andrews, *Ibid.* p. 76.
- 223 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos, o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 91.
- 224 CROFT, Andy. *A Weapon in the Struggle: The Cultural History of the Communist Party in Britain*. London: Pluto Press, 1988, p. 2.
- 225 CROFT, *Ibid.* p. 4.
- 226 Original p. 153. Tradução "naquele ano da graça de 1934", p. 192.
- 227 CROFT, *Op. Cit.* p. 4.
- 228 Original p. 189. Tradução: "Além disso, nunca mais tornaria a encontrar um emprego. Não há empregos sobrando nos dias de hoje.", p. 235.
- 229 HOBBSAWM, *Op. Cit.* p. 91.
- 230 ORWELL, George. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 58.
- 231 KARL, *Ibid.* p. 149.
- 232 Original p. 189. Tradução: "o céu cinza-esbranquiçado dava a impressão de que nunca voltaria a ser azul", p. 235.
- 233 Original p. 210. Tradução: "Acho que, em princípio, você tem toda a razão (...) seu erro, não vê, é pensar que a pessoa pode viver numa sociedade corrupta sem ela própria se corromper. Afinal, o que você consegue recusando-se a ganhar dinheiro?", p. 261.
- 234 Original p. 211. Tradução: "O que precisa ser mudado é o sistema; se ele não mudar, nada mudará", p. 261.
- 235 Original p. 189. Tradução: "A perspectiva de procurar um novo emprego o aborrecia mais que a perspectiva de ficar pobre.", p. 235.
- 236 RICHARDSON, H. W. "The Economic Significance of the Depression in Britain". In: *Journal of Contemporary History* (1970) 4#4 pp. 3-19.
- 237 ORWELL, George. *O Caminho para Wigan Pier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 54.
- 238 CONSTANTINE, Stephen. *Unemployment in Britain Between the Wars*. London: Longman, 1980, p.17.
- 239 CONSTANTINE, Stephen. *Social Conditions in Britain 1918–1939*. New York: Methuen & Co, 1983, p. 2.

sumário

- 240 CONSTANTINE, *Ibid.*, p. 11.
 241 CONSTANTINE, *Ibid.*, p. 3.
 242 CONSTANTINE, *Ibid.*, p. 4.
 243 Original p. 53. Tradução: "Gordon [foi promovido] ao cargo especial de secretário (...) Aquela era uma oportunidade inconfundível de Se Sair Bem.", p. 71
 244 Original p. 197. Tradução: "Mas o senhor não achou certo ele deixar esse emprego, achou?", perguntou ela [Rosemary], pressentindo na mesma hora que Ravelston de fato achava que Gordon tinha agido direito.
 'Bem — concordo que não foi muito sensato. Mas até certo ponto é verdade o que ele diz. O capitalismo é corrupto, e é bom nos mantermos fora dele — essa é a idéia. Não é praticável, mas de certa maneira soa como se fosse.'
 'Ora, pode-se dizer que funciona como teoria! Mas se ele está desempregado e se pode conseguir esse emprego apenas pedindo, não vá me dizer que o senhor ainda acha certo ele recusar...'
 'Não do ponto de vista do senso comum. Mas em princípio... acho que sim.'
 'Ora, em princípio! Pessoas como nós não podem se dar ao luxo de ter princípios. Isso é o que Gordon parece não entender.'", p. 244.
 245 Original p. 237. Tradução: "sentia era alívio (...) e podia voltar a uma vida decente e plenamente humana (...) sabia que estava cumprindo apenas seu destino", p. 293.
 246 ORWELL, George. *Dentro da Baleia e Outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 67.
 247 ORWELL, op. Cit, p. 236-7. Tradução: "Com todas as suas injustiças, a Inglaterra ainda é a terra do habeas corpus, e a esmagadora maioria dos ingleses não tem experiência com violência ou ilegalidade. Quando crescemos nesse tipo de ambiente, nunca é fácil imaginar como é um regime despótico. Quase todos os escritores influentes da década de 1930 pertenciam à classe média emancipada e moderada, e eram jovens demais para ter memórias reais da Primeira Guerra Mundial. Para pessoas desse tipo, coisas como expurgos, polícia secreta, execuções sumárias, prisão sem julgamento etc. são muito remotas para ser aterrorizantes. Podem engolir o totalitarismo porque não têm experiência de coisa alguma, exceto do liberalismo. (...) Muito do pensamento esquerdista é uma espécie de brincadeira com fogo feita por pessoas que nem sequer sabem que fogo queima. A beligerância a que a intelligentsia inglesa se entregou no período de 1935-9 foi amplamente baseada numa noção de imunidade pessoal.", p. 65-6
 248 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 129.
 249 EAGLETON, *Ibid.*, p. 130.
 250 "a percepção da beleza no mundo exterior ou, por outro lado, nas palavras e no seu arranjo correto." ORWELL, George. "Por que escrevo". In: Op. Cit, p. 14-5.
 251 ORWELL, George. "Dentro da baleia" In: Op. Cit. p. 50.
 252 ORWELL, Op. Cit. p. 69.
 253 BENJAMIN, Walter. "O Autor como Produtor". In: *Obras Escolhidas Volume 1 - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 131.
 254 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 135.
 255 HOBBSBAWM, Eric. *Tempos Fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 286.
 256 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 135.
 257 Original p. 66. Tradução: "Gordon Comstock, autor de Ratos. 'Excepcionalmente promissor'", p. 86.
 258 ORWELL, George. "Why I Write". In: Op. Cit. p. 1082. Tradução: "O desejo de lançar o mundo em determinada direção, de mudar as idéias das pessoas sobre o tipo de sociedade que deveriam se esforçar para alcançar", Op. Cit. p. 14.
 259 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 137.
 260 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 137.
 261 Original p. 204. Tradução: "Ali não havia contato com o dinheiro nem com a cultura. Nenhum cliente de nível intelectual com quem você precisasse afetar erudição", p. 253.
 262 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 144.
 263 BENJAMIN, *Ibid.*, p. 146.

sumário

- 264 Original p. 71. Tradução: "Jamais sentia piedade dos genuinamente pobres. São os pobres de sobretudo preto, os da classe média média, que merecem compaixão", p. 92.
- 265 Original p. 203/231. Tradução: "só queria deixar-se afundar cada vez mais, sem esforço, na lama (...) Debaixo da terra, debaixo da terra! Cravado naquele seguro ventre macio e subterrâneo, onde não existe procura nem perda de empregos, nem parentes nem amigos para incomodar, onde não há esperança, medo, ambição, honra nem deve", p. 286/252.
- 266 HOBSBAWM, Eric. *Tempos Fraturados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 288.
- 267 Original p. 225-6. Tradução: "'Ora, você sabe. Uma das moças do escritório me deu um endereço. Uma amiga dela [Rosemary] já fez, por cinco libras só.' (...) Percebeu então que coisa medonha era a hipótese que estavam considerando — uma blasfêmia, se é que essa palavra tinha algum sentido. No entanto, se lhe houvesse sido proposta de outra maneira, talvez não lhe tivesse provocado tanta repulsa. Foi o detalhe mesquinho das cinco libras que o fez ver a luz.", p. 280.
- 268 Original p. 226. Tradução: "Se a alternativa for essa, eu me caso com você. Prefiro perder uma das mãos a fazer uma coisa dessas", p. 280.
- 269 Ao longo do romance a quantia de cinco libras aparece em momentos chave: são cinco libras que Gordon deve à Julia: "*knew that he had squandered five pounds on utter foolishness and was now going to squander the other five that belonged to Julia*"; são cinco libras o valor da fiança para libertar Gordon da prisão por embriaguez: "*You will pay five pounds or go to prison for fourteen days. NEXT!*"; são cinco libras o valor de uma promoção enganadora anunciado em uma das diversas propagandas elaboradas pela agência de publicidade em que Gordon volta a trabalhar: "*The New Albion (.) designed a certain number of large-scale posters (.) but its main line was millinery and cosmetic advertisements in the women's illustrated papers (.) 'Earn Five Pounds a Week in your Spare Time'*".
- 270 Original, p. 192. Tradução: "Querida afundar mais, bem mais, em algum mundo onde a decência não contasse; soltar as amarras do seu amor-próprio, submergir – naufragar", p. 252.
- 271 Original, p. 191, tradução: "Debaixo da terra, debaixo da terra! Cravado naquele seguro ventre macio e subterrâneo, onde não existe procura nem perda de empregos, nem parentes nem amigos para incomodar, onde não há esperança, medo, ambição, honra nem dever — nenhum incômodo ou cobrança", p. 252.
- 272 ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Modern Classics, 2001, p. 134. Tradução: "Eu queria submergir, entrar bem no meio dos oprimidos, ser um deles e ficar do lado deles contra seus tiranos", p. 170.
- 273 ORWELL, *Ibid.* p. 134. Tradução: "Na época, o fracasso me parecia ser a única virtude. Qualquer suspeita de querer progredir, e até mesmo de "vencer" na vida a ponto de ganhar algumas centenas de libras por ano, me parecia algo espiritualmente feio, uma espécie de violência contra os inferiores", p. 170.
- 274 Original, p. 17. Tradução: "O conjunto de distritos industriais é, na verdade, uma única e enorme cidade, com uma população mais ou menos igual à da Grande Londres, mas, felizmente, com uma área muito maior, de forma que mesmo no meio desses distritos ainda há lugar para algumas áreas limpas e decentes.", p. 40.
- 275 Original, p. 17. Tradução: "É um pensamento animador. Apesar dos seus esforços, o homem ainda não conseguiu espalhar sua sujeira por toda parte", p. 40.
- 276 NEWSINGER, John. *Orwell's Politics*. London: MacMillan Press LTD, 1999, p. 24-5.
- 277 Original, p. 29. Tradução: "Praticamente tudo que fazemos, desde tomar um sorvete até atravessar o Atlântico, desde assar um filão de pão até escrever um romance, envolve usar carvão, direta ou indiretamente", p. 53.
- 278 DUARTE, P. "O ensaio como narrativa". In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IX, n. 17 (jul - dez/ 2015), pp. 188-199.
- 279 CRICK, Bernard. *George Orwell: a Life*. Londres: Penguin, 1980, p. 181.
- 280 Original p. 18. Tradução: "a mina é como o inferno, ou pelo menos como a imagem mental que faço do inferno", p. 42.
- 281 WILLIAMS, Raymond. *George Orwell*. New York: The Viking Press, 1971, p. 28.
- 282 *General Manager* da BBC durante os anos de 1922 e 1927, passando a ser *Director General* até 1938.

sumário

- 283 ORWELL, George. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras p. 64.
- 284 E.P. Thompson citando David Marquand (MARQUAND, David. "The New Left at Oxford - Against Hurrying on Down". In: THOMPSON, E. P. *The Manchester Guardian*. Manchester: August 18, 1958.) (Fonte: THOMPSON, E. P. "Inside Which Whale?". In: WILLIAMS, Raymond (ed). *A Collection of Critical Essays*. New Jersey: Prentice Hall, Inc. 1974, p. 80-8)
- 285 CEVASCO, Maria Elisa. "Prefácio". In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras Chave*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 11.
- 286 CEVASCO, *Ibid.* p. 12.
- 287 Termo que emerge de um discurso cultural particular aos anos 1930. Surge em 1925 na revista satírica *Punch* (fonte: DRISCOLL, Beth. *The New Literary Middlebrow: Tastemakers and Reading in the Twenty-First Century*. London: Saffron House, 2014, p. 5). Essa categoria narrativa proliferavam pelas cidades, cunhando também os termos *lowbrow* e *highbrow*, que provém da dualidade entre as formas representacionais da era vitoriana e os novos limites criativos, o que distinguia o público geral dos intelectuais.
- 288 LAITY, Paul (ed.), *Left Book Club Anthology*, London: Gollancz, Wedenfeld & Nicolson, 2001 p. xi.
- 289 WILLIAMS, Raymond. "Observation and Imagination in Orwell". In: WILLIAMS, Raymond (ed). *A Collection of Critical Essays*. New Jersey: Prentice Hall, Inc. 1974, p. 52.
- 290 ZWERDLING, Alex. "The Search for Form: 1930". In: *Orwell and the Left*. New Haven: Yale University Press, 1974 p. 143-76.
- 291 WILLIAMS, *Ibid.* p. 52.
- 292 WILLIAMS, *Ibid.* p. 53.
- 293 STEVENSON, Randall. *The British Novel since the Thirties: An Introduction*. Athens/Georgia: University of Georgia Press, 1986, p. 38.
- 294 SAUNDERS, *Op. Cit.* p. 49.
- 295 CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 185.
- 296 Original p. 13. Tradução: "As refeições na casa dos Brooker eram uniformemente repulsivas (...) O cheiro da cozinha era horroroso", p. 35-6.
- 297 Original p. 13. Tradução: "De manhã recebíamos duas fatias de toucinho e um ovo frito muito branco e pálido, e um pão com manteiga que com frequência fora cortado na noite anterior, e sempre vinha com marcas de polegares (...) Para a ceia havia biscoitos com uma fatia de queijo Lancashire, esbranquiçado e mole", p. 35.
- 298 Original p. 14. Tradução: "uma massa indescritível de poeira e coisas grudentas", p. 36.
- 299 Original p. 14. Tradução: "O que me impressionava é que a pensão devia ser bastante normal em relação a outras naquelas áreas industriais, pois, de modo geral, os inquilinos não reclamavam.", p. 36.
- 300 Original p. 14. Tradução: "uma pensão realmente de classe baixa", p. 36.
- 301 Original p. 14. Tradução: "penico cheio até a borda embaixo da mesa do café da manhã", p. 37.
- 302 SAUNDERS, *Ibid.* p. 124.
- 303 SAUNDERS, *Ibid.* p. 126.
- 304 ORWELL, George. "Review of Tropic of Cancer by Henry Miller; The Wolf at the Door by Robert Francis". In: *The Complete Works*, vol. X, pp. 404-6.
- 305 SAUNDERS, *Ibid.* p. 126.
- 306 Original p. 56. Tradução: "logo lembrei dos canis imundos que tinha visto na Birmânia", p. 82. Uma clara referência à experiência de Orwell na Birmânia como policial imperial, que deu origem ao livro *Dias na Birmânia*.
- 307 Original p. 14-5. Tradução: "No dia em que vi um penico cheio até a borda embaixo da mesa do café da manhã, decidi ir embora. O lugar estava começando a me deixar deprimido. Não era só a sujeira, os cheiros fétidos e a comida nauseabunda, mas a sensação de decadência, de uma estagnação sem sentido, de ter descido a um lugar subterrâneo onde as pessoas se arrastam em círculos, como besouros negros dando voltas, em uma confusão sem fim de empregos vagabundos e rancores mesquinhos. (...) Mas não adianta dizer que pessoas como os Brooker são repugnantes e tentar tirá-las da cabeça. O fato é que existem dezenas delas, centenas de milhares; são um dos subprodutos típicos do

sumário

mundo moderno. Não se pode desconsiderá-las, se aceitarmos a civilização que as produziu. Pois isso também é parte do que o industrialismo fez por nós. (...) É uma espécie de dever ir a esses lugares, vê-los e cheirá-los de vez em quando — especialmente sentir o cheiro deles, para não nos esquecermos de que existem; embora talvez seja melhor não nos demorarmos muito tempo por lá.”, p. 37-8.

- 308** Uma característica marcante da obra orwelliana é o uso dos aspectos sensoriais para descrever uma cena, principalmente o olfativo. Curiosamente, um tipo de odor recorrente na obra de Orwell é o da poeira, que parece simbolizar decadência. Isso pode ser observado ao enfatizar o cheiro de ratos e poeira em *Na Pior em Paris e Londres*; a poeira da terra batida em *Dias na Birmânia*; o odor maléfico e saturado de poeira antiga em *A Clergyman's Daughter*; o cheiro dos livros empoeirados nas prateleiras em *A Flor da Inglaterra*; o odor seco das trincheiras espanholas em *Lutando na Espanha*; o odor úmido e doce das igrejas poeirentas decadentes em *Coming Up for Air*; o fedor da poeira da terra ensanguentada após uma batalha em *A Revolução dos Bichos*; e, finalmente, a rajada de vento frio e poeira que introduz o protagonista de *1984*. Em *O Caminho Para Wigan Pier* a principal ênfase está na poeira do carvão, encontrada em nuvens de poeira preta no subterrâneo das minas, que entope a garganta e o nariz dos trabalhadores.
- 309** MANDER, John. *The Writer and Commitment*. Westport, Connecticut: Praeger, 1975, p. 108. Tradução livre do trecho.
- 310** MANDER, *Ibid.* p. 163.
- 311** MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010 p. 47.
- 312** HOGGART, Richard. “Introduction”. In: *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Modern Classics, 2001, p ix-x.
- 313** HOGGART, *Ibid.* p. ix.
- 314** CANDIDO, *Op. Cit.* p. 184.
- 315** Original, p. 16. Tradução: “pois nas áreas industriais a gente sempre sente que a fumaça e a sujeira vão continuar para sempre e que nenhuma parte da superfície do planeta será capaz de escapar delas. Em uma terrinha suja e superlotada como a nossa Inglaterra, a gente quase acha natural que as coisas sejam conspurcadas”, p. 39.
- 316** Original, p. 83. Tradução: “a máxima de Napoleão: “Um exército marcha com o estômago” (...) O ser humano é, em primeiro lugar, um saco para se colocar comida; as outras funções e faculdades podem ser mais divinas, mas, na ordem das prioridades, vêm depois.”, p. 113.
- 317** Original, p. 15-6. Tradução: “O trem me levou embora, através do monstruoso cenário de montanhas de escória de carvão, chaminés, pilhas de ferro-velho, canais imundos, caminhos feitos de barro e cinzas, atravessados por incontáveis marcas de tamancos. Já era março, mas o tempo estava horrivelmente frio e por toda parte havia montes de neve enegrecida. Enquanto passávamos devagar pela periferia da cidade, víamos fileira após fileira de casinhas cinzentas de favela saindo em ângulo reto das margens dos canais. No fundo de uma das casas, uma moça ajoelhada no chão de pedras enfiava um pedaço de pau no cano de esgoto que vinha da pia dentro de casa, e que devia estar entupido. Tive tempo de vê-la muito bem — o avental feito de pano de saco, os tamancos grosseiros, os braços vermelhos de frio. Levantou a vista quando o trem passou, e eu estava tão perto que quase encontrei seu olhar. Tinha a cara redonda e pálida, o habitual rosto exausto da jovem favelada de 25 anos que parece ter quarenta por causa dos abortos e do trabalho pesado; um rosto que mostrava, naquele segundo em que passou por mim, a expressão mais infeliz e desconsolada que jamais vi. Percebi no mesmo instante que nos enganamos quando dizemos: “Para eles não é a mesma coisa que seria para nós”, supondo que as pessoas criadas na favela não conseguem imaginar nada mais do que a favela. Pois aquilo que vi em seu rosto não era o sofrimento ignorante de um animal. Ela sabia muito bem o que estava lhe acontecendo — compreendia tão bem como eu que terrível destino era esse, ficar de joelhos naquele frio terrível, no chão de pedras úmidas do quintal de uma favela, enfiando uma vareta em um cano de escoamento imundo, entupido de sujeira.”, p. 38-9.

sumário

- 318 PARK, Robert *apud* HARVEY, David. "The right to the city". In: *New Left Review*, 53, set./ out., 2008, p. 23-40.
- 319 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Marx-Engels Collected Works, Volume 35 - Marx Capital Volume I*. London: Lawrence & Wishart, 1983, p. 748.
- 320 GABRIEL, Mary. *Amor e Capital - A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 186.
- 321 ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 65.
- 322 ENGELS, *Op. Cit.*, p. 73.
- 323 EAGLETON, *Op. Cit.*, p. 98.
- 324 ENGELS, *Op. Cit.* p. 102.
- 325 Original, p. 29. Tradução: "Os subterrâneos onde se escava o carvão são uma espécie de mundo à parte, e é fácil viver toda uma vida sem jamais ouvir falar dele", p. 53.
- 326 Original, p. 18. Tradução: "a mina (...) é como o inferno, ou pelo menos como a imagem mental que faço do inferno. A maioria das coisas que a gente imagina que existam no inferno está ali — calor, barulho, confusão, escuridão, ar fétido e, acima de tudo, um aperto insuportável.", p. 42.
- 327 ENGELS, *Op. Cit.*, p. 155.
- 328 Original, p. 134. Tradução: "Eu queria submergir, entrar bem no meio dos oprimidos, ser um deles e ficar do lado deles contra seus tiranos", p. 170.
- 329 RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere - Livro I*. São Paulo: Editora Record, 2002, p. 219.
- 330 Original, p. 29. Tradução: "Não sou um trabalhador braçal — e por favor, Deus me livre, jamais quero ser (...) não haveria esforço nem treinamento concebível capazes de me preparar para ser mineiro; esse trabalho me mataria em poucas semanas.", p. 53.
- 331 Original, p. 86. Tradução: "Quanto às estatísticas vitais, sabe-se que em qualquer grande cidade industrial os índices de mortalidade, tanto geral como infantil, nos bairros mais pobres são sempre mais ou menos o dobro dos dos bairros ricos", p. 119.
- 332 GABRIEL, *Op. Cit.* p. 94.
- 333 HORKHEIMER, *apud* EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 45.
- 334 Original p. 20. Tradução: "a poeira de carvão que entope a garganta e as narinas e se acumula nas pálpebras", p. 43.
- 335 Original p. 21. Tradução: "Quando você sai do elevador lá no fundo, sempre abaixado, está a cerca de quatrocentos metros abaixo da terra. Quer dizer, há uma montanha de bom tamanho em cima de você; centenas de metros de rocha sólida, ossos de animais extintos, terra, sílex, raízes de coisas que crescem, depois a grama verde e vacas pastando — tudo isso suspenso sobre a sua cabeça, e sustentado apenas por esteios de madeira da grossura da barriga da perna. Mas, por causa da velocidade com que o elevador o trouxe para baixo, na mais completa escuridão, você não sente que está muito mais fundo do que se estivesse pegando o metrô na estação Picadilly. O surpreendente, porém, são as imensas distâncias horizontais que é preciso percorrer embaixo da terra. Antes de descer a uma mina, eu imaginava vagamente um mineiro saindo do elevador e começando a trabalhar em um veio de carvão a poucos metros de distância. Nunca tinha me dado conta de que, antes de sequer chegar ao local de trabalho, ele tem que percorrer, abaixado, passagens que podem ser tão longas como a distância entre a Ponte de Londres e Oxford Circus. (...) Essas distâncias, porém, não têm relação alguma com as da superfície, pois em todo esse trajeto de dois ou quatro quilômetros, seja lá o que for, quase não há nenhum lugar fora da galeria principal — e mesmo ali, raramente — onde um homem possa ficar em pé com as costas retas.", p. 47.
- 336 Original p. 21. Tradução: "Você entra no elevador, que é uma caixa de aço mais ou menos da largura de uma cabine telefônica, com o dobro ou triplo de comprimento.", p. 44. Infelizmente na tradução a imagem do ascensor retratado no original como uma gaiola se perde com o uso do vocábulo elevador.
- 337 Original p. 25. Tradução: "falamos desse negócio terrível de ter que andar abaixado no trajeto de ida e volta (...) não é considerado parte do trabalho do mineiro, em absoluto; é apenas um extra, tal como a viagem diária de metrô de um funcionário da City de Londres", p. 49.

sumário

- 338 SCHWEIZER, Bernard. *Radicals on the Road: the politics of English Travel Writing in the 1930s*. Charlottesville: University Press of Virginia, 2001, p. 26.
- 339 Original p. 24. Tradução: "Você pede um tempo, muito envergonhado, e diz que gostaria de descansar um ou dois minutos. Seu guia (um mineiro) compreende o problema. Ele sabe que seus músculos não são iguais aos dele.", p. 47-8.
- 340 SAUNDERS, *Op. Cit.* p. 48.
- 341 SAUNDERS, *Ibid.* p. 48.
- 342 SAUNDERS, *Ibid.* p. 49.
- 343 EAGLETON, Terry. *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 83.
- 344 Original p. 29-31. Tradução: "Observando os mineiros trabalharem, você percebe, por um breve instante, como são diferentes os universos habitados por diferentes pessoas. (...) É provável que a maioria das pessoas até prefira não ouvir falar dele. E, contudo, esse mundo é a contraparte indispensável do nosso mundo da superfície. Praticamente tudo que fazemos, desde tomar um sorvete até atravessar o Atlântico, desde assar um filão de pão até escrever um romance, envolve usar carvão, direta ou indiretamente. (...) Porém, de modo geral, não temos consciência disso; todos sabemos que "precisamos de carvão", mas raramente, ou nunca, nos lembramos de tudo o que está envolvido no processo para se obter carvão. (...) É só muito raramente, quando faço um esforço mental bem definido, que estabeleço a conexão entre esse carvão e o penoso trabalho realizado lá longe, nas minas. É apenas "carvão", algo que eu preciso ter, uma coisa negra que chega misteriosamente, vinda de nenhum lugar em especial, como o maná, só que devemos pagar por ele. (...) O mundo deles lá embaixo, iluminado por suas lâmpadas, é tão necessário para o mundo da superfície, da luz do dia, como a raiz é necessária para a flor. (...) E mesmo hoje, se não fosse possível produzir carvão sem mulheres grávidas para arrastá-lo de lá para cá, imagino que deveríamos deixá-las fazer isso, e não nos privar de carvão. Mas a maior parte do tempo, é claro, gostaríamos de esquecer que elas estão lá embaixo fazendo isso. O mesmo acontece com todos os tipos de trabalho manual; eles nos mantêm vivos e nos esquecemos totalmente de sua existência. Mais do que qualquer outro, talvez, o mineiro é o típico trabalhador manual, não só porque seu trabalho é tão absurdamente horrível, mas também porque é tão vitalmente necessário, e, no entanto, tão distante da nossa experiência, tão invisível, por assim dizer, que somos capazes de esquecê-lo, tal como nos esquecemos do sangue que corre em nossas veias. (...) É até humilhante, de certa forma, ver os mineiros trabalhando. É algo que desperta em você uma dúvida momentânea sobre seu status de "intelectual" e pessoa superior de modo geral. (...) É só por causa dos mineiros, que suam e botam os bofes para fora, que as pessoas superiores podem continuar superiores.", p. 53-5.
- 345 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Hucitec, 1991, p. 45.
- 346 SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia - ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 220.
- 347 SCHWEIZER, *Op. Cit.* p. 28.
- 348 ANTUNES, Ricardo. *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 08.
- 349 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 103.
- 350 SCHWEIZER, *Op. Cit.* p. 28.
- 351 TROTSKY, Leon. *The Intelligentsia and Socialism*. London: New Park Publications, 1974, p. 1.
- 352 CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008, p. 31.
- 353 MARX & ENGELS *Op. Cit.* p. 45.
- 354 EAGLETON, *Op. Cit.* p. 83.
- 355 Original, p. 38-9. Tradução: "Ao mesmo tempo, qual a quantidade média de carvão produzida por um mineiro? (...) Em 1914 cada mineiro produzia, em média, 253 toneladas; em 1934 já produzia 280 toneladas. (...) Mesmo considerando que 280 toneladas seja um número representativo, vale notar que tremenda façanha é essa. Pode-se ter uma ideia melhor comparando a produção de um mineiro com a de outra pessoa. Se eu viver até os sessenta anos, provavelmente produzirei trinta romances, ou seja, o suficiente para encher duas prateleiras de tamanho médio de uma biblioteca. Nesse mesmo período, um

sumário

mineiro médio produz 8400 toneladas de carvão — o suficiente para pavimentar Trafalgar Square inteira com meio metro de profundidade ou para abastecer sete famílias grandes por mais de cem anos.”, p. 63-4.

- 356** NEWSINGER, John. *Orwell's Politics*. London: Macmillan Press LTD, 1999, p. 33-4.
- 357** MARX, Karl. *O Capital [Livro I] crítica da economia política. O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 157.
- 358** HARVEY, David. *Para entender o capital. - Livro I*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 26.
- 359** HARVEY, *Ibid.* p. 26.
- 360** TROTSKY, *Op. Cit.* p. 2.
- 361** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 98.
- 362** EAGLETON, *Ibid.* p. 98.
- 363** CHOMSKY, Noam. *The Responsibility of Intellectuals*. New York: The New Press, 2017, p. 16.
- 364** CHOMSKY, *Ibid.* p. 16.
- 365** GABRIEL, *Op. Cit.* p. 35.
- 366** MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 85.
- 367** MARX, Karl. *Ibid.* p. 85.
- 368** CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: *Textos de Intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 82.
- 369** CANDIDO, *Ibid.* p. 81.
- 370** AMDT, Heinz Wolfgang. *The economic lessons of the 1930s*. New York: Frank Cass And Company Limited, 2013, p. 250.
- 371** Original p. 67. Tradução: “é um erro imaginar que isso significa que 2 milhões de pessoas estão desempregadas enquanto o resto da população está comparativamente bem de vida”, p. 96.
- 372** Original p. 67. Tradução: “Se contarmos todos os seus dependentes e acrescentarmos, como antes, os aposentados por idade, os indigentes e outros de qualificação incerta, teremos uma população subnutrida de mais de 10 milhões”, p. 96.
- 373** CASSON, Mark. *Economics of Unemployment: an historical perspective*. Cambridge Massachusetts: The MIT Press, 1983, p. 33.
- 374** CONSTANTINE, *Op. Cit.* p. 12.
- 375** Original, p. 78. Tradução: “Quando há 250 mil mineiros desempregados, faz parte da ordem natural das coisas que Alf Smith, um mineiro que mora em uma das vielas traseiras de Newcastle, esteja desempregado. Alf é apenas um desses 250 mil, uma unidade estatística.”, p. 107.
- 376** Original p. 78. Tradução: “Mas nenhum ser humano acha fácil ver a si mesmo como uma unidade estatística. Enquanto Bert Jones, do outro lado da rua, continuar trabalhando, Alf vai se sentir desonrado e fracassado”, p. 107.
- 377** Original p. 76. Tradução: “Deveríamos enfrentar a realidade — o fato é que vários milhões de homens na Inglaterra, a menos que estoure outra guerra, jamais terão um emprego de verdade neste mundo.”, p. 106.
- 378** Original p. 74-5. Tradução: “Mas não há dúvida quanto ao efeito mortal, debilitante do desemprego sobre qualquer um, seja solteiro ou casado, e sobre os homens mais do que as mulheres. O melhor dos intelectos não consegue suportar a situação. (...) para escrever um livro é preciso ter não só conforto e solidão — e a solidão nunca é fácil de conseguir em uma casa da classe trabalhadora —, mas é preciso ter também paz de espírito. Você não consegue se fixar em nada, não consegue invocar o espírito da esperança, no qual qualquer coisa tem que ser criada, com a nuvem do desemprego, tediosa e maligna, pairando sobre sua cabeça.”, p. 103.
- 379** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 100.
- 380** EAGLETON, *Ibid.* p. 100.
- 381** GRAY, John. *Falso amanhecer: os equívocos do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 111.
- 382** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 34.
- 383** GABRIEL, *Op. Cit.* p. 211.

sumário

- 384 Original p. 78. Tradução: “‘todos eles poderiam encontrar emprego, se quisessem’ e, naturalmente, essas opiniões iam se infiltrando até a classe operária”, p. 107.
- 385 Original p. 78. Tradução: “Era essa a atitude para com o desemprego naquele tempo: era um desastre que acontecia com você, como indivíduo, e do qual você tinha a culpa.”, p. 107.
- 386 CHOMSKY, Noam. *Necessary illusions: thought control in democratic societies*. (The Massey Lectures Series) Toronto: House of Anansi Press Inc, 2003, p. 23.
- 387 CHOMSKY, *Ibid.* p.76.
- 388 CASSON, *Op. Cit.* p. 33.
- 389 Original p. 79-80. Tradução: “Afinal, até mesmo a classe média — sim, até mesmo os clubes de bridge no interior — está começando a perceber que existe realmente uma coisa chamada “desemprego”. Toda aquela conversa do tipo (...) Eles não querem trabalhar, isso que é!” — essa conversa, que se ouvia muito cinco anos atrás em todas as mesas de chá das cinco, está ficando sensivelmente mais rara. E, quanto à própria classe operária, ela ganhou imensamente em informações econômicas. (...) Nas vielas traseiras de Wigan e Barnsley, vi todo tipo de privação, mas provavelmente vi muito menos miséria consciente do que veria há dez anos. As pessoas já perceberam que o desemprego é uma coisa que elas não conseguem evitar. Não é só Alf que está sem trabalho; Bert Jones também não tem, e os dois estão parados há anos. Faz muita diferença quando as coisas são iguais para todos. (...) Um operário não se desintegra sob o estresse da pobreza, como acontece com uma pessoa de classe média. (...) eles percebem que perder o emprego não significa que você deixa de ser um ser humano. Assim, sob esse aspecto as coisas não são tão ruins como poderiam ser nas regiões atingidas. A vida continua bastante normal — mais do que realmente teríamos o direito de esperar. As famílias empobreceram, mas o sistema familiar não se rompeu. As pessoas estão vivendo, na verdade, uma versão reduzida de sua vida anterior. Em vez de invectivar contra o destino, tornam as coisas toleráveis diminuindo seu padrão de vida.”, p. 108-9.
- 390 MCKIBBIN, Ross. *Class and Cultures: England 1918 – 1951*. New York: Oxford University Press, 1998, p. 112.
- 391 BOTTOMORE, Tom. “Classe média” In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 65.
- 392 MCKIBBIN, *Ibid.* p. 112.
- 393 MCKIBBIN, *Ibid.* p. 107.
- 394 HOBSBAWM, *Op. Cit.* p. 95.
- 395 EAGLETON, *Op. Cit.* p. 98.
- 396 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 61.
- 397 HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos, o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20.
- 398 Original p. 82. Tradução: “Vinte milhões de pessoas estão subnutridas, mas praticamente todo mundo na Inglaterra tem acesso a um rádio”, p. 111.
- 399 Original p. 82. Tradução “estranho espetáculo da moderna ciência da eletricidade fazendo chover milagres em cima de gente de barriga vazia”, p. 111.
- 400 Original p. 82. Tradução: “Portanto, às vezes nos dizem que tudo isso é uma manobra astuta da classe governante, uma espécie de “pão e circo”, para controlar e subjugar os desempregados”, p. 112.
- 401 FINNEY, Ross L. “Unemployment: An Essay in Social Control”. In: *Social Forces*. Oxford: Oxford University Press, Vol. 5, No. 1, 1926, p. 147.
- 402 FINNEY, *Ibid.* p. 148.
- 403 Original p. 82. Tradução: “a interação natural entre a necessidade dos fabricantes de ter mercado e a necessidade dos famintos de ter paliativos baratos”, p. 112.
- 404 ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 315.
- 405 MARX, Karl. *O Capital [Livro I] crítica da economia política. O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 505.

sumário

- 406 MARX, Karl. *Teorias da Mais Valia – História Crítica do Pensamento Econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 401.
- 407 Original p. 107. Tradução: “Há muita coisa na vida da classe média que parece doentia e debilitante do ponto de vista da classe operária.”, p. 138.
- 408 Original p. 100. Tradução: “É importante lembrar disso, pois sempre existe a tentação de pensar que o industrialismo é inofensivo contanto que seja limpo e bem organizado”, p. 132.
- 409 Original p. 105. Tradução: “Por consequência, como não há uma pequena aristocracia para ditar o ritmo das mudanças, a transformação da classe operária em burguesia, embora esteja ocorrendo no Norte, ocorre mais devagar lá.”, p. 136-7.
- 410 GOLDTHORPE, John H., et al. “The Affluent Worker and the Thesis of Embourgeoisement: Some Preliminary Research Findings.” *Sociology*, vol. 1, no. 1, Jan. 1967, p. 12.
- 411 MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007 p. 47.
- 412 Original p. 110. Tradução: “(...) o essencial do sistema inglês de classes é que ele não se explica inteiramente em termos de dinheiro. De modo geral, é uma estratificação monetária, mas também é interpenetrado por uma espécie de sistema de castas que atua nas sombras; mais ou menos como um bangalô moderno meio desconjuntado, assombrado por fantasmas medievais”, p. 144.
- 413 HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 2.
- 414 Original p. 110. Tradução: “sempre é preciso levar em conta também as tradições”, p. 144.
- 415 Original p. 111. Tradução: “Mas antes da guerra a classe média alta, embora já não tão próspera, ainda se sentia segura de si. Antes da guerra, ou você era um cavalheiro ou não era; e se fosse um cavalheiro, se esforçava para comportar-se como tal, qualquer que fosse a sua renda. (...) Provavelmente a marca mais característica da classe média alta é que suas tradições não eram comerciais, em absoluto, mas sobretudo militares, administrativas e profissionais. As pessoas dessa classe não possuíam terras, porém sentiam-se proprietários rurais perante os olhos de Deus e mantinham uma postura semiaristocrática partindo para as profissões liberais e entrando nas Forças Armadas, e não no comércio. (...) Pertencer a essa classe ganhando só quatrocentas libras por ano era algo esquisito, pois a sua fidalguia era mais teórica. Viviam-se, por assim dizer, em dois níveis ao mesmo tempo. Teoricamente você sabia tudo sobre os criados e como lhes dar gorjeta, embora na prática só tivesse um, ou no máximo dois criados residentes. Teoricamente você sabia como se vestir e como pedir um jantar, embora na prática nunca pudesse pagar um alfaiate decente ou um restaurante decente. (...) Por esse motivo a Índia (e mais recentemente o Quênia, a Nigéria etc.) serviu de atração para a camada inferior da classe média alta. Os ingleses que para lá iam como soldados e oficiais não iam para ganhar dinheiro, (...) iam porque na Índia, com os cavalos baratos, livre acesso à caça e hordas de criados negros, era fácil brincar de ser cavalheiro.”, p. 145-6.
- 416 Carta de Marx para Engels, datada de 22 fevereiro de 1858, In: MARX, Karl & ENGELS, Frederick. *Marx-Engels Collected Works, Volume 40 - Marx and Engels: Letters: 1856-1859*. London: Lawrence & Wishart, 1983, p. 273.
- 417 KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC Rio, 2006, p. 105.
- 418 TROTSKY, Leon. *Questões do modo de vida – a moral deles e a nossa*. São Paulo: Sundermann, 2009.
- 419 KOSELLECK, Op. Cit. p. 106.
- 420 Original p. 116. Tradução: “Para a verdadeira burguesia, os que estão na faixa dos 2 mil por ano ou mais, seu dinheiro é um acolchoado, uma grossa camada que os separa da classe que eles saqueiam.”, p. 83.
- 421 Original p. 112. Tradução: “é muito diferente para o pobre-diabo lá embaixo, que luta para levar uma vida de cavalheiro com uma renda praticamente de operário. Esses são obrigados a ter um contato próximo, e de certa forma até íntimo, com a classe trabalhadora”, p. 147.
- 422 Original p. 112. Tradução: “uma atitude de superioridade e desprezo, pontuada por explosões de ódio feroz”, p. 147.
- 423 ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 307.

sumário

- 424 ENGELS, *Ibid.* p. 307.
- 425 Original p. 141. Tradução: “sempre existe aquela maldita coceira da diferença de classes, tal como o grão de ervilha embaixo do colchão de que fala o conto de fadas”, p. 178.
- 426 Original p. 115-8. Tradução: “verdadeira razão pela qual um europeu de educação burguesa (...) não consegue, sem muito esforço, pensar em um operário como seu igual. Resume-se em quatro palavras terríveis, que hoje as pessoas têm escrípulos em dizer, mas que eram ditas com muita liberdade na minha infância. Essas palavras são: A classe baixa fede. (...) Pois quando se trata de gostar ou não gostar, nenhum sentimento é tão fundamental como um sentimento físico. O ódio racial, o ódio religioso, as diferenças de educação, temperamento, intelecto, até as diferenças nos códigos morais — tudo isso pode ser superado, mas não a repugnância física. (...) Bem, mas será que as classes inferiores fedem mesmo? É claro que, analisadas em conjunto, são mais sujas do que as classes superiores. E têm que ser, considerando as circunstâncias em que vivem, pois até hoje menos da metade das casas da Inglaterra tem banheiro. (...) Mas o essencial é que as pessoas da classe média acreditam que a classe operária é suja — vemos na passagem acima que o próprio Maugham acredita — e, o que é pior, que essa sujeira deles é, de algum modo, inerente a eles.”, p. 147-8.
- 427 SAUNDERS, *Op. Cit.* p. 141.
- 428 SAUNDERS, *Ibid.* p. 35.
- 429 BLUEMEL, Kristin. *George Orwell and the Radical Eccentrics: Intermodernism in Literary London*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004, p. 5.
- 430 Original p. 33. Tradução: “Para eles é quase impossível se lavar bem em sua própria casa. (...) Pessoas da classe média gostam de dizer que os mineiros não se lavariam direito nem que pudessem, mas isso é um absurdo.”, p. 58.
- 431 BOTTOMORE, *Op. Cit.* p. 361.
- 432 MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 47.
- 433 EAGLETON, *Op. Cit.* p. 37.
- 434 BENJAMIN, *Op. Cit.* p. 136-7.
- 435 Original p. 102. Tradução: “opini[ões] avançada[s]”, p. 133.
- 436 Original, p. 118. Tradução: “Para se livrar das distinções de classe, é preciso primeiro compreender de que modo uma classe aparece aos olhos da outra.”, p. 153.
- 437 Original p. 205. Tradução: “Assume-se tacitamente que não há ninguém entre um e outro; e a verdade, claro, é que em um país como a Inglaterra cerca de um quarto da população está nessa faixa intermediária”, p. 247.
- 438 Original, p. 169. Tradução: “pessoas sensíveis”, p. 247.
- 439 Original, p. 118. Tradução: “Você não passará daí se não perceber que o esnobismo está entrelaçado com uma espécie de idealismo”, p. 153.
- 440 Original, p. 118. Tradução: “Isso provém do início do treinamento da criança de classe média, quando você aprende, quase simultaneamente, a lavar o pescoço, a estar pronto a morrer pela pátria e a desprezar as ‘classes inferiores’”, p. 153.
- 441 Original p. 123. Tradução: “E, assim — veja você —, ele continua reagindo conforme o treinamento de sua infância, quando foi ensinado a odiar, temer e desprezar a classe operária.”, p. 158.
- 442 Original, p. 203. Tradução: “a questão de classe, distinta do mero status econômico, deve ser encarada de modo mais realista do que ocorre hoje”, p. 245.
- 443 LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 170.
- 444 LUKÁCS, *Ibid.* p. 174-5.
- 445 Original p. 142-6. Tradução: “Todos nós invectivamos contra as distinções de classe, mais muito pouca gente deseja seriamente que elas sejam abolidas (...) esse desejo não tem eficácia se você não compreender bem tudo que ele implica (...) abolir as divisões de classe significa abolir uma parte de você mesmo”, p. 180-3.
- 446 NEWSINGER. *Op. Cit.* p. 33-4.

sumário

- 447 Original, p. 145-208. Tradução: "Aqui estou eu, um membro típico da classe média. Para mim é fácil dizer que desejo que as distinções de classe desapareçam, mas quase tudo que penso e faço é resultado das distinções de classe. Todos as minhas ideias — meus conceitos sobre o bem e o mal, o agradável e o desagradável, o engraçado e o sério, o feio e o bonito — são, essencialmente, conceitos de classe média; meu gosto para livros, comida, roupas, meu senso de honra, minhas boas maneiras à mesa, as expressões que uso ao falar, meu sotaque, até mesmo os movimentos característicos do meu corpo, são produtos de certo tipo de educação e de certo nicho que fica mais ou menos na metade da hierarquia social (...) Aqui estou, por exemplo, com uma educação burguesa e uma renda de operário. A qual classe pertencem? Economicamente pertencem à classe operária, mas para mim é quase impossível me considerar qualquer coisa que não um membro da burguesia. E, supondo que eu tivesse que adotar um lado, ao lado de quem eu deveria me posicionar? Da classe superior, que está tentando me espremer até eliminar a minha existência, ou da classe trabalhadora, cujos costumes não são os meus? É provável que eu, em qualquer questão importante, escolhesse o lado da classe trabalhadora. (...) Economicamente, estou no mesmo barco com o mineiro de carvão, o operário braçal e o trabalhador rural; basta que alguém me lembre disso e irei lutar ao lado deles. Mas culturalmente sou diferente do mineiro, do operário braçal e do trabalhador rural; e, se você enfatizar esse aspecto, pode acabar me armando contra eles. Se eu fosse uma anomalia solitária, isso não teria importância, mas o que vale para mim vale para incontáveis outras pessoas. (...) Eles são a classe média que vai afundando, e a maioria deles se aferra à sua superioridade, sob a impressão de que ela os mantém com a cabeça fora d'água.", p. 183-250.
- 448 EAGLETON, Terry. *Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 30.
- 449 GRAY, *Op. Cit.* p. 12.
- 450 MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Global, 1985, p. 159.
- 451 Original, p. 162. Tradução: "a revolução não significa um movimento de massas ao qual eles esperam se associar; significa um conjunto de reformas que "nós", os inteligentes, vamos impor a "eles", as ordens inferiores.", p. 201.
- 452 Original, p. 153. Tradução: "Nem é preciso observar que nesse momento estamos em uma situação muito grave, tão grave que até as pessoas mais burras acham difícil não tomar conhecimento do que se passa.", p. 192.
- 453 LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou revolução*. Londres: Militant Publications, 1986. (Fonte: https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref_rev/index.htm#pref)
- 454 Original, p. 122-3. Tradução: "Mas o que dizer do homem de classe média cujos pontos de vista não são reacionários, e sim "avançados"? Por baixo da sua máscara revolucionária, será que ele é, realmente, tão diferente do outro? Um homem de classe média abraça o socialismo e talvez até entre no Partido Comunista. Que diferença real será que isso faz? É claro que, vivendo no esquema da sociedade capitalista, ele tem que continuar ganhando a vida, e não se pode culpá-lo se ele se apegar a seu status econômico burguês. Mas será que há alguma mudança em seus gostos, em seus hábitos, em suas maneiras, no seu repertório imaginativo — em sua "ideologia", para usar o jargão comunista? Será que há nele alguma mudança, exceto que ele agora vota no Partido Trabalhista ou, quando possível, no Comunista? (...) Enquanto isso, toda pessoa que usa o cérebro sabe que o socialismo, como sistema mundial posto em prática com entusiasmo, é uma saída. Garantiria, pelo menos, que conseguíssemos o suficiente para comer, mesmo que nos privasse de tudo o mais. De fato, desse ponto de vista o socialismo é de uma sensatez tão elementar que às vezes fico espantado ao ver que ele ainda não se estabeleceu.", p. 157 e 193-4.
- 455 GABRIEL, *Op. Cit.* p. 73.
- 456 MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 33.
- 457 GABRIEL, *Op. Cit.* p. 72.
- 458 EAGLETON, *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 114.
- 459 EAGLETON, *Ibid.* p. 114.
- 460 EAGLETON, *Ibid.* p. 114.
- 461 PAWEL, Ernst. *The Poet Dying: Heinrich Heine's Last Years in Paris*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1995, p.126 In: GABRIEL, *Op. Cit.* p. 73.

sumário

- 462 LENIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a Revolução*. Campinas: Navegando Publicações, 2011, p. 60.
- 463 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Marx-Engels Collected Works, Volume 35 - Marx Capital Volume I*. London: Lawrence & Wishart, 1983, p. 307.
- 464 MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 86.
- 465 Dentro do espectro progressista apenas alguns setores da esquerda inglesa consideravam o socialismo como uma alternativa política – instituições políticas como o *Labour Party*, o *Independent Labour Party* e o *Communist Party of Great Britain*, alguns círculos de escritores e críticos literários e suas publicações, e outros poucos acadêmicos das grandes universidades. Toda essa articulação parece muito distante da realidade mundana do trabalhador, não passando de discussões isoladas, que vão ter um destaque um pouco maior nos anos 1930 por conta da crise econômica, em que os escritos de Marx e Engels fazem um retorno na esfera intelectual, assim como a questão da derrota do *Labour Party* em 1931 no Parlamento. Além disso, vale destacar que o olhar da organização partidária dessa época, principalmente no que envolve o CPGB, ainda está mergulhado na influência soviética do regime stalinista, que sofrerá uma ruptura apenas em 1956. (Para mais informações sobre a desestalinização dos partidos comunistas na Europa vide: KHRUSHCHEV, Nikita. *Speech to 20th Congress of the C.P.S.U.* February 24-25 1956 In: <https://www.marxists.org/archive/khrushchev/1956/02/24.htm> acesso em 28/06/2019; e THOMPSON. E. P. *Socialism and Intellectuals*. Universities and Left Review, Volume 1, no 1, Spring 1957, In: <https://www.marxists.org/archive/thompson-ep/1957/socialism-intellectuals.htm> acesso em 28/06/2019.)
- 466 Original, p. 155. Tradução: “o socialismo, na forma como nos é apresentado, tem em si, de forma inerente, algo de repulsivo — algo que afasta justamente as pessoas que deveriam estar acorrendo para apoiá-lo”, p. 194.
- 467 Original, p. 156. Tradução: “A primeira coisa que impressiona qualquer observador externo é que o socialismo, em sua forma desenvolvida, é uma teoria inteiramente restrita à classe média”, p. 195.
- 468 Original, p. 76. Tradução: “Os desempregados (...) desses que cumprimentam tocando a pala do boné — aquele tipo que diz a você, com uma voz toda untuosa, que é da “Temperança”, não bebe e vota nos conservadores.”, p. 104-5.
- 469 Original, p. 158. Tradução: “socialistas de classe média, embora em teoria almeje uma sociedade sem classes, se agarra como cola-tudo aos seus miseráveis fragmentos de prestígio social”, p. 197.
- 470 DUTT, Palme. *Capitalism or Socialism in Britain? An examination of the crisis of capitalism in Britain and the issues before the working class*. London: Communist Party of Great Britain, 1931, p. 2.
- 471 ENGELS, Friedrich. *Introdução à edição de 1891 de Trabalho Assalariado e Capital*. Lisboa: Editorial Avante, p. 148.
- 472 ENGELS, *Ibid.* p. 149.
- 473 EAGLETON, *Op. Cit.* p. 36.
- 474 EAGLETON, *Op. Cit.* p. 21.
- 475 DUTT, *Ibid.* . p. 10.
- 476 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. “Population, crime and pauperism”. In: *Marx and Engels Collected Works Volume 16*. London: Lawrence & Wishart, 1983, p. 489.
- 477 Original, p. 159-162. Tradução: “Deve-se lembrar que um trabalhador, enquanto continua sendo um genuíno trabalhador, raramente, ou nunca, é um socialista no sentido completo (...) mas sua concepção de socialismo é muito diferente da que tem o socialista mais acima, treinado nos livros. Para o trabalhador comum, do tipo que se encontra em qualquer bar no sábado à noite, socialismo não significa muito mais do que um salário maior, menos horas de trabalho e ninguém mandando em você (...) Entretanto, pela minha experiência, nenhum trabalhador genuíno capta as implicações mais profundas do socialismo. Muitas vezes, na minha opinião, ele é um socialista mais verdadeiro do que o marxista ortodoxo, porque ele se lembra muito bem daquilo que o outro costuma esquecer: que socialismo significa justiça e condições decentes. Mas o que ele não percebe é que o socialismo não pode ser reduzido à mera justiça econômica e que uma reforma dessa magnitude decerto vai operar mudanças imensas na nossa civilização e

sumário

no modo de vida dele próprio. (...) Quanto ao lado filosófico do marxismo — aquele que faz seus malabarismos, como quem esconde a ervilha debaixo de um copinho, com aquelas três entidades misteriosas, a tese, a antítese e a síntese —, jamais encontrei um operário que tivesse o mínimo interesse por isso tudo. Claro que muita gente de origem trabalhadora é socialista do tipo teórico e livresco. Mas eles nunca continuaram sendo trabalhadores; isto é, não trabalham com as mãos. Pertencem ou àquele tipo que mencionei no capítulo anterior, o que consegue se infiltrar na classe média por meio da intelligentsia literária, ou ao tipo que se torna deputado do Partido Trabalhista ou uma autoridade sindical. (...) Sobre o socialista teórico, treinado nos livros, pode-se dizer, porém, que, mesmo não sendo ele próprio um operário, pelo menos é motivado pelo amor à classe operária. Está se esforçando para abandonar seu status de burguês e lutar ao lado do proletariado — é óbvio que deve ser esse o seu motivo. (...) A verdade é que para muita gente que se define como socialista, a revolução não significa um movimento de massas ao qual eles esperam se associar; significa um conjunto de reformas que “nós”, os inteligentes, vamos impor a “eles”, as ordens inferiores”, p. 198-201.

- 478** MARX, Karl. *O Capital [Livro I] crítica da economia política. O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 428.
- 479** MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 47.
- 480** MARX, *Ibid.*, p. 47.
- 481** HOLLOWAY, John. “A Note on Alienation”. *Historical Materialism*, nº 1, outono, London School of Economics, Londres, 1997, p. 148.
- 482** MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Selected Correspondence*. Moscow: Progress Publishers, 1975, p. 390-1.
- 483** MARX, Karl. “Theses on Feuerbach” *In: Marx and Engels Collected Works Volume 5*. London: Lawrence & Wishart, 1976, p. 3.
- 484** GABRIEL, *Op. Cit.* p. 94.
- 485** ORWELL, George. “Inside the Whale” *In: Essays*. London: Everyman’s Library, 2002, p. 237. Tradução: “Quase todos os escritores influentes da década de 1930 pertenciam à classe média emancipada e moderada (...) só é possível para um tipo de pessoa que está sempre em algum outro lugar quando apertam o gatilho”, p. 65.
- 486** GRAMSCI, Antonio. *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. New York: International Publishers, 1992, p. 102-3.
- 487** BOURDIEU, Pierre. *A Distinção – crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007, p. 56.
- 488** THOMPSON, E. P. *Socialism and Intellectuals*. Universities and Left Review, Volume 1, no 1, Spring 1957.
- 489** THOMPSON, *Ibid.*
- 490** Original, p. 150. Tradução: “E, assim, o encontro do proletário com o burguês, quando conseguem se encontrar, nem sempre é um abraço de irmãos há longo tempo separados; com muita frequência é um choque de culturas extremamente diferentes, que só podem se encontrar em tempos de guerra.”, p. 188.
- 491** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 36.
- 492** Original, p. 152. Tradução: “No fim você vai ter que largar mão do esnobismo; mas é fatal fingir que largou mão dele antes de estar realmente pronto para isso”, p. 190.
- 493** Original p. 151-2. Tradução: “Assim, é este o resultado da maioria dos encontros entre proletário e burguês; eles deixam a nu um antagonismo real, intensificado pelos clichês do “proletariado”, os quais também são produto de contatos forçados entre as classes. (...) No fim você vai ter que largar mão do esnobismo. (...) Talvez uma sociedade sem classe não signifique um estado de coisas beatífico, em que todos vamos continuar nos comportando exatamente como antes, só que não haverá ódio de classes nem esnobismo; talvez signifique um mundo árido, em que todos os nossos ideais, nossos códigos, nossos gostos — nossa “ideologia”, na verdade — não terão significado. Talvez esse negócio de quebrar as barreiras de classe não seja tão simples como parecia! Pelo contrário, é uma louca viagem no escuro, e talvez no final haja um sorriso na cara

sumário

- do tigre. Com sorrisos carinhosos, embora ligeiramente condescendentes, partimos para cumprimentar nossos irmãos proletários e — veja só! nossos irmãos proletários —, até onde os compreendemos, não estão nos pedindo cumprimentos, estão nos pedindo para cometer suicídio. Quando um burguês vê as coisas dessa forma, ele foge correndo, e se a fuga for muito rápida, pode levá-lo para o fascismo.”, p. 190-1.
- 494** MARX, Karl. “Marx’s speech – speeches at the international meeting held in London on November 29, 1847 to mark the 17th anniversary of the polish uprising of 1830”. In: *Marx and Engels Collected Works Volume 5*. London: Lawrence & Wishart, 1976, p. 415.
- 495** ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 149.
- 496** ENGELS, *Ibid.* p. 149.
- 497** MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 43.
- 498** HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 58.
- 499** MARX, *Op. Cit.* p. 112.
- 500** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 53.
- 501** EAGLETON, *Ibid.* p. 53.
- 502** EAGLETON, *Ibid.* p. 38.
- 503** ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Global editora, 1984, p. 10.
- 504** Original p. 88. Tradução: “visíveis na degeneração física que se pode observar diretamente usando os próprios olhos.”, p. 118.
- 505** ENGELS, *Ibid.* p. 12.
- 506** ENGELS, *Ibid.* p. 12.
- 507** MARX, Karl. “Teses sobre Feuerbach”. In: *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007, p. 534.
- 508** ORWELL, George. “Writers and Leviathan”. In: *Essays*. London: Everyman’s Library, 2002, p. 1261.
- 509** Original, p. 167. Tradução: “autores de um talento genuíno costumam se mostrar indiferentes ao socialismo, e às vezes ativa e deliberadamente hostis. E isso é um desastre, não só para os próprios escritores como também para a causa do socialismo, que precisa muito deles”, p. 206.
- 510** EAGLETON, *Op. Cit.* p. 87.
- 511** EAGLETON, *Ibid.* p. 87.
- 512** MARX, *Op. Cit.* p. 535.
- 513** MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 22.
- 514** Original p. 209. Tradução: “Terá de ser um partido com intenções revolucionárias genuínas, e numericamente forte, o suficiente para poder agir. E só poderemos conseguir isso se oferecermos um objetivo que as pessoas comuns reconheçam como desejável”, p. 251.
- 515** Original, p. 199-200. Tradução: O movimento socialista não tem tempo para ser uma liga dos materialistas dialéticos; ele deve ser uma liga dos oprimidos contra os opressores.”, p. 244-5.
- 516** Original, p. 199-200. Tradução: “Significa que a questão de classe, distinta do mero status econômico, deve ser encarada de modo mais realista do que ocorre hoje”, p. 244-5.
- 517** ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 328.
- 518** Original, p. 209. Tradução: “Portanto, além de tudo o mais, precisamos também de uma propaganda inteligente. Menos falação sobre “consciência de classe”, “expropriar os expropriadores”, “ideologia burguesa” e “solidariedade proletária”, p. 251.
- 519** Original, p. 209. Tradução: “falemos mais sobre justiça, liberdade e o sofrimento dos desempregados.”, p.251.
- 520** Original, p. 209. Tradução: “Basta apenas martelar dois fatos na consciência do público. Primeiro, que os interesses de todos os explorados são os mesmos; e, segundo, que o socialismo é compatível com a mentalidade da pessoa decente comum.”, p. 251.
- 521** ORWELL, George. “Politics and the English Language”. In: *Orwell and Politics*. London: Penguin Books, 2001, p. 407. Tradução: ORWELL, George. *Como morrem os pobres e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 “A insinceridade é a grande

sumário

- inimiga da linguagem clara. Quando há um abismo entre nossos objetivos declarados e os reais, quase instintivamente apelamos para palavras longas e expressões gastas, como uma sêpia que esguicha tinta", p. 154.
- 522 LAFARGUE, Paul. *Karl Marx*. Nova York: Labor News, 1947, p. 17.
- 523 PELOSO, Ranulfo & BOGO, Ademar. Método de trabalho de base e organização popular. São Paulo: Secretaria Nacional MST, 2009, p. 53.
- 524 PELOSO, Ranulfo & BOGO, Ademar. *Ibid*, p. 8.
- 525 Original, p. 198. Tradução: "A tarefa da pessoa pensante, portanto, não é rejeitar o socialismo, e sim tomar a decisão de humanizá-lo.", p. 240.
- 526 CHOMSKY, Noam. *The Responsibility of Intellectuals*. New York: The New Press, 2017, p. 83.
- 527 BENJAMIN, Walter. "O Autor como Produtor". In: *Obras Escolhidas Volume 1 - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 130.
- 528 TROTSKY, *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 9.
- 529 Original, p. 158. Tradução: "quanto ao jargão técnico dos comunistas, fica tão distante da fala comum como um livro de matemática", p. 197.
- 530 Original, p. 158. Tradução: "Pode-se ver a mesma tendência na literatura socialista: quando não é escrita abertamente de cima para baixo, está sempre totalmente afastada da classe trabalhadora na linguagem e na maneira de pensar.", p. 197.
- 531 Original, p. 167. Tradução: "quase tudo que se pode descrever como literatura socialista é chato, inosso e de má qualidade (...) não estou sequer sugerindo que ele deveria necessariamente produzir uma literatura própria, embora creia que é um mau sinal não ter produzido nem uma canção que mereça ser cantada", p. 206.
- 532 Original, p. 191. Tradução: "O muro onde o cavalheiro instruído se senta, antes confortável como a almofada de veludo de um assento na catedral, agora incomoda seu traseiro, é intolerável; cada vez mais ele tende a tombar para um lado ou para o outro", p. 232.
- 533 Original, p. 191. Tradução: "É interessante notar quantos dos nossos principais escritores, que há dez ou doze anos eram totalmente a favor da arte pela arte e julgariam o cúmulo da vulgaridade até mesmo votar em uma eleição geral, agora estão assumindo uma posição política definida", p. 232.
- 534 BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 130.
- 535 Original, p. 150. Tradução: "um choque (...) que só pode se encontrar em tempos de guerra.", p. 188.
- 536 BENJAMIN, *Ibid*. p. 210-11.
- 537 Original, p. 206-10. Tradução: "Não se deve deixar que eles pensem que a batalha é entre os que pronunciam o "H" e os que não pronunciam; pois, se eles pensarem assim, vão entrar na luta do lado dos "H". Estou deixando implícito que se deve convencer as diferentes classes a agir juntas. (...) E então, talvez, todo esse tormento do preconceito de classe vai desaparecer, e nós, da classe média (...) possamos afundar, sem mais lutas, na classe trabalhadora à qual pertencemos. E provavelmente, quando chegarmos lá, veremos que ela não é tão terrível como tínhamos, pois, afinal de contas, nada temos a perder senão o nosso "H".", p. 248-53.
- 538 No caso da língua inglesa existe uma distinção entre a *received pronunciation*, tida como padrão representada pela BBC, em que o fonema *-h* é pronunciado de maneira semi-consonantal, enquanto a classe trabalhadora braçal falava *cockney*, um dialeto em que, dentre outras diferenças, a letra *-h* se apresenta muda, acentuando o som das vogais.
- 539 ORWELL, George. *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell Vol III: As I Please, 1943-1945*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968, p. 44.
- 540 EAGLETON, Terry. *Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 30.
- 541 Original, p. 209. Tradução: "Basta apenas martelar dois fatos na consciência do público. Primeiro, que os interesses de todos os explorados são os mesmos; e, segundo, que o socialismo é compatível com a mentalidade da pessoa decente comum", p. 251.
- 542 ORWELL, George. "Politics and the English Language". In: *Orwell and Politics*. London: Penguin Books, 2001, p. 397. O tema da manipulação da linguagem perpassa a obra orwelliana, culminando no *Newspeak* de 1984, que mostra a relação entre o social e o linguístico: a função das palavras além de expressar algo, simultaneamente destrói seu significado.

- 543 EAGLETON, Terry. *Marx Estava Certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 51.
- 544 Original, p. 120-1. Tradução: "Toda pessoa de classe média tem um preconceito de classe adormecido que só precisa de qualquer coisinha para despertar; e, se tiver mais de quarenta anos, provavelmente tem a firme convicção de que sua classe social foi sacrificada em prol da classe mais abaixo", p. 154.
- 545 TROTSKY, Leon. "Balanço e Perspectivas" In: JINKINGS, Ivana & SADER, Emir. *As Armas da Crítica – antologia do pensamento de esquerda*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 199.
- 546 TROTSKY, *Ibid*, p. 200.
- 547 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 69.
- 548 Podemos notar que ao longo da obra ficcional de Orwell, seus protagonistas são membros da classe média: em *Burmese Days* (1933) a história é narrada do ponto de vista de um oficial do império, John Flory que está alocado em Burma (atual Myanmar); em *A Clergyman's Daughter* a protagonista Dorothy é uma jovem solteira que se encontra dependente do pai, um pastor que despreza os trabalhadores; em *Keep the Aspidochelone Flying* temos Gordon Comstock; em *Coming Up for Air*, o protagonista George Bowling vendedor de seguros com dois filhos e uma casa no subúrbio; em *Animal Farm* a classe média se encontra retratada na simbólica função dos agitadores sociais, representados nos animais; e, finalmente, em *1984* o protagonista Winston Smith é um funcionário do governo.
- 549 ORWELL, *Ibid*, p. 312.
- 550 ORWELL, *Ibid*, p. 312.
- 551 ORWELL, George. *Why I Write*. London: Penguin Books – Great Ideas, 2004, p. 8.
- 552 ORWELL, *Ibid*, p. 8.
- 553 ORWELL, *Ibid*, p. 8.
- 554 MARX, Karl. "Teses sobre Feuerbach". In: *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 539.
- 555 ORWELL, *Op. Cit.* p. 8.
- 556 ORWELL, *Ibid*, p. 10.
- 557 TRILLING, Lionel. "George Orwell and the Politics of Truth: Portrait of the Intellectual as a Man of Virtue". In: *Commentary*. Março, 1952, p. 218-27.
- 558 ORWELL, George. *1984*. London: Penguin Books, 2009, p. 80.

sumário

ÍNDICE REMISSIVO

A

acontecimentos históricos 12

C

capitalismo 12, 18, 20, 75, 82, 93, 109,
130, 132, 135, 165, 166, 167, 172, 173,
174, 182, 184, 202, 212, 230, 236
cidades mineiradoras 13
classe média intelectual 13, 175, 178, 197
classe social 19, 22, 23, 34, 70, 82, 93,
113, 193, 245
classes sociais 18, 23, 27, 42, 43, 49, 79,
153, 156, 172, 173, 187
combustível universal 9, 124
convivência 8, 43, 90, 197
conscientização 14, 67, 130, 148, 161,
162, 185, 188, 191
cultura 8, 12, 13, 21, 33, 43, 44, 77, 91,
95, 107, 121, 131, 133, 134, 135, 136,
141, 142, 155, 158, 159, 162, 178, 186,
190, 193, 194, 195, 201, 209, 220, 222,
230, 244

D

desigualdades 14, 134, 138

E

Egoísmo 8, 47
Embates familiares 8, 54

F

ficção 8, 39, 104, 108, 109

G

George Orwell 9, 11, 16, 100, 202, 204,
205, 206, 207, 208, 218, 221, 223, 224,
226, 227, 231, 239, 244, 245

H

habitação humilde 16
humanidade falha 24

I

inconformismo 17
intelectuais 8, 12, 19, 29, 37, 41, 42, 43,
52, 54, 57, 84, 85, 94, 95, 96, 99, 106,
107, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136,
140, 163, 170, 174, 177, 178, 180, 183,
186, 187, 189, 191, 194, 195, 196, 198,
200, 201, 212, 220, 222, 227, 229, 232

M

matéria social 15, 54, 58, 105, 122,
125, 136, 141, 159, 166, 167, 177, 182,
184, 198
melancolias 8, 63
mundo 8, 9, 12, 13, 14, 19, 21, 25, 32,
37, 44, 46, 49, 61, 63, 65, 68, 71, 72,
89, 94, 98, 101, 103, 104, 105, 109, 112,
113, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 123,
126, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138,
158, 159, 162, 164, 170, 175, 176, 177,
178, 186, 197, 198, 200, 201, 219, 221,
222, 223, 224, 226, 230, 231, 233, 234,
235, 236, 237, 242, 243

O

Obras críticas 9, 206

P

pirâmide social 23, 29, 35
poder social 30
posicionamento político 12, 81

sumário

privilégios 8, 13, 15, 33, 47, 57, 76, 78,
84, 97, 121, 133, 135, 141, 144, 150,
152, 163, 168, 176, 187, 195, 196, 227

R

relações sociais 12, 16, 18, 38, 57, 70,
97, 142, 160, 197, 202, 217, 226
romance 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20,
22, 28, 43, 51, 56, 57, 58, 61, 63, 70, 73,
74, 75, 77, 80, 88, 90, 92, 93, 96, 105,
109, 111, 115, 202, 214, 218, 219, 225,
227, 231, 235

S

simbologia 18
sistema econômico 12, 47
sociedade 12, 14, 15, 16, 18, 20, 24, 25,
26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 40, 42, 44, 47,
49, 53, 55, 59, 62, 70, 74, 75, 78, 82, 86,

87, 88, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 106, 110,
114, 115, 118, 119, 120, 124, 125, 128,
131, 135, 136, 137, 138, 141, 144, 145,
146, 147, 148, 151, 155, 157, 159, 160,
161, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175,
177, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186,
192, 198, 199, 200, 229, 230, 240, 241, 242
sociedade organizada 20, 24
sucesso financeiro 22

T

texto bíblico 20
transformação social 14, 166, 168, 171,
172, 188, 195, 199

V

vida amargurada 16
vida cotidiana 12, 174

sumário

COLEÇÃO

ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
e LITERÁRIOS
em INGLÊS

www.pimentacultural.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



A ESCRITA POLÍTICA DE GEORGE ORWELL

